



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

OS VÍCIOS DO JORNALISMO DE CRIME NO RIO DE JANEIRO:
UMA ANÁLISE DE DISCURSO E SEUS REFLEXOS SOCIAIS

BRUNA SENOS QUEIROZ GOMES

Rio de Janeiro

2010



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**OS VÍCIOS DO JORNALISMO DE CRIME NO RIO DE JANEIRO:
UMA ANÁLISE DE DISCURSO E SEUS REFLEXOS SOCIAIS**

Monografia submetida à Banca de Graduação,
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social – Jornalismo.

BRUNA SENOS QUEIROZ GOMES

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Gibaldi Vaz

Rio de Janeiro

2010

FICHA CATALOGRÁFICA

GOMES, Bruna Senos Queiroz.

Os vícios do jornalismo de crime no Rio de Janeiro: uma análise de discurso e seus reflexos sociais. Rio de Janeiro, 2010.

Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO.

Orientador: Dr. Paulo Roberto Gibaldi Vaz

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Os vícios do jornalismo de crime no Rio de Janeiro: uma análise de discurso e seus reflexos sociais**, elaborada por Bruna Senos Queiroz Gomes.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Gibaldi Vaz
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

Prof. Dra. Ivana Bentes Oliveira
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

Prof. Dr. Maurício Lisovsky
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

Rio de Janeiro
2010

GOMES, Bruna Senos Queiroz. **Os vícios do jornalismo de crime no Rio de Janeiro: uma análise de discurso e seus reflexos sociais**. Orientador: Dr. Paulo Roberto Gibaldi Vaz. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho propõe uma discussão acerca das diferenças de cobertura e tratamento dados pela imprensa carioca aos crimes ocorridos com pessoas de diferentes regiões e classes sociais do Rio de Janeiro, ora valorizando o sofrimento da classe média, ora diminuindo a importância dos episódios em que as vítimas são os mais pobres. Para tanto, o projeto apóia-se no conceito de noticiabilidade, através do qual a mídia constrói uma realidade de acordo com seus interesses, e em uma análise dos discursos contidos em duas coberturas concretas e recentes ocorridas na capital fluminense: o assassinato do jovem Júlio César de Menezes Coelho, um atendente de lanchonete; e o ataque armado contra o carro do Juiz do Trabalho Marcelo Alexandrino da Costa Santos. Ambos os casos envolveram erros parecidos por parte da Polícia do Rio de Janeiro, facilitando uma comparação. O objetivo do trabalho é mostrar como a mídia alimenta a cultura do medo a partir de seu recorte tendencioso e, para isso, ele se utiliza de obras de teóricos dos campos de Comunicação, Filosofia, Filosofia da Linguagem e Sociologia, como Muniz Sodré, Michel Foucault, Austin e David Altheide, respectivamente, para desenvolver seu ponto.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

2. VÍCIOS DE VONTADE: AS ESCOLHAS QUE AFASTAM O FATO DA INTERPRETAÇÃO

2.1 CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE

2.2 DINÂMICA DE INTERESSES NO JORNALISMO

2.3 DICOTOMIA INFORMAÇÃO *VERSUS* OPINIÃO

2.4 ANÁLISE PRAGMÁTICA DO DISCURSO JORNALÍSTICO

3. VÍCIOS MATERIAIS: A METODOLOGIA DIRECIONANDO A RESPOSTA

3.1 O COTIDIANO DO JORNALISMO DE CRIME

3.2 O PROCESSO DE AUTO-ALIMENTAÇÃO DA IMPRENSA

4. ESTUDO DE CASOS – JÚLIO CÉSAR DE MENEZES COELHO E MARCELO ALEXANDRINO DA COSTA SANTOS

4.1 ACOMPANHAMENTO – DIÁRIO DE NOTÍCIAS

4.2 A DESCONSTRUÇÃO DO DISCURSO

5. EFEITOS COLATERAIS: O REFLEXO DA COBERTURA DE CRIME NA SOCIEDADE CARIOCA

5.1 O SURGIMENTO DE VÍTIMAS VIRTUAIS

5.2 SOCIEDADE DE MEDO E SUAS CARACTERÍSTICAS

6. CONCLUSÃO

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

8. ANEXOS

1. Apresentação do Problema

É perceptível uma diferença de tratamento entre classes sociais na cobertura jornalística de crime no Rio de Janeiro. Através de seus veículos de maior audiência, a mídia carioca posiciona os atores sociais de forma a patrocinar um maior distanciamento entre ricos e pobres. Essa diferença, suas causas e suas conseqüências, serão o objeto de análise deste projeto, que pretende estudar de que maneira a seleção e a forma de reprodução de notícias afeta a percepção do conteúdo produzido e como essa percepção acaba por viciar o cotidiano das pessoas.

A análise do discurso jornalístico se faz importante pelos grandes efeitos que se refletem na sociedade contemporânea, em especial a carioca. Nos tempos pós-modernos, o poder de alcance e persuasão da imprensa tem sido inflado por um câmbio dos meios de procura por conhecimento. Muniz Sodré comenta este novo fenômeno quando diz que “a velha ideologia moral migra, assim, da cena acadêmica para mídia na forma de conteúdos difusos, de noticiários, filmes, documentários, espetáculos – embora com roupagem modernizadora” (SODRÉ; 1999: 54). O dinamismo e a objetividade dos textos jornalísticos seduzem melhor o público, que cada vez mais sofre com a falta de tempo e oportunidades para um aprofundamento adequado. É mais fácil e atraente buscar conhecimento sobre outra cultura em conteúdos rasos, como documentários ou especiais de televisão, do que se aprofundar propriamente, estudando a história e cultura do povo, ou mesmo indo até o lugar e aprendendo através da vivência pessoal.

Nessa nova democracia em gestação, os costumes são mais dinâmicos que as leis, e as formas plebicitárias (sondagens, testes, auscultações variadas) são mais pregnantes que a representatividade política. Essas formas decorrem, por outro lado, da implícita substituição do regime de verdade (grandes causas, utopias, revolução) pelo da credibilidade, garantida pelas estatísticas. Nesse contexto social, em que a democracia é mais senso-comum e ambiência cotidiana do que paixão ideológica, os meios de comunicação adquirem um novo estatuto cultural e uma posição de poder sem precedentes na História do mundo (SODRÉ, 1999: 70)

Este trabalho supõe um problema no discurso e, por este motivo, enxerga a importância de seu esmiuçamento. Faz-se necessária a procura de causas para a discrepância do tratamento dado pela imprensa às ocorrências de crime nas diferentes regiões da cidade do Rio de Janeiro. Pode-se sinalizar, como um dos principais motivos para o observado, o fato de que ninguém parece estar procurando por um defeito. Esse

vício nas matérias noticiosas não tende a ser notado pelas pessoas, que falham em vê-lo ao tomar tudo que lhe é apresentado como verdade.

Para fins de entendimento, este trabalho dividirá as causas em duas categorias. A primeira, nomeada livremente como vícios de vontade, advém de algumas práticas intrínsecas ao trabalho da imprensa, como os critérios para a seleção de notícias e o recorte dado a elas. Dentro dessa classe, como será visto adiante, o vício estaria nas escolhas comuns à edição de uma notícia, mesmo que por vezes não haja uma consciência de que o fato contado estaria viciado.

A segunda categoria é o que o trabalho chamará de vícios materiais, ou vícios de forma. Nela, estarão reunidas as práticas que dizem respeito ao modo como o jornalista obtém informações. O vício, nesse caso, será externo e, até certo ponto, independerá da vontade primária do jornalista, ainda que torne a matéria tendenciosa, através de relatos coletados em assessorias de imprensa ou, no caso particular das notícias de crime, das rondas policiais.

Para um melhor entendimento das causas propostas no trabalho, a pesquisa trará, em seguida, um estudo de casos concretos que demonstrem com maior clareza a existência desses vícios. Os protagonistas desta etapa serão Júlio César de Menezes Coelho, 21 anos, atendente de lanchonete, e Marcelo Alexandrino da Costa Santos, 39 anos, juiz do trabalho, ambos vítimas de ações policiais mal executadas. As coberturas, por mais distintas, carregam semelhanças extremamente particulares que servirão de exemplo para explicitar a diferença de tratamento do discurso.

Serão dissecadas aqui, portanto, as coberturas de um assassinato ocorrido na Cidade Alta e de um tiroteio na estrada Grajaú-Jacarepaguá que acabou por ferir três pessoas. Por uma questão de metodologia, as notícias serão divididas em uma espécie de diário, que pretende facilitar a compreensão de questões como as de apuração e de destaque. Por sua relevância e abrangência, foram selecionadas matérias dos jornais “O Globo”, “O Dia” e “Extra”, dos canais de televisão “Globo”, “Record” e “Band” e do site “G1” da internet. Esses veículos foram escolhidos por não apenas representarem uma grande fatia do noticiário de crime no Rio de Janeiro, mas pelo destaque nacional que estes trazem.

A partir da diferença de tratamento que a mídia dará as classes sociais e que o trabalho pretende provar, que nascerão as conseqüências que irão refletir numa manutenção do quadro de forte preconceito social e de tensão e terror na cidade do Rio de Janeiro. O comportamento que vemos na população, que também será estudado neste

projeto mais adiante, é reflexo e fruto direto do discurso de medo adotado pelos jornais, noticiários e outros meios de comunicação.

O alcance e o poder de persuasão da mídia influenciam a formação da moral vigente e, dessa maneira, ao subnoticiar o sofrimento do favelado – e conseqüentemente desvalorizá-lo como um todo –, enraiza em nossa sociedade conceitos que virão por produzir visões manchadas sobre os menos favorecidos e excluídos.

(...), as matérias sobre ocorrências que fazem vítimas na favela e no asfalto, como tiroteios e fechamentos do comércio pelo tráfico, só consideram vítimas do asfalto. A opção por omitir o sofrimento dos moradores do morro onde ocorre o tiroteio (...), vitimizando somente a classe média, sugere ou que os favelados já estão acostumados, ou que são os criminosos, não interessando assim o seu sofrimento. (VAZ et alli, 2005: 11)

Para embasar teoricamente a pesquisa, os argumentos apresentados se aproveitarão de estudos anteriores e pensamentos de autores que indicaram o caminho. No que tange ao estudo dos critérios de noticiabilidade e do papel da imprensa na sociedade atual, o professor Dr. Muniz Sodré é a principal referência utilizada por este trabalho. Sodré considera a notícia uma forma narrativa, um modo próprio de se contar uma história, que prioriza eventos tidos como relevantes para a compreensão do cotidiano. Esse é o ponto de partida para a discussão sobre como é feito o recorte do que é noticiável. João Canavilhas, Johan Galtung e Mari Ruge são alguns dos que oferecem suposições sobre o tema que serão consideradas neste estudo.

A coletânea “*The Manufacture of News: Social problems, deviance and the mass media*”, organizada por Jack Young e Stanley Cohen, procurou compilar diversos estudos empíricos no campo da criminologia e se tornou fonte de material de estudo na área. Entre os autores do trabalho estão Paul Rock e Stuart Hall, para citar dois, e mesmo estudando os casos britânicos, ainda são de grande valia para o trabalho.

A filosofia da linguagem é uma matéria fundamental para a análise do discurso. Entre seus maiores expoentes está John Austin, autor britânico que, influenciado pelos filósofos do círculo de Viena, procurou sistematizar os entendimentos do campo da pragmática. A partir dos conceitos de jogo de linguagem, propostos por Ludwig Wittgenstein, ele montou sua teoria dos atos de fala, que, rejeitando visões clássicas do estudo lingüístico, procura estabelecer as relações emissor-fala-receptor. H.P. Grice é outro autor de suma importância para este trabalho, tendo criado uma proposta de máximas conversacionais que servirá de parâmetro para imparcialidades e objetividades

do discurso. O filósofo britânico entendeu que suas regras apresentadas proporcionariam uma compreensão sempre ideal daquilo que o falante pretende passar.

A partir da observação das coberturas e dessas análises, o estudo procura antecipar conseqüências que irão ao encontro das teorias apresentadas por Paulo Vaz sobre o poder da mídia na formação de consciências coletivas e na cultura do medo. A sua proposição sobre vítimas virtuais é peça-chave da compreensão da realidade gerada pelos veículos de mídia. Em suas pesquisas, o professor sugere que a realidade mediada é mais assustadora que o real, e este trabalho se propõe a observar isto.

David Altheide pretende fornecer, no livro *Creating Fear: News and The Construction of Crises*, uma resposta para o aumento do medo na sociedade baseado em uma análise de notícias e da cultura popular. Seu foco é em como o medo, principalmente o medo do crime, começou a fazer parte do discurso público e as perspectivas dessa experiência social. Seu trabalho, além de oferecer algumas sugestões de respostas para os problemas que serão apresentados neste estudo, serviu de modelo metodológico.

Serão esses autores e fundamentos que se construirão as bases que compõem esse trabalho. Os capítulos são ordenados por ordem lógica, indo das causas às conseqüências, procurando estruturar da melhor forma as teorias propostas. Espera-se que a pesquisa possa abrir uma discussão sobre esta prática, a cobertura do jornalismo de crime na cidade do Rio de Janeiro, e assim possibilitar mudanças reais na nossa sociedade, no intuito de melhorar a qualidade de vida de todos.

2. Vícios de Vontade: as escolhas que afastam o fato da interpretação

Dentre os motivos para esse tratamento diferenciado pelos meios de comunicação, existe um grupo de causas que decorrem da vontade direta do agente, ou seja, são conseqüências das escolhas intrínsecas ao processo de seleção e reportagem de uma notícia. Esses defeitos que macularão o discurso noticioso deverão ser procurados no estudo dos critérios utilizados para escolher o que é notícia, vendo o que torna um fato especial o suficiente para ser considerado digno de ser lembrado pelo noticiário. Nesse estudo ainda caberiam questões como quais as motivações externas que poderiam influenciar essa escolha e o quão precisa é a descrição do fato em uma matéria jornalística. A partir daí, será possível fazer uma análise própria do discurso difundido pela mídia, e conseqüentemente, encontrar as raízes desse problema.

2.1. Critérios de Noticiabilidade

O estudo dos critérios de noticiabilidade tem como objetivo apresentar uma delimitação clara entre quais acontecimentos são merecedores de serem considerados noticiosos dentre um grupo de fatos cotidianos. Esse estudo deve então possibilitar um melhor entendimento de como ocorre o processo de seleção das notícias, no que diz respeito à compreensão dos aspectos envolvidos na narrativa jornalística.

Para primeiro entender os critérios de noticiabilidade, se faz necessária a distinção entre fato e acontecimento. O acontecimento é o rompimento do qual o fato é série. “Selecionar implica reconhecer que um caso é um acontecimento e não uma casual sucessão de coisas” (TUCHMAN, 1977: 45) Enquanto a linha natural do tempo traz uma sucessão infinita de fatos, o acontecimento é finito, é o que determina o início ou término de uma série e estabelece relação de causalidade entre ele mesmo e os outros pontos da série. “O acontecimento traz em si mesmo a ruptura e o acontecimento. Sendo algo que emerge na duração, (...), irrompendo a cena e estabelecendo uma distinção entre aquele instante e o imediatamente anterior”. (BARBOSA, 2002) ¹

O acontecimento é, então, fruto de quem o define, sendo ele uma escolha dentro da série. Na contemporaneidade, a mídia se encarrega de decidir os pontos da série, em

¹ Texto disponível em:

<http://www.semiosfera.eco.ufrj.br/anteriores/semiosfera02/expressao/frpensa2.htm>. Acesso em 18 de agosto de 2010.

detrimento daquela que era a função tradicional da História. Enquanto classicamente se esperava pelo produto acadêmico da História para definir o entendimento vigente sobre algum acontecimento, hoje a mídia oferece uma opção mais compacta e prática que acaba por substituir a visão acadêmica, por mais que a qualidade dos dois entendimentos não possa ser comparada.

O acontecimento histórico ou científico é sempre uma generalidade e implica uma ruptura radical, um acréscimo, frente a situação instituída, voltada para a sua continuidade temporal. Inexiste a radicalidade dessa ruptura no acontecimento noticioso, uma vez que não está comprometido com qualquer invenção de um novo modo de ser e agir. (SODRÉ, 1999: 139)

O fato histórico é sempre generalizador, simplista e com fortes rupturas, tal como no estudo da economia brasileira no período da colônia, imagina-se que apenas se baseava em cana-de-açúcar ou pau-brasil. Por outro lado, no fato noticioso isso não se observa, sendo baseado na segurança e certeza de estatísticas e levantamentos (SODRÉ, 1999: 70).

Noticiabilidade é o conjunto de critérios utilizados pela mídia para determinar se um acontecimento é importante o suficiente para se tornar notícia. A notícia é, segundo Sodré, “o relato jornalístico de acontecimentos tidos como relevantes para a compreensão do cotidiano – é propriamente uma forma narrativa, ou seja, um modo específico de se contar uma história.” (SODRÉ, 1999: 132). Entende-se notícia, portanto, como uma seleção voluntária em uma série de acontecimentos, enquanto esses são, por sua vez, seleções dentro de uma série de fatos.

Muito já se discutiu e tentativas foram feitas no intuito de se definir com sucesso os critérios de noticiabilidade utilizados pela imprensa em geral. Em um olhar mais específico, quais os tipos de crime que atraem maior atenção e merecem ser destacados pela imprensa, vendo como isso pode variar dependendo da intensidade do ocorrido, dos personagens envolvidos e do momento em que o crime ocorreu. Segundo Stuart Hall, seriam critérios de noticiabilidade a evidência de elementos extraordinários e o acúmulo de valores-notícia:

Desastres, dramas, as travessuras diárias – engraçadas ou trágicas – do cidadão ordinário, as vidas dos ricos e poderosos, e ainda temas inesgotáveis, como futebol (no inverno) e críquete (no verão), todos encontram um espaço regular nas páginas dos jornais. Duas coisas emanam disso: a primeira é que os jornalistas tenderão a evidenciar os elementos extraordinários, dramáticos, trágicos, etc. na história com o objetivo de aumentar a validade da notícia; o segundo é que

eventos os quais acumulam um grande número desses valores notícia obterão um maior potencial de notícia que os outros. (HALL, 1981: 336)

João Canavilhas cita como critérios gerais para a seleção de notícias a intensidade, a proximidade, a surpresa, a diversificação do conteúdo, as características temporais, a previsibilidade, custo de produção e os valores sociais (CANAVILHAS, 2001: 4). Johan Galtung e Mari Ruge, em seu trabalho “*Structuring and Selecting News*”, comparam a seleção de notícias à transmissão de ondas, traçando oito pontos centrais que seriam critérios naturais de seleção daquilo que é enviado, ao que de fato é transmitido.

A primeira analogia se refere à frequência do sinal, pois estando o sinal fora da faixa correta, ele não será captado, tal como o rádio tem frequência certa para transmissão, e a televisão o mesmo. A segunda diz respeito à intensidade do sinal, sendo esta diretamente proporcional às chances dele ser captado. Mais forte o sinal, maior a amplitude, maiores as chances de o receptor detectar. Na terceira metáfora, é dito que quanto mais claro e limpo for o sinal, maior a probabilidade de ele ser levado em consideração, e não interpretado como chiado, ruído. O quarto exemplo mostra que quanto mais importante o sinal, maiores as chances de ser escutado. A quinta associação fala sobre a relação direta entre a probabilidade das pessoas escutarem o sinal e a consonância dele com a imagem mental que as pessoas têm sobre o que esperavam encontrar, enquanto a sexta fará essa relação direta com o quão inesperado for o sinal. A sétima comparação se refere à probabilidade das pessoas passarem a procurar receber certo sinal, uma vez que captaram ele uma primeira vez. Por fim, a última assimila que quanto mais um sinal for recebido, maiores as probabilidades de que um tipo de sinal opostamente diferente seja considerado como merecedor de ser escutado. (GALTUNG & RUGE in COHEN & YOUNG, 1973: 52)²

² Tradução livre da autora para o trecho:

“(F₁) If the frequency of the signal is outside de dial it will not be recorded.

(F₂) The stronger the signal, the greater the amplitude, the more probable that it will be recorded as worth listening to.

(F₃) The more clear and unambiguous the signal (the less noise there is), the more probable that it will be recorded as worth listening to.

(F₄) The more meaningful the signal, the more probable that will be recorded as worth listening to.

(F₅) The more consonant the signal is with the mental image of what one expects to finds, the more probable that it will be recorded as worth listening to.

(F₆) The more unexpected the signal, the more probable that it will be recorded as worth listening to.

(F₇) If one signal has been tuned in to, the more likely it will continue to be tuned in to as worth listening to.

(F₈) The more a signal has been tuned in to, the more probable that a very different kind of signal will be recorded as worth listening to next time.”

Entendidas as idéias que permeiam a formação da escolha do que é notícia, quais seriam os eventos dignos e merecedores de serem destacados pela imprensa, compreendendo os conceitos fundamentais que constroem os critérios de noticiabilidade, é preciso avançar, então, para o estudo das influências externas que podem afetar e interferir severamente nesse processo de seleção, pondo em risco a integridade do noticiado, e manchando o relatado com interesses particulares.

2.2. Dinâmica de Interesses no Jornalismo

Consideradas e analisadas as etapas da escolha dos critérios de noticiabilidade, preferiu-se entender que os defeitos até então encontrados nessa seleção eram por muitas vezes involuntários, pois a visão interpretativa do jornalista nem sempre será algo ostensivo para viciar o produto noticioso. No entanto, faz-se necessário um detalhamento mais aprofundado da questão, procurando enxergar as influências externas que irão macular o processo de construção do discurso jornalístico. A iniciativa de se criar um novo empreendimento de mídia, um novo veículo de imprensa, não tem como único objetivo a mera responsabilidade de informar o público. Por mais que essa ainda seja a função primordial do jornalista, existirão outros propósitos que criarão expectativas sobre o produto jornalístico e, conseqüentemente, contribuirão para o distanciamento entre fato e notícia.

Para a melhor compreensão dos fatores exteriores no processo de construção da notícia, os autores Stanley Cohen e Jack Young (1973) procurarão encontrar uma divisão clássica dos modelos de jornalismo, como proposta de polarizar os escritos sobre o tema. O resultado dessa experiência taxonômica é o que eles chamam de Modelo Manipulativo e Modelo de Mercado. O primeiro tipo sendo caracterizado por uma visão atomizada do público, que funcionariam como meros receptores de conteúdo, sendo vistos como massa de manobra para os interesses dos veículos de comunicação. Já a segunda proposta de modelo, entende que a notícia é primariamente um produto, e que deve seguir regras de oferta e demanda para encontrar sucesso dentro do mercado.

O Modelo Manipulativo, como defendido por autores como Noam Chomsky (2003) e Robert Cirino (1971), é fruto principalmente dos interesses dos donos dos meios de comunicação, se apoiando em uma relação de poder entre mídia e o seu público. Um dos grandes teóricos que explica o entrave intrínseco dessa dualidade

receptor-emissor é Michel Foucault, que em sua obra “A ordem do discurso”, de 1971, ensina:

Nenhum saber se forma sem um sistema de comunicação, de registro, de acumulação, de deslocamento, que é, em si mesmo, uma forma de poder e que é ligado, na sua existência e no seu funcionamento, às outras formas de poder. Nenhum poder, ao contrário se exerce, sem a extração, a apropriação, a distribuição ou a retenção de um saber. Neste nível não há conhecimento de um lado e sociedade do outro, ou a ciência e o Estado, mas as formas fundamentais de saber-poder (FOUCAULT, 1996: 19)

Essa relação de poder está explícita quando se observa o papel crescente da mídia como principal fonte de informação na sociedade atual. A imprensa adquire meios para controlar quase que exclusivamente as fontes de produção de conhecimento e assim se qualifica como a grande formadora de opinião dos dias atuais. Quando se passa a aceitar certa origem de informações como confiável e precisa, cria-se um vínculo, e esse vínculo trará consigo um poder, pois sendo alguma vez as interpretações parciais e distorcidas, elas ainda serão vistas como confiáveis, até que outra fonte deflagre a real situação.

Aqui a mídia e os jornalistas são vistos agindo diretamente pelo interesse dos donos, cujos interesses em questão são especialmente opostos ao do público em geral e a qualquer representação fiel de eventos no mundo. Os jornalistas são mercenários ideológicos que selecionam notícias de acordo com quaisquer critérios que servirem aquele que paga o seu salário, omitindo o resto. Eles distorcem a realidade para servir as necessidades propagandísticas de seu empregador. (COHEN & YOUNG, 1973: 17 e 18)³

Em contraposição, o Modelo de Mercado acredita que a seleção e produção de notícias têm como objetivo saciar com sucesso o ideal de um “interesse público”, significando este tanto como aquilo que interessa o público, quanto àquilo que é considerado do interesse do público. O maior entrave que se teria nesse caso é de como balancear aquilo que o público se interessa e dá atenção, como escândalos e tragédias, e os assuntos de maior valor social, que desenvolvem o jornalista como agente responsável pela melhor educação cultural de quem o lê.

³ Tradução da autora para o trecho: “Here the media and journalists are seen as acting directly in the interest of the owners, whose interests in turn are quite opposed to the public at the large and to any true presentation of events in the world. The journalists are ideological hacks who select news according to the criterion of whether it serves the interests of their paymaster, omitting all else. They distort reality in order to fit the propagandistic needs of their employers.”

Ambos os modelos trazem suas noções de quais os objetivos centrais na produção jornalística, e de como influências externas irão direcioná-la. Em algum ponto, ambas as propostas se mostram acertadas. Tanto se observa uma mentalidade de mercado, partindo do ponto que a notícia é um produto e que se precisa vendê-la para se obter sucesso, quanto se pode aferir uma proteção de interesses específicos ligados às pessoas que controlam os órgãos de imprensa. Mesmo o Modelo de Mercado sendo mais bem aceito dentro das redações, por sua visão até certo ponto otimista e pouco agressiva quanto o papel do jornalista, Robert Cirino (1973) irá lembrar, por exemplo, da separação da Princesa Margaret e do Lorde Snowdon que fora discutido e noticiado diversas vezes no noticiário continental meses antes das primeiras notas dentro da Grã-Bretanha, dando indicativos fortes da ocorrência de uma encoberta de fatos. (COHEN & YOUNG, 1973)

Fica entendido, então, que nas etapas de construção da notícia, o recorte do acontecimento se sujeita a maiores influências, não apenas da bagagem natural que o autor do discurso terá, mas também da necessidade de adequar o relato de maneira que se faça atraente para o público e agradável aos interesses dos que controlam os veículos de comunicação. Mesmo que se entenda que a imprensa possua em suas mãos os meios de produção de notícias, isso não irá inferir automaticamente o completo controle dos critérios de seleção de notícia.

O papel do jornalista de noticiário é mediar – ou agir como o guardião – entre diferentes públicos, entre instituições e o indivíduo, entre esferas do público e do privado, entre o novo e o antigo. (HALL in COHEN & YOUNG, 1973: 149)⁴

Mesmo que se entenda que a mídia esteja tentando dar ao público o que ele quer, não se poderá entender que essa audiência não possa aceitar a visão dos proprietários dos órgãos de imprensa. Por mais que os modelos sejam antagônicos, eles não se anulam, e mais provavelmente, coexistem.

Em comum entre essas visões, manipulativa e de mercado, está o benefício diante da manutenção do *status quo*. Dentro dos modelos, seja ele qual for, a manutenção de um discurso único trará um melhor aceite das informações pelo público ou uma seleção dos interesses dos grandes donos. A padronização de personagens sociais, criação de estereótipos e repetição de fórmulas auxiliará a compreensão do

⁴ Tradução da autora para: “The role of the news journalist is to mediate – or act as the ‘gate-keeper’ – between different publics, between institutions and the individual, between the spheres of the public and the private, between the new and the old.”

material jornalístico pelo público e ao mesmo tempo simplificará a realidade encobertando aquilo que não caminha de acordo com o posicionamento dos grandes grupos de mídia. Essa é a solução encontrada para manejar as influências externas diante das pressões de tornar a notícia algo comercial e, ao mesmo tempo, doutrinária.

Os retratos da mídia [na área do crime] são comumente mitológicos – reproduzindo mundos com gangues de delinquentes bem estruturadas, uma Máfia abrangente, guerras entre drogados, traficantes que corrompem suas vítimas inocentes, mulheres que deliberadamente convidam seus estupradores, ladrões que mantêm comunidades respeitadoras da lei sob terror, a polícia que passa a maior parte do tempo nas ruas investigando crimes. (COHEN & YOUNG, 1973: 21)⁵

Serão essas repetidas fórmulas de apresentação e modelos de fácil reconhecimento que auxiliarão o entendimento da matéria, saciando os interesses externos que são apresentados no dia-a-dia da função jornalística. Como conclusão, se observa um maior distanciamento entre o fato e a notícia, o que encaminhará as discussões do próximo ponto deste trabalho.

2.3. Dicotomia Informação *versus* Opinião

Diferente da percepção majoritária, existe um abismo entre o relatado no material noticioso e a realidade empírica. Isso se dá especificamente por existir uma grande diferença entre informação e opinião, e esta disparidade ser pouco observada no processo de construção do noticiário. Enquanto as práticas seleção de notícia e as influências externas irão modificar o texto produzido de maneira quase sempre voluntária, o autor do discurso midiático ainda enfrentará dificuldades maiores para não influenciar um relato com sua bagagem cultural. Independente de que critérios ele for utilizar para selecionar o que é notícia, a descrição que ele produzirá será fruto de uma visão particular e personalíssima sobre o acontecido.

Todo conhecimento é subjetivo, ou seja, uma percepção pessoal do encontrado de acordo com experiências próprias e relatos de outros. O conhecimento não tem origem, nunca é dado (FOUCAULT, 2002: 17), pois mesmo quando se aprende através de histórias contadas por terceiros, o conhecimento que se quer transmitir será diferente

⁵ Tradução da autora para: “The media’s portrayals here are very often mythological – depicting worlds with well-structured delinquent gangs, an all-embracing Mafia, crazed dope fiends, drug pushers who corrupt their innocent victims, women who deliberately invite rapists, muggers who hold law-abiding communities in terror, police who spend most of their time on the streets investigating crime.”

do conhecimento adquirido. Ou seja, toda vez que se aprende algo, se iniciará um novo conhecimento, a sua interpretação pessoal da informação.

Foucault ainda concordará com essa subjetividade quando dirá que “de fato, as condições políticas, econômicas de existência não são um véu ou obstáculo para o sujeito de conhecimento e, por conseguinte, as relações de verdade.” (FOUCAULT, 2002: 27) A verdade então sempre estará perdida dentro de interpretações diversas, as quais irão mascarar as inúmeras particularidades de cada visão singular sobre um mesmo fato ou acontecimento.

Em seu livro “O Uso dos Prazeres”, [Foucault] argumentou que a partir da divisão socialmente instituída entre o verdadeiro e o falso que os indivíduos diferenciam o certo e o errado, o normal e o patológico e, assim, atribuem sentido e valor a seus atos e pensamentos e se esforçam para agir sobre si mesmos, isto é, tornam-se sujeitos. (VAZ, 2009: 55)

Acontece que na prática jornalística existe um ideal que guia a produção de notícias e que acredita como responsabilidade da função e do poder que o cargo carrega que o jornalista tem a obrigação e o dever de ser imparcial e completamente objetivo na descrição dos fatos, como se devesse obediência a um código de vigilância dos melhores costumes. Essa utopia ética, porém, jamais será alcançada, sendo impossível conceber que alguém se isentará de qualquer interpretação ou processamento de informações para descrever um acontecimento. Cada vez que alguém se deparar com uma situação nova, fará a sua análise se apoiando em acontecimentos anteriores, nas crenças e conceitos já incorporados, e produzirá sobre o fato, uma opinião.

A mídia tenta, a partir de um ideal de objetividade, convencer que a escolha se dá levando em consideração os critérios de objetividade e relevância social. Entretanto, temas de relevância social, nem sempre são tratados e considerados assim pela mídia. Afinal o que está em jogo, nem sempre é o fato em si e a sua relevância para a sociedade e sim, o significado específico para determinados grupos de leitores. (SANTIAGO, 2004: 30)

A falta de visão para reconhecer esse processo de cognição e o afastamento da interpretação com o fato trará problemas para o discurso. As falhas não serão necessariamente fruto da produção de opiniões, mas de manter o ideário de impessoalidade. Se fosse aberta e franca a concepção de que cada órgão da imprensa, cada jornalista separadamente produz uma opinião singular, a lógica ainda funcionaria, dando ao público a opção de escolher seus autores favoritos, aqueles que vêem o mundo

como ele, entregando às forças do mercado o poder de selecionar aqueles com as opiniões mais populares, mesmo que abertamente parciais.

Porém, o que se observa é a tentativa de se entregar uma única visão perfeitamente objetiva pautada no que acontecera de “verdade”, mas que não passará de uma única visão subjetiva que será montada através de preconceitos e suposições. Para o público em geral, no entanto, será vendida uma idéia de um relato fiel e preciso, apesar de todas as imperfeições que ele carrega.

Em termos gerais os meios de comunicação (...) devem se ater a uma ideologia da representação cujo eixo fundamental continua sendo a sacrossanta “objetividade”. Ao ultrapassar a multiplicidade dos modos de construção, a eficácia das invariáveis do discurso termina por produzir uma unificação imaginária e valendo-se do poder de sua qualificação, o acontecimento se impõe na intersubjetividade dos agentes sociais. Os meios informativos são o lugar onde as sociedades industriais produzem nossa realidade. (VERÓN, 1995)

É assim que a imprensa criará um vínculo de confiança com o público, que servirá de base para a manutenção do vício. É porque se toma como verdade objetiva um discurso parcial e subjetivo, que não se procura informar sobre as opiniões diversas que poderiam apontar em que aspectos a primeira notícia foi incompetente na melhor aproximação do relato com a experiência empírica.

A mídia é relevante para a produção de subjetividade não só porque tem a autoridade social para dizer o que acontece no Brasil e no mundo, como apregoava a antiga chamada do Jornal Nacional; também o é por ser o lugar onde concepções de senso comum sobre responsabilidade são construídas, difundidas e solidificadas. (VAZ, 2009: 59)

Na produção de notícias de caráter político, por exemplo, a parcialidade na seleção e destaque de informações é mais facilmente percebida, pois os diferentes ideais político-partidários, em geral, são mais claros e discrepantes. Em contrapartida, em se tratando de uma editoria policial, o que se observa é uma cobertura homogênea, distante e simplificada dos crimes, por exemplo, que acontecem em ou com pessoas residentes em favelas. Isso se deve, muito em parte, à composição da classe jornalística, formada majoritariamente por pessoas de classe média e alta distantes da realidade de classes sociais marginais.

Desde os anos 70, quando foi regulamentada a lei que exigia o diploma universitário para os jornalistas, as redações brasileiras sofreram uma transformação. Pouco a pouco, os jornalistas “da antiga”, muitas vezes de origem humilde, que driblavam os salários reduzidos com bicos e tinham baixa escolaridade, saíram de cena. Os novos jornalistas são pessoas que

conseguiram concluir o curso superior e, portanto, pertencem na maioria à classe média. Iniciam-se na vida profissional tecnicamente mais bem preparados. Por outro lado, trazem pouca ou nenhuma experiência relacionada ao cotidiano dos moradores de favelas e periferias. (RAMOS & PAIVA, 2007: 78)

Uma vez que o discurso jornalístico produzido se apresenta parcial e subjetivo, ele refletirá os pensamentos, opiniões e ideologias daqueles que o produz, ou seja, um seleto grupo de pessoas que, em sua grande maioria, não compreende a partir dos seus conhecimentos pessoais a realidade vivida pelos mais pobres. Acontece então um direcionamento, um endereçamento do discurso as classes altas, travestido de verdade. Faz-se necessário então um maior aprofundamento na análise desse discurso, para compreender por meio de quais artifícios a subjetividade da notícia irá viciar a realidade descrita.

2.4. Análise Pragmática do Discurso Jornalístico

Para completar o estudo dos motivos dos quais se separam o relato construído do fato, do fato em si, caberá aqui um último exame do discurso jornalístico, sendo esse último, o fruto de uma análise pragmática, segundo o proposto na obra de Austin (1962). Com intuito de compreender o que seria uma análise pragmática, deveremos primeiramente entender o que seria a pragmática, parte fundamental da semiótica.

A divisão clássica dos estudos da semiótica, o campo do estudo dos signos e linguagens, é feito em três grandes vertentes, sendo elas a sintaxe, a semântica e a pragmática. Essa divisão começa com os escritos de filósofos como C.S. Pierce, Morris, Carnap e Chomsky. Em obras como “*Syntactic Structures*” (1957), Noam Chomsky propõe uma visão formal e matemática ao estudo da linguagem, sendo importante no entendimento da sintaxe e da semântica.

A sintaxe seria formada pelas regras formais para a articulação dos signos. Ela é a estrutura da linguagem, regulamentando as possíveis relações entre os signos. Nela estão comportadas as noções de sujeito, predicado e entre outras. A semântica nos remeteria as estruturas lingüísticas, as articulações entre os signos propriamente dita. A semântica estuda aquilo de que a linguagem fala, procurando a relação linguagem–realidade, a relação entre signos e os objetos, eventos e atos aos quais eles correspondem.

A terceira e última parte da semiótica é provavelmente a mais capciosa e mais complexa. A pragmática se refere à linguagem em uso, os contextos e a sua diversidade de falantes e ouvintes. Por tratar de objeto tão variável, como a infinidade de eventos e situações em que a linguagem é utilizada, a pragmática se mostra difícil de definir, delimitar seus limites, chegando ao ponto de Rudolf Carnap (1935), um dos seus maiores estudiosos, dizer que a pragmática é de impossível análise, pois para analisarmos algo, devemos nos abstrair e a pragmática é concreta. A pragmática é justamente isso, a linguagem concreta. Carnap chega ainda à conclusão de existir apenas a pragmática, a sintaxe e a semântica teriam sido criadas pelo homem sobre a pragmática, apenas para facilitar a compreensão e dar significado ao estabelecido no dia-a-dia da linguagem.

A divisão tradicional entre as três partes da semiótica fica, então, delimitada pela sintaxe, como sistema estrutural de signos, posicionando-os e qualificando-os quanto à sua função dentro dos conjuntos de signos; a semântica sendo o que os signos representam na realidade, numa relação de verdade ou falsidade, um realismo semântico; e por fim, a pragmática como a linguagem em uso, a linguagem no concreto, seus contextos, sua diversidade de falantes e ouvintes, não uma mera representação do real.

Na obra *“How to do things with words”* (1962), construída sobre uma série de palestras de Austin, ele irá criar uma divisão primária entre os tipos de sentenças que utilizamos. A primeira espécie seria composta pelas frases descritivas, tendo esse conjunto como características em comum, a mera e estrita cognição de uma realidade no mundo. Nesse grupo estão as frases geralmente relacionadas com as visões tradicionais de linguagem. Santo Agostinho, na sua obra *“Confissões”*, quando começa a procura por uma lógica por trás de todas as linguagens, sejam elas faladas ou não, escritas ou não, acaba por concluir que as pessoas remeteriam sempre que diante de algum signo a uma essência, uma verdade, as verdadeiras raízes da idéia. Estão compreendidas aqui então, frases como *“O carro é vermelho.”* ou *“A menina está correndo.”*, entendendo aqui que elas apenas descrevem algo que existe no mundo real, podendo apenas ser qualificadas como falsas ou verdadeiras.

A segunda espécie de sentenças faria referência às chamadas frases performativas. Nesse grupo se encontram as frases que pretendem além de descrever algo, dizer algo diretamente ao ouvinte. Para racionalizar o entendimento desse gênero de frases, Austin nos apresenta o conceito de ato de fala. Dentro de uma afirmativa

como “Virei trabalhar amanhã”, encontramos não apenas uma descrição, uma fala, de que o sujeito irá ao trabalho no dia seguinte, mas também uma promessa silenciosa, um compromisso, um ato, que para o entendimento do ouvinte se traduz em “Prometo que virei trabalhar amanhã”. O ato de fala consiste no que se entende a partir do discurso do agente. Dentro da fala original, o sujeito da frase sequer menciona a promessa, mas essa não deixa de ser entendida pelo ouvinte, pois a promessa está contida no ato da fala, a fala como ação e como força independente. Diferente com o que acontece com as frases descritivas, as frases performativas podem ser classificadas como bem-sucedidas e mal-sucedidas, dependendo com o sucesso no encontro de expectativas entre o emissor e o receptor. (MARCONDES, 2008)

Austin então passa a negar a existência da primeira espécie de frases, dizendo apenas existirem as performáticas. Sentenças como “O carro é vermelho” ou “Está chovendo lá fora” não existem no mundo real, ou pior, existem, mas sempre com sentido performativo. A performance sempre precisa de um receptor, um ouvinte, um público. Ao dizer que está chovendo do lado de fora, o sujeito poderá estar informando para alguém que tem o costume de correr na rua, que hoje provavelmente ele não poderá fazer seu exercício rotineiro. Isso se confirma ao observarmos no mundo concreto qualquer tentativa de se retirar essa característica performática.

Em outro caso hipotético, imagine duas pessoas dentro de um carro, presas no trânsito. No meio da conversa, uma delas diz para a outra: “Aquele carro é vermelho.” A resposta natural e instintiva da outra será não outra senão dizer: “E daí?”, como se procurando entender o que a outra quis dizer com isso, pois está em dúvida com o que exatamente a pessoa quis dizer aquilo. Estaria ela imaginando que a outra não conseguiu ver, que nunca havia visto um carro daquele modelo pintado de vermelho, que aquilo seria uma contraposição a cor do carro em que eles dirigem, ou que ele acharia aquilo incomum e que poucos carros fossem assim. A frase puramente descritiva não existe no mundo real. Toda fala é um ato de si mesmo. E isso decorre primariamente do fato de que toda forma de comunicação pressupõe um público.

Toda notícia supõe um fato, um relato e um público. O fato pode ser importante (por exemplo, um pequeno avanço numa pesquisa científica), mas só se torna comunicável como notícia se puder interessar a um número importante de pessoas. Não é nenhuma causa filosófica ou política de verdade que impulsiona a notícia, mas a acomodação da "opinião pública" (noção recente na História) a uma certa ordem de "verdades" já estabelecidas, em função de um princípio social de conservação (SODRÉ *apud* BECKER, 2001: 178)

Austin traz ainda uma análise dos fatores que incidem para a produção de um ato de fala e uma classificação dos mesmos entre *a priori* e *a posteriori*. Dentre os fatores que acontecem antes do ato de fala estão as expectativas do falante em relação ao público dele. Estão aí consideradas as reações possíveis, imagináveis e esperadas ao ato de fala a ser produzido. Dos fatores que incidem no ato de fala após o seu proferimento, estão aqui as reações e interpretações do ouvinte ao ato. Será do encontro dos fatores *a priori* e *a posteriori* que se entenderá o ato de fala como bem ou mal-sucedido. Dentro da frase “Virei trabalhar amanhã”, pode-se inferir uma promessa, um compromisso. Caso o empregado não comparece ao serviço no dia seguinte, o patrão poderá cobrar dizendo que ele havia dito que viria, que havia lhe garantido presença, mas o empregado poderá alegar que nunca prometeu nada, apenas achava que viria trabalhar. A diferença entre os entendimentos dos atos de fala, o emissor pretendendo dizer “Acho que virei trabalhar amanhã” e o receptor entendendo “Prometo que virei trabalhar amanhã”, é que gera o problema de comunicação. (MARCONDES, 2008)

O estudo dessa teoria semiótica é então perceber quais elementos constroem o discurso adotado pela mídia, como ela enxerga o público e como ela espera que o mesmo reaja quando produz o noticiário e quando tendência a opinião pública.

O método deve, contudo, incluir elementos que permitam a consideração não só de pressupostos e condições de possibilidade de realização dos atos, mas também, em um sentido essencial para a pragmática, o exame dos efeitos, conseqüências e resultados dos atos. Um dos aspectos centrais da análise consiste exatamente no exame das expectativas que o falante gera no ouvinte e vice-versa, levando em conta até que ponto essas expectativas se concretizam ou não e quais as conseqüências tanto de um caso como de outro. A análise pragmática da linguagem na visão performativa aqui adotada depende centralmente da consideração do ato efetivamente realizado, contrastando-o como os objetivos iniciais ou pretendidos do falante, buscando explicitar os efeitos e conseqüências visados e os concretamente obtidos (TAYLOR *apud* MARCONDES, 2008: 24)

Na seleção e produção das notícias e no direcionamento da atenção para negligenciar a realidade vivida pelo favelado e o estereotipar como bandido, criminoso, delinqüente, a mídia assim o faz, pois o jogo do qual faz parte está inserido na realidade prática e social da comunidade dos falantes. Segundo Wittgenstein (1952), filósofo que inspirou Austin no desenvolvimento da sua teoria dos atos de fala, os problemas surgem quando a linguagem é artificialmente separada do seu ambiente próprio e de seus usuários. A linguagem deixa de ser um mero veículo de informações para converter-se

numa atividade profundamente enraizada no contexto social e nas necessidades e aspirações humanas.

Quando é lida a manchete de jornal “Tiroteio no Salgueiro provoca pânico na Tijuca”⁶ se recorta uma versão do ocorrido com personagens claros e bem definidos: os bandidos da favela trouxeram um mal indevido aos moradores de classe média do asfalto. Não está em nenhum momento salientado o sofrimento indevido dos moradores da favela, esses sim próximos ao tiroteio, esses sim vítimas da violência urbana. Negligenciar o sofrimento de uma das partes, é em si, um ato de fala, um ato que escolhe suprimir humanidade de um dos lados da sociedade.

Toda decisão de comunicar alguma coisa é, ao mesmo tempo, uma decisão de não comunicar outras. O conteúdo das mensagens não é a única parte que significa. Quando dizemos algo, o que dissemos e o que poderíamos ter dito são partes inseparáveis do que dizemos. Esse axioma, comum a todas as formas de comunicação, é particularmente relevante para a comunicação de massa não só pela ampla gama de assuntos que fica de fora como pelos interesses envolvidos na inclusão e na exclusão de conteúdos. A seletividade e o controle inerentes a todas as práticas de comunicação, ganham, assim, relevância especial nos processos de comunicação realizados pela indústria cultural e trazem consigo a questão da ideologia como questão central nas análises dos processos de decisão editorial. O que é comunicado e o que é suprimido depende de cada situação histórica específica. (MOTTA *apud* SANTIAGO, 2004: 29)

Considerando então que a imprensa é sempre alerta e consciente de quem é o seu público, ela age sempre de acordo com o que ela imagina que o seu público irá reagir no objetivo de tornar o seu discurso bem-sucedido. Ao mesmo tempo em que a imprensa define e financia a manutenção de imagens distorcidas sobre a favela e seus moradores, ela assim o faz, pois acredita que a reação do público a esse tipo de imagem deva ser positiva.

A criação do estereótipo auxilia na compreensão, mas simplifica em demasia os personagens em questão. Chega-se então a conclusão que é pelo interesse da mídia que se continua a dar esse tratamento desigual às classes sociais no noticiário de crime. A análise pragmática nos faz concluir que pelo objetivo da mídia de ter sucesso na tentativa de vender uma interpretação dos fatos, ela patrocina as diferenças sociais através de um discurso de medo, praticando terrorismo psicológico sobre o público que vira refém da interpretação dada pelos veículos de comunicação em massa.

⁶ Exemplo retirado do artigo “Pobreza e Risco: a imagem da favela no noticiário de crime” (VAZ et alli, 2005). A matéria foi originalmente retirada do jornal “O Globo” de 07 de março de 2001.

3. Vícios Materiais: A metodologia direcionando a resposta

Visto de que forma o processo de seleção do que é notícia, os critérios para escolha do que é de maior interesse e o distanciamento entre o relato e o fato mancham a verdade teoricamente descrita sob ideais de imparcialidade, transfere-se o foco de atenção para como as maneiras com que o jornalista procura a notícia já prejudicam a fidelidade do discurso.

Se do estudo dos vícios de vontade procurava-se como através da redação e da edição poder-se-ia direcionar o discurso para benefício de certas partes, os vícios materiais tratarão de como antes mesmo da produção das matérias jornalísticas, os métodos para se chegar ao fato, os caminhos e, principalmente, os atalhos até a informação, também irão macular a integridade daquilo que é construído pelos meios de comunicação. Mesmo então quando a interpretação e o subjetivismo natural do trabalho do jornalista não vierem a traí-lo, o cotidiano da maratona editorial massacrará qualquer chance do fiel retrato do ocorrido sobreviver.

Aqui ficará explícito como o autor do conteúdo midiático não é apenas aquele que senta e redige o texto de um jornal, não é aquele que define a pauta em rádio e televisão, mas todo o contexto que o circunda, toda a estrutura que suporta o jornalista para obter as informações irá influenciar na construção desse retrato. As instituições, o mercado, a sociedade como um todo é responsável pela imprensa parcial e excludente que temos no caso específico do jornalismo de crime no Rio de Janeiro. Cada um terá a mídia que merece, pois a sociedade será co-autora do discurso midiático. Diferentes partes tentarão fazer suas interpretações valer, ou indiretamente, farão seus interesses particulares prevalecer sobre princípios gerais de objetividade e imparcialidade.

3.1. O Cotidiano do Jornalismo de Crime

A cobertura da violência, da segurança pública e da criminalidade realizada pela imprensa brasileira sofre de dependência em alto grau das informações policiais. A polícia é a fonte principal – se não a única – na maioria esmagadora das reportagens. Esta predominância das forças de segurança no noticiário foi comprovada pelas pesquisas realizadas pelo CESeC⁷ em 2004 e 2006. Em 2004, uma análise de 2.514

⁷ CESeC é Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Cândido Mendes. A pesquisa em questão foi realizada ao longo de um ano por pesquisadores do CESeC, que entrevistaram cerca de 90 jornalistas e especialistas, reunindo ainda artigos e depoimentos de policiais, com a apresentação dos resultados da análise de 5.165 notícias.

textos publicados em nove jornais de Rio de Janeiro (O Globo, Jornal do Brasil e O Dia), São Paulo (Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e Agora São Paulo) e Minas Gerais (Estado de Minas, Diário da Tarde e Hoje Em Dia) demonstrou que a polícia era a principal fonte ouvida em 32,5% dos casos. Quando eram desconsiderados os textos que não indicavam fontes – notas e colunões, rápidos registros de encontros de cadáveres, roubos e outras ocorrências, que compunham 24,8% da amostra – o percentual subia para 43,2%. Em outro levantamento, realizado pelo CESeC em 2006 sobre oito jornais do Rio⁸, 26,9% dos 2.651 textos baseavam-se em informações policiais. Além destes, um grande número de colunões e notas, que compunham 34,6% da amostra, tinha como fontes os boletins de ocorrência. (RAMOS & PAIVA, 2007: 37)

Não necessariamente existindo um manual ou uma padronização, existe uma série de práticas cotidianas que compõem o processo de produção de conteúdo jornalístico sobre crime. A consulta das instituições oficiais do governo, polícia, bombeiros, defesa civil, varas e juizados especiais, a relação com assessorias de imprensa, advogados e delegados de polícia, as negociações para obtenção de material exclusivo ou inédito são exemplos do encontrado no dia-a-dia de uma redação.

O processo de procura de notícias dentro de um perímetro urbano, diferente do que uma lógica simplista pode imaginar, no entanto, envolve pouco ou quase nenhum trabalho de campo. Em uma outra ponta, ao mesmo tempo, o cidadão ordinário sente uma necessidade psicológica de identificação no meio que vive, e a imensidão da cidade gera uma inquietude perante o desconhecido, o estranho, o outro. É natural então que, para obter um entendimento do que se passa além da experiência própria, o cidadão procure a mídia para a satisfação dessa necessidade.

Pela conexão dos detalhes e das prováveis conseqüências do evento, a notícia gera um tipo de unidade que, segundo se presume, tranquiliza a consciência do indivíduo inseguro em face da dispersão humana na grande cidade, da vicissitude dos acontecimentos, da condição precária da identidade no espaço urbano, do desconhecimento das causas, da incidência trágica do acaso. (SODRÉ, 1999: 133)

O observado, no entanto, não é a imprensa procurando relatar os fatos baseada em experiências próprias. Não se vê um repórter a cada esquina, e relatando a visão geral do que ocorre, aproximando o produto jornalístico da realidade existente que se vivencia. Não existem matérias intituladas “Tarde agradável de vento ameno na Penha” ou “Nenhum crime reportado na Cinelândia”. Títulos assim logo fariam o receptor

⁸ São os jornais: Extra, Jornal do Brasil, Meia Hora, O Dia, O Fluminense, O Globo, O Povo e Tribuna da Imprensa.

imaginar que o jornal poderia estar sendo irônico tal qual em um problema de expectativas do ouvinte no modelo de análise pragmática proposto. Entende-se então que a repetição do que é considerado normal é tido como de pouca utilidade. A procura de notícias é justamente pelo crime, a contravenção às normas.

Mas então se a busca pelas notícias não se dá pela maneira empírica, pois a logística de centenas de milhares de jornalistas espalhados por si só inviabilizaria a operação, os veículos de comunicação procuram otimizar o esforço e o tempo que seriam gastos com o trabalho de campo através do que se chama na prática jornalística de “ronda”. O sociólogo Cláudio Beato, diretor do Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública da Universidade Federal de Minas Gerais, comenta sobre a quase extinção da figura do jornalista investigativo, uma consequência dessa tentativa de otimização do trabalho observada nas redações:

Aspectos de natureza organizacional relacionados às redações dos órgãos da imprensa levaram à quase extinção da figura do jornalista investigativo. Profissionais que possam despende largos períodos de tempo tentando compreender algum fenômeno em maior profundidade foram substituídos por jornalistas que têm que fechar matérias ao final do dia. Para tal, contam com um grande número de informantes para ajudá-los a estruturar as matérias e auxiliá-los na interpretação dos materiais obtidos. Muitos desses informantes estão no interior das organizações policiais, e alguns deles envolvidos em atividades de ponta. (BEATO in RAMOS & PAIVA, 2007: 35)

Esse método utilizado nas redações não é em nenhum momento fruto de algo proposto por equipe de pauta, ou seja, apenas se considera notícia pelo fato de ser um crime, e basta. Então tudo o que se observa é uma burocracia, uma rotina de ligações e contatos com as autoridades oficiais que repassarão as ocorrências do dia para a seleção editorial.

A notícia é um tipo peculiar de conhecimento: suas características derivam em sua maioria das suas fontes e dos contextos de sua produção. Com poucas exceções, essas fontes e contextos são burocráticos, e o noticiário é o resultado de uma resposta organizada para problemas burocráticos rotineiros. (ROCK in COHEN & YOUNG, 1973: 64)⁹

A problemática desse sistema está localizada na predisposição da procura com o resultado. Como saberia o jornalista para onde ligar para encontrar o desvio do normal? Quando o delegado, ou outra autoridade qualificada, é inquirido para relatar as

⁹ Tradução da autora para: “News is a peculiar form of knowledge: its character derives very much from the sources and contexts of its production. With few exceptions, those sources and contexts are bureaucratic, and news is the result of an organized response to routine bureaucratic problems.”

ocorrências do dia, ele mesmo selecionará dentro de sua própria subjetividade quais de todos os acontecimentos do dia são dignos de menção. E apenas reportará aquilo que for incomum, estranho à ordem comum.

Salvo exceções – elas existem e são importantes – a regra é uma deficiência reforçando outra. Pessoas que entendem pouco do que estão falando orientam-se por profissionais que entendem menos ainda do que estão tratando. O resultado é desinformação e ausência de uma perspectiva mais analítica que leve à compreensão da violência a partir de um quadro de referência mais amplo. (BEATO in RAMOS & PAIVA, 2007: 35)

Dessa dinâmica se extrai três facetas que formarão o direcionamento do discurso. Até onde a tentativa de antecipar o crime, não criará visões prévias sobre certos locais ou regiões serem mais concentradoras de crime? Ainda em análise, não apenas o jornalista fará seu recorte dos eventos, mas outras partes da sociedade o farão com ele. E a reportagem de crimes sem uma apropriada descrição do que temos no cotidiano real, criará estereótipos e simplificações que ajudarão na criação de uma consciência coletiva preconceituosa e parcial. São esses três aspectos da forma de como se produzem notícias que afastarão ainda mais a realidade e o relato produzido pela mídia nessa busca de substituir o empirismo ideal.

A rotina de qualquer escritório ou empresa pressupõe regras, metas e expectativas. Porém, quando esses resultados estão atrelados à uma grande variável de produção, que é a ocorrência de crimes dentro da cidade, o processo de cognição de como esperar números concretos de algo inconstante irá acabar por tentar formar padrões e assim deixará o inesperado dentro do esperado do inesperado de fora. É como se para um pedaço de massa de biscoito sem forma, se pegasse uma fôrma com desenho de uma estrela e o recortasse. Existirão bordas que ficarão de fora e preferirão ser descartadas para que os biscoitos fiquem de acordo com o melhor gosto do cozinheiro e do cliente.

O negócio de qualquer burocracia é a produção rotineira de seqüências de atividades que são antecipadas e guiadas por regras formais. Essas regras jamais poderão ser exaustivas. Elas explicitamente e implicitamente definirão os limites de variação no material que poderá ser processado pela burocracia. Quando a organização não exerce total controle sobre esse material, sempre haverá a possibilidade desse cair fora dos limites definidos de variação. (ROCK in COHEN & YOUNG, 1973: 64)¹⁰

¹⁰ Tradução da autora para o trecho: “The business of any bureaucracy is the routine production of sequences of activity that are anticipated and guided by formal rules. Those rules can never be exhaustive. They explicitly and implicitly define the limits of variation in the material that can be processed by the

A partir dessa necessidade então de prever onde estão os crimes, se simplificará o pensamento da cidade e tentará se procurar por crimes em certos locais específicos. Porém, a fôrma do biscoito da seleção de notícias de crime não é criada segundo a lógica mais simples. Deduzir que em certos lugares da cidade como o subúrbio e a favela encontraremos maior incidência de crimes como o tráfico de drogas é correto, em termos de logística da procura de notícias de crime. Porém, não vemos nas grandes manchetes os crimes cometidos nesses locais onde teoricamente temos mais criminosos. O destaque sempre aparece quando temos os crimes ocorrendo nos bairros da Zona Sul ou contra pessoas de classe alta. Isso se deve por que por mais que a procura das notícias se dê na inquisição de autoridades situadas na Zona Norte, nem todo crime é relatado para o jornalista.

Ainda como se dentro da análise pragmática de Austin (1962), a autoridade policial, judicial ou de qualquer espécie, sempre contará em seus relatos dos acontecimentos do dia com a perspectiva da reação do ouvinte, no caso, do jornalista. Por acreditar que a mídia não se importa com crimes de menor porte, esses delitos sequer chegam ao conhecimento da pauta editorial. Por maiores questões burocráticas, o conceito do que é noticiável poderá ser relativizado para acompanhar a falta de assuntos que são comumente tidos como relevantes pelos jornais. Porém, o que se tem é a sociedade espelhando à mídia o que ela quer encontrar, uma mimese que irá pré-selecionar para a imprensa aquilo que ela repete todos os dias. Se os veículos de comunicação passarem a ignorar a posição do pobre no noticiário, as pessoas automaticamente passarão aquilo como fixo, engessado, e pararão de relatar fatos desse tipo quando o jornalista passar a procurar as notícias do dia.

Ainda, esse espelho só será construído a partir de simplificações que o relato noticioso naturalmente trará consigo. Considerando a notícia o objeto natural para entender o ambiente à volta, a sua parcialização em apenas descrever aquilo que é atípico, com ênfase em especial no noticiário carioca, no cotidiano de crime no perímetro urbano auxiliará a criar um ambiente de completa desconfiança quanto o desconhecido.

A notícia, por ser hoje considera fonte de verdade e incontestável credibilidade, é parâmetro para se estabelecer relação de empatia com pessoas, grupos e locais com

bureaucracy. When an organization does not exercise total control over that material, there is always the possibility that it will fall outside the defined limits of variation.

que jamais se teve relação. Caso o noticiário dê grande atenção para uma ocorrência sistemática de crimes em certo lugar, esse mesmo lugar será ferozmente tachado como inseguro. Mas mesmo que a taxa de crimes dessa localidade não seja tão diferente de outras, como existe a necessidade de se reportar notícias todos os dias, e que jamais irá interessar contar sobre os dias em que nenhum crime aconteceu, o que se forma é uma história com certa continuidade sobre como a violência é tida como algo normal na determinada região.

Essas idéias pouco aproximadas da realidade empírica enraizarão na sociedade os conceitos que a mídia levará a ela. O vício material não só será pontual, mas ele é auto-sustentável, pois a sua própria mecânica dará conta de manter ele da maneira como está; daí se entende não chamar de ‘erro material’, mas, sim, vício, pois ele conterà necessariamente a própria força para a sua recorrência.

Serão esses fatores da dinâmica da necessidade da busca de acontecimentos noticiosos no ritmo frenético demandado que acabarão por cegar a imprensa diante do vício que esse processo carrega. Iniciado sempre nas tentativas de otimizar a coleta de fatos, que acabará por direcionar essa procura, esse dano a melhor interpretação se perpetua diante do fator de mimese que a sociedade proporcionará, fator esse gerado pela própria necessidade de se produzir notícias em um ritmo não sempre natural, distorcendo a realidade existente e criando uma consciência coletiva que sustentará as imperfeições do estudado.

3.2. O Processo de Auto-Alimentação da Imprensa

Um repertório de frases feitas sobre todas as áreas de conhecimento, obtidas a partir de um já dito em textos anteriores que se tornou hegemônico por meio de generalizações ingênuas. (PINTO, 2002: 45)

Dentro do entendimento de que existe uma necessidade constante de produção de notícias para a população, poderá se observar que, em geral, os métodos descritos no item anterior não serão adotados como a única fonte de material noticioso. A imprensa também tem como prática a reprodução daquilo que é dito em veículo diverso da mesma, simplesmente tomando como verdade, analogamente ao que ocorre para com a audiência em geral.

Em teoria, o processo de seleção de notícias que um jornalista leva para tomar conhecimento de um fato noticioso não difere tanto de um lugar para outro. A utilização

de informação de outro veículo apenas ganharia ao reproduzir o tempo que ele teria gasto aferindo os dados, perdendo apenas o sentido do furo jornalístico. O fato de que outro lugar publicou certa matéria torna o acontecimento relatado necessariamente notícia para todos os outros por um sentido de mercado. Se alguém está vendendo certo conteúdo de informação, os concorrentes devem procurar entregar aquele mesmo conteúdo, nem que seja para criar uma alternativa ao que está sendo apresentado do outro lado, para que não se crie um nicho de monopólio. A seleção daquilo é digno de ser noticiado ficará cada vez mais particular e subjetiva, uma vez que uma verdadeira apuração de fatos é realizada por cada vez menos pessoas, e disso surgirão importantes implicações.

Essa presunção automática de que aquilo que se reproduz fora verificado corretamente e aquilo que está sendo dito é um relato construído sobre fatos, e não interpretações como os vícios de vontade sugestionarão, nos trará não apenas o distanciamento da matéria-prima de uma notícia, mas, por conseguinte, a massacrante repetição dos mesmos fatos dará a idéia de que o relatado é verdade absoluta. Mais uma vez, como é característica dos vícios materiais, eles terão não apenas um erro de execução, mas irão conter recursos suficientes para a manutenção do *status quo*.

Diante desse quadro, então, faz-se necessário o estudo do quão confiável é a reprodução automática de notícias como fonte viável de informações, sem a perda de significativa parte do ocorrido. Diante do exposto relevante aos vícios materiais que o discurso jornalístico inadvertidamente, e por vezes mesmo ciente, comete, entendemos que a reprodução automática como fonte inquestionável de conteúdo jornalístico cria maior subjetividade no tratado da criação do discurso.

Como exemplo disso, pode-se lembrar de uma suspeita de tiroteio no túnel Zuzu Angel, ocorrida na noite de 16 de setembro de 2009¹¹, que assustou os motoristas que passavam pelo local e tumultuou o trânsito na Zona Sul da cidade: engarrafamentos foram registrados por toda a orla de Leblon e Ipanema sentido Barra da Tijuca, evidenciando uma alteração na rota principal e predileção daqueles que se dirigiam à Zona Oeste da cidade pelo uso da Avenida Niemeyer, um caminho alternativo. Nos noticiários de rádio, televisão e internet, alastraram-se palavras como “pânico” e “medo”, quando, no entanto, mais tarde descobriu-se que o tumulto não havia sido

¹¹ Notícia retirada do site do jornal “O Globo”: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2009/09/16/suspeita-de-arrastao-no-tunel-zuzu-angel-leva-panico-motoristas-767644425.asp>, acessada em 18/09/2010

causado por tiros, mas por escapamentos de motocicletas¹² que passaram pela via e confundiram os motoristas, que optaram por voltar pela contramão. O arrastão propagado, na verdade, se reduzia ao assalto de uma motocicleta¹³. Apesar de não ter sido devidamente apurado, no entanto, o “fato” – “tiroteio no Zuzu Angel” - já tinha virado notícia, o caos no trânsito em horário de *rush* já havia sido instaurado e o alarde feito pela imprensa já havia causado “pânico” entre as pessoas.

Fica então evidente que a informação real fica prejudicada diante de tais práticas. Com a particularização tamanha no processo de criação, e sempre partindo da natureza de que a imprensa toma o que a imprensa publica como verdade tanto quanto a população, pode-se então imaginar que se em algum momento uma informação falsa, mas com aparência de verdadeira for veiculada, ela será tida como verdadeira por todos.

Nos dias de hoje, essa prática de infiltrar conteúdo falso como verdadeiro é conhecida pelo termo em inglês *hoax*. O *hoax* é geralmente tido como algo jocoso ou sem fins de prejuízo ou benefício, como no observado no seu maior exemplo divulgado, a brincadeira de Orson Welles na véspera de Halloween de 1938, quando uma série simulada de boletins de notícias divulgou uma invasão alienígena ao planeta Terra, pondo o país em estado de calamidade e pânico, porém não passando de uma leitura de trechos do livro de ficção “Guerra dos Mundos” de H.G.Wells (1898), tratando de expor visceralmente aqui a fragilidade desse sistema de não-questionamento perante a produção da imprensa.

A publicação dessa espécie de notícia, em que o conteúdo dela não é produzido dentro do veículo, mas oriundo de outro e recontado pelos outros, deveria ressaltar ainda mais ao leitor a idéia de que a notícia é uma mera interpretação, mas isso não é o observado. Ao apresentar a matéria como algo reportado por outro jornal, a idéia natural seria a de que estivesse claro que os fatos descritos não foram apurados pelo veículo que reproduz, mas pelo reproduzido. Isso não se observa, no entanto, e levará a segunda faceta que afetará a construção do discurso através da popularização dessa prática de reprodução.

¹² Notícia retirada do site “G1”: <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL1307543-5606,00-PM+DIZ+QUE+BARULHO+DE+MOTOS+ASSUSTOU+MOTORISTAS+NO+TUNEL+ZUZU+ANGEL.html>, acessada em 18/09/2010

¹³ Notícia retirada do site do jornal “O Globo”: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2009/09/17/roubo-de-motocicleta-no-tunel-zuzu-angel-provocou-panico-entre-os-motoristas-767659662.asp>, acessada em 18/09/2010

A publicação de conteúdo alheio não é feita de forma exatamente “automática”. Costuma-se fazer uma releitura, dizendo a fonte da informação no início do texto e mantendo intactas as citações e entrevistas feitas, mas em geral, o restante, o corpo e estrutura do texto, é reescrito em sua quase totalidade. Isso pode não parecer de grande impacto, mas no intuito de diferenciar produtos de informação, o que acabará por acontecer é a criação de um novo relato que reforçará o primeiro.

Por exemplo, partindo de um depoimento hipotético colhido por um único repórter que, após a entrevista, produzirá uma matéria sobre os assuntos discutidos, essa exclusiva será naturalmente reproduzida segundo os passos apresentados nesse ponto e rapidamente será divulgada nos grandes noticiários. Caso o entrevistado venha a acreditar que as suas palavras foram mal interpretadas ou postas fora de contexto, essa sua contestação perderá força diante da exaustiva repetição da visão do jornalista. Isso acontece pois cada vez que se reproduz a matéria, utilizam-se meios que mascaram a origem da produção da notícia, dando a impressão de que existiram mais de uma testemunha ao depoimento. Essa repetição da mesma interpretação irá consolidar um discurso, mesmo que este de fato esteja tirando palavras de seu contexto original.

O que se observa em análise, então, é que a prática da reprodução automática fragiliza o conteúdo da notícia, mas fortalece a impressão de verdade ao criar um discurso único. Aspectos como esse auxiliarão a manutenção do *status quo* que reforça a premissa de que a imprensa é isenta e objetiva, mas oculta os vícios que o seu discurso carrega.

4. Estudo de casos – Júlio César de Menezes Coelho e Marcelo Alexandrino da Costa Santos

Esgotada a análise das causas, entende-se então pela aplicação do estudado no caso concreto. Foram selecionadas as coberturas de dois casos distintos, porém de semelhanças extremamente particulares que servirão de exemplo para explicitar a diferença de tratamento do discurso. Serão dissecadas aqui as coberturas do assassinato de Júlio César de Menezes Coelho, 21 anos, atendente de lanchonete e do tiroteio que acabou por ferir Marcelo Alexandrino da Costa Santos, 39 anos, juiz do trabalho e duas crianças.

Por uma questão de metodologia, as notícias serão divididas como um diário, assim facilitando a melhor compreensão de questões como as de apuração e de destaque. Por sua relevância e abrangência, foram selecionadas matérias dos jornais “O Globo”, “O Dia” e “Extra”, dos canais de televisão “Globo”, “Record” e “Band” e do site “G1” da internet. Esses veículos foram escolhidos por não apenas representarem uma grande fatia do noticiário de crime no Rio de Janeiro, mas pelo destaque nacional que estes trazem.

4.1. Acompanhamento - Diário de notícias

A pesquisa foi desenvolvida entre os dias 18 de setembro de 2010 (data da operação da Polícia Militar na Cidade Alta) e 4 de novembro de 2010 (data da reconstituição do caso Marcelo Alexandrino), e levantou as entradas de notícias segundo os termos de busca: “Júlio César Coelho”, “Cordovil”, “PM” e “Cidade Alta”, para o primeiro ocorrido, e “Marcelo Alexandrino”, “juiz baleado” e “Polícia Civil”, para o segundo. As matérias postas em destaque se encontram na íntegra na parte de anexos do trabalho.

Dia 19/09/2010, domingo:

São encontrados os primeiros registros de uma ação da Polícia Militar do Rio de Janeiro, ocorrida na noite anterior e que resultou em quatro mortos e uma pessoa ferida.

Os jornais “O Dia”¹⁴ e “Extra”¹⁵, o portal “G1”^{16 e 17} e a emissora de televisão “Band”¹⁸ relataram um confronto entre policiais e traficantes. Todos os veículos, com exceção da “Band”, não tiveram problemas em cravar que os quatro mortos - todos sem nome - seriam “bandidos” ou “traficantes”. O jornal “O Dia” foi o único a dedicar uma segunda matéria¹⁹ para acompanhar o estado de saúde da baleada Priscila da Silva Monteiro, de 23 anos.

Das seis matérias coletadas nesta primeira data pesquisada, em três – metade dos registros - o *lead* é sobre a ação da PM, e não sobre as consequências deste evento (mortos ou feridos). Em uma quarta notícia, o “confronto” entre policiais e traficantes foi o principal destaque e, em outra, a “morte de quatro traficantes” aparecia como informação de maior relevância, abrindo o texto. Em quatro dos seis registros, a principal fonte das informações é um órgão da Polícia Militar. Na notícia referente ao estado de saúde de Priscila da Silva Monteiro – a única até então sobre um desdobramento da história -, o Hospital Getúlio Vargas, na Penha, é a fonte principal. Na matéria do “Extra”, no entanto, nenhuma fonte para as informações sequer é mencionada. Em todos os registros, a operação da polícia foi justificada como uma tentativa de impedir o ataque de criminosos.

O nome de Júlio César Coelho ainda não apareceu em nenhuma das notícias.

Dia 20/09/2010, segunda-feira:

¹⁴ Notícia retirada do site do jornal “O Dia”:

http://odia.terra.com.br/portal/rio/html/2010/9/pm_mata_4_bandidos_na_cidade_alta_e_rechaca_ataque_a_policiais_111088.html, acessada em 28/09/2010. Cf. anexo 1, p. I.

¹⁵ Notícia retirada do site do jornal “Extra”:

<http://extra.globo.com/geral/casodepolicia/posts/2010/09/19/operacao-na-cidade-alta-mata-quatro-bandidos-fere-uma-moradora-325723.asp>, acessada em 28/09/2010. Cf. anexo 2, p. II.

¹⁶ Notícia retirada do portal de notícias “G1”: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2010/09/confronto-com-policia-deixa-4-traficantes-mortos-no-rio.html>, acessada em 28/09/2010. Cf. anexo 3, p. III.

¹⁷ Notícia retirada do portal de notícias “G1”: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/09/confronto-no-suburbio-do-rio-terminou-com-4-mortos-e-um-ferido.html>, acessada em 28/09/2010. Cf. anexo 4, p. IV.

¹⁸ Notícia retirada do portal de notícias “eBand”:

<http://www.band.com.br/jornalismo/cidades/conteudo.asp?ID=360113>, acessada em 28/10/2010. Cf. anexo 5, p. V.

¹⁹ Notícia retirada do site do jornal “O Dia”:

http://odia.terra.com.br/portal/rio/html/2010/9/jovem_baleada_na_cidade_alta_continua_internada_111108.html, acessada em 28/09/2010. Cf. anexo 6, p. VI.

As matérias publicadas no segundo dia do intervalo pesquisado podem ser divididas em dois grupos: um primeiro que, assim como no dia anterior, tratam o episódio da Cidade Alta como uma ação policial de rotina com vítimas; e um segundo que destaca a existência de um novo personagem, o jovem Júlio César Menezes Coelho, de 21 anos, primeiramente tido como um integrante do tráfico e que agora é noticiado como “estudante inocente”.

Ao todo, foram doze os registros publicados nesta data e, destes, dois pertencem ao primeiro grupo: uma matéria publicada no jornal “O Dia”²⁰ e uma reportagem veiculada no telejornal “Bom Dia Rio”²¹, da TV “Globo”. Em ambas, os criminosos seguem sem identidade e uma apreensão de armas e drogas na comunidade onde aconteceu a ação policial é destacada, como uma espécie de resultado da operação.

O aparecimento do personagem Júlio César Menezes Coelho no segundo grupo acontece de forma mais ou menos regular: à exceção de uma²² das matérias publicadas no jornal “Extra” (foram quatro neste veículo)^{23, 24 e 25}, que o caracteriza como “uma peça” da rede de lanchonetes McDonald’s, as notícias dão conta da revelação de sua identidade e da reação da família ao episódio. Pela primeira vez, ouvem-se testemunhas do ocorrido e dão voz aos familiares da vítima. Júlio César também ganha rosto, em foto em que aparece uniformizado para o trabalho, publicada no site do jornal “Extra”. A informação de que três dos quatro assassinados não tinha passagem pela polícia

²⁰ Notícia retirada do site do jornal “O Dia”:

http://odia.terra.com.br/portal/rio/html/2010/9/acao_da_pm_em_cordovil_frustra_plano_do_trafico_111211.html, acessada em 28/09/2010. Cf. anexo 7, p. VII.

²¹ Notícia exibida no telejornal “Bom Dia Rio”, da “Rede Globo”, cujo vídeo está disponível em:

<http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM1340404-7823-QUATRO+PESSOAS+MORREM+EM+CONFRONTO+COM+A+POLICIA+EM+CORDOVIL,00.html>, acessado em 28/09/2010.

²² Notícia retirada do site do jornal “Extra”:

<http://extra.globo.com/geral/casodepolicia/posts/2010/09/20/pm-mata-morador-de-cordovil-que-estudava-de-dia-trabalhava-noite-325858.asp>, acessada em 28/09/2010. Cf. anexo 8, p. VIII.

²³Notícia retirada do site do jornal “Extra”:

<http://extra.globo.com/geral/casodepolicia/posts/2010/09/20/morte-de-jovem-da-cidade-alta-causa-comocao-entre-colegas-do-mcdonalds-325867.asp>, acessada em 28/09/2010. Cf. anexo 9, p. IX.

²⁴ Notícia retirada do site do jornal “Extra”: <http://extra.globo.com/rio/materias/2010/09/19/troca-de-tiros-mata-quatro-fere-moradora-na-cidade-alta-em-cordovil-918192078.asp>, acessada em 28/09/2010. Cf. anexo 10, p. X.

²⁵ Notícia retirada do site do jornal “Extra”:

<http://extra.globo.com/geral/casodepolicia/posts/2010/09/20/identificado-quarto-homem-morto-em-operacao-em-cordovil-325973.asp>, acessada em 28/09/2010. Cf. anexo 11, p. XI.

também é nova, e cai em contradição com as categóricas manchetes do dia 19 de setembro que dizem ter sido assassinados quatro “traficantes”.

Dentre as particularidades que podem ser notadas na cobertura realizada neste dia, está a ausência de notícias na emissora “Band” e em seu site na internet. Vale notar ainda a utilização da categoria “Conjuntura” no blog “Repórter de Crime”²⁶, parte do jornal “O Globo”, para qualificar a notícia “Inocente morre no combate aos ‘bondes’”. O Portal R7, da emissora de televisão Record, destaca o “fechamento da avenida Brasil”²⁷ (na verdade, no corpo da matéria descobre-se que tratava-se de um acesso à avenida, uma das principais da cidade) pelos amigos do estudante como forma de protesto. Durante a segunda edição do RJTV deste dia, o âncora Marcio Gomes reforça, antes da exibição do VT de reportagem sobre o caso, que uma das vítimas da ação policial “tinha emprego fixo, estudava e tinha ficha limpa na polícia”²⁸. Na matéria em si, um contracheque do McDonald’s fazia as vezes de prova de inocência.

A Polícia Militar, protagonista da história no dia anterior, passa a ter um papel secundário nos registros reportados nesta data, muito embora no corpo de todas as matérias haja menção à sua possível/concreta responsabilidade no episódio. O *lead* passa a ser a morte de um estudante e atendente de lanchonete e a reação de seus familiares ao ocorrido, indo além da agenda de rotina da polícia.

Dia 21/09/2010, terça-feira:

No terceiro dia de cobertura, apenas duas novas ocorrências para as buscas pelas palavras-chave “Júlio César Coelho”, “Cordovil”, “PM” e “Cidade Alta” foram encontradas. A primeira delas, retirada do jornal “O Dia”²⁹, trata-se de uma acusação

²⁶ Notícia retirada do site do jornal “O Globo”:

<http://oglobo.globo.com/rio/ancelmo/reporterdecrime/posts/2010/09/20/inocente-morre-no-combate-aos-bondes-325997.asp>, acessada em 28/09/2010. Cf. anexo 12, p. XII.

²⁷ Notícia retirada do portal “R7”: <http://noticias.r7.com/cidades/noticias/amigos-de-jovem-morto-pela-pm-fecham-a-avenida-brasil-20100920.html>, acessada em 28/09/2010. Cf. anexo 13, p. XIII.

²⁸ Notícia exibida no telejornal “Bom Dia Rio”, da “Rede Globo”, cujo vídeo está disponível em:

<http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM1340868-7823-ESTUDANTE+INOCENTE+ACABA+MORTO+EM+OPERACAO+POLICIAL+NA+CIDADE+ALTA,00.html>, acessado em 28/09/2010

²⁹ Notícia retirada do site do jornal “O Dia”:

http://odia.terra.com.br/portal/rio/html/2010/9/familia_de_jovem_morto_na_cidade_alta_acusa_pm_de_e

por parte da família de Júlio César, que afirma que ele foi “executado” pela Polícia Militar. Repleta de depoimentos de pessoas próximas ao jovem, a notícia dá conta da homossexualidade do estudante. O relato sobre o assunto, feito por uma senhora identificada como Ana Cláudia Amaral, aparece na matéria como dado para tentar provar sua inocência: “Ele era homossexual, e traficante não aceita isso na quadrilha”, afirma. Também há a existência de aspas de um comunicado da Polícia Militar afirmando que a ação realizada em Cordovil atendia a “demandas urgentes”, mas abrindo a possibilidade de o jovem ser inocente.

O segundo espaço dedicado ao caso foi encontrado no site do jornal “O Globo”. No blog “Repórter de Crime”, sob a categoria “Mais Um”, o relato era sobre “A morte trágica do jovem que vendia hambúrguer e queria ser bailarino”³⁰. Por trazer um relato em primeira pessoa e com o uso de linguagem coloquial, cheia de gírias, não se pode dizer que o publicado é de fato uma notícia. Mas ainda assim, por estar dentro de um veículo do porte de “O Globo” e trazer informações concretas sobre o episódio, a página merece atenção. O texto carregado de ironia questiona as justificativas da polícia para o crime e destaca o silêncio do McDonald’s diante da perda de um “patrimônio” seu, o jovem.

Dia 22/09/2010, quarta-feira:

As três notícias publicadas nesta data, do site “G1”³¹, do jornal “O Dia” e da “Band”³² dão conta do afastamento das atividades nas ruas dos policiais envolvidos no caso Júlio César Coelho enquanto da duração do Inquérito Policial Militar aberto para investigar a suspeita de crime. As matérias tratam, em geral, da expectativa por medidas que resolvam o caso. O *lead* passa a girar em torno dessas investigações. A única diferença na abordagem está na notícia veiculada pelo jornal “O Dia”, que traz no título

xecucao_111462.html, acessada em 28/09/2010. Cf. anexo 14, p. XIV e XV.

³⁰ Notícia retirada do site do jornal “O Globo”:

<http://oglobo.globo.com/rio/ancelmo/reporterdecrime/posts/2010/09/21/a-morte-tragica-do-jovem-que-vendia-hamburguer-queria-ser-bailarino-326180.asp>, acessada em 28/09/2010. Cf. anexo 15, p. XVI.

³¹ Notícia retirada do site “G1”: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/09/policia-no-rj-afasta-das-ruas-pms-que-participaram-de-acao-em-cordovil.html>, acessada em 28/09/2010. Cf. anexo 16, p. XVII e XVIII.

³² Notícia retirada do portal de notícias “eBand”:

<http://www.band.com.br/jornalismo/cidades/conteudo.asp?ID=361593>, acessada em 28/09/2010. Cf. anexo 17, p. XIX.

uma aspa do governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, sobre o assunto. Cabe ressaltar que a ação aconteceu dentro do período eleitoral e a autoridade em questão concorria à reeleição.

Dia 23/09/2010, quinta-feira:

Cinco dias após a operação da Polícia Militar na Cidade Alta que resultou na morte de quatro pessoas, entre elas o estudante e atendente de lanchonete Júlio César de Menezes Coelho, o jornal “O Globo”, as redes Globo, Band e Record e o portal de notícias G1 já deram por encerradas suas coberturas a respeito do caso. Nestes veículos, não foram observadas mais quaisquer menções à ação da PM em questão. No dia 23, somente o jornal “Extra” repercutiu o crime, destacando que neste dia as testemunhas “do tiroteio”, como diz o título, seriam ouvidas pelo delegado responsável pelo caso ³³. A matéria do “Extra” ouviu o delegado responsável pelas investigações, Roberto Ramos, e Flávia Souza Sarti, irmã de um rapaz morto em circunstâncias parecidas com as de Júlio César, em 2009.

Dia 24/09/2010, quinta-feira:

O sexto dia de repercussão do caso apresenta uma pequena nota do jornal “Extra” ³⁴ comunicando que os familiares da vítima Júlio César de Menezes Coelho prestariam depoimento, e uma matéria do jornal “O Dia” ³⁵ sobre a perícia que a Polícia Civil realizaria no local do crime como parte das investigações.

O mais curioso na notícia do jornal “O Dia” é o fato de, mesmo após seis dias de apurações, a reportagem cometer um equívoco e apresentar o estudante e atendente como “cabeleireiro”. Outro ponto de destaque é a presença de um depoimento da mãe do jovem, Jane Coelho, que em uma aspa relata o seu sofrimento: "Senti uma dor no peito quando meu filho levou o tiro", afirma. A matéria segue dando detalhes das

³³ Notícia retirada do site do jornal “Extra”:

<http://extra.globo.com/geral/casodepolicia/posts/2010/09/23/testemunhas-de-tiroteio-na-cidade-alta-serao-ouvidas-hoje-326678.asp>, acessada em 28/09/2010. Cf. anexo 18, p. XX.

³⁴ Notícia retirada do site do jornal “Extra”:

<http://extra.globo.com/geral/casodepolicia/posts/2010/09/24/familiares-de-jovem-assassinado-prestam-depoimento-327253.asp>, acessada em 28/09/2010. Cf. anexo 19, p. XXI.

³⁵ Notícia retirada do site do jornal “O Dia”:

http://odia.terra.com.br/portal/rio/html/2010/9/policia_civil_faz_pericia_na_praca_da_cidade_alta_oude_jovem_morreu_no_ultimo_sabado_112369.html, acessada em 28/09/2010. Cf. anexo 20, p. XXII.

manifestações dos familiares de Júlio César e, por último, dá voz à Polícia Militar novamente, que reafirma terem sido assassinados apenas bandidos.

Dia 25/09/2010, sexta-feira:

A partir do sétimo dia, apenas o jornal “Extra” dedicou seu espaço à continuação da cobertura do caso Júlio César de Menezes Coelho. A matéria publicada no site do jornal nesta data registrava a missa de sétimo dia de morte do rapaz ³⁶. Detalhista, a reportagem dá conta do estado emocional da mãe de Júlio, da forma como os familiares e amigos se portaram e abre espaço para o depoimento de um amigo da vítima, que se diz inconformado com o ocorrido.

Dia 29/09/2010, quarta-feira:

Após um intervalo de quatro dias sem ocorrências para as buscas pelas palavras-chave “Júlio César Coelho”, “Cordovil”, “PM” e “Cidade Alta”, o “Extra” volta a publicar uma manchete sobre o caso. Desta vez, a matéria tenta abordar as consequências do episódio para a rotina da comunidade da Cidade Alta. “Medo toma a Cidade Alta após ação da Polícia Militar” ³⁷ é o título desta que é a última reportagem sobre o caso e traz depoimentos de algumas das testemunhas do crime.

Dia 02/10/2010, sábado:

Foram encontrados os três primeiros registros que relatam o episódio em que um juiz e duas crianças foram baleados durante uma ação da Polícia Civil no bairro de Jacarepaguá, na altura da Freguesia. De acordo com os relatos dos jornais “O Globo” ³⁸ e “Extra” ³⁹ e do site “G1” ⁴⁰, dois agentes que participavam de uma blitz deram tiros

³⁶ Notícia retirada do site do jornal “Extra”:

<http://extra.globo.com/geral/casodepolicia/posts/2010/09/25/oracoes-protestos-na-missa-de-setimo-dia-de-julio-cesar-327601.asp>, acessada em 28/09/2010. Cf. anexo 21, p. XXIII.

³⁷ Notícia retirada do site do jornal “Extra”:

<http://extra.globo.com/geral/casodepolicia/posts/2010/09/29/medo-toma-cidade-alta-apos-acao-da-policia-militar-328343.asp>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 22, p. XXIV.

³⁸ Notícia retirada do site do jornal “O Globo”: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2010/10/02/juiz-enteada-filho-sao-baleados-depois-de-carro-dar-re-em-blitz-da-policia-922687386.asp>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 23, p. XXV.

³⁹ Notícia retirada do site do jornal “Extra”:

<http://extra.globo.com/geral/casodepolicia/posts/2010/10/02/policiais-civis-atiram-contr-familia-em-blitz-na-grajau-jacarepagua-329500.asp>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 24, p. XXVI.

⁴⁰ Notícia retirada do site “G1”: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/10/juiz-e-duas-criancas-sao-baleados-perto-de-blitz-em-jacarepagua.html>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 25, p. XXVII.

para o alto em reação a uma tentativa de fuga de um veículo, que prontamente respondeu abrindo fogo contra os policiais. Da troca de tiros, um automóvel Kia Cerato que tentava sair da cena dando ré teria sido alvejado.

Foram encaminhadas para o Hospital Cardoso Fontes, o juiz Marcelo Alexandrino, de 39 anos, seu filho Diego, de 11 anos, e sua enteada Natália, de 9 anos, todos baleados. A mulher e a sogra de Marcelo, que estavam no carro, também foram qualificadas nas matérias d’“O Globo” e do “Extra”, e segundo os relatos a primeira estaria em “estado de choque” e a segunda teria sofrido um corte na boca.

O *lead* das três matérias é o atentado sofrido pela família e todas as matérias contém informações sobre o estado de saúde dos feridos. A principal fonte ouvida é a Polícia Civil, sendo encontradas também informações provenientes da assessoria de imprensa do Ministério da Saúde.

Dia 03/10/2010, domingo:

Onze matérias foram encontradas, sendo uma oriunda de televisão, da TV Bandeirantes, através da redação do site “eBand” ⁴¹ (com uso de informações da rádio “BandNewsFM”), duas provindas da internet, via site “G1” ⁴² e ⁴³, e as outras oito

⁴¹ Notícia retirada do site “eBand”: <http://www.band.com.br/jornalismo/cidades/conteudo.asp?ID=100000353154>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 26, p. XXVIII.

⁴² Notícia retirada do site “G1”: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/10/juiz-baleado-em-blitz-no-rio-e-transferido-para-hospital-particular.html>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 27, p. XXIX.

⁴³ Notícia retirada do site “G1”: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2010/10/juiz-filho-e-enteada-sao-baleados-em-blitz-no-rio.html>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 28, p. XXX.

oriundas dos jornais, quatro do “Extra”^{44, 45, 46 e 47}, duas d’“O Globo”^{48 e 49}, duas d’“O Dia”^{50 e 51}.

Dessas, cinco matérias tem como principal assunto o fato de que o juiz Marcelo Alexandrino, seu filho e enteada foram baleados em uma operação da Polícia Civil. Entre as outras, que tratam já sobre os desdobramentos desse ocorrido, duas falam da reação da Associação dos Magistrados pedindo uma apuração severa do episódio, outras duas sobre a transferência do magistrado para um hospital particular e duas discutem o que originou o tiroteio.

Nessa data, todos os veículos que publicaram alguma matéria sobre o caso em questão escreveram ao menos uma notícia utilizando as mesmas informações e fontes do dia anterior para descrever o tiroteio e o estado físico e psicológico da família. Todas as reportagens desse tipo dão detalhes minuciosos sobre os ferimentos e o estado de saúde dos feridos. “Extra”, “O Globo” e “O Dia” indicam que a corregedoria interna da Polícia Civil (Coinpol) será a responsável pela investigação do caso. “Extra” e “O Globo” ainda apontam que, segundo a polícia, os ocupantes do carro que teria iniciado o

⁴⁴ Notícia retirada do site do jornal “Extra”:

<http://extra.globo.com/geral/casodepolicia/posts/2010/10/03/policiais-alegam-que-atiraram-contrabandidos-atingiram-familia-329539.asp>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 29, p. XXXI.

⁴⁵ Notícia retirada do site do jornal “Extra”: <http://extra.globo.com/rio/plantao/2010/10/03/juiz-transferido-para-hospital-particular-922687985.asp>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 30, p. XXXII.

⁴⁶ Notícia retirada do site do jornal “Extra”: <http://extra.globo.com/rio/materias/2010/10/02/juiz-tenta-fugir-de-blitz-da-policia-civil-e-baleado-com-filho-a-enteada-922687578.asp>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 31, p. XXXIII.

⁴⁷ Notícia retirada do site do jornal “Extra”:

<http://extra.globo.com/geral/casodepolicia/posts/2010/10/03/testemunha-diz-que-nao-houve-troca-de-tiros-na-grajau-jacarepagua-329607.asp>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 32, p. XXXIV.

⁴⁸ Notícia retirada do site do jornal “O Globo”: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2010/10/02/juiz-tenta-fugir-de-blitz-da-policia-civil-e-baleado-com-filho-a-enteada-922687571.asp>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 33, p. XXXV.

⁴⁹ Notícia retirada do site do jornal “O Globo”: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2010/10/03/em-nota-associacao-dos-magistrados-exige-apuracao-rigorosa-de-caso-de-juiz-baleado-ao-fugir-de-blitz-922688710.asp>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 34, p. XXXVI.

⁵⁰ Notícia retirada do site do jornal “O Dia”:

http://odia.terra.com.br/portal/rio/html/2010/10/juiz_e_duas_crianças_sao_baleados_durante_blitz_na_freguesia_114171.html, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 35, p. XXXVII.

⁵¹ Notícia retirada do site do jornal “O Dia”:

http://odia.terra.com.br/portal/rio/html/2010/10/associacao_dos_magistrados_exige_apuracao_agil_e_rigoroza_no_caso_do_juiz_baleado_114293.html, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 36, p. XXXVIII.

tiroteio seriam os bandidos responsáveis pelo assassinato de um sargento no dia 17 do mês anterior.

“O Globo” e “O Dia” dedicam matérias para a nota oficial emitida pela Associação dos Magistrados da Justiça do Trabalho da 1ª Região (AMATRA1), tendo sido o comunicado divulgado na íntegra pelo primeiro, enquanto o segundo apenas retira uma aspa dele. Ambas as notícias falam “punição exemplar”, “indignação” e “apuração ágil e rigorosa”.

As duas matérias que dão conta da transferência do juiz para um hospital particular no Méier (“G1” e “Extra”) têm como fonte mais uma vez a assessoria de imprensa do Ministério da Saúde, que é o responsável pelo Hospital Cardoso Fontes. As duas (ambas do “Extra”) que discutem a origem do tiroteio, por sua vez, apresentam fontes diversas, com relatos divergentes: enquanto a primeira, baseada no relato de policiais, reafirma que os primeiros disparos teriam sido feitos por bandidos que estavam em um Honda Civic preto, a segunda apresenta os primeiros relatos vindos de testemunhas oculares. Estas negam a existência de uma troca de tiros, dizendo que todos os disparos foram realizados pelos policiais civis, que teriam reagido a tentativa de fuga do juiz à blitz mal sinalizada.

Dia 04/10/2010, segunda-feira:

Somente nesta data, dezessete reportagens sobre o caso aparecem nos veículos pesquisados, sendo sete apenas do jornal “O Globo”^{52, 53, 54, 55, 56, 57 e 58}, três do portal

⁵² Notícia retirada do site do jornal “O Globo”:

<http://oglobo.globo.com/rio/ancelmo/reporterdecrime/posts/2010/10/04/coronel-da-pm-analisa-acao-suspeita-de-policiais-civis-329754.asp>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 37, p. XXXIX e XL.

⁵³ Notícia retirada do site do jornal “O Globo”: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2010/10/03/filho-enteadade-juiz-que-fugiu-de-blitz-da-policia-civil-respiram-por-aparelhos-922691897.asp>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 38, p. XLI.

⁵⁴ Notícia retirada do site do jornal “O Globo”: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2010/10/03/testemunha-desmente-versao-de-policiais-diz-que-agentes-atiraram-contracarro-de-juiz-922691868.asp>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 39, p. XLII.

⁵⁵ Notícia retirada do site do jornal “O Globo”:

<http://oglobo.globo.com/rio/ancelmo/posts/2010/10/04/marcacao-de-municoes-329702.asp>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 40, p. XLIII.

⁵⁶ Notícia retirada do site do jornal “O Globo”: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2010/10/04/chefe-de-policia-disse-que-se-policiais-mentiram-inventaram-historia-serao-punidos-severamente-922695888.asp>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 41, p. XLIV.

“R7”^{59, 60 e 61}, três do jornal “O Dia”^{62, 63 e 64}, três do “Extra”^{65, 66 e 67} e uma do “Jornal da Band”⁶⁸.

Três notícias publicadas nesta data de pesquisa desmentem a versão dada por policiais para o episódio envolvendo o juiz Marcelo Alexandrino e sua família. Os jornais “O Globo” e “Extra” e a rede de televisão “Record” trazem à tona novos depoimentos de testemunhas e da família do magistrado com versões contrárias àquelas divulgadas em um primeiro momento pela polícia. Essa nova perspectiva sobre o crime

⁵⁷ Notícia retirada do site do jornal “O Globo”: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2010/10/04/chefe-de-policia-civil-exonera-titular-da-delegacia-onde-estao-lotados-policiais-de-blitz-em-que-juiz-foi-baleado-922695053.asp>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 42, p. XLV.

⁵⁸ Notícia retirada do site do jornal “O Globo”: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2010/10/04/cinco-dos-seis-policiais-de-blitz-em-jacarepagua-em-que-juiz-foi-baleado-sao-recem-formados-atuam-nas-ruas-so-ha-3-meses-922703243.asp>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 43, p. XLVI e XLVII.

⁵⁹ Notícia exibida no telejornal “Direto da Redação”, da “Rede Record”, cujo vídeo está disponível em: <http://noticias.r7.com/videos/policiais-atiram-por-engano-em-familia-de-juiz-durante-blitz-em-sp/idmedia/00f2836f3f1c9a06fdd2e1d12b723a79.html>, acessado em 14/10/2010

⁶⁰ Notícia exibida no telejornal “RJ no Ar”, da “Rede Record”, cujo vídeo está disponível em: <http://videos.r7.com/chefe-de-policia-diz-que-houve-erro-em-blitz-que-terminou-com-juiz-e-parentes-baleados/idmedia/48b16e2c451bd02e6bf6504106d245cb-2.html>, acessado em 14/10/2010

⁶¹ Notícia exibida no telejornal “Jornal da Record”, da “Rede Record”, cujo vídeo está disponível em: <http://noticias.r7.com/videos/policiais-que-estavam-na-blitz-que-baleou-um-juiz-o-filho-e-a-enteada-foram-afastados-das-ruas/idmedia/925a624a58e217e606808b13f022a974-1.html>, acessado em 14/10/2010

⁶² Notícia retirada do site do jornal “O Dia”: http://odia.terra.com.br/porta1rio/html/2010/10/filho_e_enteada_de_magistrado_baleado_estao_em_estado_gravissimo_114477.html, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 44, p. XLVIII.

⁶³ Notícia retirada do site do jornal “O Dia”: http://odia.terra.com.br/porta1rio/html/2010/10/exonerado_delegado_responsavel_por_blitz_em_que_juiz_foi_baleado_114709.html, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 45, p. XLIX.

⁶⁴ Notícia retirada do site do jornal “O Dia”: http://odia.terra.com.br/porta1rio/html/2010/10/nao_foi_bala_perdida_que_atingiu_carro_de_juiz_diz_chefe_da_policia_civil_114594.html, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 46, p. L.

⁶⁵ Notícia retirada do site do jornal “Extra”: <http://extra.globo.com/rio/plantao/2010/10/04/chefe-de-policia-disse-que-se-policiais-mentiram-inventaram-historia-serao-punidos-severamente-922695889.asp>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 47, p. LI.

⁶⁶ Notícia retirada do site do jornal “Extra”: <http://extra.globo.com/geral/casodepolicia/posts/2010/10/04/testemunha-diz-que-tambem-foi-vitima-de-disparos-de-policiais-civis-329787.asp>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 48, p. LII.

⁶⁷ Notícia retirada do site do jornal “Extra”: <http://extra.globo.com/geral/casodepolicia/posts/2010/10/04/delegado-da-41-dp-exonerado-por-chefe-da->

desencadeou um segundo grupo de reportagens, que trata de declarações oficiais do chefe da polícia civil, Allan Turnowski, abrindo a possibilidade dos policiais terem mentido e de serem os culpados pelos disparos que acabaram por vitimar o juiz Marcelo Alexandrino e seus filhos, prometendo punições severas caso isso se confirme já que “houve inocentes feridos”.

Outras reviravoltas do caso também foram noticiadas nesse dia, como a publicação de quatro matérias sobre a exoneração do delegado responsável pela blitz em que o juiz foi baleado e o afastamento dos policiais envolvidos das ruas. O governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, foi ouvido pela primeira vez para se pronunciar sobre o caso, na reportagem do jornal “O Globo”, inclusive dizendo “rezar para que as crianças sejam salvas e o pai também”.

Sob a categoria “Insegurança”, o mesmo “O Globo” ainda publicou uma reportagem em que foi apurado o tempo de carreira dos policiais que participaram da blitz. O colunista Ancelmo Góis, por sua vez, ouviu o professor do Instituto de Química da UFRJ, Cláudio Lopes, para que ele desse o seu parecer sobre as tecnologias empregadas em um exame de balística que poderiam ser cruciais para as investigações.

O blog “Repórter de Crime”, também do jornal “O Globo”, publica na íntegra um artigo escrito pelo coronel da reserva da PM, Milton Corrêa da Costa, que analisa o caso e utiliza expressões como: “cidade das mais violentas do mundo”, “temor ao crime, em razão da violenta guerra urbana” e “sensação natural de medo e vulnerabilidade” para falar da situação em que se encontra o Rio de Janeiro. As últimas três matérias do dia, publicadas nos jornais “O Dia”, “Extra” e “G1”, dão conta do estado de saúde das vítimas, novamente com riqueza de detalhes.

Pela primeira vez o caso ganha espaço na televisão sendo veiculadas matérias no canal “Band”, no “Jornal da Band”, e “Record”, tanto no “RJ no Ar”, atração local, como no “Jornal da Record”, atração nacional.

Dia 5/10/2010, terça-feira:

Somente uma notícia repercute o caso Marcelo Alexandrino nesta data. Trata-se de uma matéria veiculada no “Jornal da Band”⁶⁹ e reproduzida no site do canal de TV Band na internet. A reportagem, no entanto, não traz novos detalhes ao caso: trata-se

policia-civil-329973.asp, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 49, p. LIII.

⁶⁹ Notícia exibida no telejornal “Jornal da Band”, da “Rede Bandeirantes”, cujo vídeo está disponível em: <http://www.band.com.br/jornaldaband/conteudo.asp?ID=367982>, acessado em 14/10/2010

apenas da informação de que o juiz responsável pela blitz que vitimou Marcelo Alexandrino, seu filho e sua enteada foi exonerado do cargo, assim como alguns veículos já haviam divulgado no dia anterior.

Outra menção ao caso foi publicada neste dia, mas não se trata de uma notícia. O blog “Traduzindo o Jurídiquês”, escrito pelo advogado Renato Pacca e hospedado no portal do jornal “O Globo”, presta sua solidariedade ao juiz baleado no artigo “Mais uma vítima da violência e da incompetência da polícia” ⁷⁰. O texto, escrito por alguém relativamente próximo à vítima, aborda o “caráter íntegro” e o comportamento “heróico” de Marcelo, exigindo, por esses motivos, uma “apuração rigorosa” e uma “punição exemplar” dos culpados. O texto ainda pede a colaboração dos leitores através de doações de sangue ao juiz, nesta data ainda internado, e informa como proceder para ajudar. A nota, no entanto, não oferece informações sobre o tipo sanguíneo do magistrado.

Dia 6/10/2010, quarta-feira:

Uma reviravolta no caso fez com que fossem publicados no dia 6 de outubro 10 matérias com as palavras-chave “Marcelo Alexandrino”, “juiz baleado” e “Polícia Civil”. Nesta data, o magistrado se pronunciou pela primeira vez sobre o ocorrido através de uma carta escrita de próprio punho e divulgada pela assessoria de imprensa do hospital particular em que ele estava internado. O texto foi imediatamente reproduzido diversas vezes pela imprensa. Da totalidade de notícias publicadas no dia, sete apresentam o conteúdo da carta do juiz em sua forma integral ou editada. Além dos

⁶⁹ Notícia exibida no telejornal “Jornal da Band”, da “Rede Bandeirantes”, cujo vídeo está disponível em: <http://www.band.com.br/jornaldaband/conteudo.asp?ID=368609>, acessado em 14/10/2010

⁷⁰ Notícia retirada do site do jornal “O Globo”:
<http://oglobo.globo.com/blogs/juridiques/posts/2010/10/05/mais-uma-vitima-da-violencia-da-incompetencia-da-policia-330276.asp>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 50, p. LIV.

veículos que já acompanhavam o caso, como os jornais “O Globo”^{71 e 72} e “O Dia”^{73 e 74} e o portal de notícias “G1”^{75, 76 e 77}, o episódio envolvendo o juiz do trabalho Marcelo Alexandrino ganha repercussão no telejornal local “RJTV”⁷⁸ e nos telejornais nacionais “Jornal Nacional”⁷⁹ e “Jornal da Globo”⁸⁰, todos da “Rede Globo”.

As matérias veiculadas na “Rede Globo” trazem uma pequena retrospectiva do caso, com a utilização de reconstituições animadas e detalhadas da ação policial e informações atualizadas sobre o estado de saúde das vítimas. A âncora do “Jornal Nacional”, Fátima Bernardes, caracteriza a ação policial como “desastrada” ao

⁷¹ Notícia retirada do site do jornal “O Globo”: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2010/10/06/juiz-confirma-que-foi-baleado-por-policial-em-blitz-no-sabado-922718539.asp>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 51, p. LV.

⁷² Notícia retirada do site do jornal “O Globo”: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2010/10/06/corregedoria-da-policia-civil-indicia-por-tentativa-de-homicidio-policiais-que-atiraram-em-juiz-durante-blitz-922724972.asp>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 52, p. LVI.

⁷³ Notícia retirada do site do jornal “O Dia”: http://odia.terra.com.br/portal/rio/html/2010/10/policia_civil_indicia_agentes_por_tentativa_de_homicidio_contra_juiz_baleado_em_blitz_115230.html, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 53, p. LVII.

⁷⁴ Notícia retirada do site do jornal “O Dia”: http://odia.terra.com.br/portal/rio/html/2010/10/juiz_baleado_por_policiais_no_sabado_sera_ouvido_no_hospital_114989.html, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 54, p. LVIII.

⁷⁵ Notícia retirada do portal “G1”: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/10/dois-policiais-que-participaram-de-blitz-onde-juiz-foi-baleado-sao-indiciados.html>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 55, p. LIX.

⁷⁶ Notícia retirada do portal “G1”: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/10/em-nota-juiz-baleado-diz-que-agente-publico-atirou-contra-sua-familia.html>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 56, p. LX.

⁷⁷ Notícia retirada do portal “G1”: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2010/10/juiz-baleado-no-rio-confirma-que-tiro-partiu-de-policial.html>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 57, p. LXI.

⁷⁸ Notícia exibida no telejornal “RJTV”, da “Rede Globo”, cujo vídeo está disponível em: <http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM1351626-7823-JUIZ+BALEADO+DURANTE+BLITZ+CRITICA+ATUACAO+DE+POLICIAIS,00.html>, acessado em 14/10/2010

⁷⁹ Notícia exibida no telejornal “Jornal Nacional”, da “Rede Globo”, cujo vídeo está disponível em: <http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM1351731-7823-JUIZ+BALEADO+EM+ACAO+POLICIAL+NO+RIO+DIVULGA+CARTA,00.html>, acessado em 14/10/2010

⁸⁰ Notícia exibida no telejornal “Jornal da Globo”, da “Rede Globo”, cujo vídeo está disponível em: <http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM1351933-7823-JUIZ+BALEADO+POR+POLICIAIS+CRITICA+ACAO+DESASTRADA+EM+CARTA,00.html>, acessado em 14/10/2010

apresentar o videotape de reportagem. A apresentadora do “Jornal da Globo”, Christiane Pelajo, por sua vez, conta que o juiz fez “pesadas” críticas à Polícia em uma carta de “desabafo”. Todas as matérias exibem imagens da carta escrita à mão pelo juiz, destacando trechos como “nada há de mais aterrador do que a imagem de um agente público, que de nós deveria cuidar, disparando arma de fogo” e “contra um casal de bem e suas crianças inocentes” e o qualificam como “muito abalado”.

Em seu texto, Marcelo Alexandrino utiliza, além das expressões “aterrador”, “casal de bem” e “crianças inocentes” descritas acima, menções aos “direitos humanos” e ao “mau exercício da autoridade pública”. Por fim, pede que as “vibrações positivas” enviadas a ele e à sua família sejam capazes de fazer “nascer uma sociedade verdadeiramente livre, justa e igualitária” e agradece à atenção dispensada pelos funcionários dos hospitais em que ele e seus filhos estão internados.

Além da divulgação da carta, o site “G1” buscou a consultoria do capitão reformado do BOPE Paulo Storani, apresentado como “especialista em segurança” para comentar o caso nesta data. A matéria apresenta aspas de ex-policia, que destaca o despreparo dos agentes³. O mesmo “G1”, na mesma matéria, ainda lembra um caso semelhante ao do juiz, o do menino “João Roberto”, que foi morto após o carro em que estava com a mãe e o irmão ser atingido por tiros, na Tijuca, na Zona Norte da cidade, em 2008.

As outras três matérias publicadas na data são referentes a mais um desdobramento do ocorrido: o indiciamento dos policiais envolvidos na blitz que vitimou Marcelo Alexandrino teve matérias dedicadas pelos jornais “O Globo” e “O Dia” e pelo portal “G1”. A “Band” e o jornal “Extra” não comentaram o caso nesta data.

Dia 7/10/2010, quinta-feira:

O dia 7 de outubro não apresenta novos avanços nas investigações como o dia anterior e talvez esse fato justifique o pequeno número de reportagens publicadas sobre o assunto. Nesta data, somente a Band, através do “Jornal da Band”⁸¹, e o jornal “O Globo”⁸², através de sua coluna de “Opinião”, fizeram menção ao caso.

⁸¹ Notícia exibida no telejornal “Jornal da Band”, da “Rede Bandeirantes”, cujo vídeo está disponível em: <http://www.band.com.br/jornaldaband/conteudo.asp?ID=369781>, acessado em 14/10/2010

⁸² Artigo retirado do site do jornal “O Globo”: <http://oglobo.globo.com/opiniao/mat/2010/10/07/erro-de-percepcao-922731039.asp>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 58, p. LXII.

O primeiro veículo ainda repercute a carta escrita por Marcelo Alexandrino no dia anterior e aproveita este gancho para oferecer atualizações detalhadas sobre o estado de saúde do magistrado e das suas duas crianças. O segundo, por sua vez, apresenta uma análise do caso como um todo, escrita pelo presidente do TRT-RJ, Aloysio Santos. Como é um texto publicado na coluna "Opinião" do jornal, entende-se que esta é a opinião do jornal como um todo.

O texto escrito pelo presidente do TRT-RJ compara o trabalho de um magistrado ao de um policial, pontuando as diferenças entre um erro judicial e um erro cometido pela polícia. O artigo também destaca a seriedade com que o chefe da Polícia Civil, Allan Turnowski, vem tratando o episódio. Por fim, argumenta que "o magistrado e sua família estavam no lugar certo e na hora certa - ou pelo menos assim pensaram, pois havia policial no local", sem, no entanto, lembrar que o próprio Marcelo Alexandrino afirmou ter tentado fugir ao pensar que se tratavam de bandidos.

Dia 8/10/2010, sexta-feira:

A notícia de que a Justiça do Rio havia decretado a prisão temporária dos policiais envolvidos no caso do juiz Marcelo Alexandrino movimentou as páginas policiais do dia 8 de outubro. Os inspetores da Polícia Civil Bruno Rocha Andrade e Bruno Souza da Cruz, cujos nomes até então pouco tinham sido divulgados, ganham destaque nos jornais "O Globo"⁸³ e "O Dia"⁸⁴, na rádio "Band News FM"⁸⁵, no telejornal local "RJTV"⁸⁶ e no portal de notícias "G1"^{87, 88 e 89}. Das oito reportagens

⁸³ Notícia retirada do site do jornal "O Globo": <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2010/10/08/justica-decreta-prisao-de-policiais-que-atiraram-no-carro-de-juiz-durante-blitz-em-jacarepagua-922743869.asp>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 59, p. LXIII.

⁸⁴ Notícia retirada do site do jornal "O Dia": http://odia.terra.com.br/portal/rio/html/2010/10/policiais_que_atiraram_em_carro_de_juiz_durante_blitz_se_apresentam_a_justica_115853.html, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 60, p. LXIV.

⁸⁵ Notícia retirada do portal "eBand": <http://bandnewstv.band.com.br/conteudo.asp?ID=370264>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 61, p. LXV.

⁸⁶ Notícia exibida no telejornal "RJTV", da "Rede Globo", cujo vídeo está disponível em: <http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM1353153-7823-DECRETADA+PRISAO+TEMPORARIA+DE+POLICIAIS+QUE+ATIRARAM+EM+JUIZ,00.html>, acessado em 14/10/2010

⁸⁷ Notícia retirada do portal "G1": <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/10/apos-prisao-decretada-policiais-suspeitos-de-baleiar-juiz-se-entregam.html>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 62, p. LXVI.

⁸⁸ Notícia retirada do portal "G1": <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2010/10/tj-rj-decreta-prisao-de-policiais-que-atiraram-em-juiz.html>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 63, p. LXVII.

⁸⁹ Notícia retirada do portal "G1": <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/10/decretada-prisao-de-policiais-de-blitz-onde-juiz-e-criancas-foram-baleados.html>, acessada em 14/10/2010

veiculadas na imprensa nesta data, apenas uma tem foco diferente: o jornal “Extra”⁹⁰ ainda repercute em suas páginas a carta divulgada pelo magistrado no dia anterior e atualiza as informações sobre o estado de saúde das vítimas.

Apesar dos policiais serem o assunto principal das manchetes, no entanto, em algumas delas seus nomes sequer aparecem, sendo qualificados apenas como “policiais” ou “agentes que participaram da blitz”. Isso acontece nas três matérias publicadas pelo site “G1” no dia 8. Em contrapartida, o juiz Fábio Uchôa, responsável pelo pedido de prisão, tem seu nome divulgado em todas as reportagens. Em quatro das sete notícias referentes a prisão que foram publicadas, a seguinte aspa do magistrado responsável pela decisão é utilizada: “os policiais têm instinto homicida e envergonham a Polícia Civil do Rio de Janeiro”.

À exceção da Band, todas as outras fontes dessa pesquisa apresentaram novamente atualizações minuciosas sobre o estado de saúde do juiz Marcelo Alexandrino, de seu filho Diego e de sua enteada Natália.

Dia 9/10/2010, sábado:

As três notícias divulgadas pelos veículos pesquisados neste trabalho no dia 9 de outubro ainda têm como foco a prisão dos policiais civis que participaram da blitz em que o juiz Marcelo Alexandrino foi baleado.

A “BandNewsFM”⁹¹ noticia que os policiais envolvidos haviam se entregado à Justiça. O site do jornal “O Dia”⁹² e o portal “G1”⁹³, mais atualizados, dão conta já da transferência deles para o Complexo Penitenciário de Bangu, na Zona Oeste da Cidade. Nesta data, apenas a notícia publicada pelo “G1” oferece novas informações sobre o estado de saúde das vítimas.

⁹⁰ Notícia retirada do site do jornal “Extra”:

<http://extra.globo.com/geral/casodepolicia/posts/2010/10/06/juiz-confirma-ter-sido-baleado-por-policial-durante-blitz-330524.asp>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 64, p. LXVIII.

⁹¹ Notícia retirada do portal “eBand”: <http://bandnewstv.band.com.br/conteudo.asp?ID=370472>, acessada em 14/10/2010

⁹² Notícia retirada do site do jornal “O Dia”:

http://odia.terra.com.br/portal/rio/html/2010/10/suspeitos_de_baleiar_juiz_serao_transferidos_para_bangu_8_116013.html, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 65, p. LXIX.

⁹³ Notícia retirada do portal “G1”: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/10/policiais-suspeitos-de-baleiar-juiz-serao-transferidos-para-bangu-8.html>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 66, p. LXX.

Dia 10/10/2010, domingo:

No dia 10 de outubro, o caso Marcelo Alexandrino deixa de estar restrito às editorias policiais dos jornais e noticiários da TV e chega aos programas ditos de entretenimento. O “Fantástico”, tradicional atração de variedades de domingo da “Rede Globo”, exibe uma reportagem⁹⁴ com duas entrevistas exclusivas: uma com o juiz e sua esposa, registrada ainda no hospital onde ele se encontrava internado, e outra com os policiais envolvidos na blitz, que tinham acabado de ter voz de prisão decretada. Sob o título “Juiz baleado em blitz no Rio fala sobre momentos de terror”, a matéria de mais de 7 minutos faz uma recapitulação da semana, desde o tiroteio ocorrido no dia 2 até a prisão dos policiais, e utiliza recursos como a reconstituição animada para explicar o episódio. O portal “G1”, do mesmo grupo de comunicação, reproduziu na internet, através de texto e vídeo⁹⁵, a matéria exibida pelo “Fantástico” logo depois de ter ido ao ar.

O jornalista Marcos Uchôa, responsável pela reportagem, fala, sem dar qualquer tipo de embasamento estatístico, sobre a “onda de arrastões” e “bondes” vivida pelo Rio de Janeiro para contextualizar a história e justificar tanto a existência da blitz como a reação do magistrado. Depois, dá voz aos inspetores da corporação Bruno Rocha Andrade e Bruno Souza da Cruz que, emocionados na delegacia após receberem a notícia de sua prisão, tentam explicar o que fizeram. “Eu não sei onde meus tiros acertaram”, admite um deles. Em alguns momentos, um dos policiais chega a chorar copiosamente, principalmente quando refere-se à sua família.

O depoimento do juiz e de sua mulher Sunny da Costa Santos, recolhido no Hospital Pasteur, também oferece uma versão para o caso, rica em detalhes e que revive a conversa entre marido e mulher no momento do crime. Apesar de o juiz ter recebido a reportagem do “Fantástico” na unidade hospitalar onde estava internado, percebe-se claramente que existiu algum tipo de produção para a gravação. Ainda que Marcelo Alexandrino apareça vestindo um roupão hospitalar, houve uma preocupação com enquadramento, cenário e iluminação. Sunny está maquiada para a entrevista.

⁹⁴ Notícia exibida no programa “Fantástico”, da “Rede Globo”, cujo vídeo está disponível em: <http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM1354207-7823-JUIZ+BALEADO+EM+BLITZ+NO+RIO+FALA+SOBRE+OS+MOMENTOS+DE+TERROR,00.html>, acessado em 14/10/2010

⁹⁵ Notícia retirada do portal “G1”: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/10/nunca-havia-disparado-o-fuzil-diz-policia-de-blitz-em-que-juiz-foi-baleado.html>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 67, p. LXXI.

O repórter ressalta a postura heróica dos dois: Marcelo, ao dirigir até o hospital mesmo baleado, “salvou a família”; Sunny “encarnou as forças que as mães têm nessa hora” para socorrer a filha. “Vítimas da própria polícia”, como descreve Uchôa, os dois falam da “tristeza tão grande” que foi saber disso. “Eu preferia que fossem bandidos, porque a função do bandido é fazer o mal e a da polícia é proteger”, reduz o magistrado, sob olhares de aprovação da esposa. Marcelo descreve os policiais como “pessoas de preto exibindo os seus fuzis”.

Uchôa compara a execução de atividades policiais com o ofício de um médico ou de um piloto de avião recém-formados: “Um médico ou um piloto de avião recém-formados não assumem funções delicadas ou perigosas e passam por rigoroso treinamento”. Em seguida, volta aos policiais entrevistados para questionar detalhes da preparação deles na Acadepol. “Eu tenho dois meses de polícia, sabe”, revela o inspetor Bruno Cruz, na tentativa de se justificar. Por fim, o juiz faz um apelo para que o seu episódio sirva de base para uma “reflexão” dos gestores e dos geridos pelos órgãos policiais.

Não foi só na Globo, no entanto, que o caso do juiz Marcelo Alexandrino repercutiu fora das editorias policiais. O programa “Domingo Espetacular”, da “Rede Record”, dedica 6 minutos e 46 segundos da sua edição do mesmo dia 10 de outubro para o episódio qualificado como “ação desastrosa da polícia civil” ⁹⁶.

A matéria se utiliza de envolvente trilha sonora que cria um clima de tensão por toda a reportagem, digna de filme de terror. A utilização de técnicas de fala, pausando em momentos para maior ênfase, para ressaltar o ambiente de insegurança que se quer passar. Ainda pode-se observar que foram utilizadas diversas vezes informações imprecisas e generalizações grosseiras. A descrição de todas as vítimas e testemunhas foi feita com riqueza de detalhes e com caráter humanizador, enquanto os policiais foram descritos apenas com dados empíricos sobre as consequências dos seus atos cometidos.

Os seguintes trechos da notícia podem ser destacados pelo impressionante descompromisso com a exatidão das informações. No início do vídeo, uma das apresentadoras diz que: “Já que no Rio de Janeiro, às vezes, o trânsito pára em arrastões e falsos bloqueios da polícia”, não apresentando qualquer dado sobre esses

⁹⁶ Notícia exibida no programa “Domingo Espetacular”, da “Rede Record”, cujo vídeo está disponível em: <http://noticias.r7.com/videos/policias-de-blitz-que-atiraram-em-carro-de-juiz-por-engano-sao-afastados-da-corporacao/idmedia/b57f59aa3466058fafcbc2c541c9cef6.html>, acessado em 14/10/2010

acontecimentos, ou explicando a exclusividade dessa relação arrastões/falsas blitz com a cidade do Rio. Em parte da matéria, a repórter chega até a chamar o juiz do trabalho Marcelo Alexandrino de “juiz federal”, ignorando as diferenças entre as competências dos dois tribunais e demonstrando pouco conhecimento sobre a causa.

Logo após, a repórter identifica uma das testemunhas presenciais da blitz como “homem que tem medo de mostrar o rosto”, como se o homem tivesse medo de mostrar o rosto independente de ser por estar aparecendo na TV, diferindo então de aproximações mais tradicionais como “Uma testemunha que preferiu não se identificar”. Essa identificação foi seguida de um depoimento solto da testemunha que dizia: “Só segurando o fuzil e atirando, atirando, atirando, não paravam de atirar” sem qualquer contextualização do que ele estava se referindo.

A testemunha que ali dava seu depoimento mostrava muita emoção e parcialidade no relato construído. Ele afirma que o tiro haveria passado a “dois centímetros” dele, como se ele tivesse certo desta medição exata. Define ele o caso como sendo um “milagre”, por mais que nada no episódio tenha contrariado qualquer norma da Física, ou que seja sem explicação lógica. Ele termina sua história com uma frase confusa que não parece explicitar ao certo o que estaria entre ele e a curva, mas dizendo que “só que o pânico foi o que, foi ter parado entre a gente e a curva e as balas subindo”.

A reportagem ainda diz que “mesmo internado, o juiz Marcelo Alexandrino escreveu essa carta de protesto”, retirando a mesma aspa anteriormente destacada por outros veículos, de que não haveria “nada de pior” que observar homens da lei atirar contra “um casal de bem” e “crianças inocentes”. Pode-se observar a tentativa de criar uma imagem de certo heroísmo, imaginando ser difícil escrever quando internado, mas não necessariamente dizendo qual seria o estado real do magistrado. Tendo escrito a carta, e não tendo sido impedido por médicos, imagina-se não ter tido grandes contratempos para ter escrito a mesma.

O capitão reformado do BOPE, Paulo Storani, é convidado a dar suas opiniões, e abre dizendo que “uma das grandes preocupações hoje do carioca é saber distinguir entre uma blitz verdadeira e uma blitz falsa”, mesmo que não demonstre ter qualquer base empírica para poder afirmar o mesmo. A matéria então, assim como fez o “G1”, compara o caso descrito com outro ocorrido em 2008, pelo critério de terem sido dois casos em que policiais “confundem inocentes com criminosos”. A reportagem não atenta para o fato de que, na operação da Polícia Civil em questão, o erro não foi os

agentes terem se enganado sobre a identidade de Marcelo, mas sim terem sido imprudentes no manuseio de armas de fogo. O erro está nos policiais sequer saberem contra o que estavam atirando, sem ter sofrido qualquer tipo de agressão, independente de quem estivesse dirigindo o carro alvejado.

Ainda são inseridos dois depoimentos soltos, sem qualquer contexto, o primeiro dizendo: “hoje em dia eu tenho pavor”, sem um objeto indireto na frase, e o segundo: “você vai atuar sob o domínio do medo, é como a gente vive no Rio de Janeiro hoje, com medo”, generalizando experiências pessoais para o resto da população da cidade.

A reportagem se encerra com uma incongruência gritante entre o recorte feito pela repórter com o dito por uma juíza também entrevistada. Enquanto o depoimento deveria ser sobre “colega de trabalho do juiz baleado quer a punição dos responsáveis”, tudo que se escuta é ela dizer que espera “que a investigação desse caso e de todos os demais seja uma investigação séria, investigação justa, criteriosa”, tendo inclusive em certo momento tropeçado com as palavras, tendo dito punição, se corrigido, e seguindo no pedido de investigações corretas.

Além do grande espaço dado pelas duas emissoras de TV e pelo site “G1” ao caso nesta data, uma quarta notícia saiu no jornal “O Globo”⁹⁷ com atualizações do estado de saúde do magistrado e de sua família. De acordo com a nota, o juiz do trabalho Marcelo Alexandrino receberia alta hospitalar no dia seguinte, 11 de outubro, na parte da manhã. O jornal ainda dá conta de que a “vítima” deveria passar por acompanhamento ambulatorial das equipes de cirurgia torácica e clínica. Por fim, menciona que os filhos do juiz, que ainda seguem internados, já não correm mais “risco de morte”.

Dia 11/10/2010, segunda-feira:

Dez dias depois do episódio em que o carro do juiz Marcelo Alexandrino foi alvejado por policiais civis em uma blitz na estrada Grajaú-Jacarepaguá, o magistrado recebe alta hospitalar e concede uma entrevista coletiva no hospital para falar sobre o assunto. As declarações de Marcelo Alexandrino na coletiva repercutiram em nove das onze reportagens referentes ao caso publicadas nesta data. As outras duas tratam-se de

⁹⁷ Notícia retirada do site do jornal “O Globo”: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2010/10/10/juiz-baleado-tera-alta-hospitalar-segunda-feira-as-10h-no-meier-922759992.asp>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 68, p. LXXII.

uma entrevista exclusiva concedida pelo juiz à rádio “BandNews” e uma matéria do jornal “O Globo”⁹⁸ sobre a reportagem exibida no “Fantástico” da noite anterior.

Na televisão, os telejornais “RJTV”⁹⁹ e ¹⁰⁰ em suas duas edições, o “RJ Record”¹⁰¹ e o “Jornal da Record”¹⁰² exibiram reportagens sobre o caso. Nas duas exibidas pelo “RJTV”, trechos da reportagem exibida no “Fantástico” do dia anterior foram utilizados, com a recapitulação do episódio narrada pelo próprio juiz, ressaltando o “medo” e o “susto” pelo qual a família do juiz passou. A notícia veiculada no “Jornal da Record”, por sua vez, apresentou trechos da matéria do “Domingo Espetacular”, focando nas consequências para os policiais.

Todas as reportagens de TV destacaram a afirmativa do juiz de que pretende processar o Estado, embora no momento “seu foco fosse a recuperação dos filhos”, que seguiam internados na data. Entre os trechos da coletiva selecionados pela edição do “RJ Record”, ainda está um em que o juiz diz que considera um milagre o fato de que ele e seus filhos tenham sobrevivido ao episódio. Ao final, essa matéria apresenta uma particularidade: o âncora do telejornal sugere sutilmente que a justiça será feita nesse caso porque é um juiz a parte lesada. “E se não fosse um juiz o envolvido, se a vítima não fosse um juiz? Será que a repercussão seria a mesma e tão rápido a polícia teria agido para tirar das funções esses policiais envolvidos?”, questiona o apresentador.

Todas as reportagens frisam ainda que a família “está muito abalada” e destacam o medo que todos eles têm de andar na rua depois do que aconteceu, se apoiando em imagens de Sunny e sua mãe chorosas e do carro alvejado e batido na frente do hospital.

⁹⁸ Notícia retirada do site do jornal “O Globo”: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2010/10/11/policiais-que-atiraram-em-juiz-em-blitz-se-defendem-922760477.asp>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 69, p. LXXIII.

⁹⁹ Notícia exibida no telejornal “RJTV”, da “Rede Globo”, cujo vídeo está disponível em: <http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM1354392-7823-JUIZ+BALEADO+POR+POLICIAIS+CIVIS+RECEBE+ALTA,00.html>, acessado em 14/10/2010

¹⁰⁰ Notícia exibida no telejornal “RJTV”, da “Rede Globo”, cujo vídeo está disponível em: <http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM1354687-7823-JUIZ+BALEADO+POR+POLICIAIS+CIVIS+DEIXA+O+HOSPITAL,00.html>, acessado em 14/10/2010

¹⁰¹ Notícia exibida no telejornal “RJ Record”, da “Rede Record”, cujo vídeo está disponível em: <http://videos.r7.com/juiz-baleado-tem-alta-de-hospital-e-diz-que-e-milagre/idmedia/40d167f463440d8379d719382467e3a1-1.html>, acessado em 14/10/2010

¹⁰² Notícia exibida no telejornal “Jornal da Record”, da “Rede Record”, cujo vídeo está disponível em: <http://noticias.r7.com/videos/juiz-que-foi-baleado-por-policiais-tem-alta-e-diz-que-pode-processar-o-estado-do-rj/idmedia/d5a99256673ae45abd0996026d7d9818.html>, acessado em 14/10/2010

Na primeira edição do “RJTV”, o apresentador dá direito de resposta às afirmativas feitas pelo juiz no “Fantástico” de que os policiais deveriam ser mais bem treinados e afirma que, segundo a diretora da Acadepol, Fabíola Machado de Araújo, 840 horas de treinamento foram dadas aos policiais. Em seguida, entrevista o capitão reformado da PM Rodrigo Pimentel para que ele comente o caso. O capitão Pimentel analisa a posição dos policiais e a forma como eles agiram, afirmando que eles nunca poderiam ter atirado em um carro em fuga.

Além das quatro reportagens exibidas na televisão, o “G1” (com vídeo e informações do “RJTV” e em duas matérias)¹⁰³ e ¹⁰⁴, o site do “Jornal da Band” ¹⁰⁵ e os jornais “O Globo” ¹⁰⁶ e “O Dia” ¹⁰⁷ cobriram a coletiva. Os dois últimos destacaram em seus títulos o “não-perdão” do juiz aos policiais responsáveis pelo tiroteio. “O juiz afirmou não conseguir perdoar os policiais que estavam na blitz, a princípio por não conhecer a índole e a vida passada deles”, tenta justificar “O Globo”. Todos frisam ainda a aspa do juiz de que pretende processar o Estado.

Ainda nessa data e após a coletiva, o juiz Marcelo Alexandrino concede uma entrevista coletiva ao apresentador Ricardo Boechat, da rádio “BandNews RJ FM”, onde se diz “em estado de choque”. O apresentador ressalta o heroísmo do entrevistado e brada por “justiça”, visto que “inocentes foram alvejados de forma cruel”.

Dia 12/10/2010, terça-feira:

¹⁰³ Notícia retirada do portal “G1”: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/10/juiz-baleado-diz-que-pretende-entrar-com-medida-judicial-contra-o-estado.html>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 70, p. LXXIV.

¹⁰⁴ Notícia retirada do portal “G1”: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2010/10/juiz-baleado-em-blitz-no-rio-cogita-acao-contra-policia.html>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 71, p. LXXV.

¹⁰⁵ Notícia retirada do site do “Jornal da Band”, da “Rede Bandeirantes”: <http://www.band.com.br/jornaldaband/conteudo.asp?ID=371219>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 72, p. LXXVI.

¹⁰⁶ Notícia retirada do site do jornal “O Globo”: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2010/10/11/juiz-baleado-em-blitz-tem-alta-diz-que-nao-perdoa-policiais-que-atiraram-contra-seu-carro-922760844.asp>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 73, p. LXXVII.

¹⁰⁷ Notícia retirada do site do jornal “O Dia”: http://odia.terra.com.br/portal/rio/html/2010/10/juiz_baleado_em_blitz_com_a_familia_diz_que_nao_consegue_perdoar_policiais_116284.html, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 74, p. LXXVIII.

A coletiva do dia anterior repercute no telejornal matutino “Primeiro Jornal”¹⁰⁸, da “Band”. A matéria trata do anúncio feito pelo juiz de que pretende entrar com alguma ação contra o Estado. Em seguida, a reportagem atualiza o estado de saúde das crianças, dando conta da sua transferência para um hospital particular, e se encerra lembrando que os policiais estão presos desde a sexta-feira da semana anterior.

A única outra referência ao juiz Marcelo Alexandrino na data acontece por meio indireto, através de uma reportagem publicada no jornal “O Dia”¹⁰⁹ sobre as possíveis mudanças em blitz que a Polícia Civil poderia vir a fazer devido ao que ocorreu. A notícia descreve quais seriam as mudanças, como alteração na cor do uniforme ou na forma como o nome da corporação aparece escrito nas camisas. A reportagem ouviu o “diretor de polícia da capital”, Ronaldo Oliveira, que disse que as blitz da corporação são padronizadas e reforçou que, no episódio do juiz, o erro foi “do policial, não da corporação”. Por fim, a matéria volta aos acontecimentos anteriores, como a prisão dos policiais e o “trauma” da família.

Dia 13/10/2010, quarta-feira:

No dia 13 de outubro, apenas uma menção ao caso é feita pelos veículos de imprensa estudados. Trata-se de uma postagem no blog “Casos de Polícia e Segurança”, hospedado na página do jornal “Extra”¹¹⁰, que compara sob a categoria “Injustiça” a diferença de tratamento dado pela polícia às investigações dos casos Júlio César e Marcelo Alexandrino.

O texto, abertamente opinativo, sugere que a polícia agiu de forma mais rápida no segundo caso do que o primeiro devido ao status social do magistrado. Comparando ponto a ponto, indo das consequências de cada um dos episódios para as vítimas (“baleado e morto” e “sobreviveram”) à velocidade com que foram realizados os indiciamentos dos culpados, perícias e os exames de balística (“Até o relógio parece andar de outra maneira”), e passando ainda pelo comportamento das corporações em

¹⁰⁸ Notícia retirada do site do “Primeiro Jornal”, da “Rede Bandeirantes”:

<http://www.band.com.br/primeirojornal/conteudo.asp?ID=371333>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 75, p. LXXIX.

¹⁰⁹ Notícia retirada do site do jornal “O Dia”:

http://odia.terra.com.br/porta/rio/html/2010/10/policia_estuda_mudancas_em_blitzes_116463.html, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 76, p. LXXX.

¹¹⁰ Notícia retirada do site do jornal “Extra”:

<http://extra.globo.com/geral/casodepolicia/posts/2010/10/13/duas-vitimas-igualmente-inocentes-dois-tratamentos-diferentes-332245.asp>, acessada em 14/10/2010

relação às famílias dos envolvidos (“O chefe Allan Turnowski visitou o magistrado no hospital e deu entrevista coletiva à imprensa. Tudo em menos de três dias. A família de Julio César ainda aguarda um pedido de desculpas da PM.”).

Todo o levantamento deste comparativo partiu do próprio jornalista, que não encontrou nas autoridades competentes uma disposição para relacionar e comentar os casos em conjunto, nem levou em consideração que apesar de ambos os órgãos envolvidos nas ocorrências serem “polícia”, eles têm estruturas organizacionais diferentes e funções sociais diferentes que, em até certo nível, poderiam vir a justificar a diferença na forma como os casos foram levados. Não que o comportamento de um ou outro órgão possa ser considerado certo em detrimento de outro, mas as questões externas aos casos foram reduzidas e desconsideradas neste comparativo realizado pelo jornalista.

Um outro ponto de destaque no texto é a seleção de fotos dos envolvidos. Tanto o juiz Marcelo Alexandrino como o delegado Allan Turnowski são ilustrados com fotos oficiais, concedidas durante entrevistas coletivas. Júlio César, por sua vez, aparece em foto de arquivo pessoal, posada com o uniforme do local onde trabalhava, e sua mãe, Jane Coelho, aparece chorando, com expressão de dor pela perda do filho.

A mãe do jovem estudante, inclusive, apresenta outro ponto de destaque no texto. O repórter a utiliza para comprovar sua tese, selecionando aspas que vão de acordo com a linha de pensamento proposta: “Já vi um monte de autoridades falando na televisão no caso desse juiz. Para mim, ninguém está fazendo nada. Nem carta da polícia ou do Cabral, muito menos um”, teria dito Jane, de acordo com a reportagem.

Dia 14/10/2010, quinta-feira:

Das cinco matérias publicadas no dia, três (“O Dia”¹¹¹, “RJTV”¹¹² e “G1”¹¹³) falam sobre o depoimento prestado pelo juiz na data e a reconstituição do caso que a polícia pretendia fazer em alguns dias. As únicas informações novas são exatamente

¹¹¹ Notícia retirada do site do jornal “O Dia”:

http://odia.terra.com.br/portal/rio/html/2010/10/policia_fara_restituicao_de_bltz_em_que_juiz_ficou_ferido_117196.html, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 77, p. LXXXI.

¹¹² Notícia exibida no telejornal “RJTV”, da “Rede Globo”, cujo vídeo está disponível em:

<http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM1356595-7823-JUIZ+BALEADO+POR+POLICIAIS+PRESTA+DEPOIMENTO,00.html>, acessado em 14/10/2010

¹¹³ Notícia retirada do portal “G1”: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/10/policia-quer-fazer-restituicao-de-caso-de-juiz-baleado-em-bltz-no-rio.html>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 78, p. LXXXII.

essas: “o magistrado prestou depoimento à polícia. Foram ouvidas ainda sua mulher e sogra, que também estavam no carro”; e “A reconstituição da blitz (...) deverá ser feita na próxima semana”. Apesar disso, no entanto, as três matérias são relativamente longas e repassam mais uma vez o caso detalhadamente, revelando o que aconteceu com os policiais e atualizando as informações sobre o estado de saúde do juiz, seu filho e sua enteada.

“O Globo”¹¹⁴ dá voz ao sindicato dos policiais civis e publica uma matéria em que a classe reivindica a revisão do treinamento dos agentes de segurança. Apesar da ligação com o caso não ser direta em uma primeira leitura, a manchete está publicada sob a categoria “Juiz Baleado” no site do jornal. No corpo da matéria, há a explicação de que a reivindicação foi feita como forma de apoio aos policiais envolvidos no caso. O jornal publica trechos da nota emitida pelo sindicato, que afirma que “neste caso as responsabilidades devem ser divididas com seus superiores, que determinaram a operação para coibir a passagem de bondes.”

A mais relevante matéria do dia, no entanto, é a publicada pelo jornal “Extra”¹¹⁵, que promoveu o encontro entre o juiz Marcelo Alexandrino e a mãe de Júlio César Coelho, Jane Coelho. Sob a categoria “Justiça para todos”, a reportagem traz uma fotografia dos dois abraçados, de cabeça baixa. A matéria foi feita em frente ao Hospital da Lagoa, onde se encontravam internados o filho e a enteada de Marcelo. Ambos deram declarações emocionadas para o repórter, que, em ato falho, chegou a afirmar que a mulher de Marcelo, Sunny, não estava presente no momento do tiroteio. A esposa do magistrado também prestou depoimento, disse entender a dor de Jane tendo carregado a filha quase morta nos braços.

A matéria não apenas traz esse comparativo, mas como apresenta pela primeira vez uma declaração do chefe da Polícia Civil, Allan Turnowski, de que o caso de Marcelo merecia, sim, maiores atenções por se tratar de um juiz. Allan disse ainda desconhecer o caso de Júlio César, não sabendo se pronunciar também sobre qualquer “erro gritante” existente no episódio. Por fim, a matéria ouve Margarida Pressburger, presidente da OAB, sobre os incidentes. Ela diz que “são dois casos iguais de

¹¹⁴ Notícia retirada do site do jornal “O Globo”: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2010/10/14/sindicato-dos-policiais-civis-quer-que-treinamento-dos-agentes-de-seguranca-seja-revisto-922791206.asp>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 79, p. LXXXIII.

¹¹⁵ Notícia retirada do site do jornal “Extra”:

<http://extra.globo.com/geral/casodepolicia/posts/2010/10/14/juiz-baleado-mae-de-rapaz-morto-na-cidade-alta-se-solidarizam-332414.asp>, acessada em 14/10/2010. Cf. anexo 80, p. LXXXIV.

despreparo da polícia. Não interessa que um foi numa blitz no asfalto e o outro num confronto na favela. Dois inocentes foram vítimas”. O inquérito do caso de Júlio César está sendo acompanhado pela Ordem à pedido de Joelma Coelho, tia do falecido.

Dia 15/10/2010, sexta-feira:

Nesta data, apenas duas matérias são apresentadas, uma da “Band”, através do seu site “eBand” ¹¹⁶, e outra do jornal “Extra”, no blog “Casos de Polícia” ¹¹⁷. A matéria da Band é de alguma forma confusa, trazendo em sua manchete a notícia sobre a alta de Marcelo, ocorrida quatro dias atrás, para dentro do corpo da reportagem noticiar a alta do filho de Marcelo, não identificado com nome, na data presente. Ainda se reportou a iniciativa da mulher do juiz, Sunny Mariano, em arrecadar doações para o Hospital Cardoso Fontes que atendeu os membros da família em emergência.

O “Extra” traz em sua manchete um extrato de um depoimento do secretário de segurança pública do Rio de Janeiro, José Mariano Beltrame, repercutindo as declarações dadas no dia anterior pelo chefe da Polícia Civil, Allan Turnowski. Ele defende que não deve se privilegiar qualquer investigação devido ao status social de qualquer pessoa, argumentando que “todo cidadão paga imposto. As circunstâncias de cada caso é que podem ser diferentes. Muitas vezes não podemos fazer a perícia imediatamente, por que o local não permite, e há dificuldades até para encontrar testemunhas. Atender e dar uma resposta à sociedade é obrigação”.

No corpo da matéria, ainda temos informações sobre a realização de dois depoimentos para as investigações da Polícia. Priscila da Silva, que fora baleada na operação que vitimou Júlio César Coelho, prestou depoimento confirmando as versões de que o estudante seria inocente e de que teria sido levado ainda vivo pelo “Caveirão”. Marcelo Alexandrino, o principal personagem da operação que terminou por balear três inocentes, foi visitado em casa por dois policiais civis que colheram o seu depoimento para a investigação.

Dia 16/10/2010, sábado:

¹¹⁶ Notícia retirada do portal “eBand”: <http://www.band.com.br/jornalismo/cidades/conteudo.asp?ID=373164>, acessada em 04/11/2010

¹¹⁷ Notícia retirada do site do jornal “Extra”:

<http://extra.globo.com/geral/casodepolicia/posts/2010/10/15/beltrame-desautoriza-turnowski-crimes-devem-ter-tratamento-igual-332705.asp>, acessada em 04/11/2010. Cf. anexo 81, p. LXXXV.

Duas semanas após o episódio em que o juiz Marcelo Alexandrino, seu filho e sua enteada foram baleados ao tentarem fugir de uma blitz mal-sinalizada na estrada Grajaú-Jacarepaguá, o jornal “O Dia” ¹¹⁸ publica na íntegra, em sua coluna editorial “Opinião”, um texto escrito pelo juiz.

Ao levar o texto para a sua coluna de “Opinião”, o jornal, de certo modo, assina embaixo daquilo que o juiz escreveu. Isso significa dizer que, quando o magistrado critica a forma como a polícia age, o jornal está concordando com a afirmativa. Da mesma forma, o jornal parece acreditar na “força divina” que o juiz diz ser o amor, que o “conduziu, mesmo ferido, até o hospital, e mantém unidas milhares de pessoas”.

Cabe notar, ainda, que o jornal dá um espaço ao juiz Marcelo Alexandrino bastante incomum: não é todo dia que a coluna de opinião da publicação é escrita por um personagem de suas matérias.

Dia 17/10/2010, domingo:

Pela primeira vez em 15 dias, nenhuma notícia a respeito do caso foi publicada nos veículos pesquisados.

Dia 18/10/2010, segunda-feira:

As três notícias publicadas neste dia são relativas à atualização do estado de saúde das vítimas, principalmente do filho do juiz, Diego, de 11 anos. O menino, que já havia recebido alta do hospital onde estava internado há alguns dias, passou a fazer sessões de fisioterapia respiratória.

A matéria do “G1” ¹¹⁹, em seu *lead*, fala das dificuldades que a família do juiz tem passado na tentativa de voltar a ter uma “vida normal”. Na sequência, oferece informações precisas sobre o estado de saúde das crianças. Por fim, repete as informações sobre os policiais, sobre a intenção do juiz de processar o estado, e sobre a posição da Polícia Civil no caso, sem apresentar qualquer dado novo.

¹¹⁸ Artigo retirado do site do jornal “O Dia”:

http://odia.terra.com.br/porta/opinioa/html/2010/10/marcelo_alexandrino_santos_estado_de_bem_e_para_o_bem_117607.html, acessado em 04/11/2010. Cf. anexo 82, p. LXXXVI.

¹¹⁹ Notícia retirada do portal “G1”: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/10/apos-alta-filho-de-juiz-baleado-em-blitz-faz-fisioterapia-em-casa.html>, acessada em 04/11/2010. Cf. anexo 83, p. LXXXVII.

“O Dia”¹²⁰ e “O Globo”¹²¹ são mais sucintos, e limitam-se a revelar, em suas páginas, que o menino será submetido à fisioterapia e não poderá sair de casa por enquanto. A matéria do “O Dia” só tem um parágrafo.

Dia 19/10/2010, terça-feira:

Com a evolução no quadro de saúde do juiz e de seus filhos, a cobertura do caso Marcelo Alexandrino torna-se cada vez mais escassa. “O Dia”¹²² publica a única reportagem que menciona o caso nesta data.

A ligação entre a matéria de “O Dia” com o juiz, no entanto, é indireta. A reportagem do jornal cobria a cerimônia de posse dos novos assessores de cúpula da Polícia Civil com a presença do seu chefe, Allan Turnowski, e menciona o caso Marcelo Alexandrino como exemplo do que a corporação pretende evitar com as novas posses.

Dia 26/10/2010, terça-feira:

Depois de uma semana sem menções ao caso Marcelo Alexandrino pela imprensa, a rádio “BandNews FM” noticia no dia 26¹²³ a reconstituição do tiroteio, marcada para acontecer naquela data. A reportagem lembra que o juiz, seu filho e sua enteada foram baleados.

Ao longo da matéria, percebe-se uma notícia de prestação de serviço. As informações divulgadas na nota dão conta das alterações que serão feitas no trânsito para que a reconstituição possa ser feita. De acordo ainda com o texto, o juiz participaria da reconstituição ao “ataque”.

Dia 03/11/2010, quarta-feira:

¹²⁰ Notícia retirada do site do jornal “O Dia”:

http://odia.terra.com.br/portal/rio/html/2010/10/filho_de_juiz_baleado_por_policiais_civis_recebeu_alta_medica_e_faz_fisioterapia_118001.html, acessada em 04/11/2010. Cf. anexo 84, p. LXXXVIII.

¹²¹ Notícia retirada do site do jornal “O Globo”: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2010/10/18/filho-de-juiz-baleado-por-policiais-em-blitz-faz-sessoes-de-fisioterapia-respiratoria-922818822.asp>, acessada em 04/11/2010. Cf. anexo 85, p. LXXXIX.

¹²² Notícia retirada do site do jornal “O Dia”:

http://odia.terra.com.br/portal/rio/html/2010/10/turnowski_diz_que_fiscalizacao_a_maus_policiais_sera_i_mplacavel_118149.html, acessada em 04/11/2010. Cf. anexo 86, p. LC.

¹²³ Notícia veiculada na rádio “BandNews FM Rio” e reproduzida portal “eBand”:

<http://www.band.com.br/jornalismo/cidades/conteudo.asp?ID=377791>, acessada em 04/11/2010

Um mês e um dia após o caso, a imprensa ainda repercute os seus desdobramentos. Neste dia, uma reconstituição do crime seria realizada na estrada Grajaú-Jacarepaguá e contaria com a presença do juiz e de outras testemunhas. Essa reconstituição rendeu duas manchetes: uma do portal “G1”¹²⁴ e outra do telejornal local “RJ Record”¹²⁵.

A matéria do “G1” comunica hora e local onde seria realizada a reconstituição do crime, revela quais pessoas estarão presentes e, em seguida, repassa algumas informações do caso, como a data em que o juiz prestou depoimento, seu estado de saúde e o das duas crianças e lembra a prisão dos policiais. Em seguida, volta a mencionar as críticas que o juiz fez à Polícia Civil e a resposta dada pela corporação a essas críticas.

A matéria veiculada no telejornal local “RJ Record”, da emissora de televisão “Record”, por sua vez, apresenta uma repórter ao vivo, direto do local, dando as informações sobre essa reconstituição. A princípio, a cobertura da “Record” na data lembra uma prestação de serviço, dando conta da interdição da via onde a reconstituição será realizada, com trecho exato e hora. Após passar as novas informações e recapitular brevemente do que se trata o caso, no entanto, o âncora do telejornal convida o “comentarista de segurança” do canal, Paulo César Amêndola, para responder a algumas perguntas sobre o ocorrido. Em determinado momento, Amêndola se diz “triste” porque os policiais envolvidos são “oficiais de cartório” que, segundo ele, deviam apenas exercer funções administrativas. Depois, o especialista complementa dizendo que a polícia está “em falta com a população”, por não fornecer informações massivas sobre a forma como os cidadãos devem se portar ao passarem por uma blitz, e oferece algumas dicas de como se portar. Por último, o comentarista lamenta e admite que o caso só esteja tendo uma grande repercussão porque a vítima é um magistrado e que seria diferente caso o baleado tivesse sido um cidadão comum.

A terceira e última menção ao caso Marcelo Alexandrino nessa data é talvez a mais inusitada de todas até o momento. O juiz e sua família são tema de uma matéria do programa “Mais Você”¹²⁶, comandado pela apresentadora Ana Maria Braga, e reconhecido popularmente como um programa “de culinária” ou “feminino”.

¹²⁴ Notícia retirada do portal “G1”: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/11/juiz-baleado-em-blitz-vai-participar-da-reconstituicao-do-crime-no-rio.html>, acessada em 04/11/2010. Cf. anexo 87, p. LCI.

¹²⁵ Notícia exibida no telejornal “RJ Record”, da “Rede Record”, cujo vídeo está disponível em: <http://videos.r7.com/policia-faz-reconstituicao-do-caso-de-juiz-baleado-no-rio/idmedia/7397454eee30e676a3174c7e9ada4d4b.html>, acessado em 04/11/2010

Ana Maria Braga abre o programa comentando com os telespectadores, em tom de surpresa: “Vocês não têm idéia que, numa manhã bonita como essa, gente como eu e como você não consegue sair de casa, não consegue sair da cama, tem medo de dirigir o carro e não é aquela doença, a síndrome do pânico?”. Em seguida, a apresentadora dá sua explicação para o fato, oferecendo os detalhes de um tipo de estresse chamado “estresse pós-traumático”, que segundo a própria, atinge 25% da população em cidades grandes como São Paulo e Rio de Janeiro por causa “da violência que se instaurou na nossa sociedade em geral”. Ana Maria Braga diz que encontrou vítimas desse tipo de estresse em vários locais do Brasil e afirma que esse é “um alerta para todos nós”.

O VT apresenta diversos casos diferentes de pessoas que se dizem traumatizadas: uma mãe que descobriu que o marido abusava sexualmente do filho de três anos; um senhor que foi vítima de um seqüestro relâmpago em São Paulo; uma mulher que teve seu carro levado por uma enchente, no interior de São Paulo; e três sobreviventes do naufrágio da embarcação Bateau Mouche, no réveillon de 1988, no Rio de Janeiro. Ao final do vídeo, a apresentadora reforça que “qualquer um de nós pode ser vítima de um trauma desses”, sob “gestos” de aprovação do personagem Louro José. Ana Maria pontua que, em alguns casos, a chance de estresse pode ser maior, oferecendo os índices para assaltos à mão armada (41%), homicídio de alguém próximo (15%) e abuso sexual (13,7%).

Todo esse discurso, que durou pouco mais de nove minutos, serviu de justificativa para que Ana Maria Braga apresentasse o caso do juiz Marcelo Alexandrino, definido por ela como “o drama que o Brasil acompanhou”. A apresentadora chama, em seguida, um VT que pretende mostrar “o estado da família hoje”.

Com uma trilha sonora melancólica ao fundo, o VT começa mostrando imagens do carro do juiz batido contra o muro do hospital Cardoso Fontes. Em seguida, o juiz aparece em sua casa, ao lado de sua esposa, enteada e filhos. Na primeira aspa selecionada pela edição, o magistrado refere-se ao ocorrido como “monstros e fantasmas que o perseguem o tempo inteiro”. Uma nova imagem do carro, agora exibindo uma perfuração de bala, serve como imagem de transição para o depoimento

¹²⁶ Matéria exibida no programa “Mais Você”, da “Rede Globo”, cujo vídeo está disponível em: <http://video.globo.com/Videos/Player/Entretenimento/0,,GIM1367832-7822-MAIS+VOCE+RECEBE+JUIZ+MARCELO+ALEXANDRINO+E+FAMILIA+BALEADOS+EM+BLITZ+NO+RIO,00.html>, acessado em 04/11/2010

da esposa de Marcelo, Sunny, que diz recordar de tudo o que aconteceu diariamente antes de dormir. “Por mais que eu queira não lembrar, é inevitável”, diz a mulher.

Uma voz em off, que conta aos telespectadores como aconteceu o episódio, é complementada por depoimentos de Sunny e efeitos de sonoplastia que reproduziam um tiroteio e os barulhos de pneus de carro freando. De volta a Marcelo, o juiz diz que não consegue esquecer os tiros, o momento em que se deu conta de que tinha sido baleado e de que seu filho também havia sido. Fotografias de arquivo pessoal das crianças eram exibidas para ilustrar a matéria, enquanto o juiz falava do seu esforço para conseguir dirigir até o hospital. A trilha sonora triste ambienta a angústia do depoimento de Marcelo, e se torna mais densa quando o juiz se emociona ao lembrar-se do trabalho dos médicos em reanimar seu filho. A reação de Marcelo soa heróica. Sunny também vai às lágrimas ao revelar à reportagem que sua filha havia pedido à avó que “não a deixasse morrer”. Sob trilha novamente densa e triste, a repórter avisa que “Sunny pára a entrevista por alguns minutos” após ter se emocionado.

O tom triste que a matéria vinha mostrando até então é trocado por um mais otimista ao falar do futuro: a trilha, nesse momento, passa a ter nuances mais alegres e sob narração da repórter, as imagens exibidas são dos filhos do casal, sorridentes. A repórter questiona se a vida da família será diferente daquele momento em diante e o juiz confirma que “já está sendo diferente”.

A reportagem, então, fala dos “traumas” que o episódio levou à família, abrindo espaço para que o filho mais velho de Marcelo, Marcos, que sequer estava no carro no dia do ocorrido, desse seu depoimento: “Eu penso nisso a todo momento praticamente”, diz o jovem, que complementa com voz ligeiramente trêmula: “Meu mundo caiu”.

Sob fotos de arquivo da família, o tom da matéria muda novamente. A repórter comenta que a família ilustrada pelas fotografias vai procurar tratamento psicológico. “Acredito que o resultado seja daqui a médio ou a longo prazo, porque realmente foi um filme de terror o pavor que a gente passou”, diz Sunny. Marcelo ressalta que o episódio mudou a forma com que eles encararão a vida. “Você valoriza mais a vida pelo fato de estar vivo”, diz o juiz. “Aconteceu, mas eu fui abençoada. Foi o melhor presente da minha vida ter todo mundo de volta à minha casa”, complementa a esposa. O VT de cerca de cinco minutos se encerra com uma imagem da menina Natália sorrindo.

De volta ao estúdio, Ana Maria Braga refere-se aos personagens da matéria como “família feliz e bonita” e “pessoas corajosas”. A apresentadora mostra desenhos feitos pelas duas crianças, ilustrando a si e ao personagem Louro José, e em seguida os

chama ao estúdio em tom informal e relativa intimidade, como se fossem velhos conhecidos dela e do público.

Ana Maria começa a entrevista perguntando como eles se sentiram assistindo à matéria gravada. Sunny revela ter chorado de emoção. Depois, a apresentadora questiona como ela, enquanto “esposa e mulher”, se sentiu quando se deu conta do que tinha acontecido com a filha e com o marido. “É pior do que filme de terror. Por pior que você possa imaginar, não chega perto do que eu senti ou do que eu passei”, responde Sunny.

Em determinado momento da conversa, Ana Maria Braga lembra que o irmão, mesmo não estando presente na hora do crime, também sofreu. “Eu não estava lá fisicamente, mas a minha alma estava, parece que ficou um pedaço lá”, diz o jovem, que ainda revela que sair de casa, depois do que aconteceu, “tem sido um problema”.

Em uma pergunta dirigida ao juiz trabalhista, a apresentadora mostra desconhecimento sobre o entrevistado e comete uma gafe ao dizer que ele “julga casos de diversas áreas”. Ana Maria quer saber o que mudou na forma como Marcelo Alexandrino lida com a sua profissão. O magistrado revela que, apesar de ainda não ter voltado ao trabalho por falta de condições emocionais, se preocupa muito com as “questões dos direitos humanos”. Marcelo queixa-se ainda do fato de que nenhum órgão público ou organização não-governamental tenha procurado por ele ou pela família para pedir algum tipo de colaboração sobre formas preventivas de combate ao crime. Por fim, agradece “a Deus” por não fazer parte das “estatísticas de mortos por violência”.

Dados sobre as investigações são lidos pela apresentadora como forma introdutória à próxima pergunta direcionada ao juiz (uma “pessoa que trabalha com a lei”, nas palavras de Ana Maria), sobre qual o caminho ideal para punir os culpados. O juiz trabalhista lembra que dois envolvidos já estão presos temporariamente e responde que acredita que as investigações estejam evoluindo bem, o que, “de certa forma, o conforta”.

O rumo da conversa é alterado e volta a ser o estresse pós-traumático, que a apresentadora havia mencionado logo no início do programa. O Dr. Eduardo Ferreira Santos, psiquiatra, é chamado de São Paulo, para participar da entrevista. O destaque inicial dado pelo médico é de que ninguém do poder público voltado para a vítima teria procurado Marcelo, pois “as vítimas acabam sobrando. Não há ninguém que se preocupe com elas. Elas têm que se virar sozinhas.” Um VT com os sintomas clássicos do trauma é exibido, trazendo dentro dessa gama, alguns sintomas comuns a diversos

outros problemas de saúde, como a insônia e a ansiedade. Depois de responder a questões, o psiquiatra fecha sua participação com uma mensagem para a “galera dos Direitos Humanos”: “direitos humanos para humanos direitos”, sob a aprovação da apresentadora do programa. Ela depois continuou entrevistando a família, perguntando sobre a rotina pós-acidente, para depois encerrar a atração convidando a todos por um passeio pelos estúdios da “TV Globo”.

Dia 04/11/2010, quinta-feira:

No último dia de pesquisa, foram encontrados nove registros para os termos de procura, sendo que as duas matérias encontradas no jornal “Extra” são apenas reproduções fiéis do publicado no “O Globo”. Ao todo, foram duas notícias do canal TV “Record”¹²⁷ e ¹²⁸, uma da emissora “Band”¹²⁹, uma do jornal “O Dia”¹³⁰, duas d’“O Globo”¹³¹ e ¹³² e duas do “Extra”, que tiveram como principal assunto a reconstituição do crime ocorrida na noite anterior, colhendo informações dos presentes, tendo todas, sem exceções, colhido informações de, entre eles, Marcelo Alexandrino.

4.2. A desconstrução do discurso

Depois de levantar o produzido na mídia sobre os dois casos, o estudo se propõe a fazer uma análise desse discurso, procurando encontrar padrões e uniformizações que

¹²⁷ Notícia exibida no telejornal “RJ no Ar”, da “Rede Record”, cujo vídeo está disponível em: <http://videos.r7.com/juiz-baleado-em-blitz-no-rio-de-janeiro-participa-de-reconstituicao/idmedia/2d9b02e7d661bf7e77f7be0b0ca58ac7f-1.html>, acessado em 04/11/2010

¹²⁸ Notícia exibida no telejornal “Balanço Geral”, da “Rede Record”, cujo vídeo está disponível em: <http://videos.r7.com/veja-a-reconstituicao-da-blitz-policial-que-baleou-juiz-e-duas-criancas-no-rio/idmedia/ff19edc628182100cb81a865b02a863c.html>, acessado em 04/11/2010

¹²⁹ Notícia retirada do site da rádio “Band News FM”: <http://bandnewstv.band.com.br/conteudo.asp?ID=381879>, acessada em 04/11/2010

¹³⁰ Notícia retirada do site do jornal “O Dia”: http://odia.terra.com.br/portal/rio/html/2010/11/termina_reconstituicao_de_blitz_em_que_juiz_foi_baleado_em_jacarepagua_121908.html, acessada em 04/11/2010. Cf. anexo 88, p. LCII.

¹³¹ Notícia retirada do site do jornal “O Globo”: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2010/11/03/peritos-fazem-reconstituicao-da-blitz-em-que-juiz-foi-baleado-922942692.asp>, acessada em 04/11/2010. Cf. anexo 88, p. LCIII.

¹³² Notícia retirada do site do jornal “O Globo”: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2010/11/04/laudo-da-reconstituicao-da-blitz-em-que-juiz-foi-baleado-fica-pronto-em-dez-dias-922943086.asp>, acessada em 04/11/2010. Cf. anexo 90, p. LCIV.

nos possibilitem uma visão teleológica do caso. Para alcançar esse objetivo, é necessário refazer os passos que o jornalista tomou para criar as matérias. Será realizada então, a desconstrução do discurso, uma procura pelas intenções do autor desvendando os caminhos tomados que vieram a resultar nessa cobertura. Dentro dessa análise espera-se não apenas contestar a existência de uma imparcialidade pretendida, mas também compreender os efeitos de uma possível diferença. Não é, de qualquer forma, uma destruição do discurso, um ataque ao jornalismo, mas uma tentativa de refazer os passos tomados para assim entender o que estava se pretendendo no processo.

Dentro do jornalismo, e no caso específico, do noticiário de crime, se preza por ideais de imparcialidade e objetividade que assim são declarados. Diante do exposto anteriormente a este capítulo, com relação aos tipos de vícios que a prática jornalística carrega, deve-se observar que esta tarefa não se revela fácil. É dever então procurar analisar caso esses objetivos declarados foram encontrados, se foi encontrado sucesso naquilo que foi proposto.

Dentro da obra de Austin, entendeu-se que o estudo de um ato de fala compreendia a procura pelos fatos *a priori*, as expectativas do autor em relação ao seu interlocutor para se fazer entender. Essas expectativas podem nem sempre ser direcionadas para um entendimento direto, objetivo. Muitas vezes quando se quer comunicar algo, não se precisa fazer isso de maneira reta, mas sinuosa, para justamente insinuar aquilo que se quer dizer. Deve-se entender então que nem sempre aquilo que se quer dizer se encontra explícito, mas é justamente da leitura das linhas de argumentação que se procurará entender aquilo que de fato é proposto. É em verdade da natureza do discurso pragmático, do discurso no concreto, que ele se utilize de elipses.

Deve procurar então um macro ato de fala, aquilo que o jornalista procurou dizer no texto como um todo, aquilo que ele esperava do ouvinte quando produziu o discurso, não apenas de cada ato de fala no singular, a cada sentença. Em teoria, ao analisarmos, deveríamos sempre observar que os objetivos eram de informar o ouvinte sem a interferência de opiniões pessoais. A comparação do apresentado no ponto anterior com esses parâmetros de imparcialidade deverão mostrar se esse objetivo foi bem-sucedido.

Falta então eleger parâmetros de imparcialidade, na tentativa de observar e tentar desvendar os reais motivos que geraram as coberturas. H.P.Grice (1982) propôs dentro de sua teoria, máximas conversacionais que deveriam guiar o discurso ideal. Este trabalho adotará estes princípios que são resumidos em 9 tópicos que guiam a melhor comunicação. São estes, primeiro quanto a qualidade do conteúdo: não dizer aquilo que

se acredita falso e não falar sobre aquilo que lhe falta informação. Secundariamente, quanto à quantidade: Fazer a sua contribuição quão informativa for necessário for para as propostas e não informar mais que o necessário. Em seguida, temos os parâmetros de relação que se resumem na tentativa máxima de ser relevante. Por final, temos os pontos quanto à forma: evitar obscuridade, evitar ambigüidade, procurar ser breve e procurar ser ordenado.

Segundo Grice, para obtermos sucesso numa conversação dependemos necessariamente da cooperação entre falantes e ouvintes, sendo impossível comunicar algo sem a colaboração mútua. Considerando que todos têm objetivos ao tentar comunicar algo, objetivos estes tanto declarados, quanto pretendidos, procuramos então a satisfação dessas nossas metas, procuramos encontrar maneiras de fazer com que o outro receba a mensagem que desejamos passar. Para isso, devemos compartilhar de “*background assumptions*”, que serão mais do que pressuposições conjuntas, mas verdadeiras aceções, pois cada um de nós aprenderá as “regras do jogo” sozinho e naturalmente, formando a sua própria idéia subjetiva de como é a maneira correta de se comunicar algo. Assim, imagine que para certas pessoas, alguns atos são tidos como rudes, como por exemplo comer à mesa sem camisa, mas para outros é normal e parte do cotidiano.

O que comunicamos nem sempre se dá de maneira direta. Muitas vezes precisamos dizer coisas indiretamente, ou fazemos assim por costume, e assim, trabalhamos com ambigüidades e idéias implícitas. Assim Grice chega a propor uma sistematização de máximas para o melhor comunicar, sem os problemas de interpretação. Essas máximas serão o apoio que este estudo terá para tentar encontrar a imparcialidade pretendida pelo discurso jornalístico. Nelas teremos um parâmetro para espelhar o discurso.

Como metodologia dessa comparação entre as coberturas dos casos Júlio César e Marcelo Alexandrino e a fim de explicitar a diferença de tratamento dado pela mídia a dois crimes relativamente semelhantes, serão utilizados os critérios a seguir: quantidade e tipos de matérias, repercussão, fontes envolvidas, qualidade das informações divulgadas e o vocabulário empregado.

De maneira objetiva, pode-se dizer que, nos dois casos, um crime ocorreu em função de um erro do Estado, representado na força policial. Essa é, inclusive, a premissa que legitima a escolha dos episódios dissecados na seção anterior deste trabalho e que serão comparados a partir de agora: embora envolvam forças policiais,

locais de ocorrência e desdobramentos distintos, Marcelo Alexandrino da Costa Santos e Júlio César de Menezes Coelho estão próximos enquanto vítimas de um fracasso do estado. Os dois foram confundidos com bandidos e, por este motivo, foram alvejados pela Polícia.

De acordo com os números levantados por essa pesquisa, no entanto, apesar dessa clara proximidade entre os dois no que diz respeito ao “O quê?”, do *lead*, o juiz do trabalho Marcelo Alexandrino pareceu ser bem mais relevante para a imprensa do que o atendente de lanchonete Júlio César: enquanto o primeiro somou 99 aparições nos veículos pesquisados entre os dias 18 de setembro e 04 de novembro de 2010, o segundo foi citado apenas 31 vezes, menos de um terço do volume total de referências ao juiz.

Das 99 notícias envolvendo o nome do magistrado, foram 12 da rede “Bandeirantes”, através de seu sistema de televisão, rádio e portal de internet; 62 das organizações “Globo”, através dos jornais “Extra” (14) e “O Globo” (22), da emissora de televisão “Globo” (9) e do portal de internet “G1” (17); 16 do jornal “O Dia”; e 9 da emissora de televisão “Record”. Júlio César, por sua vez, foi mencionado apenas 2 vezes na rede “Bandeirantes”; 21 nas organizações “Globo”, através dos jornais “Extra” (12) e “O Globo” (2), da emissora de televisão “Globo” (2) e do portal de internet “G1” (5); 7 no jornal “O Dia”; e uma única vez no portal “R7”, do mesmo grupo que a emissora de televisão “Record”.

Se comparados em relação ao tempo de exposição na televisão, Marcelo se sobressai a Júlio novamente: ao todo, foram cerca de 105 minutos de matérias sobre o caso do juiz nas emissoras de televisão “Record”, “Globo” e “Band”, dos quais 64 minutos foram de programação nacional e 41 minutos de programação regional; contra apenas 3 minutos dedicados ao caso Júlio César, com matérias veiculadas em uma única emissora, a rede “Globo”, e apenas no “RJTV”, o programa jornalístico local.

Vale destacar ainda que apenas Marcelo Alexandrino teve seu caso repercutido em programas de entretenimento, como o “Fantástico” e o “Mais Você”, da Rede “Globo”, e o “Domingo Espetacular”, da “Record”. O tom de informalidade das atrações de variedades irá contra a imparcialidade que esperava ver no jornalismo de crime. Isso enfraquece a objetividade pretendida e causa confusão ao telespectador, que ao mesmo tempo que se aproxima da experiência relatada pelo contexto que a matéria é inserida, recebe o tema como sendo parte do cotidiano, mais uma variedade como culinária, vida das celebridades e etc.

Outro ponto de análise é quanto a variedade de informações oferecidas entre o primeiro e o segundo caso. Visto que a extensão da cobertura do caso do juiz foi maior e com consulta a um maior número de fontes, como demonstrado acima, o caso do magistrado também é aquele que oferece maior riqueza de detalhes sobre o avanço das investigações (com acompanhamento das perícias e da reconstituição do crime), o estado de saúde das vítimas (dos procedimentos iniciais ao pós-operatório e alta médica, passando por aspectos psicológicos pós-traumáticos) e alterações na rotina dos envolvidos, tanto na parte da família quanto na dos policiais.

Já no que se refere ao episódio que culminou na morte de Júlio César, as informações são bem mais imprecisas: o resultado da perícia nunca foi digno de nota ou matéria; não existiu qualquer referência a uma reconstituição do crime em nenhuma das reportagens; uma única matéria deu conta do estado de saúde da vítima sobrevivente, a jovem Priscila da Silva Monteiro, que havia sido baleada no pé; e, à exceção de um encontro promovido pelo jornal “Extra” entre Marcelo Alexandrino e a mãe do estudante, Jane Coelho, que revelou tristeza pelo rapaz morto e dificuldade de voltar ao trabalho depois do que aconteceu, nenhuma outra matéria deu conta do estado psicológico dessa mulher com tamanha riqueza de detalhes. Uma das poucas menções ao lado emocional da mãe Júlio César, portanto, deu-se utilizando o juiz como “gancho”, como se diz em linguajar jornalístico.

Ainda em análise a repercussão, não apenas a Polícia Civil foi mais célere que a Polícia Militar no inquérito dos casos, como a imprensa foi mais veloz para noticiar o caso de Marcelo, os dois incidentes tendo acontecido em noites de sábado, o de Júlio ganhando espaço na imprensa apenas na manhã seguinte e o do juiz sendo noticiado ainda na noite do crime.

Um próximo ponto a ser analisado é a escolha das fontes que foram ouvidas em ambos os casos e qual importância e destaque é dado a essas opiniões. A fonte inicial das coberturas foi, por excelência, as autoridades policiais envolvidas, que em ambos os casos encobertaram suas falhas e preferiram justificar suas ações fantasiando a situação com “bandidos” e “traficantes”, mentindo sobre a identidade de Júlio e criando disparos contra a blitz. A de Marcelo tinha também informações da assessoria de imprensa da Ministério da Saúde, dando a situação do estado de saúde dos feridos, em contraste com a obscuridade da situação de Priscila, ferida na operação que vitimou o estudante.

Enquanto a cobertura do caso Marcelo já havia procurado outras fontes e estudava a possibilidade de que a versão oficial não é fiel aos fatos já no dia seguinte ao

episódio, a cobertura do caso Júlio apenas faz isso na segunda-feira, dois dias após o ocorrido, e também devido a manifestação de parentes e amigos em uma entrada da Avenida Brasil, como observado em matéria da “Record” em que o *lead* é claramente os impactos do fechamento da via, e não o protesto, dando a idéia de que se estava muito mais atrapalhando o cotidiano dos outros, do que reivindicando seus direitos devidos.

Além da família, foram escutadas durante a cobertura da blitz de Jacarepaguá, a Associação dos Magistrados da Justiça do Trabalho da 1ª Região, o chefe da Polícia Civil, coronéis e capitães reformados da Polícia Militar, outros juizes do trabalho, o presidente do TRT-RJ, a diretora da Acadepol, o presidente da OAB, um psiquiatra do Hospital das Clínicas de São Paulo, além de comentaristas de segurança. Enquanto isso, a cobertura do incidente da Cidade Alta contou com o depoimento de familiares de Júlio, uma mulher não qualificada por nada além do nome e do governador do Estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, que estava em campanha eleitoral.

Ainda assim, a voz mais forte dentro das duas coberturas foi a do juiz do trabalho Marcelo Alexandrino que teve o maior espaço de todos, tendo sua palavra amplamente divulgada, sem qualquer tipo de contestação. Ele teve uma carta sua divulgada na íntegra em diversos veículos, entrevistas exclusivas enquanto ainda internado e chegou até a assinar a coluna “Opinião” do jornal “O Dia”, em uma demonstração da publicação de que as palavras do juiz eram as suas também. Por razões óbvias, Júlio César não teve a mesma oportunidade de dar seu testemunho sobre o caso, mas, em seu episódio, nem as amigas do jovem, testemunhas presenciais do crime, foram ouvidas com tanta atenção quanto o juiz ou sua esposa e demais membros da família foram.

No que diz respeito ao “outro lado”, o dos policiais acusados, o caso do juiz do trabalho Marcelo Alexandrino oferece depoimentos emocionados dos inspetores responsáveis pelos tiros, apresentados como inexperientes e até arrependidos pelo feito na reportagem exibida pelo “Fantástico”. Por sua vez, os policiais militares envolvidos na ação realizada na Cidade Alta não aparecem como fonte em nenhuma matéria e, embora não esteja claro em nenhum lugar se isso ocorre por recusa dos agentes ou simplesmente pela não-procura da imprensa por eles, a segunda opção soa mais crível se for levado em consideração que a primeira não foi mencionada em nenhuma das reportagens pesquisadas.

Uma outra particularidade presente nas notícias sobre os casos é o excesso de imprecisões e a construção de estereótipos. Júlio César, por ser favelado e pobre, logo

foi caracterizado como bandido, tendo inclusive passado pelo constrangimento de ter um contracheque divulgado para provar emprego fixo, nada que tenha impedido de que pelo menos por duas vezes seu trabalho fosse objeto de confusão. Nas reportagens relativas ao caso Marcelo Alexandrino, as imprecisões foram utilizadas para causar impacto, e em geral, estavam vinculadas às idéias de insegurança, tal qual observado em frases como: “Hoje em dia eu tenho pavor”, dita por uma mulher sem qualquer identificação e sem especificar do que ela sente medo, e “homem que tem medo de mostrar o rosto”, fazendo parecer que o medo não está em se identificar na televisão, mas em geral.

O próprio juiz Marcelo Alexandrino ajuda a perpetuar os estereótipos e a dicotomia entre bandido e polícia quando diz que “a função do bandido é fazer o mal e a da polícia é proteger”. Consonante a isso, o psiquiatra Dr. Eduardo Ferreira Santos, convidado do programa “Mais Você”, encerrou sua participação com o jargão “direitos humanos para humanos direitos”, como se houvessem humanos melhores e mais merecedores de direitos do que outros.

A escolha do vocabulário utilizado nas duas coberturas também apresenta diferenças gritantes que merecem ser discutidas neste trabalho. Enquanto Júlio César foi, inicialmente, pré-julgado e tido apenas como um “traficante” ou “bandido”, mesmo que não houvesse qualquer prova concreta de que ele havia cometido qualquer tipo de crime, Marcelo Alexandrino foi apresentado desde o princípio como uma pessoa com profissão, um “juiz”. Ainda em contraponto ao “bandido”, que em tantas matérias qualificou o jovem estudante e atendente de lanchonete antes da revelação de sua identidade, pode-se falar da utilização das palavras “família” e “inocentes”, e da expressão “casal de bem e suas crianças” para qualificar o magistrado, esposa, filho e enteada.

As palavras “terror”, “medo” e “insegurança”, e expressões como “guerra urbana” e “vítimas da violência”, corriqueiramente encontradas nos registros relacionados ao caso do magistrado, não aparecem em qualquer momento durante a cobertura do caso Júlio César. “O Globo” chega a relacionar uma das reportagens sobre o caso da Cidade Alta sob uma categoria chamada “conjuntura”, reduzindo, dessa forma, a morte do rapaz a efeito colateral de um interesse maior justificado e necessário (o “combate aos bondes”), como se o sofrimento de Júlio César não pudesse ser evitado.

Analisando o exposto diante das máximas conversacionais de Grice, observamos diversas violações, e quanto a diversas espécies de pontos. O conceito do que é

relevante foi flexibilizado, aquilo que aparentava ser informativo para um caso, não apareceu no outro, houveram imprecisões e falta de clareza. É difícil assim defender a tese da objetividade e imparcialidade. As máximas de Grice não são conhecidas por todos, e o desrespeito de um ou outro ponto é, de fato, tolerável. Porém, o que se observa é que estas sequer foram almejadas, mesmo se baseando em grande parte de puro senso comum.

O macro ato de fala, que deveria ser o de informar o ouvinte, aponta para outra direção. As diferenças nos tratamentos procuram direcionar o pensamento daquele que lê, dando maior valor para um dos lados. As consequências provenientes dos vícios observados são o último ponto do estudo, antecipando os danos que poderão advir da imprudência proveniente do discurso.

5. Efeitos Colaterais: Os reflexos da cobertura de crime na sociedade carioca

Visto o estudo de caso e a explicitação da diferença entre os tratamentos dados às coberturas escolhidas por esse estudo, tem-se vivo e claro os vícios estudados como causas de uma falsa impressão de imparcialidade. Essa disparidade nos tratamentos mostra um direcionamento do discurso que terá grande impacto naqueles sob sua influência. Neste capítulo, o estudo pretende mostrar como os consumidores de informação irão captar essa mensagem e quais os possíveis efeitos práticos que isso causará.

Ainda no quadro proposto de Austin, em sua teoria dos atos de fala, o capítulo destrinchará os fatos *a posteriori*, aqueles que tratam da interpretação dada pelo ouvinte àquilo dito pelo falante. A partir daqui também se procurará entender se o discurso é bem-sucedido nos objetivos ou não, entendendo já que ele não existe apenas com intuito de informar o interlocutor, pois evidenciou-se uma flagrante distância entre vocabulários, informações, tons de argumentação, que indicariam outro intuito do emissor. Ferindo as máximas propostas por Grice, a mídia não se mostra preocupada com imparcialidades, humanizando a imagem de Marcelo e dando pouco valor ao sofrimento de Júlio César.

Enxergando isso diante do apresentado como os vícios de vontade e vícios formais, passa-se a entender que existe um direcionamento desse discurso para a classe média, que passará a se identificar no discurso e se aproximará para fazer parte do sofrimento transmitido pela imprensa. A partir dessa perspectiva, o cotidiano da sociedade se modificará e trará conseqüências que culminarão com uma retro-alimentação do discurso.

5.1. O surgimento de vítimas virtuais

Dentro da leitura feita do discurso, observou-se a grande diferença entre as coberturas de cada um dos casos. Esta disparidade demonstrou que os objetivos declarados de imparcialidade e objetividade da mídia não foram alcançados, tendo inclusive aberto a possibilidade de existir interesses além de simplesmente informar. O vocabulário empregado, as importâncias dadas para cada situação e outros aspectos nos

indicam que existe interesse além de comunicar notícias. Foi observado que no caso Marcelo Alexandrino, as matérias procuravam aproximar o leitor do acontecido através de descrições vivas do medo experimentado e da repetição constante para reforçar a existência de um risco e a gravidade de um perigo. Porém, as reportagens do caso Júlio César nada continham com esse teor, dando pouco valor a estes aspectos em geral, minimizando o sofrimento envolvido.

Para melhor compreender esta disparidade, Vaz inicia seu estudo separando tipos diferentes de sofrimento que, segundo ele, trariam maior ou menor atenção da mídia, e trariam maior ou menor simpatia do público. O sofrimento de melhor relevância seria o sofrimento injustificável, aquele que nasce de algum erro, de algo evitável. É simples observar que os dois casos estudados no capítulo anterior trazem em si grande carga deste tipo de sofrimento, sendo ambos oriundos de má conduta de policiais que acabou por vitimar duas pessoas.

Se o acontecimento é tido como necessário, por mais sofrimento que tenha provocado, os indivíduos suportam e seguem com a vida. Se a sua origem é humana, mesmo o que antes seria visto como mero incômodo torna-se ocasião para os indivíduos se conceberem como vítimas e ventilarem sua indignação. (VAZ, 2006: 4)

É a partir do sofrimento evitável que encontraremos a situação indicada por Vaz, de trazer ao imaginário do receptor a idéia de que esta injustiça poderia ter acontecido com qualquer um de nós. Quando se caracteriza a família de Marcelo como “casal de bem”, “família feliz e bonita”, “pessoas corajosas” ou “inocentes [...] alvejados de forma cruel” se cria um vínculo de empatia entre os personagens e o leitor que passa a compartilhar o laço de dor. O próprio sofrimento é descrito como “aterrador”, “nada de pior”, “pior que um filme de terror” e “monstros e fantasmas que o perseguem o tempo inteiro”. São exatamente os sinais de uma mensagem de “qualquer um de nós pode ser vítima de um trauma desses”.

As imagens formadas para tornar o risco o mais real e perceptível possível auxiliam na inserção do leitor dentro da história. Esse recurso natural da escrita, auxilia na compreensão do assunto, envolve o leitor para que este se sinta interessado naquilo que está sendo dito. Entende-se que o texto não teria apenas a intenção de informar, mas de prender a expectativa do interlocutor através da identificação com o medo. O risco é comum a todos, mas o medo é que faz o perigo envolvido parecer mais vivo do que é em realidade. Altheide, ao analisar o caso americano, diz:

A realidade “objetiva” da maioria dos cidadãos é de que eles estão mais seguros, mais saudáveis, vivendo por mais tempo e em segurança dentro de seus ambientes, que virtualmente, qualquer população na História, porém existe uma percepção pública geral de que risco e perigo estão em todo lugar, de que não estamos seguros, e de que o futuro é incerto. (ALTHEIDE, 2002: 42) ¹³³

Enquanto pesquisas apontam que “95% das mortes por arma de fogo em São Paulo são provocadas por rixa entre vizinhos, vingança, acidentes domésticos, crimes passionais e brigas de rua e 5% são casos de assaltos seguidos de morte” (LISSOVSKY & VAZ, 2007: 13), o que reduz a idéia do risco, o discurso estabelece no medo a necessidade do leitor por maiores informações.

Esse medo terá mais do que a simples consequência de aumentar o consumo de notícias, ele formará vítimas virtuais, na terminologia adotada por Vaz.

O termo virtual indica que o conceito inclui todo e qualquer indivíduo que, a partir de notícias sobre o sofrimento de estranhos, concebe suas rotinas de trabalho e lazer como perpassadas pela possibilidade de vitimização. (VAZ, 2009: 53)

Estas protestarão e se mobilizarão tal como se o sofrimento fosse delas. “A tendência de quem consome tal notícia é pensar que também poderia ter sido a vítima e que foi só por alguma decisão banal que não se tornou alvo do criminoso.” (VAZ, 2007: 3)

Uma vez associadas através do medo, as pessoas passam a procurar culpados para o sofrimento evitável, sendo o primeiro eleito, o Estado, por ser encarregado de proteger a todos. O que ocorre é uma inversão lógica na procura da saída, pois não irá se cobrar as condições sociais apropriadas, mas irá se cobrar a coibição dos atos criminosos, não enxergando o que geram eles.

O processo de inversão ideológica ocorre nesta questão: por que existem problemas na sociedade capitalista? Nós temos a resposta: por causa das greves e do crime; não porque o Capitalismo inevitavelmente produz greves e crime. O problema mostra que há manchas no Capitalismo e a solução da enfermidade é remover estas manchas para não se precisar mudar o sistema. (YOUNG, 1981: 402)

¹³³ Tradução da autora para o trecho: “The objective reality of most citizens is that they are safer, healthier, living longer, and more secure in their environments than virtually any population in history, yet there is widespread public perception that risk and danger are everywhere, that we are not safe, and that the future is bleak.”

Essa identificação, formadora de vítimas virtuais, porém, só se deu no caso de Marcelo. O sofrimento de Júlio César foi diminuído e tido muitas vezes como necessário. A descrição do caso como “conjuntura”, “mais um”, com a ausência do mesmo tratamento ao sofrimento de Júlio faz imaginar que a sua morte foi justificável. É aceitável que ele morra para que todos desfrutem da cidade sem o tráfico de drogas. Essa justificativa aparece no final de cada matéria, quando aparecem dados dizendo do “sucesso” da operação da Polícia que ainda assim apreendeu armas e drogas na ação. Ninguém preferiu lembrar como vários outros carros passaram sem problemas pela blitz e a Grajaú-Jacarepaguá não apresentou a passagem de nenhum “bonde” ou “arrastão”. A única diferença aparente nos dois crimes é a origem de cada um dos personagens. Um juiz de classe média e um estudante pobre.

O fato é que apenas se criou o discurso do medo para a cobertura do caso Marcelo, e observando o estudado como vícios de vontade do discurso, podemos entender que existe hoje um direcionamento do discurso para a classe média. Entende-se que o sofrimento do pobre é justo, e que os problemas sociais que dificultam a vida do pobre, são apenas incômodos na vida dos ricos que atuam perante o Estado para que este se livre deles, sem necessariamente melhoras as condições de vida de todos.

Essas acepções errôneas são todas retiradas da falsa impressão de imparcialidade que o jornalismo carrega quando segrega e diferencia partes no discurso. O medo carregado no processo começará a trazer consequências práticas no cotidiano, uma vez que as vítimas virtuais passarão a combater aquilo que imaginam ser o problema.

5.2. Sociedade do medo e suas características

Diante do encontrado nos levantamentos e na análise dos momentos *a posteriori* do macro ato da cobertura jornalística de crime, encontramos um quadro em que visões simplistas e parciais acabam por não retratar os fatos como eles são e manchar a visão do público perante a classe de menor poder aquisitivo.

A criação da vítima virtual formará uma inversão de valores em que o Estado não é culpado por não ter dado melhores condições de vida ao indivíduo, mas porque não foi capaz de coibir o crime. O público preferirá eleger culpados externos pelo sofrimento transmitido pela mídia a eles, nunca pretendendo ler de maneira crítica aquilo que é passado tal como observado em capítulos anteriores, pois o discurso será

naturalmente encarregado de diminuir as instituições para causar o alarme e pânico pretendidos. A mídia ao adotar o discurso de ser denunciadora das mazelas do mundo, reafirma as diferenças sociais, pois ao definir culpados para o sofrimento evitável acaba protegendo a elite e sacrificando os mais pobres. A idéia propagada é a de que a classe social da elite sofre diante das mazelas criadas pelas ações criminais do pobre, diminuindo o sofrimento da classe preterida à mero efeito colateral.

Esse vício da percepção do público irá trazer conseqüências pois incentivará uma contra-ação da sociedade diante dessa realidade. Observar-se-á medidas que as pessoas e as instituições irão passar a tomar como reflexo da aceitação do discurso como realidade empírica. O estudo terminará por explicitar uma verdadeira institucionalização do medo, uma solidificação dos conceitos viciados que a imprensa venderá ao seu público.

Então, entendidos os processos que criam a vítima virtual, temos as classes de elite passando a compartilhar de que o pobre o causa males injustos, e nesse quadro que se observará real mudança no cotidiano das pessoas, inclusive, e principalmente, naquelas que nunca foram vítimas de qualquer efeito real de violência ou agravo pessoal.

O medo vem, ao longo das últimas décadas, se institucionalizando através do surgimento de táticas cotidianas preventivas, de modos de identificar e evitar riscos e de novas formas de se agir, pensar e lidar com alteridades. (Vaz et alli, 2006: 3)

É simples enxergar que as palavras de Vaz, Cavalcanti, Sá-Carvalho e Oliveira vão ao encontro do que fora repetido em diversas matérias quando “especialistas em segurança” davam manuais para atuação diante de operações da polícia, não enxergando que o comportamento de medo e ansiedade que originou a desobediência do juiz às “regras de segurança” nasceu justamente do alarme criado diante de arrastões. Pior é constatar que o terrorismo que acabou por vitimar o juiz, se alimentará justamente dele para se tornar mais incisivo para outros que certamente serão levados a pensar pela cobertura que se um juiz pode ser vítima, nada impede que eu também seja.

Existe hoje uma tentativa então de se criar climas de insegurança, que se por um lado aumentam a procura por informações sobre crime, objetivo da mídia, terão como verdadeiro efeito colateral, a mudança da vida das pessoas que passam a viver sob constante desconfiança do próximo, em especial o pobre que é taxado como culpado. O constante estado de alerta propagado, junto com a diferença de valores dados aos

sofrimentos das classes sociais tratará de causar nas pessoas a impressão de que a dor do pobre é justificável, para então observarmos que a polícia demonstra tanta desconfiança quanto o cidadão.

Em nenhum momento os veículos de comunicação pareceram acertar qual o verdadeiro crime cometido pelos agentes da polícia civil no caso Marcelo. O crime sempre pareceu ser confundir o juiz e sua família com bandidos. Inclusive, na reconstituição procurava-se entender se os policiais conseguiam ver quem estava no veículo, mas não porque eles tenham visto homens carregando drogas e armas sem licença dentro daquele veículo. Os policiais atiraram pois viram alguém com “cara de bandido”, caindo para um determinismo dos mais sórdidos pois recebe no caso chancela das instituições que prestam serviços a população.

O certo é afirmar que os policiais merecem punição por abrir fogo contra pessoas que estavam no máximo cometendo infrações de trânsito, merecendo no máximo uma multa por andar na contra-mão. Em um caso de abuso com uso excessivo de força de uma autoridade, vira-se o jogo para entender que confundiram um juiz com bandido, quando este teria fugido de carro achando que o policial é que era o bandido.

É fácil compreender que o episódio é fruto do pânico instalado no discurso midiático, que nas semanas anteriores se preocupava em gerar comoção com um novo velho fenômeno dos arrastões, como lembra a matéria da Record que diz que “as vezes” isso aconteceria no Rio, mesmo pecando por imprecisão, contrariando as máximas de Grice. No caso de Júlio, sequer foram procurados os policiais militares para se saber se ele haveria sido vítima de um tiro impreciso, de uma confusão quanto a sua pessoa, ou ainda de algo minimamente motivado por ele, pois ao do que se relata, Marcelo deu a entender ao oficial que estaria fazendo algo errado pois estava fugindo, mesmo que isso não fosse razão suficiente para os tiros, era um ato de autoria dele, personalíssima, e motivava se pensar que ele era bandido. Enquanto isso Júlio sequer teria feito algo, estava conversando na praça com seus amigos quando fora assassinado, podendo nos fazer entender que Júlio parecia bandido porque era pobre. E só. Júlio morreu por que era pobre.

Não é de fato a pobreza uma determinante mecânica dos ilegalismos, pois em primeiro plano aparece como indutora da própria ordem social, que transparece na militarização tecnologicizada da produção, no superpoliciamento das populações pela classe militar, no desequilíbrio estrutural tanto na esfera ético-política como na do consumo, exacerbado no nível dos signos sociais e dos meios de comunicação. (SODRÉ, 2006: 103)

Foi criada então uma idéia de que ser pobre é estar errado, através do discurso viciado que se divulgou, criando no imaginário das pessoas uma aversão natural ao oriundo das classes menos abastadas, fazendo com que pessoas evitem certos trajetos, evitem frequentar lugares, ou desconfiem de certas pessoas pois se acredita que o pobre é parte responsável pelo crime e um incômodo na vida da elite. As pessoas criam a idéia de que quando o crime ocorre em algum bairro nobre, o Leblon, por exemplo, não se torna lugar de pessoas violentas, mas se procura humanizar a vítima e dar a idéia de o autor do crime vem de algum outro lugar, que não teria os mesmos costumes, ou é exceção, pois aqueles da elite não cometeriam delitos, pois esses seriam restritos aos pobres. Como exemplo da falta de uma base empírica dessa mentalidade, o sertão brasileiro não deixa de ser uma região muito carente de recursos, mas que mantém índices de criminalidade infinitamente inferiores aos de cidades como o Rio de Janeiro. A diferença se encontra nas relações quanto aos bens materiais e ao status social.

O simbolismo empregado para distanciar as classes leva a esses extremos que acabam sendo observados quando se vê um inquérito policial procurar em uma reconstituição de crime se os policiais podiam ver quem estava no carro, como se justificasse algo, pois se eles tivessem achado que se tratavam de “bandidos” como se houvesse uma marca de nascimento em cada um deles, voltando as teorias mais primitivas e preconceituosas da criminologia, em que certas pessoas nasciam bandidas e naturalmente malignas.

Os preconceitos se enraízam e acabam por validar a posição da imprensa que passa então a compartilhar essas idéias com o público, fazendo pressão inclusive sobre os prejudicados pelo direcionamento do discurso. Hoje é mais comum se encontrar moradores de favela que esperam obter sucesso, crescer na vida e sair da comunidade para isso, do que aqueles que procuram reivindicar melhorias para a mesma, pois primeiramente, a idéia de sucesso jamais é ligada à da favela, como que se impossível conceber alguém feliz e realizado plenamente no morro, e secundamente, por enxergar que ninguém parece se importar com aquilo que acontece com o favelado, não vendo ânimo de mudança do quadro em lugar competente nenhum.

O crime mancha o imaginário das pessoas diante de um risco. Então começa-se a encarar como normal a troca de rotas, evitando vias ou locais que apresentam um perigo

real tão grande quanto outros, diferenciando-se apenas onde existiu um reforço do perigo envolvido. Essa relação entre perigo, risco e medo foi objeto de estudo do professor David Altheide que ensina que:

A cultura popular e especialmente o noticiário confundem risco, perigo e medo. Uma forma em que isto é feito é através do uso contínuo de vitimização. Medo produz vítimas e reforça a noção de que todos são vítimas, de verdade ou potencialmente. A reação emocional do medo é desejada. O objetivo principal, no final das contas, é atrair audiências para vender tempo ou espaço de propaganda. (ALTHEIDE, 2002: 188 e 189) ¹³⁴

É então que percebemos que as noções de risco, medo e perigo por mais correlatas que sejam, diferem por essência. Medo não tem uma relação real com o verdadeiro perigo ou risco envolvidos. É como imaginar simples estatísticas de mortes em acidentes de carro e de avião. Por mais que os dados apontem que existe um perigo muito maior em se andar de carro, é comum ver pessoas com medo de voar de avião, e não o contrário. O medo é irracional por excelência.

Medo é uma experiência psicológica fundamentalmente diferente do que o risco perceptível. Enquanto o risco é um julgamento cognitivo, medo é caracteristicamente muito mais emocional. Medo ativa uma série de complexas mudanças corporais que alertam o agente para a possibilidade de um perigo. (FERRARO *apud* ALTHEIDE, 2002: 188) ¹³⁵

O que se observa diante desse medo é um processo de segregação, seja ela geográfica, cultural, estética, psicológica, que culminará em aprofundar as diversas mazelas que carregamos em nossa sociedade. O que observamos é muito mais que a

¹³⁴ Tradução da autora para o trecho: “Popular culture and especially news reports confuse risk, danger, and fear. One way this is done is through the continued space of victimization. Fear produces victims and reinforces the notion that everyone is actually or potentially a victim. The emotional reaction of fear is desired. The main goal, after all, is to attract audiences in order to sell advertising time (or space) to commercial sponsors.”

¹³⁵ Tradução da autora para o trecho: “Fear is a fundamentally different psychological experience than perceived risk. While risk entails a cognitive judgment, fear is far more emotive in character. Fear activates a series of complex bodily changes alerting the actor to the possibility of danger.”

mera formação de guetos, é a formação de um estado de vigilância constante contra o próximo, e com tons de ódio cego, contra o pobre.

O maior impacto do discurso do medo é promover um senso de desordem e uma idéia de que as coisas estão fora de controle. [...] A vida social pode se tornar mais hostil quando os atores sociais definem suas situações como amedrontadas e se engajam debates em comunidade através do discurso do medo. E as pessoas começam a compartilhar uma identidade como competentes ‘realistas do medo’ enquanto familiares, amigos, vizinhos e colegas constroem socialmente seus ambientes eficientes com medo. O comportamento se torna restringido, ativismo comunitário pode se focar mais em programas de ‘*block watch*’ e vigilantismo, e continuamos a evitar centros e diversas partes do nosso mundo social pelo que ‘todo mundo sabe’ (ALTHEIDE, 2002: 189) ¹³⁶

¹³⁶ Tradução da autora para o trecho: “The major impacto f the discourse of fear is to promote a sense of disorder and a belief that things are out of control. [...] Social life can become more hostile when social actors define their situations as fearful and engage in speech communities through the discourse of fear. And people come to share an identity as competent “fear realists” as family members, friends, neighbours, and colleagues socially construct their effective environments with fear. Beahavior becomes constrained, community activism may focus more on ‘block watch’ programs and quasi-vigilantism, and we continue to avoid downtowns and many parts of our social world because of ‘what everyone knows’.”

6. Conclusão

O estudo se propôs a apontar as diferenças de tratamento no discurso do jornalismo de crime do Rio de Janeiro. Procurou encontrar as possíveis causas e os vícios que o processo de produção de notícias naturalmente carrega para a melhor compreensão e leitura das reportagens. Ao encontrar nas coberturas a prova empírica da disparidade, se apresentou uma análise dos resultados que o quadro proporciona, devida a camuflagem dessa parcialidade entre falsas credibilidades.

Conclui então pela atenção viva as diferenças e pelo convite a leituras mais críticas do apresentado pelos órgãos de mídia. O trabalho do jornalista é dos mais difíceis, e seu papel na contemporaneidade é dos mais fundamentais, trazendo grande impacto nas falhas que ele pode vir a cometer. Como foi estudado, é quase que natural que o texto contenha vícios, sendo utópico imaginar verdadeira imparcialidade e precisão. O que a análise sugere é justamente que o discurso se depreenda dos ideais de objetividade e proponha cada vez de maneira mais clara que tudo não passam de versões sobre os ocorridos.

O apresentado, porém, nos faz imaginar que isso é pouco provável de acontecer por parte da imprensa. A comparação dos casos nos demonstra que as intenções reais da imprensa eram de prender o leitor através de um vínculo de medo e vender suas interpretações dos fatos, e não de informar empiricamente. Diante disso, pode-se afirmar que os objetivos da imprensa foram plenamente alcançados, não restando motivação para mudar.

Convida-se então o público, através de uma leitura mais crítica e de uma maior confiança em meios alternativos de se adquirir conhecimento, a contestar a suposta objetividade do apresentado, pois conforme o estudado, o interlocutor é também ele produtor do conteúdo. A miséria, o medo e o crime, hoje, são engrenagens de um ciclo vicioso que se alimenta sozinho e enquanto gera benefícios pra uns, gera prejuízos para muitos outros. O que se espera é que uma melhor visão do quadro existente possibilite uma mudança profunda da sociedade.

7. Referências Bibliográficas

Livros

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. *Confissões*. Trad: J. Oliveira Santos e Ambrósio de Pina. São Paulo, Nova Cultural, 1987. (Col. Os pensadores).

ALTHEIDE, David L. *Creating Fear: News and the Construction of Crisis*. Hawthorne, N.Y., Aldine de Gruyter, 2002, 209 p.

AUSTIN, John L. *Quando dizer é fazer*, Trad: Danilo Marcondes. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1990.

CARNAP, Rudolf. *Philosophy and Logical Syntax*. Bristol, UK, Thoemmes, 1935.

CERULO, Karen A. *Deciphering Violence: The Cognitive Structure of Right and Wrong*. Nova York, Routledge, 1998, 189 p.

CHOMSKY, Noam. *Syntactic Structures*, Paris, The Hague, 1957

CHOMSKY, Noam & HERMAN, Edward S. *A Manipulação do Público, Política e Poder Econômico no uso da Mídia*. São Paulo, Editora Futura, 2003, 470 p.

COHEN, Stanley & YOUNG, Jack (org.). *The Manufacture of News: Social problems, deviance and the mass media*. Beverly Hills, Sage, 1973, 383 p.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Trad: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo, Edições Loyola, 1996, 13ª edição, 79 p.

_____. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro, PUC, 2002.

GARLAND, David. *A cultura do Controle: Crime e ordem social na sociedade contemporânea*. Trad: André Nascimento. Rio de Janeiro, Revan, 2008, 440 p.

GRICE, Herbert P. *Lógica e conversação*. In: M. Dascal (org.), Fundamentos metodológicos da lingüística, vol.IV, Unicamp, Campinas, 1982

PINTO, José Milton. *Comunicação e Discurso: Introdução à Análise de Discursos*. Rio de Janeiro, Hacker Editores, 2002

POTTER, Gary W. & KAPPELLER, Victor E. (org.). *Constructing Crime: Perspectives on Making News and Social Problems*. Long Grove, IL., Waveland Press, 1998, 357 p.

RAMOS, Silvia & PAIVA, Anabela. *Mídia e Violência: novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil*. Rio de Janeiro, IUPERJ, 2007.

SODRÉ, Muniz. *Reinventando a Cultura: a comunicação e seus produtos*. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 1999

_____. *Sociedade, Mídia e Violência*. Porto Alegre, RS, Ed. Sulina, 2006

TUCHMAN, Gaye. *The exception proves the rule: the study of routine news practice*. *Strategies for Communication Research*, v. 06, p. 46 – 62, 1977.

VERÓN, Eliseo. *Construir el acontecimiento*. Barcelona, Ed. Gedisa, 1995, 201 p.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. São Paulo, Ed. Abril Cultural, 1975.

Artigos

BARBOSA, Marialva. *O acontecimento contemporâneo e a questão da ruptura*. Semiosfera (UFRJ), Rio de Janeiro, 2002. 22. Disponível em

<http://www.semiosfera.eco.ufrj.br/anteriores/semiosfera02/expressao/frpensa2.htm>

CANAVILHAS, João. *O domínio da informação-espetáculo na televisão*. 2001 disponível em

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-televisao-espectaculo.html>

Marcondes, Danilo. *Aspectos Pragmáticos da Negação*. In: O que nos faz pensar nº23, junho de 2008. Disponível em

http://www.oquenofazpensar.com/adm/uploads/artigo/aspectos_pragmaticos_da_negacao/23_Aspectos_pragm%C3%A1ticos_da_negacao.pdf

VAZ, Paulo. *A mídia, a rotina e a vítima virtual*. In: BOCAIUVA, Helena; NUNES, Silvia Alexim (orgs.). *Juventudes, subjetivações e violências*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2009, v. 1, p. 129-146.

VAZ, Paulo; CAVALCANTI, Mariana; JULIÃO, Luciana ; CARVALHO, Carolina Sá . *Pobreza e risco: a imagem da favela no noticiário do crime*. Revista Fronteira (UNISINOS), São Leopoldo, v. 7, n. 2, p. 95-103, 2005.

Reportagens

Globo Vídeos - <http://video.globo.com/>

Jornal “Extra” - <http://extra.globo.com/>

Jornal “O Dia” - <http://odia.terra.com.br/portal/>

Jornal “O Globo” - <http://oglobo.globo.com/>

Portal “G1” - <http://g1.globo.com/>

Portal “R7” - <http://www.r7.com/>

Portal “eBand” - <http://www.band.com.br/>

Teses

SANTIAGO, Jairo da Costa. *Mídia, tráfico e violência - do comércio à imagem*. Rio de Janeiro, UFRJ, 2004. Tese de Doutorado. Disponível em

http://www.pos.eco.ufrj.br/publicacoes/doutorado/teses_2004.html#11

BECKER, Beatriz. *Brasil 2000: 500 Anos do Descobrimento nos Noticiários da TV*. Rio de Janeiro, UFRJ, 2001. Tese de doutorado.

7. Anexos

ANUNCIEASSINECLASSIFICADOSEXPEDIENTERÁDIOINSTITUTO ARY CARVALHO

O DIA
<online>

CONEXÃO LEITOR | RIO | ATAQUE | DIVERSÃO & TV | BRASIL | ECONOMIA | OPINIÃO | AUTOMANIA | DIGITAL | MUNDO | CIÊNCIA | EDUCAÇÃO

VOCÊ ESTÁ EM > RIO / PM MATA 4 BANDIDOS NA CIDADE ALTA E RECHAÇA ATAQUE A POLICIAIS

Busca no portal

19.09.10 às 12h19 > Atualizado em 19.09.10 às 18h35

<Rio>

PM mata 4 bandidos na Cidade Alta e rechaça ataque a policiais

Mulher é ferida por bala perdida e armas e drogas são apreendidas

POR MARCELLO VICTOR

Rio - Policiais do 16º BPM (Olaria) rechaçaram um plano de traficantes do Morro da Mangueira para atacar policiais e cabines da PM na Zona Norte do Rio, na noite deste sábado. Durante confronto na Cidade Alta, na Zona Norte, quatro supostos bandidos foram mortos. Armas, drogas e até granadas foram apreendidas. Uma moradora da comunidade foi ferida por bala perdida.



Material apreendido na Cidade Alta | Foto: Alessandro Costa / Agência O Dia

As informações sobre os supostos ataques foram levantadas por policiais do Serviço Reservado (P-2) do batalhão. De acordo com o setor, traficantes do Morro da Mangueira estariam reunidos na Cidade Alta prontos para atacar policiais durante a madrugada. O bando seria comandado pelo traficante conhecido como Fofito, chefe do comércio ilegal de drogas na comunidade.

Uma operação foi montada e por volta da 20h30, os PMs foram até a comunidade. No local, bandidos com armamento pesado e vestidos de preto e de coletes foram surpreendidos. Houve intenso tiroteio e quatro supostos marginais foram feridos. Segundo a PM, eles foram levados para o Hospital Getúlio Vargas, na Penha, mas não resistiram aos ferimentos. Nenhum deles ainda foi identificado. Priscila da Silva Monteiro, de 23 anos, foi ferida por uma bala perdida no tornozelo e levada para a mesma unidade.

Na ação foram apreendidas três granadas, uma submetralhadora 9mm, duas pistolas - sendo uma calibre 380 e outra 9mm - um revólver calibre 38, um carregador e uma munição de fuzil calibre 556, 12 munições de pistola 9mm, 1.093 papéis de cocaína, 243 pedras de crack, 27 trouxinhas de maconha e 47 frascos de cheirinho da Iolô. O registro da ocorrência foi feito na 38ª DP (Brás de Pina).

Ataques a policiais

Na sexta-feira, policiais militares foram alvos de bandidos na cidade do Rio. O sargento Leopoldo das Neves Nascimento, de 43 anos, do 18º BPM (Jacarepaguá), morreu após ser alvejado por tiros de fuzil na porta de uma padaria, no bairro do Tanque. Ele foi surpreendido por quatro bandidos quando entrava em uma padaria. O cabo Francis Pereira Mendonça, 32, ficou ferido, além de dois funcionários e um cliente do estabelecimento.

Na tarde do mesmo dia, no Rio Comprido, ocupantes de um táxi atiraram contra uma patrulha do 1º BPM (Estácio), na Avenida Paulo de Frontin. Houve perseguição, mas os criminosos fugiram no sentido Zona Sul do Túnel Rebouças. Ninguém ficou ferido.

Na Avenida Brasil, na altura da Penha, assaltantes que haviam roubado uma moto e foram perseguidos por PMs lançaram uma granada contra a patrulha, no início da noite. Estilhaços do explosivo atingiram a lataria de um ônibus da Viação Jurema e feriram Maciel da Silva, de 36 anos, que estava em uma picape.

Na madrugada de sábado, policiais do 17º BPM (Ilha do Governador) foram atacados a tiros na Praia da Rosa, no bairro bancários, Ilha do Governador, Zona Norte. Eles faziam um patrulhamento pela região quando dois homens em uma moto passaram atirando. Nenhum policial se feriu, mas o vidro dianteiro da viatura foi destruído.

Por determinação do comando da PM, o policiamento foi reforçado em todas as áreas dos batalhões da Região Metropolitana do Rio. As viaturas circularam em comboio com, no mínimo, dois veículos. Policiais também realizaram blitzes em vários pontos, como na saída do Túnel Martim de Sá, que liga o bairro do Catumbi ao Centro, e na Avenida Dom Hélder Câmara, na altura de Del Castilho.

último minuto

12h57 | Rio
Defesa de Bruno vai entrar com recurso contra condenação no Rio

12h45 | Rio
Cabo da PM diz que não morava na casa onde criminoso Mãozinha se escondia

12h18 | Rio
PM apreende armas e 100 quilos de maconha na Favela da Chatuba

11h41 | Rio
Juiz diz que Bruno é covarde e tem 'conduta desajustada' em sentença

10h46 | Rio
Comandante geral da PM visita o Complexo do Alemão

> Mais notícias

noSSa seleção

< rio >
CASO ELIZA SAMUDIO
Bruno tem a sua primeira condenação definida

< ciência&saúde >
FIQUE DE OLHO
Escolher presente para criança é coisa séria

< economia >
ARROCHO
Governo anuncia aperto do cinto e corte de despesas

< diversão&tv >
SAMBISTA NO CARDÁPIO
Conheça as obras que homenagearam Noel Rosa

mais lidas

< rio >
PRESO UM DOS ...
Mãozinha estava ...

< rio >
JACARÉ ATRAVESSA ...
Rio - Um jacaré com cerca de um metro de ...

< fluminense >
PRESIDENTE ...
Rio - A ...

< rio >
BOMBEIRO REFORMADO ...
Rio - O sargento reformado do Corpo de Bombeiros, ...

Anexo 1

1



7 Dez 2010 | atualizada às 12:19

+ PLANTÃO
ECONOMIA » Financiamento para óleo e gás pode ati

Olá, **evandro**

Guia de Lazer

As melhores opções de diversão!

Trânsito

Acompanhe aqui em tempo real

Rio de Janeiro

Min 20° Max 32°

Outras cidades

Capa

Bem-Viver

Brasileiro 2010

Canal Extra

Casa Própria

Casos de Cidade

Casos de Polícia

Extra, Extra

Horóscopo

Jogo Extra

Prêmio Extra

Religião e Fé

Repórter do Amanhã

Retratos da Vida

Sessão Extra

Vida Ganha

Plantão

• Ciência

• Economia

• Esporte

• Geral

• Lazer

• Mundo

• País

• Saúde

• Hoje

• Ontem

Blogs

GERAL

O blog que não tem medo de falar sobre violência



Desaparecidos | Serviços | Vídeos | Especiais | Matérias | Contato

Editor: Giampaolo Braga

Enviado por Ana Clara Werneck - 19.09.2010 | 07h28m

ATAQUES À POLÍCIA

Operação na Cidade Alta mata quatro bandidos e fere uma moradora

O serviço reservado do 16º BPM (Olaria) realizou na noite deste sábado uma operação na Cidade Alta, em Cordovil. A ação foi motivada por uma denúncia de que haveria novos ataques a cabines e carros da Polícia Militar. No confronto, quatro homens que seriam bandidos foram mortos, e Priscila da Silva Monteiro, de 23 anos, moradora do local, foi atingida por uma bala perdida no tornozelo e levada para o Hospital Getúlio Vargas. Durante a ação, foram apreendidos uma submetralhadora, duas pistolas, um revólver, 47 cheirinhos da loló, 27 trouxinhas de maconha, 243 pedras de crack, um carregador de fuzil 556 e três granadas.

Anexo 2

II



Confronto com polícia deixa 4 traficantes mortos no Rio

Agência Estado

imprimir

Quatro traficantes morreram na noite de ontem num confronto com policiais militares na Cidade Alta, conjunto habitacional da zona norte do Rio de Janeiro. A moradora da comunidade Priscila da Silva Monteiro, de 23 anos, foi ferida por uma bala perdida no tomazelo. Armas, granadas e drogas (maconha e crack) foram apreendidas.

O confronto ocorreu entre os agentes do 16º Batalhão e traficantes do Morro da Cidade Alta e da Mangueira, que estavam escondidos no local. A Polícia Militar (PM) acredita que eles saíam em "bonde" pela zona norte, inclusive para atacar policiais em serviço, e os conteve antes que partissem. Os bandidos, segundo a corporação, estavam armados, vestidos de preto e de coletes quando foram surpreendidos.

Policiais em patrulhas e cabines vêm sendo atacados a tiros por criminosos desde quinta-feira. No entanto, o secretário de Segurança Pública do Rio, José Mariano Beltrame, nega que seja algo sistemático. Ele não vê relação entre os incidentes ocorridos quinta, sexta-feira e ontem. Ainda assim, o policiamento foi reforçado em toda a região metropolitana do Rio.

Brasil

07
DEZ

12:34

'Bruno deveria pegar no mínimo 10 anos de prisão', diz pai de Eliza

12:32

Agricultor constrói ponte e 'proíbe' carros da prefeitura e políticos...

11:54

Casal é preso por estelionato em aeroporto em Pernambuco

11:22


Trecho do Anel de BH é fechado para retirada de carreta, após mais

19/09/2010 07h36 - Atualizado em 20/09/2010 11h54

Confronto no subúrbio do Rio terminou com 4 mortos e um ferido

Traficantes e policiais se enfrentaram na comunidade Cidade Alta. Uma jovem foi ferida na perna e levada para um hospital.

Do G1 RJ

 imprimir


★★★★★ « dê sua nota

O **confronto** entre traficantes e policiais na noite de sábado (18) terminou com quatro mortos e uma jovem ferida em Cordovil, no subúrbio do Rio. As informações são da 38ª DP (Irajá) onde o caso foi registrado. A Polícia Militar informou que a situação na manhã deste domingo (19) é tranquila no local.

Segundo a Polícia Militar, policiais do 16º BPM (Olaria) foram checar uma denúncia anônima na comunidade Cidade Alta quando avistaram homens armados. Os suspeitos começaram a atirar contra os agentes, informou a polícia. No tiroteio, quatro homens morreram. Uma jovem foi

atingida na perna e levada para o Hospital Getúlio Vargas, na Penha. Ainda não há informações sobre seu estado de saúde.

Ainda segundo a PM, os suspeitos estavam vestidos com roupas pretas e portavam armamento de alto calibre. Foram apreendidas uma submetralhadora, três granadas, duas pistolas, um revólver e drogas.


JORNALISMO · Cidades

Domingo, 19 de setembro de 2010 - 11h09 Última atualização, 19/09/2011 - 11h09

PM carioca mata quatro suspeitos em tentativa de ataque a cabines

Da Redação, com Band News FM Rio de Janeiro
 cidades@eband.com.br

Policiais Militares do Rio de Janeiro mataram quatro suspeitos e frustraram uma tentativa de ataque a cabines e carros da corporação, na zona norte da cidade, no fim da noite de sábado. Uma moradora do bairro Cidade Alta ficou ferida com um tiro no tornozelo, vítima de bala perdida.

De acordo com a polícia, a comando do traficante conhecido como Fotito, um grupo do Morro da Mangueira estaria reunido com criminosos da Cidade Alta prontos para atacar policiais durante a madrugada.

Na chegada da polícia houve uma intensa troca de tiros. Os criminosos foram levados o Hospital Getúlio Vargas, na Penha, onde não resistiram e acabaram morrendo.

Com eles foram apreendidas três granadas, uma submetralhadora, duas pistolas, um revólver, um carregador e uma grande quantidade de munição e drogas.

Redator: Roberto Saraiva

PUBLICIDADE

Tamanho do texto

JORNALISMO
 VIDEOS
 BRASIL
 MUNDO
 ECONOMIA
 CIDADES
 TECNOLOGIA
 SAÚDE
 GALERIAS DE FOTOS
 INFOGRÁFICOS
 ESPORTE
 ENTRETENIMENTO
 TEMPO
 TRÂNSITO-SP
 BLOGS
 CHAT
 CULINISTAS
 PODCASTS

Anexo 5

19.09.10 às 10h28 > Atualizado em 19.09.10 às 12h21

<Rio>

Jovem baleada na Cidade Alta continua internada

POR MARIA INEZ MAGALHÃES

Rio - A jovem Priscila da Silva Monteiro, de 23 anos, baleada durante confronto entre policiais do 16º BPM (Olaria) e traficantes na Cidade Alta, na noite de sábado, continua internada no Hospital Getúlio Vargas, na Penha, Zona Norte do Rio.

O tiro atingiu o tornozelo da vítima e causou um problema vascular. Ela foi operada e deve ter alta ainda neste domingo.

PM acaba com plano de traficantes

Policiais rechaçaram um plano de traficantes do Morro da Mangueira para atacar policiais e cabines da PM na Zona Norte do Rio, na noite deste sábado. Durante o confronto na Cidade Alta, na Zona Norte, quatro supostos bandidos foram mortos. Armas, drogas e até granadas foram apreendidas. Uma moradora da comunidade foi ferida por bala perdida.

As informações sobre os supostos ataques foram levantadas por policiais do Serviço Reservado (P-2) do batalhão. De acordo com o setor, traficantes do Morro da Mangueira estariam reunidos na Cidade Alta prontos para atacar policiais durante a madrugada. O bando seria comandado pelo traficante conhecido como Fofito, chefe do comércio ilegal de drogas na comunidade.

Uma operação foi montada e por volta da 20h30, os PMs foram até a comunidade. No local, bandidos com armamento pesado e vestidos de preto e de cinto foram surpreendidos. Houve intenso tiroteio e quatro supostos marginais foram feridos.

Receba notícias de O DIA no seu celular Imprimir Enviar por e-mail Compartilhar

últimominuto

12h57 | Rio

Defesa de Bruno vai entrar com recurso contra condenação no Rio

12h45 | Rio

Cabo da PM diz que não morava na casa onde criminoso Mãozinha se escondia

12h18 | Rio

PM apreende armas e 100 quilos de maconha na Favela da Chatuba

11h41 | Rio

Juiz diz que Bruno é covarde e tem 'conduta desajustada' em sentença

10h46 | Rio

Comandante geral da PM
visita o Complexo do
Alemão

> Mais notícias

nossaseleção

<rio>

CASO ELIZA SAMUDIO

Bruno tem a sua primeira condenação definida

< ciência&saúde >

FIQUE DE OLHO

Escolher presente para criança é coisa séria



20.09.10 às 01h03

<Rio>

Ação da PM em Cordovil frustra plano do tráfico

Bandidos da Mangueira teriam se juntado a bando da Cidade Alta para atacar policiais

Rio - Policiais do 16º BPM (Olaria) rechaçaram plano de traficantes do Comando Vermelho para atacar policiais e cabines da PM na Zona Norte do Rio, sábado à noite. Durante confronto na Cidade Alta, em Cordovil, na Zona Norte, quatro homens apontados pelos militares como bandidos foram mortos. O grupo estava vestido com roupas pretas e coletes à prova de balas, e portava armamento pesado. Foram apreendidos uma submetralhadora, três granadas, duas pistolas, um revólver e drogas. Uma moradora da comunidade acabou ferida por bala perdida.

As informações sobre os supostos ataques foram levantadas pelo Serviço Reservado (P-2) do batalhão. Traficantes do Morro da Mangueira estariam reunidos na Cidade Alta, prontos para atacar policiais durante a madrugada. Após denúncia anônima sobre o plano, os policiais montaram uma operação e, por volta das 20h30, foram à comunidade, surpreendendo o bando. A denúncia dizia ainda que o grupo estaria sendo comandado pelo bandido conhecido como Fofito, novo chefe do tráfico de drogas na comunidade.

Até a noite de ontem, a 38ª DP (Brás de Pina), onde o caso está sendo investigado, não tinha conseguido identificar os mortos. Priscila da Silva Monteiro, 23 anos, ferida por uma bala perdida no tomazelo direito, foi operada no Hospital Getúlio Vargas, na Penha, e passa bem.

Oficial nega reunião na favela

Apesar de policiais do 16º BPM terem montado operação para impedir o ataque de traficantes da Mangueira e Cidade Alta a PMs, o comandante da unidade, tenente-coronel Roberto Garcia, negou ontem que o confronto foi motivado por informações de que os criminosos se reuniam para praticar atentados.

"Eles foram checar uma denúncia de que naquele lugar havia um grupo de marginais reunidos traficando", justificou o oficial.

Desde quinta-feira, a PM registrou seis ataques a policiais militares, em Manguinhos, Bonsucesso, Jacarepaguá, Rio Comprido, Penha e Ilha do Governador.

Na sexta-feira, em Jacarepaguá, um PM morreu e outro ficou ferido após serem atacados quando estavam numa padaria.

Reportagem de Marcello Victor e Gabriela Germano

último minuto

12h57 | Rio

Defesa de Bruno vai entrar com recurso contra condenação no Rio

12h45 | Rio

Cabo da PM diz que não morava na casa onde criminoso Mãozinha se escondia

12h18 | Rio

PM apreende armas e 100 quilos de maconha na Favela da Chatuba

11h41 | Rio

Juiz diz que Bruno é covarde e tem 'conduta desajustada' em sentença

10h46 | Rio

Comandante geral da PM visita o Complexo do Alemão

> Mais notícias

nossa seleção

< rio >

CASO ELIZA SAMUDIO

Bruno tem a sua primeira condenação definida

< ciência & saúde >

FIQUE DE OLHO

Escolher presente para criança é coisa séria

< economia >

ARROCHO

Governo anuncia aperto do cinto e corte de despesas

< diversão & tv >

SAMBISTA NO CARDÁPIO

Conheça as obras que homenagearam Noel Rosa

mais lidas



Editor: Giampaolo Braga

Enviado por Andréa Machado e Djalma Oliveira - 20.09.2010 | 08h00m

PM mata morador de Cordovil que estudava de dia e trabalhava à noite



No sábado à noite, Julio César de Menezes Coelho, de 21 anos, foi morto com dois tiros no peito, na Cidade Alta. A versão apresentada pela polícia, no domingo de manhã, era de que ele era um dos quatro traficantes mortos durante confronto com PMs em Cordovil. No entanto, Julio estudava no Colégio Municipal Montese e, há seis meses, trabalhava no McDonald's da Rua Hilário de Gouveia, em Copacabana. E, segundo sua família, não tinha envolvimento com o tráfico.

— Policiais não respeitam os moradores. O César estava indo trabalhar, mas, antes, parou para conversar. Era um bom garoto, todos aqui gostavam dele. Estavam cansados disso, querem dar um basta nessa situação — desabafou Cláudio dos Santos, uma espécie de tia de consideração do jovem, indignada com a morte do jovem e com o fato de ele ter sido tachado de bandido.

No confronto de sábado, outras três pessoas foram mortas, uma delas não identificada. Rodrigo Alves Catureba e Wanuiller Marques Lopes, a exemplo de Julio, não têm passagem pela polícia, segundo informou ontem à tarde o comandante do 16 BPM (Olaria), tenente-coronel Roberto Garcia. Ele disse ainda que entre os mortos estariam os traficantes conhecidos como Baratão e DG, mas a ligação entre os nomes reais e os apelidos não havia sido concluída até ontem à noite.

A cabeleirera Priscila da Silva Monteiro, de 23 anos, também foi atingida por um estilhaço de bala no pé direito. Ela foi levada para o Hospital Estadual Getúlio Vargas, na Penha, e operada.

— Ela se salvou porque se escondeu embaixo de um carro — contou Gabriela Freitas.

Duas versões

Segundo testemunhas, Julio César e Priscila estavam conversando numa praça, na Rua Ponto Chique, quando policiais chegaram atirando. Na hora, crianças e idosos estavam no local. Moradores contaram que Priscila teria gritado para César correr, mas ele já havia sido atingido.

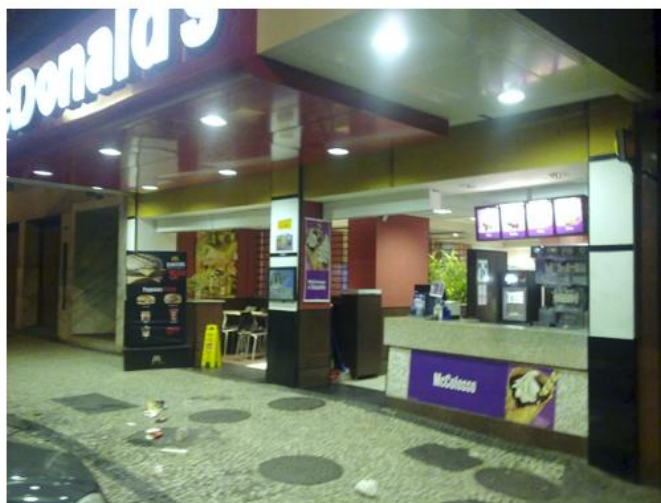
Segundo o tenente-coronel Garcia, denúncia de que traficantes da área estavam reunidos na comunidade levou os policiais ao local. Ele afirmou ainda que os agentes foram recebidos a tiros pelos bandidos.

Revoltados, moradores da Cidade Alta planejam interditar, hoje, um trecho da Avenida Brasil, após o enterro de César, que será realizado às 11h no Cemitério do Caju.

Enviado por Fernando Torres - 20.09.2010 | 09h52m

GUERRA SEM FIM

Morte de jovem da Cidade Alta causa comoção entre colegas do McDonalds



Faltava uma peça para a máquina funcionar, normalmente. Esse pedaço foi tirado do todo de maneira trágica. Julio César de Menezes Coelho, de 21 anos, não estava mais com o uniforme padrão para cumprir as múltiplas funções — caixa, cozinha, sorveteria — no turno da madrugada, entre 23 e 7 horas. Foi morto durante um confronto entre policiais militares e traficantes de drogas, no sábado à noite. Sua ausência irreversível causou comoção na loja do McDonald's mais antiga da América Latina, na Rua Hilário de Gouveia, em Copacabana, Zona Sul do Rio.

Na noite de domingo, a equipe encarou a primeira escala depois de saber da morte de Julio. No sábado, os colegas desconfiavam que ele estivesse com algum problema na mão, motivo de um breve afastamento no início do ano. O segurança da loja soube da tragédia apenas no início do expediente. Ficou arrasado.

— Num dia, o sujeito está aqui, trabalhando, bem de saúde. No outro, a gente fica sabendo uma coisa dessas. Isso é o Rio de Janeiro, meu chapa — disse ele.

De acordo com um dos gerentes, que preferiu se identificar apenas como Geílson, Julio César era um bom funcionário, capaz de cumprir com rapidez as tarefas. Segundo ele, nos seis meses em que Menezes trabalhou ali, não teve qualquer atitude que levantasse suspeita de uma possível ligação com o tráfico. Viveu como milhões de outros assalariados. Morreu como um criminoso.

— Aqui, é sempre uma correria. Ele chegava, batia o ponto (no marcador biométrico, que faz leitura da impressão digital) e trabalhava direto, mas a gente tinha uma relação legal. Todos estão sentindo a falta dele — destacou Geílson.

O enterro de Julio César está marcado para esta segunda-feira, às 11h, no Cemitério do Caju.



- Capa
- Bem-Viver
- Brasil 2010
- Canal Extra
- Casa Própria
- Casos de Cidade
- Casos de Polícia
- Extra, Extra
- Horóscopo
- Logo Extra
- Prêmio Extra
- Religião e Fé
- Repórter do Amanhã
- Retratos da Vida
- Sessão Extra
- Vida Ganha
- Plantão
- Ciência
- Economia
- Esporte
- Geral
- Lazer
- Mundo
- País
- Saúde
- Hoje
- Ontem
- Blogs
- Comunidades
- Eu-Repórter
- Especiais
- Interatividade
- Extra Pergunta
- Fórum Extra
- Testes
- Multimídia
- Áudios
- Fotogalerias
- Vídeos
- Bairros.com
- Extra no celular
- Guia de Lazer
- Promoções
- Shopping Extra
- Tempo
- Quero ser modelo
- Trânsito

ubicidade

MATÉRIAS GERAL

+ Compartilhe | [f](#) [t](#) [g+](#) [p](#) [o](#)

Imprimir | Envie por e-mail | Tamanho da Letra

Publicada em 20/09/2010 às 11:28

Troca de tiros mata quatro e fere moradora na Cidade Alta, em Cordovil

Andrea Machado e Djalma Oliveira - Extra; Flávia Milhorange e Waleska Borges - O Globo



Clique para ampliar

RIO - A operação de 30 policiais do 16º BPM (Olaria) na Cidade Alta, em Cordovil, na noite de sábado, que resultou em quatro homens mortos e numa mulher ferida, foi deflagrada após uma denúncia anônima, na qual o informante alertou que bandidos estariam reunidos no local. O grupo seria comandado pelo chefe do tráfico na região, conhecido pelo apelido de Fofito, e estaria planejando praticar crimes na Zona Norte.

Apesar de ter afirmado na manhã deste domingo que o motivo do encontro poderia ser o planejamento de um ataque a cabines da polícia, o comandante do 16 BPM, tenente-coronel Roberto Garcia, depois negou a informação.

Vítima não tinha passagem pela polícia e trabalhava

Entre os mortos no confronto, está Julio César de Menezes Coelho, de 21 anos, que levou dois tiros no tórax. Ele está sendo enterrado na manhã desta segunda-feira. Julio César trabalhava no McDonald's da Rua Hilário de Gouveia, em Copacabana, mas, ao contrário do que foi afirmado pela família, ele não estudava em um colégio público, segundo informou a Secretaria Municipal de Ensino nesta segunda-feira, através de nota. A secretaria também informou que os outros dois mortos - Rodrigo Alves Catureba e Wantuiller Marques Lopes - não estavam matriculados na rede municipal de ensino. Os três, segundo informou o comandante do 16º BPM, não tinham passagem pela polícia. A quarta pessoa morta até agora não foi identificada.

O comandante do 16º BPM disse ainda que entre os mortos estariam os traficantes conhecidos como Baratão, da Cidade Alta, e DG, da Vila Cruzeiro, favela na Penha. No entanto, a ligação entre os nomes e os apelidos ainda não foi feita.

A cabeleireira Priscila da Silva Monteiro, de 23 anos, foi ferida por um estilhaço de bala no pé direito. Ela foi levada para o Hospital Getúlio Vargas, na Penha, onde foi operada.

- Priscila só se salvou porque se escondeu embaixo de um carro - contou a amiga Gabriela Freitas, de 23 anos.

Segundo testemunhas, Julio César e Priscila estavam conversando com amigos numa praça, quando policiais chegaram atirando. Ela teria gritado para Julio correr, mas ele já havia sido atingido.

Durante a incursão na Cidade Alta, foram apreendidos duas pistolas, calibre 9 mm e 380, e um revólver 38. Os policiais militares também encontraram três granadas de fabricação artesanal, além de cocaína, maconha e pedras de crack. O material foi encaminhado para a 38 DP (Brás de Pina), onde o caso foi registrado.

BUSCA

OI

A TURMA DA COLUNA

Blogs



Plumas, paetês e um pouco mais

Por Rafaela Bastos



Poucas Palavras

Por Gabriel Souza



Repórter de crime

Por Jorge Antonio Barros



O Olho da rua 2.0

Por Nelson Vasconcelos e Mirelle de França



DizVentura

Por Mauro Ventura



DZ

Por David Zylbersztajn



Blog do Besseman

Por Sérgio Besseman Vianna



No front do Rio

Por Cesar Tartaglia



O Brasil do B

Por Bernardo de la Rúa

Enviado por Jorge Antonio Barros - 20.09.2010 | 15h27m

CONJUNTURA

Inocente morre no combate aos 'bondes'

No mesmo dia em que o secretário de Segurança, **José Mariano Beltrame**, dedarou à imprensa que não há hipótese de estar ocorrendo ações orquestradas por criminosos com o objetivo de desestabilizar as eleições - como insinuara o chefe dele, o governador Sérgio Cabral - mais um "bonde" foi eliminado pela PM, pouco antes de sair para praticar crimes pela Zona Norte, entre os quais ataques a cabines da PM. No sábado à noite, quatro homens foram mortos em confronto com policiais do 16o BPM (Olaria), na Cidade Alta, em Cordovil. Seria correta a ação policial se não tivesse sido morto o estudante Júlio César de Menezes Coelho, que não tinha passagem pela polícia, e trabalhava no McDonald's da Hilário de Gouveia, em Copacabana. A polícia pode alegar que o jovem teria vida dupla no tráfico, mas ele não tinha tempo para o crime. Estudava num colégio pública e ainda fazia um curso de gastronomia.

Só este ano já foram mortos 84 policiais militares no Estado do Rio, de folga ou de serviço. Dá quase 10 por mês. Os policiais estão apavorados e com razão. Mas isso não lhes dá o direito de sair atirando a esmo. Os confrontos devem ser drúrgicos, promovidos a partir da operações de inteligência planejadas pelos setores competentes da polícia. Quando a polícia quer, ela sabe trabalhar bem. O episódio da Cidade Alta, por exemplo, foi resultado de denúncia anônima. Portanto, o planejamento é obrigatório. Os PMs não iam passando e se depararam com o "bonde". Quando os policiais não sabem disso com antecedência, a tendência deles é deixar o "bonde" passar, sem confrontos.

Uma fonte minha que tem trânsito em áreas de risco da cidade me garante que realmente não há ações orquestradas por "bondes" do tráfico, mas não afasta a hipótese de alguns ataques na região da Faixa de Gaza serem resultado de retaliação ao ataque fulminante contra o "bonde" dos seis de Inhaúma, semana passada. Há informações não confirmadas de que aquela ação atropelou acertos feitos entre os bandidos e policiais.

Ao insinuar que as ações têm o objetivo de desestabilizar sua candidatura, Cabral carregou nas tintas. Com seu estilo discreto, Beltrame - homem da área de inteligência - preferiu abafar o caso, empregando provavelmente o recurso da desinformação - tática de inteligência, que consiste na divulgação estratégica de informações falsas, para confundir o adversário (as pessoas em geral chamam isso erradamente de contra-informação, que é outra coisa).

Anexo 12

XII

Você está aqui: Página Inicial/Notícias/Cidades/Notícias

CIDADES

publicado em 20/09/2010 às 17h01:

Amigos de jovem morto pela PM fecham a avenida Brasil

Outros três homens também morreram durante o confronto na noite de sábado

Do R7, com Rede Record, no Rio

Texto: [+A](#) [-A](#)

Notícias

Brasil

Cidades

Notícias

Fotos

Glossário

Enquetes

Mural

Economia

Esquisitices

Imóveis

Internacional

Rio de Janeiro

São Paulo

Saúde

Tecnologia e Ciência

Tempo Agora

Trânsito

Vestibular e Concursos

Jornal Hoje em Dia

Jornal Correio do Povo

Enquetes

Quiz

Todas de Notícias

Entretenimento

Esportes

Vídeos

E-mail

Especiais

A Fazenda

Eleições 2010

Ídolos 2010

Legendários

Todas as
Notícias



Jadson Marques / Agência O Dia / AE

Amigos e vizinhos de Júlio César participam uma manifestação na avenida Brasil

Publicidade

Moradores da Cidade Alta, em Cordovil, na zona norte do Rio de Janeiro, e amigos do jovem Júlio César Menezes Coelho, de 21 anos, morto na noite deste sábado (18) durante um confronto entre policiais e traficantes, fecharam um trecho da avenida Brasil na tarde desta segunda-feira (20).

Segundo policiais militares do Batalhão de Olaria, traficantes estariam planejando atacar cabines da PM e agentes do Serviço Reservado fizeram uma operação para impedir os ataques. Durante a ação, quatro pessoas - incluindo Júlio César - morreram e uma ficou ferida.

Uma moradora, de 23 anos, foi atingida por um disparo. A jovem recebeu um tiro no tornozelo e foi socorrida no hospital Getúlio Vargas.

Júlio César de Menezes Coelho foi enterrado na manhã desta segunda, no cemitério do Caju, zona norte da cidade. Segundo a família, o jovem não tinha ligação com o tráfico. Mais de cem pessoas acompanharam o enterro e o clima era de revolta.

Segundo a polícia, durante a operação, foram apreendidos uma submetralhadora, duas pistolas, um revólver, 243 pedras de crack, um carregador de fuzil e três granadas.

21.09.10 às 00h53

<Rio>

Família de jovem morto na Cidade Alta acusa PM de execução

Atendente de lanchonete, jovem de 21 anos teria sido morto quando buscava refúgio durante tiroteio

Rio - Parentes e vizinhos do atendente de lanchonete Júlio César de Menezes Coelho, de 21 anos, acusam policiais militares de terem executado o rapaz, sábado, durante incursão do 16º BPM (Olaria) na Cidade Alta, em Cordovil. Testemunhas contaram que 30 homens chegaram à comunidade a pé, atirando. Baleado, Júlio teria tentado se esconder sob o banco de uma praça na localidade Ponto Chic, mas os PMs teriam se aproximado e feito mais um disparo. Além de Júlio, mais três homens morreram.

No domingo, a PM apresentou uma submetralhadora, duas pistolas e um revólver apreendidos na ação, e afirmou que todos os mortos eram traficantes. Só um deles tinha antecedentes criminais.



Moradores fizeram manifestação e interditaram trânsito em acesso à Avenida Brasil, perto da Cidade Alta | Foto: Alessandro Costa / Agência O Dia

"A pracinha estava cheia, com muitas crianças, porque tinha um parque de diversões. Os PMs chegaram atirando e houve correria, desespero. Júlio tentou se proteger, mas eles gritaram: 'Levanta, levanta, e entrega as armas'. Meu sobrinho disse que era trabalhador e inocente, mesmo assim eles atiraram no peito. Fizeram uma covardia com ele", contou a tia Ana Cláudia Amaral, 39. "Ele era homossexual, e traficante não aceita isso na quadrilha", frisou outra tia de Júlio, Gilmara Coelho.

A amiga Cátia Jacira Carvalho da Silva disse que, após ser atingido duas vezes, Júlio foi arrastado pelos PMs para dentro de um blindado. O jovem foi enterrado ontem no Cemitério do Caju. Horas depois, moradores fizeram manifestação e interditaram o trânsito em um acesso à Avenida Brasil, perto da Cidade Alta.

O comércio e o posto de saúde fecharam as portas. Dia 17, Júlio se formou em gastronomia. Em abril, começou a trabalhar numa lanchonete e parou de estudar.

À noite, em nota, a PM admitiu que Júlio pode ser inocente: "O comandante-geral esclareceu que a ação que culminou com a morte de um jovem trabalhador atendia a demandas urgentes. A PM reafirma seu compromisso com a população e em nenhuma hipótese irá proteger quaisquer de seus homens que tenham provocado danos a inocentes, principalmente a morte de um trabalhador".

Oficial reafirma: mortos eram bandidos

Comandante interino do 16ºBPM, o tenente-coronel Roberto Gomes acompanhou o protesto e não mudou a versão de que os mortos seriam traficantes: "Os policiais foram checar denúncia de bando armado e a confirmou, tanto que houve tiroteio. Mantenho minha posição porque meus policiais relataram que cada arma foi encontrada ao lado de um corpo", disse, horas antes de a PM emitir nota oficial admitindo a hipótese de uma vítima ser inocente.

Gomes ressaltou que um dos mortos seria chefe do bando, conhecido como Baratão. Mas as investigações da Polícia Civil apontam que o primeiro nome deste traficante é Rodnei.

"A versão da PM é consistente porque apresentaram armas. Mas será investigada minuciosamente", disse o delegado da 38ª DP (Irajá), Roberto Ramos, que vai periciar as armas dos policiais. Segundo a PM, um inquérito foi aberto para investigar a operação, e os responsáveis pelos tiros podem ser afastados das ruas.

Jairo da Silva de Luna, outro morto, tinha seis anotações por tráfico, roubo e homicídio, e estava foragido desde 2009, quando saiu para visita e não retomou.

Parentes em defesa das vítimas

Uma irmã de Rodrigo Alves Captureba disse que ele trabalhava em transporte alternativo e morava em Caxias. "Ele mudou por trauma. Foi baleado quando a polícia também entrou aqui atirando".

Uma prima de Wantuyllyer Marques Lopes, baleado na cabeça, contou que ele trabalhava como pedreiro e entregador de pizzas. Porém, a polícia tem informações de que ele seria gerente do tráfico na localidade Cinco Bocas. Júlio e Wantuyllyer estavam matriculados na Escola de Ensino Supletivo Montese, na comunidade.

Reportagem de Paula Sarapu e Vania Cunha

BUSCA

A TURMA DA COLUMNA

Blogs



Plumas, paetês e um pouco mais
Por Rafaela Bastos



Poucas Palavras
Por Gabriel Souza



Repórter de crime
Por Jorge Antonio Barros



O Olho da rua 2.0
Por Nelson Vasconcelos e Mirelle de França



Diz Ventura
Por Mauro Ventura



DZ
Por David Zylbersztajn



Blog do Besseman
Por Sérgio Besseman
Vianna



No front do Rio
Por Cesar Tartaglia



O Brasil do B
Por Bernardo de la Peña



Belezas, caos e outras histórias
Por Ana Cláudia Guimarães



Botequim da Lapa
Por Marceu Vieira



Chope do Aydano
Por Aydano André Motta

Enviado por Jorge Antonio Barros - 21.09.2010 | 04h06m

MAIS UM

A morte trágica do jovem que vendia hambúrguer e queria ser bailarino

Olha, vou te dizer... De fato vivemos dias maus e em alguns deles dá vontade de chutar o pau da barraca. A gente procura fazer a coisa certa, cumprir as regras de civildade, respeitar as leis, pagar os impostos e, a verdade, é que não fazemos mais do que a nossa obrigação de cidadão. Mas aí a gente abre a primeira página de um jornal, o **"Extra" de hoje**, e vê estampada a seguinte manchete:

PM MANTÉM VERSÃO DE QUE TRABALHADOR ERA UM TRAFICANTE

Parece até que a PM tem tanta razão assim no combate ao crime, se logo abaixo da manchete a matéria não exibisse as provas da inocência de **Júlio Cesar Coelho**, de 21 anos, que segundo testemunhas foi executado na operação que matou um total de quatro pessoas, acusadas de participar de um "bonde" do tráfico, na Cidade Alta, no sábado à noite. As provas são evidentes: o rapaz trabalhava como atendente no Mac Donald's da Hilário de Gouveia, cursava gastronomia num curso da Ação Comunitária do Brasil, num projeto em parceria com o Ministério do Trabalho e a Fundação Banco do Brasil, e estava matriculado num colégio estadual. O "Extra" apresentou as "armas" do rapaz: o contracheque da lanchonete, o certificado do curso e o Rio Card escolar que ele usava para pegar ônibus.

Ainda assim o subcomandante do 160 Batalhão da PM (Olaria), tenente-coronel Roberto Garcia, prefere acreditar no que disseram seus experientes homens: "Eles falaram que Júlio Cesar estava armado". Ora, coronel, até parece que o sr. só vê aqueles filmes água com açúcar da Sessão da Tarde. Depois que inventaram o "kit assassino" um sujeito pobre e preto que nunca pegou num cigarro de maconha pode aparecer morto em decúbito dorsal numa vala com uma bolsa cheia de cocaína e uma pistola .40 na mão, fumegando. Foi esse o recurso empregado por quase 20% do efetivo de outro batalhão, o 12o, em Niterói, para explicar como foi possível matar um inocente e apresentar-se à Justiça como um polidial cumpridor das leis e responsável apenas por um auto de resistência, como a polícia chama a morte de um marginal em confronto.

Depois de ver mais um inocente ter a vida interrompida por causa da ação nefasta de polidais que se autodenominam guardiães da Lei & Ordem dá vontade é de... sumir, desaparecer, de tanta tristeza que é a gente ver isso tudo, numa **roda-viva** sem fim. A sensação de perda só aumenta quando percebemos que quase ninguém mais se comove com a dor do outro, sobretudo se o outro é um pobre atendente de uma lanchonete, que vive na periferia da cidade, e sonhar em ser bailarino, talvez do Teatro Municipal. A política de confronto continua viva. A desvalorização da vida humana é cada vez maior. E logo, logo, eu mesmo que estou dando a cara a tapa vou esquecer desse caso, que vai ser mais um nas estatísticas de mortes violentas do estado.

Mas se eu fosse o dono do Mac Donald's, ah se eu fosse... Pode escrever, eu não ia deixar isso barato, não. Alguém ia ter que responder pela vida do meu funcionário. Nem que fosse apenas pensando na falta que Júlio Cesar vai fazer na produtividade da filial da Hilário de Gouveia, a primeira loja inaugurada no Brasil pela multinacional, em Copacabana. Para você, Julio Cesar poderia não ser nada. Mas ele era patrimônio da maior lanchonete de hambúrguers do mundo.

Anexo 15

XVI

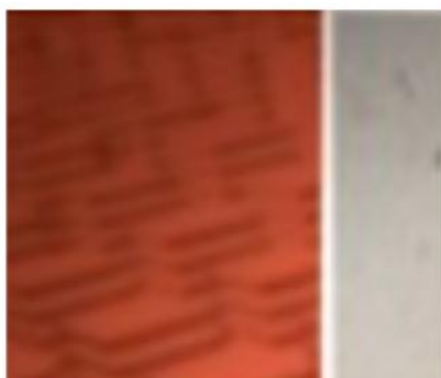
22/09/2010 08h35 - Atualizado em 22/09/2010 08h35

Polícia no RJ afasta das ruas PMs que participaram de ação em Cordovil

Quatro pessoas morreram baleadas, três não tinham passagem pela polícia. Policiais vão fazer atividades internas no batalhão até o fim da investigação.

Do G1 RJ

imprimir



★★★★★ « dê sua nota

A Polícia Militar do Rio afastou de atividades nas ruas quatro policiais que participaram da operação que resultou na **morte de quatro pessoas**, no sábado (18) na Cidade Alta, em Cordovil, subúrbio do Rio. Eles irão fazer apenas atividades dentro do 16º BPM (Olaria) até a conclusão da investigação aberta pela PM.

A assessoria de comunicação da Polícia Civil informou na segunda-feira (20) que três dos quatro homens mortos durante a operação **não tinham passagem pela**

polícia. Uma mulher também foi ferida durante o tiroteio.



Família de Julio Cesar protestou, na segunda-feira (20), após a morte do atendente morto durante a operação da PM (Foto: Jadson Marques/Ag. Estado)

Segundo a Polícia Civil, apenas um dos mortos tinha passagem pela polícia pelos crimes de tráfico de drogas, roubo e homicídio.

As armas usadas pelos PMs no dia da operação foram recolhidas para uma perícia da Polícia Civil. Na tarde de segunda-feira (20), a família de Julio César Coelho, de 21 anos, **uma das vítimas do confronto**, fez um protesto em uma das saídas da Avenida Brasil. Com faixas e cartazes, amigos e parentes estavam revoltados. Eles alegam que Julio César era estudante e trabalhava como atendente de uma rede de lanchonetes.

Segundo a PM, a manifestação durou poucos minutos e interrompeu apenas um dos acessos via, que leva à Cidade Alta.

Em nota oficial na segunda (20), a assessoria de imprensa da Polícia Militar informou que o comandante em exercício do 16º BPM, tenente-coronel Roberto Garcia, abriu um procedimento administrativo para apurar os fatos.

Testemunhas dizem que tiros foram disparados por PMs

No sábado à noite (18), Julio César estava na rua no conjunto, onde morava com a mãe, quando foi baleado. Ele morreu antes de chegar ao hospital. Os tiros, segundo testemunhas, teriam sido disparados por PMs.

Equipes do 16º BPM (Olaria) foram ao local verificar uma denúncia de que suspeitos estavam reunidos no local. O comando do 16º BPM informou que os policiais foram recebidos a tiros, e reagiram.

Depois da operação, a Polícia Militar chegou a informar que todos os mortos eram traficantes. No entanto, mais tarde, foi informado que três homens não tinham passagem pela polícia. APM apreendeu três granadas, uma submetralhadora, duas pistolas, um revólver, um carregador de fuzil, além de crack, cocaína e maconha.

“Eu acho que a polícia deveria ter um pouco mais de cautela. Se o meu sobrinho tivesse envolvimento com o tráfico, eu não estava aqui, no enterro dele, falando de cara limpa com a imprensa”, afirmou Juacir Brandão, tio de Julio César.

Anexo 16 – parte 2



JORNALISMO · Cidades

Quarta-feira, 22 de setembro de 2010 - 09h09 Última atualização, 22/09/2011 - 09h09

PMs são transferidos após operação que matou quatro no Rio

Da Redação, com Band News FM Rio de Janeiro
cidades@eband.com.br

Os policiais militares envolvidos em uma **operação** que matou quatro pessoas na favela Cidade Alta, bairro Cordovil, no último sábado, foram transferidos para funções administrativas, no Rio de Janeiro.

Os três cabos e um soldado são investigados pelas mortes de pessoas sem passagem pela polícia, entre elas o estudante e atendente de lanchonete Júlio César de Menezes Coelho, de 21 anos. Uma mulher também foi ferida, no tornozelo.

Os policiais ficarão afastados das ruas até o fim do Inquérito Policial Militar. Para tentar esclarecer as mortes e de onde partiram os tiros, a polícia cogita fazer a reconstituição do caso.

Os laudos cadavéricos das vítimas também vão tirar as dúvidas da PM sobre as denúncias dos parentes dos mortos de que eles foram executados à queima-roupa. Os familiares pensam em processar o Estado.

Redator: Roberto Saraiva

JORNALISMO

- VIDEOS
- BRASIL
- MUNDO
- ECONOMIA
- CIDADES
- TECNOLOGIA
- SAÚDE
- GALERIAS DE FOTOS
- INFOGRÁFICOS
- ESPORTE
- ENTRETENIMENTO
- TEMPO
- TRÂNSITO-SP
- BLOGS
- CHAT
- COLUMNISTAS
- PODCASTS

Tamanho do texto

A A

PUBLICIDADE



Fiat Linea 2011.
Agora com o novo motor E-torQ.

LINEA
CONECTADO COM VOCÊ

Anexo 17



Editor: Giampaolo Braga

Enviado por Cíntia Cruz - 23.09.2010 | 07h00m

Testemunhas de tiroteio na Cidade Alta serão ouvidas hoje

O delegado Roberto Ramos, titular da 38ª DP (Irajá), vai ouvir hoje três testemunhas do confronto entre policiais do 16º BPM (Olaria) e traficantes na Cidade Alta, em Cordovil, no último sábado. As testemunhas são familiares de Julio César de Meneses Coelho, morto durante a operação. Segundo o delegado, o depoimento das testemunhas será importante para visualizar o que aconteceu.

— Inicialmente vamos ouvir familiares porque são mais fáceis de encontrar — explica.

Ramos alegou que ainda é cedo para fazer uma reconstituição, procedimento que, segundo ele, é feito próximo ao final das investigações. O delegado afirmou ainda que o fato de os policiais terem admitido a autoria dos disparos contra os quatro homens quemorreram no tiroteio, inclusive Julio César, não altera a investigação.

— A Polícia Civil sempre atua com a verdade real. Investigamos tudo, inclusive as circunstâncias da morte. A única hipótese para o Estado admitir a morte de alguém é o policial estar em perigo e usar as armas dele para se proteger. O policial realmente admitiu que atirou. Vamos ver as circunstâncias que foram dadas nesse tiro, se estavam atirando nele, quantidade de tiro. Por enquanto, estamos colhendo elementos. Está tudo muito no início.



"A proximidade entre os casos do meu irmão e de Julio César me revolta. Não posso fazer nada." O desabafo é da operadora de caixa Flávia Souza Sarti, 33 anos, sobre o assassinato de Julio César. Poucos dias depois de perder o irmão, Maxwil de Souza dos Santos, assassinado aos 21 anos, durante operação de policiais do 16º BPM em Brás de Pina, Flávia acompanha o processo dos oito policiais denunciados pelo Ministério Público Estadual.

Segundo Flávia, os exames só confirmam o não envolvimento do irmão com o tráfico:

— O laudo de exame de material mostrou que não havia pólvora nas mãos do meu irmão.

Para o promotor responsável pelo caso, Marcelo Muniz, Maxwil não colocou a vida dos policiais em risco.

— A dinâmica que foi apresentada é que ele estava num moto e iniciou os disparos. O fato de estar num moto não significa que ele estava se insurgindo contra os policiais.

Após o crime, Flávia decidiu se mudar para Nilópolis.

— Eu quis me mudar porque lá (Brás de Pina) sentimos certa insegurança. O fato de eles (policiais) estarem presos não me deixa segura — revelou.

Apesar de acompanhar o julgamento dos policiais, a irmã de Maxwil lamenta que casos de mortes de inocentes em unidades ainda ocorram.

— Infelizmente é mais um e não vai ser o último. Eles (policiais) agem com os todos da comunidade fossem banidos — lamenta.

Trânsito
Acompanhe aqui em
tempo real

Guia de Lazer
As melhores opções
de diversão!

Rio de Janeiro
Min 20° Max 32°
Outras cidades

7 Dez 2010 | atualizada às 18:56

+PLANTÃO

PAÍS » Angello deixa relatório de Orçamento de 2011...

Clá, evandro | M

Capa

Bem-Viver

Brasileiro 2010

Canal Extra

Casa Própria

Casos de Cidade

Casos de Polícia

Extra, Extra

Horóscopo

Jogo Extra

Prêmio Extra

Religião e Fé

Repórter do Amanhã

Relatos da Vida

Sessão Extra

Vida Ganha

Plantão

• Ciência

• Economia

• Esporte

• Geral

• Lazer

• Mundo

• País

• Saúde

• Hoje

• Ontem

Blogs

Comunidades

Eu-Repórter

Especiais

Interatividade

• Extra Pergunta

• Fórum Extra

• Testes

Multimídia

• Áudios

• Fotogalerias

• Vídeos

Bairros.com

Extra no celular

Guia de Lazer

Promoções

Shopping Extra

Tempo

Quero ser modelo

GERAL

O blog quem não tem medo de falar sobre violência

Desaparecidos | Serviços | Vídeos | Especiais | Matérias | Contato

Editor: Giampaolo Braga

Enviado por Matheus Vieira - 24.09.2010 | 12h09m

CASO JÚLIO CÉSAR

Famíliares de jovem assassinado prestam depoimento

Famíliares e amigos do estudante Julio César de Menezes Coelho, de 21 anos, estão, na manhã desta sexta-feira, na 38ª DP (Irajá). Eles acusam policiais militares de terem confundido o jovem com bandidos e foram chamados pelo delegado a prestar depoimento. Os PMs que participaram da incursão a comunidade da Cidade Alta, em Cordovil, afirmam que Julio César estava no grupo de traficantes armados.

A missa de 7º dia de Julio César estão aracadapara este sábado, às 18h, na Igreja Nossa Senhora do Bonfim, na Cidade Alta.

24.09.10 às 19h31 > Atualizado em 24.09.10 às 19h32

<Rio>

Polícia Civil faz perícia na praça da Cidade Alta, onde jovem morreu no último sábado

POR ISABEL BOECHAT

Rio - A Polícia Civil, com a ajuda da Coordenadoria de Recursos Especiais (Core), realizaram nesta sexta-feira uma perícia na praça da Cidade Alta, em Cordovil, Zona norte do Rio, onde morreu, no último sábado, Júlio César de Menezes Coelho, de 21 anos, durante um tiroteio entre PMs e bandidos da comunidade. Policiais militares são acusados de terem executado o rapaz.

De acordo com o delegado Roberto Ramos da 38ª (Brás de Pina), Júlio tinha acabado de sair do banco e estaria sentado em uma praça, quando levou o tiro na barriga. A polícia tentou recuperar as imagens das câmeras do banco, mas não estavam disponíveis. Foi feita uma análise das marcas dos tiros no local do crime e sangue foi recolhido.

O delegado declarou que continua reunindo provas técnicas e ainda é necessário colher mais depoimentos. O inquérito não apura somente a morte de Júlio Cesar, mas também de três bandidos que morreram no confronto.

"Precisamos aguardar as provas técnicas para saber se é necessário que os PMs voltem para depor, ou não", declarou o delegado.

A Mãe do menino, Jane Coelho, disse que chegou a chamar o filho para casa quando passou por ele na praça, momentos depois Júlio levou o tiro. "Senti uma dor no peito quando meu filho levou o tiro", desabafou Jane. De acordo com a mãe do cabeleireiro, ele ainda com vida gritava que era trabalhador, e sua única arma era um secador. Jane ainda disse seu filho entrou no camburão com um tiro na barriga e foi "devolvido" com um tiro no peito.



Moradores fizeram manifestação e interditaram trânsito em acesso à Avenida Brasil, perto da Cidade Alta | Foto: Alessandro Costa / Agência O Dia

Enviado por Herculano Barreto Filho - 25.09.2010 | 22h34m

MORTE NA CIDADE ALTA

Orações e protestos na missa de sétimo dia de Júlio César



A missa de sétimo dia do atendente de lanchonete Júlio César Menezes Coelho, de 21 anos, morto com dois tiros no peito no último dia 18 após a chegada de policiais militares na Cidade Alta, foi marcada pela comovção e por protestos na noite deste sábado.

Depois da missa, cerca de 30 pessoas se reuniram em frente à Igreja Senhor do Bonfim para rezar pelo rapaz. A mãe de Júlio César, Jane Coelho, de 40 anos, passou mal e foi levada para casa por familiares enquanto rezava.



Amigos e familiares, que vestiam uma camiseta com a foto de Júlio César, também carregavam cartazes para protestar porque a PM confundiu a vítima com um traficante durante o tiroteio. Além de Júlio César, outras três pessoas morreram durante o tiroteio.

- Não entendo como confundiram o Júlio César com um traficante. Ele era um rapaz trabalhador. Infelizmente, moramos numa comunidade onde é comum acontecer esse tipo de violência - lamentou Claiton Ferreira, de 25 anos, amigo de infância da vítima.

Plantão | Publicada em 02/10/2010 às 20h55m [Olá, evandro |](#)

Juiz, enteada e filho são baleados depois de carro dar ré em blitz da Polícia

O Globo

DÊ SEU VOTO |
 MÉDIA: 4,7

Renata Leite e Marcelo Dutra

RIO - O juiz trabalhista Marcelo Alexandrino da Costa Santos, de 39 anos, sua enteada, Natália, de 8 anos, e seu filho, Diego de 11 anos, foram baleados, neste sábado, quando se dirigiam a uma festa, na Estrada do Pau Ferro, em Jacarepaguá. O juiz, que dirigia um Kia Cerato, teria cruzado com uma blitz da 41ª DP (Tanque) e teria dado ré, imaginando tratar-se de uma falsa blitz, sendo alvejado.

Santos foi atingido no tórax e está sendo operado no hospital Cardoso Fontes. Natália está em estado grave, com uma bala que atingiu o tórax e se alojou no abdômen. Já Diego levou um tiro no tórax, que perfurou o pulmão, o diafragma e o fígado. O estado dele é grave, mas estável.

O juiz, mesmo baleado, dirigiu até o hospital e bateu o carro no muro da emergência. Também estavam no veículo sua esposa, Sanny Lucas, 28 anos, e a mãe dela, Arlete Castro Aragão, de 53 anos, que sofreu um corte na boca. Sanny não se feriu, mas está em estado de choque.

Anexo 23

Trânsito
Acompanhe aqui em
tempo real

Guia de Lazer
As melhores opções
de diversão!

Rio de Janeiro
Min 20º Max 32º
Outras cidades

7 Dez 2010 | atualizada às 18:56

+PLANTÃO

PAÍS » Desmoronamento de terra mata

Clá, evandro | M

Capa

Bem-Viver

Brasil 2010

Canal Extra

Casa Própria

Casos de Cidade

Casos de Polícia

Extra, Extra

Horóscopo

Jogo Extra

Prêmio Extra

Religião e Fé

Repórter do Amanhã

Retratos da Vida

Sessão Extra

Vida Ganha

Plantão

Ciência
Economia
Esporte
Geral
Lazer
Mundo
País
Saúde
Hoje
Ontem

Blogs

Comunidades

Eu-Repórter

Especiais

Interatividade

GERAL

O blog quem não tem medo de falar sobre violência

Desaparecidos
Serviços
Vídeos
Especiais
Matéias
Contato

Editor: Giampaolo Braga

Enviado por Marcelo Dias - 02.10.2010 | 20h04m

Policiais civis atiram contra família em blitz na Grajaú-Jacarepaguá

Uma família foi atingida por disparos de policiais civis num a blitz na Autoestrada Grajaú-Jacarepaguá pouco antes das 19 horas deste sábado. Dos cinco ocupantes do veículo (um Kia Cerato), quatro foram atingidos, sendo duas crianças, que foram operadas no Hospital Cardoso Fontes, em Jacarepaguá, e estão em estado grave.

Segundo o 18º BPM (Jacarepaguá), o motorista, o juiz trabalhista Marcelo Alexandrino da Costa, de 39 anos, teria achado que se tratava de uma falsa batida policial, armada por traficantes, já que os agentes estavam à paisana, e tentou fugir. Com o juiz estavam sua mulher Sanny Lucas, de 28 anos; a sogra, Arlete Castro Aragão, 53; sua enteada, Natália, de 8 anos; e o filho Diego, de 11.

O juiz foi baleado no tórax e teve o pulmão perfurado. Mesmo assim, conseguiu dirigir até o hospital. Natália foi atingida no tórax e a bala se alojou no abdômen. Diego também levou um tiro no tórax, que perfurou o pulmão, o diafragma e o fígado. Os médicos puseram um dreno no menino, cujo estado é grave. Os três foram operados e as duas crianças foram para o CTI. A sogra de Marcelo da Costa levou um tiro na boca. A esposa não foi ferida, mas está em estado de choque.

Anexo 24


XXVI

02/10/2010 22h02 - Atualizado em 02/10/2010 22h39

Juiz e duas crianças são baleados perto de blitz na Zona Oeste do Rio

Eles foram atingidos por tiros disparados de outro carro, diz polícia.
Segundo Ministério da Saúde, vítimas estão internadas em estado grave.

Do G1 RJ

 imprimir

Um juiz e duas crianças foram baleados na noite deste sábado (2) quando passavam por uma blitz na altura da Freguesia, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. A Polícia Civil confirmou que agentes realizavam blitz na região e que as vítimas teriam sido baleadas por ocupantes de outro veículo que tentaram burlar a operação.

Segundo as primeiras informações da polícia, agentes da 41ª DP (Tanque) realizavam blitz na Autoestrada Grajaú-Jacarepaguá, na pista sentido Zona Oeste, quando um carro tentou fugir da operação. Um dos agentes teria feito um disparo para o alto na tentativa de parar o veículo. Em seguida, os ocupantes do automóvel atiraram contra os policiais.

Ainda de acordo com a Polícia Civil, o juiz Marcelo Alexandrino da Costa Santos, de 39 anos, que estava acompanhado da esposa, do filho de 11 anos, de uma enteada de 8 e da sogra, passava de carro no momento do tiroteio. Assustado, Marcelo Alexandrino teria tentado ainda fugir do local, mas foi atingido por um tiro. As duas crianças também foram baleadas.

Mesmo baleado, segundo a polícia, o juiz conseguiu dirigir até o Hospital Cardoso Fontes, em Jacarepaguá. O motorista ainda bateu num muro do hospital. De acordo com a assessoria do Ministério da Saúde, responsável pela administração da unidade, as vítimas passaram por uma cirurgia.

Crianças estão em estado grave

De acordo com o Ministério da Saúde, a menina de 8 anos foi atingida por uma bala no tórax e está internada em estado grave. O filho do juiz também foi baleado no tórax. A bala atingiu o pulmão, o diafragma e o fígado. Ele também está internado em estado grave. As duas crianças foram encaminhadas para o CTI pediátrico do hospital.

Já o juiz Marcelo Alexandrino, segundo o Ministério da Saúde, também foi atingido na parte superior do tórax. Ele foi operado e encaminhado para a enfermaria.

Reprodução simulada

A Polícia Civil informou que os agentes só atiraram para o alto. No entanto, as armas dos policiais que atuaram na blitz foram recolhidas pelo delegado da 41ª DP, onde o caso foi registrado, para perícia. A polícia informou, ainda, que está prevista para este domingo (3) uma reprodução simulada do crime no local.



JORNALISMO
 VÍDEOS
 BRASIL
 MUNDO
 ECONOMIA
 CIDADES
 TECNOLOGIA
 SAÚDE
 GALERIAS DE FOTOS
 INFOGRÁFICOS
 ESPORTE
 ENTRETENIMENTO
 TEMPO
 TRÂNSITO-SP
 BLOGS
 CHAT
 COLUMISTAS
 PODCASTS
 TWITTER
 RSS
 TELEVISÃO
 BAND
 BRASIL URGENTE
 CANAL LIVRE
 JORNAL DA BAND
 JORNAL DA NOITE
 PRIMEIRO JORNAL
 SP ACONTECE

JORNALISMO , Cidades

Domingo, 3 de outubro de 2010 - 09h23 Última atualização, 03/10/2010 - 12h11

Juiz e duas crianças são baleados durante blitz no Rio de Janeiro

Da Redação, com BandNews FM Rio
cidades@eband.com.br

Um juiz e duas crianças foram baleados na noite desse sábado, dia 2, quando passavam por uma blitz da Polícia Civil em Jacarepaguá, na zona oeste do Rio de Janeiro. As vítimas permanecem internadas.

Segundo a polícia, o juiz trabalhista Marcelo Alexandrino de Costa Santos e sua família foram alvo de um ataque de bandidos que fizeram disparos para furar a barreira policial. No entanto, a sogra de Costa Santos, Arlete Castro Aragão, negou a versão e disse que o magistrado se assustou e fez uma curva brusca, chamando a atenção dos agentes, que teriam atirado.

Castro Aragão e Sanny Lucas, a mulher do juiz que também estava no carro, não se feriram. Costa Santos, o filho do casal e a enteada do magistrado, porém, foram atingidos.

Segundo o Ministério da Saúde, Natália Lucas Cucker, de 8 anos, recebeu um tiro no peito e a bala ficou alojada. Diego Lopes, de 11 anos, também foi atingido no tórax, sendo que a bala perfurou o pulmão, passou pelo diafragma e provocou uma lesão no fígado.

O juiz, mesmo baleado, conseguiu dirigir o veículo até o hospital mais próximo. Ele e as duas crianças passaram por operações no Hospital Cardoso Fontes, e o caso mais grave é o de Natália Cucker. Ela e Diego Lopes estão no CTI pediátrico da unidade, enquanto que o juiz foi transferido durante a madrugada para o Hospital Pasteur.

As armas dos seis agentes que participavam da blitz foram recolhidas, e a Polícia Federal vai ajudar na investigação do caso.

PUBLICIDADE

SHOPPING
 Busca de Produtos


BAND MUSIC
 Leve para casa a coletânea 50 Super Sucessos do Cinema.
R\$ 49,90 em até 4x


ManiaVirtual.co..
 TV Sony Bravia LCD 4,1...
12 x R\$208,25

03/10/2010 09h15 - Atualizado em 03/10/2010 14h06

Juiz baleado em blitz no Rio é transferido para hospital particular

Crianças atingidas permanecem internadas no CTI.
Corregedoria Interna da Polícia Civil vai investigar o caso.

Do G1 RJ

 imprimir

O **juiz que foi baleado junto com duas crianças** quando passavam por uma blitz na altura da Freguesia, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, foi transferido na madrugada deste domingo (3) para um hospital particular no Méier, no subúrbio do Rio. A informação é do Ministério da Saúde, responsável pelo Hospital Cardoso Fontes, em Jacarepaguá, na Zona Oeste, onde o juiz estava internado e foi operado.

As duas crianças que estavam com o magistrado no veículo permanecem internadas no CTI pediátrico do Cardoso Fontes, com quadro de saúde estabilizado, mas que inspira cuidados, ainda segundo a assessoria do hospital.

Corregedoria da Polícia Civil vai investigar o caso

O chefe da Polícia Civil, delegado Allan Turnowski, determinou que o incidente seja investigado pela Corregedoria Interna da Polícia Civil, a fim de garantir total isenção na apuração do fato. Ele visitou o magistrado e conversou com parentes dele. Depois, o delegado esteve no local do ocorrido e coordenou as investigações iniciais. As informações são da assessoria da Polícia Civil.

A Polícia Civil confirmou que agentes realizavam blitz na região e que as vítimas teriam sido baleadas por ocupantes de outro veículo que tentaram burlar a operação.

Segundo as primeiras informações da polícia, agentes da 41ª DP (Tanque) realizavam blitz na Autoestrada Grajaú-Jacarepaguá, na pista sentido Zona Oeste, quando um carro tentou fugir da operação. Um dos agentes teria feito um disparo para o alto na tentativa de parar o veículo. Em seguida, os ocupantes do automóvel atiraram contra os policiais.

Ainda de acordo com a Polícia Civil, o juiz Marcelo Alexandrino da Costa Santos, de 39 anos, que estava acompanhado da esposa, do filho de 11 anos, de uma enteada de 8, e da sogra, passava de carro no momento do tiroteio. Assustado, Marcelo Alexandrino ainda teria tentado fugir do local, mas foi atingido por um tiro. As duas crianças também foram baleadas.

Associação diz que juiz fugiu de falsa blitz

Mesmo baleado, segundo a polícia, o juiz conseguiu dirigir até o Hospital Cardoso Fontes, em Jacarepaguá. O motorista ainda bateu num muro do hospital. De acordo com a assessoria do Ministério da Saúde, responsável pela administração da unidade, as vítimas passaram por uma cirurgia.

A Associação dos Magistrados da Justiça do Trabalho da 1ª Região (AMATRA1) informou que o juiz, que estava ao volante, "deparou-se com homens armados e, suspeitando de uma falsa blitz, fez uma manobra."

Crianças estão em estado grave

De acordo com o Ministério da Saúde, a menina de 8 anos foi atingida por uma bala no tórax e está internada em estado grave. O filho do juiz também foi baleado no tórax. A bala atingiu o pulmão, o diafragma e o fígado.

Já o juiz Marcelo Alexandrino, segundo o Ministério da Saúde, também foi atingido na parte superior do tórax.

Reprodução simulada

A Polícia Civil informou que os agentes só atiraram para o alto. No entanto, as armas dos policiais que atuaram na blitz foram recolhidas pelo delegado da 41ª DP, onde o caso foi registrado, para perícia. A princípio, a polícia tinha previsto para este domingo (3) uma reprodução simulada do crime no local, mas ela foi adiada.



Juiz, filho e enteada são baleados em blitz no Rio

Agência Estado

imprimir

O juiz trabalhista Marcelo Alex andrino da Costa Santos, de 39 anos, o filho dele, de 11 anos, e sua enteada, de 8, foram baleados por volta das 19h45 de ontem, após o magistrado tentar fugir de uma blitz que era realizada no final da Estrada Grajaú - Jacarepaguá, por policiais civis da 41ª Delegacia do Tanque, na zona oeste do Rio.

Ao volante de um Kia Cerato vermelho, Marcelo, que atua na 4ª Vara do Trabalho de Duque de Caxias (RJ), ao ver três homens vestidos de preto e armados com fuzis, pensou que se tratava de uma falsa blitz montada por criminosos. Ele resolveu parar e voltar na contramão. Os policiais, segundo testemunhas, atiraram contra o veículo. Mesmo baleado no peito, Marcelo conseguiu dirigir por quase 300 metros até o Hospital Cardoso Fontes, onde ainda bateu o carro contra um muro.

Após ser atendido no local, o juiz foi transferido para o Hospital Pasteur, no Meier. Também atingidos, o teve perfurados um dos pulmões, o diafragma e o fígado e a menina ficou com a bala alojada na barriga. O estado do menino é grave, mas estável. Também estavam no veículo Sanny Lucas, de 28 anos, esposa do juiz, e a mãe dela, Arlete Castro Aragão, de 53 anos, que sofreu um corte na boca.

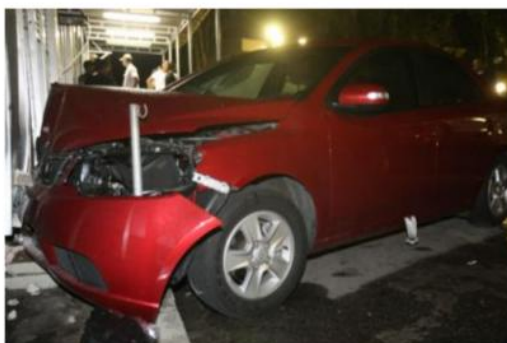
A Polícia Civil do Rio teria outra versão para explicar o ocorrido. Os policiais teriam afirmado que atiraram contra ocupantes de um Honda Civic preto que abriram fogo em direção às viaturas ao se aproximarem da blitz, sinalizada com cones. No tiroteio, o veículo do juiz foi atingido por vários tiros, todos de fuzil.



Editor: Giampaolo Braga

Enviado por Marcelo Dias - 03.10.2010 | 02h00m

Políciais alegam que atiraram contra bandidos e atingiram família



A família do juiz trabalhista Marcelo Alexandrino da Costa Santos, de 39 anos, foi alvejada ao mesmo tempo por policiais da 41ª DP (Tanque) durante uma blitz na Estrada do Pau Ferro, em Jacarepaguá, por volta das 19h30m. Lotado na 4ª Vara do Trabalho de Duque de Caxias, o magistrado seguia com seu Kia Cerato vermelho quando foi baleado. As outras vítimas dos tiros foram sua enteada, Natália Lucas Cuker, de 8, seu filho Diego Lopes, de 11, e a sogra, Arlete Castro Aragão, de 53.

Aparentes e médicos, o juiz teria dito que pensou estar diante de um assalto ou de uma falsa blitz. Segundo a Polícia Civil, os policiais alegaram que dispararam contra um Honda Civic preto, cujos ocupantes teriam atirado contra os agentes. O juiz freou, deu marcha à ré e fugiu pela contramão quando os tiros atingiram o carro por trás.

Baleado no peito — com o tiro perfurando o pulmão —, ele permaneceu consciente e dirigiu até o Hospital Cardoso Fontes, a 200 metros dali, batendo com o carro na parede da emergência. Natália foi atingida no tórax. A bala se alojou na barriga e provocou um ahemorragia. Diego levou um tiro que perfurou o pulmão, o diafragma e o fígado. Os três foram operados e estavam no CTI.

Arlete sofreu um corte na boca e a mulher do juiz, Sanny Lucas, de 28, que também estava a bordo, nada sofreu. Mãe de Natália, Sanny entrou em estado de choque.

Agentes dizem que revidaram tiros de tripulantes de outro carro

Segundo a Polícia Civil, a blitz estava sinalizada com cones e era composta por seis policiais. A equipe sustenta que um Civic preto avistou as duas patrulhas da 41ª DP, parou e abriu fogo. Nesse momento, um dos policiais viu um carro vermelho — que seria o do juiz — freando bruscamente e engatando a ré. Em seguida, deu um tiro de advertência para o alto.

De acordo com a versão policial, um segundo agente alegou ter atirado contra o Civic, de onde bandidos estariam disparando contra os policiais. A perícia encontrou quatro perfurações de tiro no carro do juiz. Todos disparados por fuzil. As armas estão apreendidas e um inquérito foi aberto na delegacia.

A Secretaria de Segurança determinou estado de alerta no Rio e a realização de blitzes na cidade devido a rumores de ataques de traficantes.

Trânsito
Acompanhe aqui em tempo real

Guia de Lazer
As melhores opções de diversão!

Rio de Janeiro
Min 20º Max 32º
Outras cidades

7 Dez 2010 | atualizada às 19:44

+PLANTÃO

MUNDO» Netanyahu rejeita pedido para que não vendam imóveis...

Clá, evandro |

Capa
Bem-Viver
Brasileiro 2010
Canal Extra
Casa Própria
Casos de Cidade
Casos de Polícia
Extra, Extra
Horóscopo
Jogo Extra
Prêmio Extra
Religião e Fé
Repórter do Ano
Retratos da Vida
Sessão Extra
Vida Ganha
Plantão

PLANTÃO

GERAL

+ Com partilhe

Imprimir

Enviar por e-mail

Tam an ho da Letra

Publicada em 03/10/2010 às 03:28

Juiz é transferido para hospital particular

Ruben Berta

RIO- -O juiz trabalhista Marcelo Alexandrino da Costa Santos, de 39 anos, foi transferido na madrugada deste domingo do Hospital Cardoso Fontes, em Jacarepaguá, para o Hospital Pasteur, unidade particular no Méier. De acordo com a assessoria de imprensa do Cardoso Fontes, o estado do magistrado é bom. Ele foi atingido na noite de sábado por um tiro no tórax ao dar marcha e é quando teria confundido uma operação da Polícia Civil com uma falsa blitz na Estrada do Pau Ferro.

A assessoria de imprensa da Polícia Civil informou que deverá fazer a reconstrução do caso ainda neste domingo.

Anexo 30

Publicada em 03/10/2010 às 04:19

Juiz tenta fugir de blitz da Polícia Civil e é baleado com o filho e a enteada

Gal Rocha, Marcelo Dutra, Renata Leite e Ruben Berta



Clique para ampliar

RIO - O juiz trabalhista Marcelo Alexandrino da Costa Santos, de 39 anos, sua enteada, Natália, de 8, e seu filho, Diego, de 11, foram baleados, neste sábado, pouco antes das 19h, na Estrada do Pau Ferro, próximo à Autoestrada Grajaú - Jacarepaguá, quando iam para uma festa. O juiz, que dirigia um Kia Cerato, tentou retornar ao ver uma blitz da Polícia Civil, que pensou ser falsa. Nesse momento, o carro foi atingido por tiros de fuzil.

Baleado no tórax e com pulmão perfurado, Santos permaneceu consciente e dirigiu até o Hospital Cardoso Fontes, batendo o carro no muro do setor de emergência. Natália foi atingida no tórax por uma bala que se alojou no abdômen - seu estado se agravou devido a uma hemorragia. Já Diego levou um tiro no tórax, que perfurou o pulmão, o diafragma e o fígado. Médicos puseram um dreno no menino, cujo estado é grave. Os três foram operados, e as duas crianças foram para o CTI.

Marcelo, que é Juiz Substituto da 4ª Vara do Trabalho de Duque de Caxias, foi transferido na madrugada deste domingo do Hospital Cardoso Fontes, em Jacarepaguá, para o Hospital Pasteur, unidade particular no Méier. De acordo com a assessoria de imprensa do Cardoso Fontes, o estado do magistrado é bom.

A Polícia Civil informou que seis policiais com camisas da corporação faziam a blitz. Um deles, segundo a versão oficial, deu um tiro para o alto quando viu o juiz dar a volta. Homens que estariam num Honda escuro, ainda segundo a Polícia Civil, fizeram três disparos. Esses bandidos seriam os mesmos que mataram um sargento no dia 17, em Jacarepaguá. Já o comandante do 18º BPM (Jacarepaguá), Djalmir Beltrami, disse que não recebeu qualquer informação sobre a participação de homens suspeitos num Honda.

Também estavam no veículo do juiz sua mulher, Sanny Lucas, de 28 anos, e a mãe dela, Arlete Castro Aragão, de 53, que sofreu um corte na booca. Sanny, que é mãe de Natália, não se feriu, mas ficou em estado de choque.

Em função das eleições, a Polícia Civil realizava, neste sábado, blitzes em diversas localidades, entre elas a subida da Grajaú - Jacarepaguá. As armas dos policiais foram recolhidas.

O chefe da Polícia Civil, delegado Allan Turnowski, determinou que o caso do juiz trabalhista Marcelo Alexandrino da Costa Santos, 39 anos, seja investigado pela corregedoria interna da Polícia Civil (Coinpol), informou a assessoria de imprensa da instituição, acrescentando que a Polícia deverá fazer a reconstrução do caso ainda neste domingo.

Publicada em 03/10/2010 às 04h19m

[Olá, evandro](#)

MEDO

Juiz tenta fugir de blitz da Polícia Civil e é baleado com o filho e a enteada

Gal Rocha, Marcelo Dutra, Renata Leite e Ruben Berta

★★★★★ DÊ SEU VOTO | ★★★★★ MÉDIA: 4,6 | [Comentários](#)

Clique para ampliar

RIO - O juiz trabalhista Marcelo Alexandrino da Costa Santos, de 39 anos, sua enteada, Natália, de 8, e seu filho, Diego, de 11, foram baleados, neste sábado, pouco antes das 19h, na Estrada do Pau Ferro, próximo à Autoestrada Grajaú-Jacarepaguá, quando iam para uma festa. O juiz, que dirigia um Kia Cerato, tentou retomar ao ver uma blitz da Polícia Civil, que pensou ser falsa. Nesse

momento, o carro foi atingido por tiros de fuzil.

Baleado no tórax e com pulmão perfurado, Santos permaneceu consciente e dirigiu até o Hospital Cardoso Fontes, batendo o carro no muro do setor da emergência. Natália foi atingida no tórax por uma bala que se alojou no abdômen - seu estado se agravou devido a uma hemorragia. Já Diego levou um tiro no tórax, que perfurou o pulmão, o diafragma e o fígado. Médicos puseram um dreno no menino, cujo estado é grave. Os três foram operados, e as duas crianças foram para o CTI.

Marcelo, que é Juiz Substituto da 4ª Vara do Trabalho de Duque de Caxias, foi transferido na madrugada deste domingo do Hospital Cardoso Fontes, em Jacarepaguá, para o Hospital Pasteur, unidade particular no Méier. De acordo com a assessoria de imprensa do Cardoso Fontes, o estado do magistrado é bom.

A Polícia Civil informou que seis policiais com camisas da corporação faziam a blitz. Um deles, segundo a versão oficial, deu um tiro para o alto quando viu o juiz dar a volta. Homens que estariam num Honda escuro, ainda segundo a Polícia Civil, fizeram três disparos. Esses bandidos seriam os mesmos que mataram um sargento no dia 17, em Jacarepaguá. Já o comandante do 18º BPM (Jacarepaguá), Djalma Beltrami, disse que não recebeu qualquer informação sobre a participação de homens suspeitos num Honda.

Também estavam no veículo do juiz sua mulher, Sanny Lucas, de 28 anos, e a mãe dela, Arlete Castro Aragão, de 53, que sofreu um corte na boca. Sanny, que é mãe de Natália, não se feriu, mas ficou em estado de choque.

Em função das eleições, a Polícia Civil realizava, neste sábado, blitzes em diversas localidades, entre elas a subida da Grajaú-Jacarepaguá. As armas dos policiais foram recolhidas.

O chefe da Polícia Civil, delegado Allan Tumowski, determinou que o caso do juiz trabalhista Marcelo Alexandrino da Costa Santos, 39 anos, seja investigado pela corregedoria interna da Polícia Civil (Coinpol), informou a assessoria de imprensa da instituição, acrescentando que a Polícia deverá fazer a reconstituição do caso ainda neste domingo.

Plantão | Publicada em 03/10/2010 às 14h00m

[Olá, evandro |](#)

Em nota, Associação dos Magistrados exige apuração rigorosa de caso de juiz baleado ao fugir de blitz

O Globo

☆☆☆☆☆ DÊ SEU VOTO : ☆☆☆☆☆ MÉDIA: 5,0

RIO - A Associação dos Magistrados da Justiça do Trabalho da 1ª Região (AMATRA1) divulgou uma nota no início da tarde deste domingo expressando indignação e exigindo uma apuração ágil e rigorosa do incidente ocorrido na noite de sábado, quando o juiz do trabalho Marcelo Alexandrino da Costa Santos, de 39 anos, foi baleado ao fugir de uma blitz da Polícia Civil na Autoestrada Grajaú-Jacarepaguá. Além do magistrado, sua enteada e seu filho, que também estavam no carro, foram baleados.

Veja a íntegra da nota:

"A Associação dos Magistrados da Justiça do Trabalho da 1ª Região (AMATRA1) expressa sua indignação por mais um episódio de violência na cidade do Rio de Janeiro, que vitimou o juiz do trabalho Marcelo Alexandrino da Costa Santos, associado da AMATRA1, e sua família na noite deste sábado, 02 de outubro de 2010. O juiz, que estava ao volante, deparou-se com homens armados e, suspeitando de uma falsa blitz, fez uma manobra. Ele, seu filho e a enteada foram baleados e estão hospitalizados. A AMATRA1 exige a apuração ágil e rigorosa dos fatos e a punição exemplar dos culpados".

Anexo 34

03.10.10 às 08h06 > Atualizado em 03.10.10 às 13h59

<Rio>

Juiz e duas crianças são baleados durante blitz na Freguesia

Rio - O juiz trabalhista Marcelo Alexandrino da Costa Santos, de 39 anos, sua enteada, Natália, de 8, e seu filho, Diego, de 11, foram baleados, na noite deste sábado, por volta das 19 horas, na Estrada do Pau Ferro, próximo à Autoestrada Grajaú-Jacarepaguá.

Eles seguiam para uma festa na Taquara e além de Marcelo e das crianças, a esposa dele Sanny Lucas, de 28 anos, e a mãe dela, Arlete Castro Aragão, de 53, que sofreu um corte na boca, também estavam no veículo. O juiz, que dirigia um Kia Cerato, tentou retomar ao ver uma blitz da Polícia Civil, que pensou ser falsa. Nesse momento, o carro foi atingido por tiros de fuzil.

Um dos agentes teria feito um disparo para o alto na tentativa de parar o veículo. De acordo com os policiais civis que faziam a operação, ocupantes de um outro carro, um Honda escuro, atiraram contra os policiais e teriam atingido o carro do juiz.



Ao chegar no hospital, o juiz, que foi baleado, bateu em muro | Foto: Alexandre Brum / Agência O Dia

A sogra de Marcelo, Arlete Aragão, afirma que os tiros partiram dos policiais que participavam da blitz.

Mesmo baleado, o juiz conseguiu dirigir até o Hospital Cardoso Fontes, em Jacarepaguá, e bateu no muro do hospital. De acordo com a assessoria do Ministério da Saúde, responsável pela administração da unidade, as vítimas passaram por uma cirurgia.

A menina de 8 anos foi atingida por uma bala no tórax, teve hemorragia e está internada em estado grave. O filho do juiz também foi baleado no tórax. A bala atingiu o pulmão, o diafragma e o fígado. Ele também está internado em estado grave. As duas crianças foram encaminhadas para o CTI pediátrico do hospital.

Já o juiz Marcelo Alexandrino também foi atingido na parte superior do tórax. Ele foi operado e encaminhado para a enfermaria. No início da madrugada deste domingo, para o Hospital Pasteur, no Méier. Ele passa bem.

A assessoria de imprensa da Polícia Civil informou que deverá fazer a reconstituição do caso ainda neste domingo. O chefe da Polícia Civil, delegado Allan Tumowski, determinou que o incidente seja investigado pela Corregedoria Interna da Polícia Civil, a fim de garantir total insensação na apuração do fato. O chefe da Polícia Civil visitou o magistrado e conversou com seus familiares, depois esteve no local do ocorrido e coordenou as investigações iniciais.

Em nota enviada à imprensa na tarde deste domingo, André Vilella, presidente da Associação dos Magistrados da Justiça do Trabalho da 1ª Região expressa sua indignação por mais um episódio de violência na cidade do Rio de Janeiro. "A AMATRA1 exige a apuração ágil e rigorosa dos fatos e a punição exemplar dos culpados." - disse no comunicado.

03.10.10 às 14h21 > Atualizado em 03.10.10 às 14h23

<Rio>

Associação dos Magistrados exige apuração ágil e rigorosa no caso do juiz baleado

Em nota enviada à imprensa na tarde deste domingo, André Vilella, presidente da Associação dos Magistrados da Justiça do Trabalho da 1ª Região expressa sua indignação por mais um episódio de violência na cidade do Rio de Janeiro, que vitimou o juiz do trabalho Marcelo Alexandrino da Costa Santos, sua enteada, de 8 anos e seu filho, de 11. Eles foram baleados durante uma blitz, na Freguesia, em Jacarepaguá, na noite deste sábado.

"A AMATRA1 exige a apuração ágil e rigorosa dos fatos e a punição exemplar dos culpados." - disse o comunicado.

O juiz, que estava ao volante, deparou-se com homens armados e, suspeitando de uma falsa blitz, fez uma manobra. Eles foram atingidos por tiros de fuzil e estão hospitalizados, Marcelo passa bem e as crianças estão em estado grave.

>> LEIA MAIS: Juiz e duas crianças são baleados durante blitz na Freguesia

BUSCA OK

A TURMA DA COLUNA

Blogs



Plumas, paetês e um pouco mais
Por Rafaela Bastos



Poucas Palavras
Por Gabriel Souza



Repórter de crime
Por Jorge Antonio Barros



O Olho da rua 2.0
Por Nelson Vasconcelos e Mirelle de França



DizVentura
Por Mauro Ventura



DZ
Por David Zylbersztajn



Blog do Besserman
Por Sérgio Besserman Vianna



No front do Rio
Por Cesar Tartaglia



O Brasil do B
Por Bernardo de la Peña



Belezas, caos e outras histórias
Por Ana Cláudia Guimarães



Botequim da Lapa
Por Marceu Vieira



Chope do Aydano

Enviado por Jorge Antonio Barros - 04.10.2010 | 03h12m

[POLÍCIA PRA QUEM PRECISA](#)

Coronel da PM analisa ação suspeita de policiais civis

Eventual colaborador deste blog, o coronel Milton Corrêa da Costa, da reserva da PM, envia artigo no qual analisa a suspeita de que agentes da Polícia Civil foram os autores dos disparos que atingiram o carro de um juiz trabalhista que levava os filhos a uma festa, no Rio.

MAIS UMA AÇÃO POLICIAL PRECIPITADA?

Por Milton Corrêa da Costa, especial para o blog Repórter de Crime

Mais uma tragédia (não há como deixar de lembrar do episódio do menino João Roberto em 2008 no bairro da Tijuca), neste caso próximo a um local onde se desenvolvia uma operação policial - a reconstituição simulada e a investigação elucidarão os fatos - não se sabendo se os tiros partiram ou não de uma guarnição policial, o que caracterizaria uso excessivo e imprudente da força legal, acaba de ocorrer no Rio de Janeiro, cidade das mais violentas do mundo, ainda que a taxa de homicídios apresente constante queda, porém onde o temor ao crime, em razão da violenta guerra urbana que aqui se desenvolve há alguns anos, tornou-se fenômeno recorrente entre seus habitantes.

O juiz trabalhista Marcelo Alexandrino da Costa Santos, na tarde do último sábado, 02/09/10, ao tentar desvencilhar-se com o veículo que conduzia seus familiares, de uma blitz policial que imaginou ser falsa, foi alvejado e ferido por tiros de fuzil - sua enteada de 8 anos e o filho de 11 também - junto ao local de uma operação de policiais da 41ª Delegacia Policial, na Autoestrada Grajaú Jacarepaguá. A mulher e a sogra escaparam ilesas, porém encontram-se, e não é para menos, em estado de choque. As duas crianças permanecem em estado grave, tal e qual o juiz os menores foram alvejados na altura do tórax, fato que demonstra que a linha de visada dos atiradores foi na altura dos vidros do veículo.

Foram tiros saídos de uma arma extremamente letal como o fuzil, uma possante arma de guerra que guarnições policiais também usam e que predsa ser empregada com muita cautela, mormente por agentes da lei no combate urbano. Um tiro de fuzil a curta e média distâncias - é capaz de furar a carcaça de um motor de um carro - ao penetrar no corpo humano, vai destruindo e dilacerando tudo que encontra pela frente, ossos e tendões, abrindo uma zona de entrada, em forma de leque, aproximadamente de até 30 vezes o diâmetro do projétil. Quando não mata deixa graves sequelas. A medicina de guerra, hoje desenvolvida em emergências de hospitais do Rio, está aí para provar tal realidade, basta ver as características das lesões provocadas, nos últimos anos, por projéteis de arma de fogo (PAF).

Ainda que os policiais ali estivessem em ação de serviço, na defesa da ordem pública e obviamente também em risco de vida, face ao contexto da guerra do Rio que protagonizam, se deles partiu tal reação esta não se justifica pelo uso imprudente e desproporcional da força. A sogra do magistrado dedarou que os tiros partiram dos policiais. Os agentes negam a autoria e afirmam terem os tiros sido disparos contra o carro das vítimas por ocupantes de um veículo Honda escuro. Resta saber se tal veículo chegou a ser perseguido pela guarnição policial.

por Ayoano
André Motta

LEIA EM O GLOBO

As sete últimas colunas do Ancelmo

- [Veja a coluna de hoje](#)
- [Domingo](#)
- [Segunda-feira](#)
- [Terça-feira](#)
- [Quarta-feira](#)
- [Quinta-feira](#)
- [Sexta-feira](#)
- [Sábado](#)

ARQUIVO

Clique aqui para consultar todos os textos publicados pelo Ancelmo.com a Turma da Coluna

OUTROS SITES DE COLUMNISTAS

- [Blog do Noblat](#)
- [Míriam Leitão](#)
- [Patrícia Kogut](#)
- [Rádido do Moreno](#)

Reconheça-se, a bem da verdade, que o estresse hoje, que predsa ser controlado pelo profissional, é uma reação decorrente da natureza da função policial, porém jamais justificativa para o emprego do uso excessivo e precipitado da força. . Registre-se que nos últimos quatro anos mais de 100 policiais, entre civis e militares, morreram em serviço no Estado do Rio de Janeiro. Segundo dados do Programa Nacional de Segurança Pública e Cidadania (PRONASCI) policiais militares do Rio morrem seis vezes mais do que em São Paulo.

Policiais da linha de frente predsam, portanto, ter sempre em mente que abordagem de veículos suspeitos, em vias públicas, como matéria basilar nos currículos de formação e redação policial, requer toda uma técnica espelal. Mesmo que policiais sintam hoje, no desenrolar da missão, a sensação natural de medo e vulnerabilidade -imaginem o cidadão- face ao contexto da violenta guerra urbana que vivendam, devem, ao observarem veículos suspeitos em tentativa de empreender fuga, direcionar, quando for o caso, primeiramente os tiros para os pneus do carro, dificultando assim a sua locomoção. A partir daí, fornecendo as características do veículo, solidtar, via rádio, imediato apoio e empreender a perseguição técnica segura.

Os pressupostos básicos da ação policial em tais casos são a técnica, o equilíbrio, o uso seletivo e progressivo da força, a abordagem no momento e no local mais propícios, tudo nos limites da lei. A profissão policial lida com vida e liberdade, os dois maiores bem jurídicos tutelados, Qualquer erro ou excesso no uso da força podem ser fatais. A reação policial não pode ser inadequada e excessiva.

Duas crianças e um chefe de família, e poderia ser qualquer um de nós, encontram-se neste momento em estado grave e correm risco de vida. Uma família está em estado de choque. Que pelo menos tal tragédia, mesmo que não tenha ocorrido pela reação dos agentes da lei -não se pode condenar sem o direito da ampla defesa e do contraditório- sirva de mais um estudo de caso na formação e na redação de policiais da linha de frente. A difícil e complexa missão da polícia é servir e proteger, não fazer o uso indiscriminado da força. A profissão policial é de caráter eminentemente técnico. Ao profissional de polícia é vedado colocar em risco a vida de cidadãos de bem. A oportunidade e a conveniência são parâmetros básicos para a atuação policial segura.

Milton Corrêa da Costa é Coronel da PM do Rio na reserva



Publicada em 04/10/2010 às 10h19m

[Olá, evandro |](#)[INSEGURANÇA](#)**Filho e enteada de juiz que fugiu de blitz da Polícia Civil respiram por aparelhos***O Globo*

DÊ SEU VOTO |



MÉDIA: 5,0 |

[Comentários](#)

RIO - O juiz Marcelo Alexandrino da Costa Santos, internado no Hospital Cardoso Fontes, em Jacarepaguá, na noite de sábado, foi operado e transferido para o Hospital Pasteur, no Méier. Segundo a assessoria de imprensa do hospital, ele está na UTI, mas poderá ser transferido para o quarto nesta terça-feira. O filho do magistrado, Diogo, de 8 anos, e sua enteada Nathália, de 11, continuam internados em estado grave na UTI do Hospital Cardoso Fontes. Os dois respiram por aparelhos.

Lotado na 4ª Vara do Trabalho de Duque de Caxias, o magistrado seguia com seu Kia Cerato vermelho quando foi baleado. A parentes e médicos, o juiz teria dito que pensou estar diante de um assalto ou de uma falsa blitz.

Baleado no peito, o juiz dirigiu até o hospital, a 200 metros dali, batendo com o carro na parede da emergência. Natália foi atingida no tórax. A bala se alojou na barriga e provocou uma hemorragia. Diego levou um tiro que perfurou o pulmão, o diafragma e o fígado. Os três foram operados e estavam no CTI. Também estavam no carro a sogra do juiz, Arlete Casto Aragão, de 53, que sofreu um corte na boca, e a mulher dele, Sunny Lucas, de 28, que não se feriu.

Publicada em 04/10/2010 às 10h39m [Olá, evandro](#)

INSEGURANÇA

Testemunha desmente versão de policiais e diz que agentes atiraram contra o carro de juiz

Marcelo Dutra e Lygia Freitas

★★★★★ DÊ SEU VOTO ★★★★★ MÉDIA: 4,7 [Comentários](#)



Clique para ampliar

RIO - O relato do vendedor de automóveis Jader Abdala, de 49 anos, joga por terra [a versão apresentada por policiais civis da 41ª DP \(Tangue\) para o tiroteio que deixou um juiz federal, seu filho e sua enteada gravemente feridos durante uma blitz na descida da Autoestrada Graiaú-Jacarepaguá](#), na noite de sábado. Abdala, que teve o carro atingido por dois tiros no mesmo episódio, conseguiu escapar

ileso do que classificou como um "ataque terrorista" feito pelos policiais. Em depoimento na delegacia, os agentes responsáveis pela blitz dizem que só deram um tiro de advertência para alto e que os outros disparos partiram de um Honda Civic de cor escura, que fugiu do bloqueio em alta velocidade.

([Veja o relato da testemunha](#))

(Leia mais: [Filho e enteada do juiz respiram por aparelhos](#))

A testemunha contou que os policiais, de roupas escuras e bem armados, atiraram assim que os motoristas que estavam na sua frente começaram a dar a volta e a seguir na contramão. A seu lado, estava o carro do juiz, um Cerato vermelho. Na versão de Abdala, eram cinco ou seis policiais e estavam no meio da rua. Na opinião dele, os motoristas teriam confundido os policiais com bandidos.

- Achei que era um arrastão e me apavorei. Mas, mais à frente, a uns cem metros, vi que tinha um Sander da polícia com giroscópio ligado - disse o vendedor, poucas horas após o ataque, ainda muito nervoso.

Avó: 'não havia carro com bandidos'

Os tiros atingiram, além do Fiat Punto do vendedor, o carro em que estava a família do juiz trabalhista Marcelo Alexandrino da Costa Santos, de 39 anos. Marcelo, sua enteada Nathália Lucas Cuker, de 8 anos e seu filho Diego Lopes, de 11, foram baleados.

Fiquei apavorado e voltei na contramão também. Quando estava fugindo, atiraram contra mim e acertaram meu para-brisas duas vezes. Os tiros passaram a centímetros da minha cabeça. Eu nasci de novo - disse Abdala.

O vendedor contou que alguns amigos passaram no mesmo trecho minutos depois e viram homens de roupas pretas perto do carro da polícia, que estava com as portas abertas.

- Eles disseram para mim, depois de eu ter contado o que aconteceu, que também acharam muito estranha a postura daqueles homens. Por que eles não estavam identificados com o policiais? Como é que um cidadão vai saber se são bandidos ou policiais, se eles te abordam do mesmo jeito?

A avó das crianças, Arlete Casto Aragão, de 53 anos, que estava no carro do juiz na hora do ataque, teria negado, no Hospital Cardoso Fontes, que houvesse um carro com bandidos na blitz.

Leia mais:

[Corregedoria da Polícia Civil vai investigar caso de juiz baleado ao tentar fugir de blitz](#)

“ - Vi quando atiraram no carro em que estava o juiz. Foram muitos tiros. Nunca vi tamanha loucura. Não havia o menor sentido no ataque. ”

BUSCA


OK

A TURMA DA COLUNA

Blogs



Plumas, paetês e um pouco mais
Por Rafaela Bastos



Poucas Palavras
Por Gabriel Souza

Enviado por Ana Cláudia Guimarães - 04.10.2010 | 12h18m

CASO JUIZ TRABALHISTA

Marcação de munições

Do professor Cláudio Lopes, do Lasape, Instituto de Química da UFRJ, sobre o caso do juiz trabalhista Marcelo Alexandrino que teve o seu carro atingido ao tentar furar uma blitz, sábado, na descida da estrada Grajaú-Jacarepaguá.:

- Se a marcação de munições desenvolvida pelo nosso grupo de pesquisa, junto com a Polícia Civil, já tivesse sido implantada, iríamos saber com precisão quem atirou no juiz e na sua família. O exame de balística é muito pouco científico para referendar qualquer laudo sobre a autoria destes tiros.

RSS
Permalink »
Envie
Compartilhe

f

g

t

b

Comente
Ler comentários (5)

Anexo 40

XLIII



Plantão | Publicada em 04/10/2010 às 15h14m

[Olá, evandro |](#)

Chefe de polícia disse que se policiais mentiram e inventaram história serão punidos severamente

Ana Claudia Costa

☆☆☆☆☆ DÊ SEU VOTO | ☆☆☆☆☆ MÉDIA: 5,0

RIO - O chefe de Polícia Civil, delegado Alan Tumowsky, disse na manhã desta segunda-feira, durante coletiva, que os tiros que atingiram o carro do juiz trabalhista Marcelo Alexandrino da Costa Santos, não se trataram de bala perdida. Tumowsky acrescentou que houve erro na operação feita pelos policiais, já que houve inocentes feridos.

Alan Tumowsky disse que não irá aceitar mentiras dos policiais caso seja comprovado que eles inventaram que havia um Honda Civic suspeito no local da blitz. Para o chefe de Polícia Civil os policiais são passíveis de erro mas mentir e inventar uma história seria desvio de caráter. O Chefe de Polícia disse, ainda, que somente a investigação vai dizer se a blitz estava bem sinalizada a ponto de o juiz não ter percebido que se tratava de uma abordagem policial.

Anexo 41

Publicada em 04/10/2010 às 18h37m

[Olá, evandro](#)

INSEGURANÇA

Chefe de Polícia Civil exonera titular da delegacia onde estão lotados policiais de blitz em que juiz foi baleado

Ana Claudia Costa, Duila Victor, Marcelo Dutra, Lygia Freitas e Vera Araújo






 DÊ SEU VOTO : MÉDIA: 4,7
 [Comentários](#)



Clique para ampliar

RIO - O chefe de Polícia Civil, Allan Tumowski, exonou, na tarde desta segunda-feira, o delegado titular da 41ª DP (Tanque), Fábio Costa. Seis policiais dessa delegacia [são acusados por uma testemunha de terem atirado contra motoristas que se assustaram com a blitz que faziam na Estrada Pau Ferro, em Jacarepaguá](#), no último sábado. Um juiz federal, seu filho e sua enteada foram atingidos pelos tiros. Tumowski disse que Costa foi exonerado para preservar o delegado e garantir a transparência das investigações. O delegado Ricardo Codeceira foi escolhido para assumir a 41ª DP.

Mais cedo, Tumowski afirmou que todos os agentes estão afastados do serviço nas ruas, já foram ouvidos e tiveram suas armas recolhidas para que seja feito o exame de balística. Um deles, segundo o chefe da polícia, estaria com um fuzil. Ele reconheceu que os agentes erraram ao atirar e disse ainda que somente uma reconstrução poderá determinar o que aconteceu.

O chefe de Polícia Civil disse ainda, durante coletiva, que os tiros que atingiram o carro do juiz trabalhista Marcelo Alexandrino da Costa Santos não se trataram de bala perdida. Tumowsky acrescentou que houve erro na operação feita pelos policiais, uma vez que inocentes foram feridos. E acrescentou que não irá aceitar mentiras dos policiais, caso seja comprovado que eles inventaram que havia um Honda Civic suspeito no local da blitz. Para o chefe de Polícia Civil, os policiais são passíveis de erro, mas mentir e inventar uma história seria desvio de caráter. Ele disse também que somente a investigação vai dizer se a blitz estava bem sinalizada a ponto de o juiz não ter percebido que se tratava de uma abordagem policial.

Também nesta tarde, o governador Sérgio Cabral garantiu, que os agentes serão investigados imparcialmente pela chefia da Polícia Civil. Os três foram atingidos durante a Operação Duas Rodas que aconteceu na Autoestrada Grajaú-Jacarepaguá, no último sábado. Cabral pediu que as pessoas rezem pelas vítimas:

- Os policiais serão investigados. Lamento profundamente. O Allan Tumowski, como chefe da Polícia Civil, não dará nenhuma proteção aos companheiros e investigará imparcialmente. Por outro lado, é rezar para que as crianças sejam salvas e o pai também - afirmou o governador.

Além do juiz Marcelo Alexandrino da Costa Santos, de 39 anos, seu filho Diogo, de 11 anos, e sua enteada Natália, de 8, também foram baleados. O juiz já deixou a Unidade de Tratamento Intensivo do Hospital Pasteur, onde estava internado, e foi transferido para o quarto. De acordo com o boletim médico, o juiz passa bem e não corre risco de morrer. Já as crianças estão em estado grave no Hospital Cardoso Fontes, em Jacarepaguá. Elas respiram por aparelhos.



Clique para ampliar

Testemunha desmente versão policial

Em entrevista ao GLOBO, o [vendedor de automóveis Jader Abdala, de 49 anos, jogou por terra a versão apresentada por policiais civis da 41ª DP \(Tanque\)](#). Os agentes responsáveis pela blitz dizem que só deram um tiro de advertência para o alto, e que os outros disparos partiram de um Honda Civic de cor escura, que fugiu do bloqueio em alta velocidade. Abdala, que teve o carro atingido por dois tiros no mesmo episódio, conseguiu escapar ileso do que classificou como o um "ataque terrorista" feito pelos policiais. Em depoimento na delegacia, os agentes responsáveis pela blitz dizem que só deram um tiro de advertência para alto e que os outros disparos partiram de um Honda Civic de cor escura, que fugiu do bloqueio em alta velocidade.

([Veja o relato da testemunha](#))

- Vi quando atiraram no carro em que estava o juiz. Foram muitos tiros. Nunca vi tamanha loucura. Não havia a menor sentida no ataque.

A avó das crianças, Arlete Casto Aragão, de 53 anos, que estava no carro do juiz na hora do ataque, teria negado, no Hospital Cardoso Fontes, que houvesse um carro com bandidos na blitz.

Publicada em 04/10/2010 às 23h41m

Olá, evandro | W

INSEGURANÇA

Cinco dos seis policiais de blitz em Jacarepaguá em que juiz foi baleado são recém-formados e atuam nas ruas só há 3 meses

Ana Claudia Costa e Sérgio Ramalho



DÊ SEU VOTO



MÉDIA: 4,1

[Comentários](#)

Clique para ampliar

RIO - Cinco dos seis policiais envolvidos na [blitz em que um juiz federal e duas crianças foram baleadas na noite de sábado passado](#), na Estrada do Pau Ferro, em Jacarepaguá, atuam há apenas três meses nas ruas. Recém-formados, eles passaram por seis meses de treinamentos na Academia de Polícia Civil (Acadepol), antes de serem

lotados em delegacias do Rio. Segunda-feira, após reconhecer o erro na ação, [o chefe da corporação, Allan Tumowski, determinou a exoperação do delegado Fábio Costa, titular da 41ª DP \(Tanque\), responsável pela operação.](#)

Tumowski disse que a Corregedoria de Polícia Civil já está investigando o caso e deve fazer, até o fim de semana, a reconstituição da blitz, realizada na descida da Estrada Grajaú-Jacarepaguá. Três fuzis Colt AR-15, calibre 5.56 - que estavam com os inspetores Bruno Souza da Cruz, Bruno Rocha Andrade e Felipe Barreto de Abreu -, foram enviados ao Instituto de Criminalística Carlos Éboli (ICCE), onde será feito o confronto balístico. A polícia já sabe que um dos tiros que atingiu a enteada do juiz Marcelo Alexandrino Santos é de calibre 5.56. O projétil foi retirado praticamente intacto do corpo de Nathália Lucas Cucker, de 8 anos.

([Vídeo: Veja trechos da entrevista do Chefe da Polícia Civil](#))

A perícia parcial feita pelo ICCE constatou que os tiros que atingiram o Kia Cerato do juiz são compatíveis com o calibre dos três fuzis usados pelos inspetores na operação.

Segundo Tumowski, o carro do juiz não foi atingido por balas perdidas. Ainda de acordo com o chefe de Polícia Civil, em depoimentos, dois dos policiais assumiram que atiraram. Um disse ter disparado na direção do mato e outro afirmou que teria revidado tiros supostamente efetuados por ocupantes de um Honda Civic, que teria furado o bloqueio. Os outros quatro policiais disseram ter apenas ouvido disparos.

- Não se trata de um caso de bala perdida. Os tiros foram colocados, e todos muito próximos. É claro que houve erros. Alguém mirou naquele carro - disse Tumowski.

Delegado não estaria na 41ª DP na noite do ataque

O chefe de Polícia Civil não falou sobre a exoneração do delegado Fábio Costa. A decisão só foi anunciada no fim da tarde, em nota oficial. Segundo o texto, foi uma forma de preservar o policial e garantir a transparência das investigações. O delegado Ricardo Codeceira foi escolhido para assumir a 41ª DP.

Nos bastidores da Chefia de Polícia Civil, colaboradores dizem que Tumowski decidiu exonerar Fábio Costa após ser informado de que ele não estava na delegacia na noite de sábado. Segundo uma determinação do Departamento de Polícia da Capital, publicada no Boletim Interno da Polícia Civil, os delegados titulares deveriam estar de plantão na véspera da eleição. Outra determinação é que haja pelo menos um policial mais experiente à frente das blitzes da Operação Duas Rodas. No caso da ação de sábado, apenas um dos policiais tinha mais de dez anos na corporação. Tumowski afirmou que a blitz era autorizada e fazia parte da Operação Duas Rodas.

Na manhã de segunda-feira, o carro do juiz Marcelo Santos ainda estava na frente da delegacia do Tanque. O veículo já passou por duas perícias e irá para o ICCE, onde será desmontado. De acordo com Tumowski, uma terceira perícia será feita para verificar se ficou algum fragmento dos projéteis no automóvel que possa facilitar a identificação da arma de onde saíram os tiros.

A corregedoria agora quer saber se os seis policiais que participavam da blitz mentiram ou não em relação à existência de um Honda Civic suspeito no local. Tumowski disse que a polícia hoje tem duas versões que devem ser checadas com cautela. Ele acrescentou que não vai admitir mentiras por parte dos policiais:

- O policial sob estresse pode cometer um erro. O que não é aceitável é inventar uma história para encobrir um erro. Alguns disseram que não viram o carro. Outros, que só ouviram os tiros. Pelo menos não contaram uma história montada, combinada.

Tumowski não descartou a possibilidade de ter havido realmente uma troca de tiros com bandidos que estariam num Honda Civic à frente do juiz.

- Se foi isso o que aconteceu, houve mesmo erro. É preferível perder um bandido a vitimar inocentes.

O governador Sérgio Cabral garantiu que os policiais vão ser investigados de forma imparcial. Ele pediu que as pessoas rezem pelas vítimas:

- Os policiais serão investigados. Lamento profundamente o que aconteceu. O Allan Tumowski, como chefe de Polícia Civil, não dará nenhuma proteção aos companheiros e investigará imparcialmente. Por outro lado, é rezar para que as crianças sejam salvas e o pai também - afirmou o governador.

Segunda-feira à tarde, o juiz Marcelo Santos, que está no Hospital Pasteur, no Méier, deixou a UTI e foi transferido para o quarto. Segundo boletim médico, ele passa bem e não corre risco de vida. Já a enteada Nathália Lucas e o filho do juiz, Diego Lopes, de 11 anos, continuam internados na UTI do Hospital Cardoso Fontes. Eles ainda estão sedados, respiram com ajuda de aparelhos e o estado de saúde deles é grave.

COLABORARAM Daniel Brunet e Vera Araújo

04.10.10 às 01h41

<Rio>

Filho e enteada de magistrado baleado estão em estado gravíssimo

POR MARIA MAZZE

Rio - O chefe de Polícia Civil, Allan Tumowski, determinou neste domingo que a Corregedoria Interna da instituição assuma a investigação sobre o incidente ocorrido sábado à noite na Autoestrada Grajaú-Jacarepaguá, quando o juiz Marcelo Alexandrino da Costa, 39 anos, e sua família foram baleados ao tentar fugir de blitz da polícia acreditando se tratar de uma emboscada de bandidos. A decisão foi tomada após visita ao magistrado, internado no Hospital Pasteur, no Méier. O juiz garantiu a Tumowski que não viu um carro de cor escura, da marca Honda, atrás do Kia Cerato que dirigia — versão apresentada pelos policiais.



Mesmo ferido por dois tiros, o juiz Marcelo Alexandrino conseguiu dirigir seu Kia Cerato até o Hospital Cardoso Fontes, em Jacarepaguá, e bateu na entrada, onde foi socorrido [Foto: Alexandre Brum / Agência O Dia]

"Ele disse que não percebeu nenhum carro atrás quando deu ré. A corregedoria vai apurar quem fez os disparos e se os policiais mentiram", anunciou. Em depoimento ao delegado Fábio da Costa Ferreira, da 4ª DP (Tanque), os quatro policiais civis que faziam blitz no local afirmaram que o carro do juiz, que seguia para uma festa com a família, teria ficado no meio do fogo cruzado entre os agentes e bandidos que ocupavam um Honda. O automóvel do magistrado foi atingido por quatro tiros de fuzil, ferindo gravemente o juiz, a enteada de oito anos e o filho de 11 anos.

"Se ficar comprovado que os policiais mentiram para esconder a culpa, todos serão exonerados. Ao ficar sob estresse, o que faz parte da profissão, pode acontecer de o policial errar. Não podemos admitir mentir para encobrir um erro", declarou Tumowski, que pretende estar com o caso esclarecido até o fim da semana. Enquanto a investigação não é concluída, os policiais, que tiveram as armas apreendidas, ficam afastados do trabalho de rua. Ainda hoje, o delegado Fábio Costa deve entregar um relatório à corregedoria. As perícias do local e do carro já foram feitas. O Kia Cerato do juiz está apreendido e será submetido à perícia complementar.

Filho e enteada do magistrado estão em estado gravíssimo

O juiz Marcelo Alexandrino está internado no CTI do Hospital Pasteur em estado grave, mas estável, lúcido e respirando espontaneamente. Ele foi atingido duas vezes no tórax e fez um dreno na região ainda no Hospital Cardoso Fontes, em Jacarepaguá, onde foi primeiramente internado e onde ainda estão o filho, Diego Lopes, 11 anos, e a enteada Natália Lucas Cuker, 8. As crianças estão no CTI em estado gravíssimo, respirando com a ajuda de aparelhos e sem previsão de alta.

O menino teve o pulmão e fígado perfurados e ela está com uma bala alojada no abdômen. A Associação dos Magistrados da Justiça do Trabalho da 1ª Região (AMATRA 1) divulgou nota expressando indignação e exigindo uma apuração ágil e rigorosa do incidente. Allan Tumowski ressaltou que esse tipo de operação policial vem sendo feita há oito meses em vias importantes do estado, sem nenhum incidente até então. "Mas está claro que alguém mirou para acertar. Não há bala perdida em que todos os disparos acertam o alvo", concluiu.

04.10.10 às 19h43 > Atualizado em 04.10.10 às 21h19

<Rio>

Exonerado delegado responsável por blitz em que juiz foi baleado

POR PAULA SARAPU

Rio - O chefe da Polícia Civil, Allan Tumowski, exonerou nesta segunda-feira o delegado Fábio da Costa Ferreira, titular da 41ª DP (Tanque), cujos policiais são suspeitos de atirar no carro do juiz do Trabalho Marcelo Alexandrino da Costa Santos, sábado à noite, durante blitz em Jacarepaguá.

Segundo Tumowski, a decisão foi tomada para preservar Ferreira e garantir maior isenção nas investigações. Ele será substituído por Ricardo Codeceira, delegado da 7ª DP (Santa Teresa).



Ao chegar no hospital, o juiz, que foi baleado, bateu em muro | Foto: Alexandre Brum / Agência O Dia

O juiz, seu filho Diogo, de 11 anos, e sua enteada Natália, de 8, foram atingidos por tiros de fuzil, quando o magistrado fugiu de ré, temendo que a ação dos policiais fosse falsa blitz na Autoestrada Grajaú-Jacarepaguá.

Allan Tumowski disse que seis agentes estavam no local, mas que apenas dois atiraram — um para o alto e o outro na direção dos carros. Os policiais, que estão afastados do serviço de rua e tiveram suas armas recolhidas, alegaram ter revidado a disparos de ocupantes de um Honda Civic. A família do juiz e uma testemunha negaram a existência do carro.

Segundo o chefe de Polícia Civil, reconstituição da blitz será feita até sexta-feira. "Foi uma falha individual. Mesmo que alguém fuja de uma blitz, isso não justifica por si só o disparo de arma de fogo. Se alguém está baleado e é inocente, algum erro houve. Se o policial tiver que optar por atirar em alguém ou se abrigar para evitar ferir inocente que está atrás, a última deve ser a opção. O ceme dessa investigação é se o Honda existia ou não", afirmou o delegado.

À procura de mais provas, nova perícia vai desmontar carro de juiz

Segundo Tumowski, o carro do juiz apresenta três tiros agrupados na traseira e mais um de raspão na lateral da porta. Terceira perícia, desmontando o automóvel, será feita à procura de outros projéteis. "Alguém mirou. Não se tratava de caso de bala perdida", afirmou o delegado.

O caso é investigado pela Corregedoria de Polícia. O delegado espera o depoimento da mulher e da sogra do juiz, que também estavam no carro atingido. Intemado no Hospital Pasteur, no Méier, Marcelo Alexandrino foi transferido para um quarto e poderá ser ouvido nos próximos dias. As duas crianças baleadas permanecem em estado grave no Hospital Cardoso Fontes, em Jacarepaguá. Sedadas, respiram com a ajuda de aparelhos.

Colaborou Marco Antonio Canosa

04.10.10 às 13h46 > Atualizado em 04.10.10 às 15h58

<Rio>

'Não foi bala perdida que atingiu carro de juiz', diz chefe da Polícia Civil



Rio - Os projéteis que atingiram e feriram o juiz trabalhista Marcelo Alexandrino da Costa Santos, de 39 anos, sua enteada, Natália, de 8, e seu filho, Diego, de 11 anos enquanto passavam por uma blitz da Polícia Civil na Zona Oeste, neste sábado, não foram balas perdidas.

De acordo com o chefe da Polícia Civil, Allan Tumowski, há indícios no veículo do magistrado, um Kia Cerato vermelho, de que o policial que atirou com um fuzil teve a intenção de acertar o automóvel.

"Eu vi que tinham quatro tiros agrupados no carro. Com a experiência que temos, imediatamente vimos que não é bala perdida. Alguém mirou", afirmou.



Ao chegar no hospital, o juiz, que foi baleado, bateu em muro | Foto: Alexandre Brum / Agência O Dia

Tumowski não descartou, no entanto, a existência de uma troca de tiros com bandidos que estariam em um Honda Civic à frente do magistrado. De acordo com ele, os detalhes da ocorrência serão esclarecidos ao longo da investigação. Tumowski garantiu que a punição aos policiais que atiraram será agravada, caso seja evidenciada a produção de uma versão falsa.

"Em nenhum momento a polícia afirmou a existência de um Honda Civic. O policial, sob estresse, pode cometer um erro humano. Isso não é aceitável, mas podemos admitir o erro policial. O que não podemos admitir é inventar uma outra história para corrigir o erro", afirmou.

A sogra de Marcelo, Arlete Aragão, afirmou que os tiros partiram dos policiais que participavam da blitz.

Mesmo baleado, o juiz conseguiu dirigir até o Hospital Cardoso Fontes, em Jacarepaguá, e bateu no muro do hospital. De acordo com a assessoria do Ministério da Saúde, responsável pela administração da unidade, as vítimas passaram por uma cirurgia.

A menina de 8 anos foi atingida por uma bala no tórax, teve hemorragia e está intubada em estado grave. O filho do juiz também foi baleado no tórax. A bala atingiu o pulmão, o diafragma e o fígado. Ele também está intubado em estado grave. As duas crianças foram encaminhadas para o CTI pediátrico do hospital.

Trânsito
Acompanhe aqui em
tempo real

Guia de Lazer
As melhores opções
de diversão!

Rio de Janeiro
Min 20° Max 32°
Outras cidades

BUS

7 Dez 2010 | atualizada às 20:19

+ PLANTÃO

PAÍS » Ideli Salvati é a nova relatora do Orçamento d

Cá, evandro | M

Capa

Bem-Viver

Brasileiro 2010

Canal Extra

Casa Própria

Casos de Cidade

Casos de Polícia

Extra, Extra

Horóscopo

Jogo Extra

Prêmio Extra

Religião e Fé

Repórter do Amanhã

Retratos da Vida

Sessão Extra

Vida Ganha

Plantão

Ciência
Economia
Esporte
Geral
Lazer
Mundo
País
Saúde
Hoje
Ontem

Blogs

Comunidades

Eu-Repórter

Especiais

Interatividade

Extra Pergunta
Fórum Extra
Testes

Multimídia

Áudios
Fotogalerias
Vídeos

Bairros.com

Extra no celular

Guia de Lazer

Promoções

Shopping Extra

Tempo

Quer o ser modelo

GERAL

O blog que não tem medo de falar sobre violência

Desaparecidos
Serviços
Vídeos
Especiais
Matérias
Contato

Editor: Giampaolo Braga

Enviado por Athos Moura - 04.10.2010 | 09h04m

JUIZ FEDERAL, SEU FILHO E ENTEADA FORAM BALEADOS

Testemunha diz que também foi vítima de disparos de policiais civis

O vendedor de automóveis Jader Abdala, de 49 anos, contou que também foi vítima dos policiais civis, que atingiram com tiros o juiz Marcelo Alexandrino da Costa Santos, seu filho e uma enteada, na noite do último sábado. De acordo com Abdala, em entrevista para o jornal O Globo, ele passava de carro pela Estrada do Pau Ferro e também teve seu carro atingido por dois disparos e classificou o episódio com o "ataque terrorista".

Abdala disse que os policiais estavam armados e com roupas escuras, começaram a atirar nos carros assim que os motoristas tentavam voltar de marchar. Segundo a testemunha os motoristas pensaram que se tratava de uma falsa blitz.

- Fiquei apavorado e voltei na contramão também. Quando estava fugindo, atiraram contra mim e acertaram meu para-brisa duas vezes. Os tiros passaram a centímetros da minha cabeça. Eu nasci de novo - disse Abdala.

Anexo 48

LII

SITES DE COLUNISTAS

- » Anselmo Göis
- » Artur Xexéo
- » Jorge Bastos Moreno
- » Miriam Leitão
- » Patrícia Kogut
- » Renato Maurício Prado
- » Ricardo Noblat

BOA CHANCE

- » Acelerando a inovação
- » Blog Verde
- » Conversa de elevador
- » Espaço empreendedor
- » Inteligência Empresarial
- » Mercado digital
- » Momento Arrá
- » Vagas abertas

CARIOCA 2010

- » Bola de meia
- » É Por Ti Fogo
- » Meu caldeirão
- » O mais querido
- » Orgulho de ser tricolor

CIDADES

- » Página não Encontrada
- » Rio, régua e compasso

CIÊNCIA

- » Blog Verde
- » DiveBlog
- » Imensidão
- » Mulher das estrelas
- » Nosso planeta
- » Só Ciência

COPA 2010

- » Bola de meia
- » Grama na calchinha
- » Planeta que rola

CULTURA

- » A literatura na poltrona
- » Animação S.A.
- » Anotando Gente
- » Antônio Carlos Miguel
- » Amaldo Blog
- » Big Blog



Enviado por Renato Pacca - 05.10.2010 | 19h44m

Mais uma vítima da violência e da incompetência da polícia

Toda a força ao Marcelo Alexandrino da Costa Santos, o Juiz do Trabalho alvejado por tiros de fuzil na Estrada Grajaú-Jacarepaguá, ao tentar retornar e fugir do que parecia ser uma falsa blitz.

Conheço o Marcelo há muitos anos. Trata-se de um magistrado íntegro, de uma pessoa de caráter exemplar. Somente um guerreiro como ele, com exata noção de dever e honra, poderia aguentar dirigir até o hospital, de forma heróica, o que provavelmente salvou a vida de todos. A atitude dos policiais, recém treinados pela Academia de Polícia, revela a que ponto chegou o despreparo das pessoas que são pagas para nos defender.

O caso exige apuração rigorosa e punição exemplar. No momento, é preciso torcer para a total recuperação do Marcelo, assim como de sua enteada e de seu filho, também baleados. Quem quiser colaborar pode doar sangue, conforme a notícia abaixo.

Solicita-se doadores de sangue para o juiz do Trabalho Marcelo Alexandrino da Costa Santos, baleado no último sábado na Autoestrada Grajaú-Jacarepaguá.

As doações devem ser realizadas no Hospital Ordem Terceira do Carmo, localizado na Rua do Riachuelo, nº 43 – Centro. O Banco de Sangue funciona de segunda a sexta-feira, das 8h às 15 horas, e aos sábados, das 8h às 12 horas.

Para doar sangue, é preciso:

- levar documento oficial de identidade com foto (identidade, carteira de trabalho, certificado de reservista, carteira do conselho profissional ou carteira nacional de habilitação);

- estar bem de saúde;

- ter entre 18 e 65 anos;

- pesar mais de 50Kg;

- não estar em jejum;

- evitar apenas alimentos gordurosos nas 4 horas que antecedem a doação.

Em caso de dúvida, entre em contato com o hospital pelos telefones 3233-5954 e 7899-3874.

Plantão | Publicada em 06/10/2010 às 16h30m

[Olá, evandro |](#)

Juiz confirma que foi baleado por policial em blitz no sábado

O Globo

★★★★★ DÊ SEU VOTO | ★★★★★ MÉDIA: 4,7

RIO - O Hospital Pasteur divulgou nota, na tarde desta quarta-feira, escrita pelo juiz trabalhista Marcelo Alexandrino Santos, baleado durante uma blitz da Polícia Civil, no último sábado, que confirma que um policial atirou contra o seu carro. Além do juiz, seu filho e de sua enteada foram feridos. No texto, ele diz que "nada há de mais aterrador do que a imagem de um agente público, que de nós deveria cuidar, disparando arma de fogo, com a intenção de matar, contra um casal de bem e suas crianças inocentes apenas para satisfazer seu desejo de exibir um poder que, fora dos limites legais, simplesmente não existe". Marcelo Alexandrino Santos agradece às pessoas que estão enviando mensagens de carinho e solidariedade.

Marcelo permanece internado num quarto particular do Pasteur, sem previsão de alta. Segundo o hospital, ele está lúcido, respirando espontaneamente (sem aparelhos) e, além da equipe médica recebe acompanhamento fisioterápico e psicológico. A enteada do juiz Nathália Lucas Cucker, de 8 anos, e o filho do magistrado, Diego Lopes, de 11 anos, ainda estão no CTI do Cardoso Fontes, mas apresentaram melhoras.

Leia o texto na íntegra:

"A milhões de pessoas que, no Brasil e no mundo, têm-nos enviado mensagens e pensamentos de preocupação, carinho e solidariedade:

Eu e toda a minha família, do fundo de nossos corações, agradecemos-lhes e pedimos que continuem orando e nos enviando vibrações positivas, pois, apesar da distância, a tremenda energia que acompanha seus pensamentos nos tem ajudado a seguir em frente, vencendo a cada dia uma nova batalha contra todo o sofrimento físico, emocional, mental e espiritual que temos atravessado.

Todos os dias e em todas as horas, o planeta assiste às mais variadas violações dos Direitos Humanos. Porém, nada há de mais aterrador do que a imagem de um agente público, que de nós deveria cuidar, disparando arma de fogo, com a intenção de matar, contra um casal de bem e suas crianças inocentes apenas para satisfazer seu desejo de exibir um poder que, fora dos limites legais, simplesmente não existe.

Já é passado o momento da mudança. Já não se deve mais aceitar o inaceitável. Já não se pode mais observar a violência e o mau exercício da autoridade pública como o convidados bem-vindos a nossas vidas.

Portanto, que essa vibração positiva que nos tem sido enviada se estenda também a todos os seres humanos, a fim de que, da criação de espaços de resistência, onde impere a dignidade, possa nascer uma sociedade verdadeiramente livre, justa e igualitária.

Por fim, não podemos deixar de registrar nossa gratidão a todos os profissionais dos hospitais em que estamos internados. Sua dedicação é confortante e nos inspira a confiança em um amanhã sempre melhor.

Mais uma vez, muito obrigado. Marcelo Alexandrino da Costa Santos e família"

Publicada em 06/10/2010 às 18h58m

[Olá, evandro](#)

INSEGURANÇA

Corregedoria da Polícia Civil indícia por tentativa de homicídio policiais que atiraram em juiz durante blitz

O Globo

★★★★★ DÊ SEU VOTO ★★★★★ MÉDIA: 4,2 [Comentários](#)

Clique para ampliar

RIO - A Corregedoria Interna da Polícia Civil indiciou, por tentativa de homicídio, os policiais Bruno Rocha Andrade e Bruno Souza da Cruz contra o [juiz Marcelo Alexandrino da Costa Santos, no último sábado, durante uma blitz na Estrada Grajaú-Jacarepaguá](#). Em nota, a Polícia Civil informa que perícia feita pelo Instituto de Criminalística Carlos Éboli (ICCE) confirmou que as balas que atingiram o juiz e sua enteada partiram do fuzil que estava com o policial Bruno Rocha Andrade.

Bruno de Souza da Cruz também foi indiciado porque fez disparos e sustentou a versão de uma troca de

tiros com os ocupantes de um Honda Civic. De acordo com os peritos, os cartuchos encontrados no local eram dos fuzis que estavam com eles. O Bruno Andrade estava com um fuzil Imbel calibre 5,56, e o outro policial estava com um fuzil Norinco do mesmo calibre. Os fragmentos e balas encontradas no corpo do juiz e o projétil encontrado no corpo da enteada dele partiram da arma que estava com Bruno Andrade.

Na tarde desta quarta-feira, o juiz trabalhista Marcelo Alexandrino da Costa Santos confirmou que um policial atirou contra o seu carro. Em nota - divulgada pelo Hospital Pasteur, onde está internado -, ele diz que "nada há de mais aterrador do que a imagem de um agente público, que de nós deveria cuidar, disparando arma de fogo, com a intenção de matar, contra um casal de bem e suas crianças inocentes apenas para satisfazer seu desejo de exibir um poder que, fora dos limites legais, simplesmente não existe". Além do juiz, seu filho Diego Lopes, de 11 anos, e sua enteada Nathália Lucas Cucker, de 8 anos, foram gravemente feridos.

No texto, Santos agradece às pessoas que estão enviando mensagens de carinho e solidariedade à família. O magistrado permanece internado num quarto particular do Hospital Pasteur, sem previsão de alta. Segundo a unidade de saúde, ele está lúcido, respirando espontaneamente (sem aparelhos) e, além da equipe médica recebe acompanhamento fisioterápico e psicológico. Sua enteada e seu filho ainda estão no CTI do Cardoso Fontes, mas apresentaram melhoras.

Na terça, [a segurança do juiz e das crianças foi reforçada](#), porque existe o temor de represálias. O irmão do magistrado, Roberto Alexandrino, explicou que a família vem fazendo inclusive a seleção das visitas. Roberto contou que a segurança foi intensificada pelo Tribunal Regional do Trabalho (TRT), onde o juiz atua, e pela direção dos hospitais onde as vítimas estão internadas.

Na segunda-feira, o chefe de Polícia Civil, Allan Tumowski, [exonerou o delegado titular da 41ª DP \(Tanguá\), Fábio Costa](#). Os seis policiais que participavam da blitz de sábado eram da unidade.

Polícia Civil indicia agentes por tentativa de homicídio contra juiz baleado em blitz

Perícia indica que projétil encontrado no corpo da enteada do magistrado partiu da arma de um dos policiais

Rio - A Comandante Interna da Polícia Civil indiciou os policiais Bruno Rocha Andrade e Bruno Souza da Cruz por tentativa de homicídio contra o juiz Marcelo Alexandrino da Costa Santos, de 39 anos, durante uma blitz na Estrada Grajá-Jacarepaguá, na madrugada do último domingo. Os dois agentes e o delegado responsável pela blitz foram afastados na segunda-feira.

A perícia feita pelo Instituto de Criminalística Carlos Éboli (ICCE) confirmou que as balas que atingiram o juiz e sua enteada de 8 anos partiram da fuzil que estava com o policial Bruno Rocha Andrade. O outro policial, Bruno de Souza da Cruz, também foi indiciado porque fez disparos e sustentou a versão de uma troca de tiros com os ocupantes de um Honda civic.



Meio baleado, juiz conseguiu dirigir até o Hospital Cardoso Fontes, em Jacarepaguá, onde acabou batendo em um muro | Foto: Alexandre Drum / Agência O Dia

De acordo com os peritos, os cartuchos anexados no local eram dos fuzis que estavam com eles. O agente Bruno Andrade estava com um fuzil IMBEL calibre 5,56 e o outro policial estava com um fuzil Norinco do mesmo calibre. Os fragmentos e balas encontradas no corpo do juiz e o projétil encontrado no corpo da enteada dele partiram da arma que estava com Bruno Andrade.

Entenda o caso

O caso aconteceu no dia 3 de outubro, quando o juiz trabalhista e sua família seguiam em seu carro, um Kia Creta, para uma festa na Taquara, Zona Oeste do Rio. Ao ver uma blitz da Polícia Civil, o magistrado tentou retomar pensando ser falsa. Nesse momento, o carro foi atingido por tiros de fuzil. Além de Marcelo, sua enteada, Natália, de 8 anos, e seu filho, Diego, de 11, também foram atingidos.

Um dos agentes teria feito um disparo para o alto na tentativa de parar o veículo. De acordo com os policiais que faziam a operação, ocupantes de um outro carro, um Honda escuro, atiraram contra os policiais e feriram atingindo o carro do juiz.

Em carta, juiz critica ação de agentes

A assessora de imprensa do Hospital Pasteur, no Méier, Zona Norte, divulgou, na tarde desta quinta-feira, uma carta escrita pelo juiz Marcelo Alexandrino da Costa Santos, de 39 anos, que foi baleado durante uma blitz, na madrugada do último domingo, na Estrada do Pau Fero, próximo à Autoestrada Grajá-Jacarepaguá. O juiz agradece as vibrações positivas e fala sobre um "agente público, que de nós deve cuidar, disparando arma de fogo, com a intenção de matar, contra um casal de bem e suas crianças inocentes apenas para satisfazer seu desejo de exibir um poder".

Leia a carta completa do juiz Marcelo Alexandrino da Costa Santos abaixo:

"Às milhões de pessoas que, no Brasil e no mundo, têm nos enviado mensagens e pensamentos de preocupação, carinho e solidariedade:

Eu e toda a minha família, do fundo de nossos corações, agradecemos-lhes e pedimos que continuem orando e nos enviando vibrações positivas, pois, apesar da distância, a tremenda energia que acompanha seus pensamentos nos tem ajudado a seguir em frente, vencendo a cada dia uma nova batalha contra todo o sofrimento físico, emocional, mental e espiritual que temos atravessado.

Todos os dias e em todas as horas, o planeta assiste às mais variadas violações dos Direitos Humanos. Porém, nada há de mais aterrador do que a imagem de um agente público, que de nós deveria cuidar, disparando arma de fogo, com a intenção de matar, contra um casal de bem e suas crianças inocentes apenas para satisfazer seu desejo de exibir um poder que, fora dos limites legais, simplesmente não existe.

Já é passado o momento da mudança. Já não se deve mais aceitar o inaceitável. Já não se pode mais observar a violência e o mau exercício da autoridade pública como convidados bem-vindos a nossas vidas.

Portanto, que essa vibração positiva que nos tem sido enviada se estenda também a todos os seres humanos, a fim de que, da criação de espaços de resiliência, onde impere a dignidade, possa nascer uma sociedade verdadeiramente livre, justa e igualitária.

Por fim, não podemos deixar de registrar nosso gratidão a todos os profissionais dos hospitais em que estamos internados. Sua dedicação é confortante e nos inspira a confiança em um amanhã sempre melhor.

Mas uma vez, muito obrigado, Marcelo Alexandrino da Costa Santos e família!"

De acordo com a assessoria do hospital, o juiz ainda permanece internado num quarto particular, sem previsão de alta hospitalar. Ele está lúcido, respirando espontaneamente (sem aparelhos) e, além da equipe médica recebe acompanhamento fisioterápico e psicológico.

06.10.10 às 02h57

<Rio>

Juiz baleado por policiais no sábado será ouvido no hospital

Magistrado deixou o CTI e foi transferido ontem para um quarto

Rio - A Corregedoria da Polícia Civil vai ouvir o depoimento do juiz Marcelo Alexandrino Costa, 39 anos, no Hospital Pasteur, no Méier. O magistrado deixou o CTI da unidade e foi transferido para um quarto. Segundo o corregedor José Augusto, o depoimento da vítima será fundamental para esclarecer os tiros disparados contra o carro dela por policiais da 41ª DP (Tanque) durante blitz no sábado.

Os seis policiais envolvidos no caso prestaram depoimento ontem e teriam mantido a versão inicial de que trocaram tiros com bandidos em um carro preto. Ainda serão ouvidas duas testemunhas, a mulher e a sogra do juiz. Peritos estão traçando a trajetória dos tiros através de medições. Ontem, o corregedor esteve no Hospital Cardoso Fontes, em Jacarepaguá, para recolher projétil amecadado no corpo da enteada do juiz, também baleada na blitz.

09/10/2019 18h51 - Atualizado em 09/10/2019 22h54

Policiais que participaram de blitz onde juiz foi baleado são indiciados

O juiz, o filho e a enteada foram alvejados e ainda estão hospitalizados. Segundo a polícia, laudo prova que as balas partiram de fuzil de agente.

Rodrigo Viana
 Da G1 RJ

 Imprimir



Mancha de sangue na parede da sala de aula

A Polícia Civil do Rio de Janeiro informou, no início da noite desta quarta-feira (6), que dois agentes da 41ª DP (Tanque) que participaram da blitz onde um juiz e duas crianças foram baleados foram indiciados pela Corregedoria Interna por tentativa de homicídio. Os policiais envolvidos no caso estão afastados das ruas.

Segundo a polícia, a perícia feita pelo Instituto de Criminalística Carlos Éboli (ICCE) confirmou que as balas que atingiram o juiz e sua enteada partiram do fuzil que estava com um dos agentes. A polícia ainda não sabe

de onde partiu o tiro que atingiu o filho do juiz de 11 anos.

Em nota oficial, a Polícia Civil informou, ainda, que o outro policial foi indiciado porque fez disparos e sustentou a versão de uma troca de tiros com os ocupantes de um Honda civic. De acordo com os peritos, os cartuchos arrecadados no local eram dos fuzis que estavam com eles. Os policiais foram ouvidos na tarde de terça-feira (5), na Corregedoria de Polícia Civil, e negaram as acusações.

O crime aconteceu na noite de sábado (2), na Autoestrada Grajaú-Jacarepaguá, na pista sentido Zona Oeste. Uma testemunha, que também teve o carro atingido por balas, confirmou na 41ª DP que os tiros partiram de policiais. Dois dias após o tiroteio, o chefe da Polícia Civil do Rio, Allan Turnowski, exonerou o delegado Fábio da Costa Ferreira do cargo de titular da 41ª DP (Tanque).

Juiz diz que 'agente público' atirou contra ele

O juiz Marcelo Alexandrino da Costa Santos **escreveu uma nota** confirmando que os disparos contra ele e sua família foram feitos pela polícia. No texto, ele afirma que "nada há de mais aterrador do que a imagem de um agente público, que de nós deveria cuidar, disparando arma de fogo, com a intenção de matar, contra um casal de bem e suas crianças inocentes".

“

Já não se pode mais observar violência e o mau exercício da autoridade pública como convidados bem-vindos a nossas vidas”

— Juiz Marcelo Alexandrino

No comunicado, o magistrado agradece as manifestações de solidariedade e pede que a população continue "orando" e enviando "vibrações positivas" para sua família. A nota foi divulgada a pedido do juiz pela assessoria do Hospital Pasteur, onde o magistrado continua internado.

Segundo a assessoria do hospital, o quadro de saúde do juiz é estável. Marcelo está com um dreno no pulmão, faz fisioterapia e também é atendido por psicólogos, porque está muito abalado. O magistrado, ainda de acordo com os médicos, se recupera bem.

Já as crianças - a menina, de 8 anos, e o menino, de 11 - seguem internadas no CTI pediátrico do Hospital Cardoso Fontes, em Jacarepaguá. De acordo com a assessoria de imprensa do hospital, elas respiram sem auxílio de aparelhos e não correm mais risco de vida. Segundo os médicos, os dois estão internados lado a lado, e já conversam.

Confira a íntegra da nota escrita pelo juiz:

"As milhões de pessoas que, no Brasil e no mundo, têm nos enviado mensagens e pensamentos de preocupação, carinho e solidariedade:

Eu e toda a minha família, do fundo de nossos corações, agradecemos-lhes e pedimos que continuem orando e nos enviando vibrações positivas, pois, apesar da distância, a tremenda energia que acompanha seus pensamentos nos tem ajudado a seguir em frente, vencendo a cada dia uma nova batalha contra todo o sofrimento físico, emocional, mental e espiritual que temos atravessado.

Todos os dias e em todas as horas, o planeta assiste às mais variadas violações dos Direitos Humanos. Porém, nada há de mais aterrador do que a imagem de um agente público, que de nós deveria cuidar, disparando arma de fogo, com a intenção de matar, contra um casal de bem e suas crianças inocentes apenas para satis fazer seu desejo de exibir um poder que, fora dos limites legais, simplesmente não existe.

Já é passado o momento da mudança. Já não se deve mais aceitar o inaceitável. Já não se pode mais observar a violência e o mau exercício da autoridade pública como convidados bem-vindos a nossas vidas.

Portanto, que essa vibração positiva que nos tem sido enviada se estenda também a todos os seres humanos, a fim de que, da criação de espaços de resistência, onde impera a dignidade, possa nascer uma sociedade verdadeiramente livre, justa e igualitária.

Por fim, não podemos deixar de registrar nossa gratidão a todos os profissionais dos hospitais em que estamos internados. Sua dedicação é confor tante e nos inspira a confiança em um amanhã sempre melhor.

Mais uma vez, muito obrigado, Marcelo Alexandrino da Costa Santos e família”.

09/10/2016 19h36 - Atualizado em 09/10/2016 19h25

Em nota, juiz baleado diz que 'agente público' atirou contra sua família

Do filho e enteada foram baleados em blitz em Jacarepaguá. Crianças seguem em estado grave desde da 2ª magistrado se recupera bem

My Name: _____

Du Of RJ

engcomp



Imagem: G1 - RJ

O juiz federal do trabalho Marcelo Alexandrino da Costa Santos – **baleado junto com o filho, de 11 anos, e a enteada, de 8 anos, durante uma blitz, em Jacarepaguá**, na Zona Oeste do Rio, no sábado (2) –, escreveu uma nota nesta quarta-feira (6) confirmando que os disparos contra ele e sua família foram feitos pela polícia. No texto, ele afirma que “nada há de mais aterrador do que a imagem de um agente público, que de nós deveria cuidar, disparando arma de fogo, com a intenção de matar, contra um casal de bem e suas crianças inocentes”.

No comunicado, o magistrado agradece as manifestações de solidariedade e pede que a população continue “orando” e enviando “vibrações positivas” para sua família. A nota foi divulgada a pedido do juiz pela assessoria do Hospital Pasteur, no Méier, **onde o magistrado continua internado e se recupera bem**.

Já as crianças seguem internadas no CTI pediátrico do Hospital Cardoso Fontes, em Jacarepaguá, também Zona Oeste. De acordo com a assessoria de imprensa do hospital, elas respiram sem auxílio de aparelhos. O estado de saúde das crianças melhorou, mas ainda é considerado grave.

Confira a íntegra da nota escrita pelo juiz:

“As milhões de pessoas que, no Brasil e no mundo, têm-nos enviado mensagens e pensamentos de preocupação, carinho e solidariedade:

Eu e toda a minha família, do fundo de nossos corações, agradecemos-lhes e pedimos que continuem orando e nos enviando vibrações positivas. Pois, apesar da distância, a tremenda energia que acompanha seus pensamentos nos tem ajudado a seguir em frente, vencendo a cada dia uma nova batalha contra todo o sofrimento físico, emocional, mental e espiritual que temos atravessado.

Todos os dias e em todas as horas, o planeta assiste às mais variadas violações dos Direitos Humanos. Porém, nada há de mais aterrador do que a imagem de um agente público, que de nós deveria cuidar, disparando arma de fogo, com a intenção de matar, contra um casal de bem e suas crianças inocentes apenas para satisfazer seu desejo de exibir um poder que, fora dos limites legais, simplesmente não existe.

Já é passado o momento da mudança. Já não se deve mais aceitar o inaceitável. Já não se pode mais observar a violência e o mau exercício da autoridade pública como convidados bem-vindos a nossas vidas.

Portanto, que essa vibração positiva que nos tem sido enviada se estenda também a todos os seres humanos, a fim de que, da criação de espaços de resistência, onde impera a dignidade, possa nascer uma sociedade verdadeiramente livre, justa e igualitária.

Por fim, não podemos deixar de registrar nossa gratidão a todos os profissionais dos hospitais em que estamos internados. Sua dedicação é confortante e nos inspira a confiança em um amanhã sempre melhor.

Mais uma vez, muito obrigado Marcelo Alexandrino da Costa Santos e família”.

Testemunha confirma versão de juiz

Uma testemunha, que também teve o carro atingido por balas, contou na 41ª DP (Tanque), **confirmou que os tiros partiram de policiais**. “Tínhamos dois carros dando ré na minha frente. Fiz a volta e quando fiz o contorno, eles aumentaram a quantidade de tiros em cima do meu carro”, contou o comerciante.

Os policiais que participaram da blitz foram ouvidos na tarde de terça-feira (5), na Corregedoria de Polícia Civil, e negaram as acusações. Eles mantiveram a versão de que trocaram tiros com criminosos que estavam em um carro preto.

No mesmo dia, o corregedor da Polícia Civil esteve no Hospital Cardoso Fontes, em Jacarepaguá, para pegar a bala que foi retirada do corpo da enteada do juiz, também baleada no tiroteio. A bala será periciada para saber de onde partiu o tiro que atingiu a menina.

Especialista critica treinamento

Dos seis policiais que participaram da ação, cinco eram novos na Polícia Civil e estavam trabalhando há apenas três meses na corporação, depois de passarem pela academia de polícia.

“Não há uma cultura de treinamento nas administrações públicas e nas instituições policiais. Devemos estar preocupados com a seleção do nosso policial, do tipo de treinamento que ele recebe, suas condições de trabalho, do salário que ele recebe e, principalmente, o controle constante do seu desempenho na prática diária”, disse o especialista de segurança, Paulo Storani.

Caso semelhante


Em julho de 2008, durante uma **perseguição policial**, o menino João Roberto, de 3 anos, foi morto após o carro em que estava com a mãe e o irmão ser atingido por tiros, na Tijuca, na Zona Norte da cidade.

A Secretaria de Segurança informou que, depois da morte de João Roberto, todas as técnicas de abordagens das polícias foram revistas e aperfeiçoadas. A Polícia Civil considera adequado o treinamento dados aos agentes.



Juiz baleado no Rio confirma que tiro partiu de policial

Agência Estado

 imprimir

O juiz federal do trabalho Marcelo Alexandrino da Costa Santos, baleado no último sábado com o filho de 11 anos e a enteada de 8 durante uma blitz da Polícia Civil na estrada Grajaú-Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, afirmou hoje que os tiros partiram dos policiais.

A primeira versão dos agentes era a de que os tiros teriam partido de bandidos que estavam em um veículo que fugia da blitz. Os policiais envolvidos na operação foram afastados e estão respondendo a inquérito na Corregedoria de Polícia.

Em nota divulgada pelo hospital onde ele está internado, Santos afirmou que "nada há de mais aterrador do que a imagem de um agente público, que de nós deveria cuidar, disparando arma de fogo, com a intenção de matar, contra um casal de bem e suas crianças inocentes apenas para satisfazer seu desejo de exibir um poder que, fora dos limites legais, simplesmente não existe". O juiz agradeceu a solidariedade de todos e pediu orações para sua família.

Santos continua internado no Hospital Pasteur. Ele foi atingido no tórax e seu estado de saúde é estável. A enteada e o filho continuam na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do Hospital Cardoso Fontes e o estado de saúde deles é grave.

Publicada em 07/10/2010 às 14h29m

[Olá, evandro!](#)

OPINIÃO

Erro de percepção

ALOYSIO SANTOS

☆☆☆☆ DÊ SEU VOTO | ☆☆☆☆☆ MÉDIA: 5,0

Acompanho com atenção, diariamente, o desenrolar das investigações sobre a desastrosa blitz na descida da Estrada Grajaú-Jacarepaguá. Com o fôlego informado, os ferimentos graves causados ao juiz trabalhista Marcelo Alexandrino da Costa Santos, ao seu filho de 11 anos e à enteada de 8 teriam sido provocados por armas usadas por servidores recém-saídos da Academia de Polícia.

O episódio, evidentemente, gerou enorme consternação e uma onda de indignação no Tribunal Regional do Trabalho da 1ª Região, do qual o juiz Marcelo Alexandrino faz parte. Um desalento que, evidentemente, não ficou restrito aos que convivem com a vítima.

O pior de tudo é que não há como reparar os efeitos da falta gravíssima cometida pelos jovens policiais, e por aqueles que não os prepararam adequadamente ao designá-los para uma operação que, embora rotineira, envolvia a possibilidade de confrontos. A gravidade decorre da possível irreversibilidade dos danos causados pela conduta dos agentes.

Da mesma forma como os juízes são obrigados a estudar muito, os policiais precisam de todo treinamento e conhecimento possível. E pelo mesmo motivo: decidir melhor sobre a vida de terceiros.

Em uma ação trabalhista, a parte que se considerar prejudicada pela decisão do magistrado pode recorrer a instâncias superiores, a fim de ter, se for o caso, preservados ou restabelecidos os seus direitos. Uma decisão judicial pode ser reformada.

No caso de uma operação policial que tinha tudo para ser tranquila, mas terminou em tragédia, nem sempre a vítima de um erro pode ter reparada a lesão sofrida e jamais terá recuperada a vida perdida. As consequências não foram ainda mais nefastas porque, mesmo baleado duas vezes no tórax, o juiz conseguiu suportar a dor e guiar seu carro até local seguro.

Desde o início das investigações, sou testemunha da seriedade com que o chefe da Polícia Civil, Allan Tumowski, tratou o episódio, inclusive afastando o delegado responsável pela operação. Como cidadão do Rio de Janeiro, e chefe da instituição à qual pertence a vítima, aguardo que das conclusões tiradas pela polícia não restem dúvidas sobre culpabilidades, e que, se for o caso, maus servidores sejam punidos com o rigor da lei.

Eu me preparava para dizer, neste final de texto, que o juiz Marcelo Alexandrino da Costa Santos e as duas crianças sob sua proteção chegaram ao lugar errado na hora errada. Mas estaria cometendo um equívoco. O magistrado e sua família estavam no lugar certo e na hora certa - ou pelo menos assim pensaram, pois havia polícia no local.

ALOYSIO SANTOS é desembargador e presidente do TRT-RJ.

Plantão | Publicada em 08/10/2010 às 16h26m

[Olá, evandro!](#)

Justiça decreta prisão de policiais que atiraram no carro de juiz durante blitz em Jacarepaguá

Sérgio Ramalho

★★★★★ DÊ SEU VOTO | ★★★★★ MÉDIA: 5,0

RIO - Os inspetores da Polícia Civil Bruno Rocha Andrade e Bruno Souza da Cruz, indiciados por tentativa de homicídio, tiveram as prisões temporárias decretadas essa tarde pelo juiz Fábio Uchoa, da 4ª Vara Criminal do Tribunal do Júri. A dupla foi responsável pelos disparos que atingiram o Kia Cerato do juiz trabalhista Marcelo Alexandrino da Costa Santos, na noite do último sábado, na Estrada do Pau Ferro, em Jacarepaguá.

No episódio, o juiz, seu filho, Diego Lopes, e sua enteada, Natália Lucas Cukier, foram feridos pelos disparos de fuzil calibre 5.56. Inicialmente, os dois policiais, que participavam juntamente com outros quatro agentes da 41 DP (Tanque) de uma blitz na descida Estrada Grajaú-Jacarepaguá, disseram ter trocado tiros com os ocupantes de outro veículo, que teria furado o bloqueio policial. A versão, contudo, foi derrubada pelo exame de comparação balística do Instituto de Criminalística Carlos Éboli (ICCE). O laudo confirmou que os disparos que atingiram o carro do juiz foram efetuados por Bruno Andrade e Bruno da Cruz.

O pedido de prisão da dupla, negado inicialmente, foi novamente solicitado essa tarde pelo promotor Homero das Neves, coordenador da 1ª Central de Inquéritos do Ministério Público estadual. No pedido de reconsideração, o promotor defende a prisão temporária por 30 dias dos dois inspetores para evitar ameaças às testemunhas do episódio.

**BAND
NEWS**

Apresentadores | Colunistas | Fórum | Vídeo

NOTÍCIAS
DA HORA:

Sexta-feira, 08 de outubro de 2010 - 17h34

Brasil: Policiais acusados de atirar juiz têm a prisão decretada

Os inspetores da Polícia Civil Bruno Rocha Andrade e Bruno Souza da Cruz, acusados de atirar contra o carro de um juiz, durante uma blitz no Rio de Janeiro, tiveram a prisão decretada pela Justiça. Eles já foram indiciados por tentativa de homicídio.

O juiz trabalhista Marcelo Alexandrino Santos, o filho e a enteada foram baleados por tiros de fuzil. Inicialmente, os dois policiais disseram ter trocado tiros com ocupantes de um outro veículo, que teria furado o bloqueio policial. Mas a versão foi derrubada pelo exame de balística do Instituto Carlos Éboli. O laudo confirmou que os disparos que atingiram o carro do juiz foram efetuados pelos dois agentes.

Anexo 61

08/10/2010 19h11 - Atualizado em 08/10/2010 19h49

Após prisão decretada, policiais suspeitos de balear juiz se entregam

Prisão temporária é de 30 dias, podendo ser prorrogada por mais 30. Filho e enteada do juiz também foram baleados; os 3 seguem internados.

Do G1 RJ

Imprimir



★★★★★ e dê sua nota

Os dois policiais suspeitos de balear um juiz e duas crianças numa blitz, no Rio, se entregaram à Justiça do Rio na noite desta sexta-feira (8), segundo informou o Tribunal de Justiça. Mais cedo, os agentes tiveram a **prisão temporária decretada** pelo juiz Fábio Uchôa.

Segundo o juiz, a prisão temporária é por 30 dias, podendo ser prorrogada por mais 30. Ao decretar a medida, Fábio Uchôa considerou que os suspeitos demonstraram a intenção de prejudicar as investigações.

Em depoimento à polícia, os agentes contaram que trocaram tiros com ocupantes de um carro escuro. A informação dos policiais foi negada pelo juiz que foi vítima do confronto e por uma outra testemunha.

O juiz Marcelo Alexandrino da Costa estava em seu carro junto com seu filho de 11 anos e a enteada, de 8, quando passou por uma blitz na Autoestrada Grajaú-Jacarepaguá. Na ocasião, os três foram baleados. Segundo a Justiça, aos parentes e médicos, o magistrado teria dito que pensou estar diante de uma falsa blitz realizada por criminosos.

Os dois agentes presos são da 41ª DP (Tanque), e já estavam afastados das ruas desde o episódio. De acordo o T.J., para o juiz Fábio Uchôa, do 4º Tribunal do Juri, "os policiais têm instinto homicida e envergonham a Polícia Civil do Rio de Janeiro".

O magistrado ressaltou ainda a brutalidade com que o crime foi praticado. "Observa-se que o crime foi praticado com extrema brutalidade, onde os indiciados, com verdadeiro instinto homicida e investidos da Autoridade do Estado, envergonhando a instituição da Polícia Civil do Rio de Janeiro, que é uma das melhores do país, efetuaram diversos tiros de fuzil contra as vítimas indefesas e seus familiares, que se encontravam fugindo de uma suposta falsa blitz realizada por marginais, sem apresentar a menor chance de defesa às vítimas, que estavam de costas, nos interiores de seus respectivos automóveis, fugindo de seus algozes, sem poderem imaginar que os autores daquela brutalidade fossem justamente os representantes do Poder Público, que deveriam estar ali para zelar, proteger e dar segurança a elas", argumentou.

“

Observa-se que o crime foi praticado com extrema brutalidade, onde os indiciados, com verdadeiro instinto homicida e investidos da Autoridade do Estado, envergonhando a instituição da Polícia Civil do Rio de Janeiro, que é uma das melhores do país, efetuaram diversos tiros de fuzil contra as vítimas indefesas e seus familiares”

— juiz Fábio Uchôa, do 4º Tribunal do Juri

Policiais foram indiciados

Na quarta-feira (6), os **policiais já tinham sido indiciados** pela Corregedoria Interna da Polícia Civil do Rio por tentativa de homicídio.

Segundo a polícia, a perícia feita pelo Instituto de Criminalística Carlos Éboli (ICCE) confirmou que as balas que atingiram o juiz e sua enteada partiram do fuzil que estava com um dos agentes. A polícia ainda não sabe de onde partiu o tiro que atingiu o filho do juiz de 11 anos.

Em nota oficial, a Polícia Civil informou, ainda, que o outro policial foi indiciado porque fez disparos e sustentou a versão de uma troca de tiros com os ocupantes de um Honda Civic. De


acordo com os peritos, os cartuchos arrecadados no local eram dos fuzis que estavam com eles. Os policiais foram ouvidos na tarde de terça-feira (5), na Corregedoria de Polícia Civil, e negaram as acusações.

O crime aconteceu na noite de sábado (2), na Autoestrada Grajaú-Jacarepaguá, na pista sentido Zona Oeste. Uma testemunha, que também teve o carro atingido por balas, confirmou na 41ª DP que os tiros partiram de policiais. Dois dias após o tiroteio, o chefe da Polícia Civil do Rio, Allan Turnowski, **exonerou o delegado Fábio da Costa Ferreira** do cargo de titular da 41ª DP (Tanque).



TJ-RJ decreta prisão de policiais que atiraram em juiz

Agência Estado

 imprimir

O Tribunal de Justiça do Rio (TJ-RJ) decretou hoje a prisão temporária dos policiais civis suspeitos de terem atirado no carro do juiz trabalhista Marcelo Alexandrino da Costa Santos, na madrugada do último sábado, 2, na Estrada do Pau Ferro, no Rio. O decreto foi assinado pelo juiz Fábio Uchôa, em exercício no 4º Tribunal do Júri, pedindo a prisão temporária dos policiais civis Bruno Rocha Andrade e Bruno Souza da Cruz.

Na companhia de familiares, o magistrado trafegava em seu carro, próximo a autoestrada Grajaú-Jacarepaguá, quando foi baleado. Para parentes e médicos, o juiz teria dito que pensou estar diante de uma falsa blitz realizada por marginais. Também ficaram feridos seu filho Diego Lopes, de 8 anos, e sua enteada Natalia Lucas Cukier, de 11 anos.

Para o juiz Fábio Uchôa, os policiais têm instinto homicida e envergonham a Polícia Civil fluminense. "Observa-se que o crime foi praticado com extrema brutalidade, onde os indiciados, com verdadeiro instinto homicida e investidos da Autoridade do Estado, envergonhando a instituição da Polícia Civil do Rio de Janeiro".

Ainda segundo o juiz, os policiais "efetuaram diversos tiros de fuzil contra as vítimas indefesas e seus familiares, que se encontravam fugindo de uma suposta falsa blitz realizada por marginais, sem apresentar a menor chance de defesa às vítimas, que estavam de costas, nos interiores de seus respectivos automóveis, fugindo de seus algozes, sem poderem imaginar que os autores daquela brutalidade fossem justamente os representantes do Poder Público, que deveriam estar ali para zelar, proteger e dar segurança a elas".



Editor: Giampaolo Braga

Enviado por Casos de Polícia - 06.10.2010 | 16h49m

Juiz confirma ter sido baleado por policial durante blitz

O Hospital Pasteur divulgou na tarde desta quarta-feira, uma mensagem escrita pelo juiz federal Marcelo Alexandrino Santos, baleado durante uma blitz da Polícia Civil, no último sábado. Na nota, ele confirma que um policial atirou contra o seu carro. Além do juiz, seu filho e de sua enteada foram feridos. No texto, ele diz que "não há de mais aterrador do que a imagem de um agente público, que de nós deveria cuidar, disparando arma de fogo, com a intenção de matar, contra um casal de bem e suas crianças inocentes apenas para satisfazer seu desejo de exibir um poder que, fora dos limites legais, simplesmente não existe". Marcelo Alexandrino Santos agradece a todos que estão enviando mensagens de carinho e solidariedade.

Marcelo permanece está internado em um quarto particular do Pasteur, e não tem previsão de alta. A enteada do juiz Nathália Lucas Cucker, de 8 anos, e o filho do magistrado, Diego Lopes, de 11 anos, apresentaram melhoras apesar de ainda estarem no CTI do Cardoso Fontes.

Leia o texto na íntegra:

Às milhões de pessoas que, no Brasil e no mundo, têm-nos enviado mensagens e pensamentos de preocupação, carinho e solidariedade:

Eu e toda a minha família, do fundo de nossos corações, agradecem o luto e pedimos que continuem orando e nos enviando vibrações positivas, pois, apesar da distância, a tremenda energia que acompanha seus pensamentos nos tem ajudado a seguir em frente, vencendo a cada dia uma nova batalha contra todo o sofrimento físico, emocional, mental e espiritual que temos atravessado.

Todos os dias e em todas as horas, o planeta assiste às mais variadas violações dos Direitos Humanos. Porém, não há de mais aterrador do que a imagem de um agente público, que de nós deveria cuidar, disparando arma de fogo, com a intenção de matar, contra um casal de bem e suas crianças inocentes apenas para satisfazer seu desejo de exibir um poder que, fora dos limites legais, simplesmente não existe.

Já é passado o momento da mudança. Já não se deve mais aceitar o inaceitável. Já não se pode mais observar a violência e o mau exercício da autoridade pública com o convívio dos bem-vindos a nossas vidas.

Portanto, que essa vibração positiva que nos tem sido enviada se estenda também a todos os seres humanos, a fim de que, da criação de espagos de resistência, onde impere a dignidade, possa nascer uma sociedade verdadeiramente livre, justa e igualitária.

Por fim, não podemos deixar de registrar nossa gratidão a todos os profissionais dos hospitais em que estamos internados. Sua dedicação é fonte de inspiração e confiança em um amanhã sempre melhor.

Mais uma vez, muito obrigado. Marcelo Alexandrino da Costa Santos e família

09.10.10 às 16h35

<Rio>

Suspeitos de balear juiz serão transferidos para Bangu 8

Rio - Os policiais civis Bruno Rocha Andrade e Bruno Souza da Cruz, suspeitos de balear o juiz trabalhista Marcelo Alexandrino da Costa Santos, na madrugada do último domingo, serão transferidos para o presídio Bangu 8, na Zona Oeste do Rio, ainda neste sábado. De acordo com a polícia, os presos estão na Divisão de Anti-Sequestro (DAS).

Além do juiz ter sido atingido por um tiro, também ficaram feridos seu filho Diego Lopes, de 8 anos, e sua enteada Natalia Lucas Cukier, de 11 anos.

Segundo o juiz Fábio Uchôa, em exercício no 4º Tribunal do Júri da capital, a prisão temporária é por 30 dias, podendo ser prorrogada por mais 30. Para o magistrado, os policiais têm instinto homicida e envergonham a Polícia Civil do Rio.

09/10/2010 16h19 - Atualizado em 09/10/2010 16h23

Policiais suspeitos de balear juiz serão transferidos para Bangu 8

Eles se entregaram à Justiça do Rio na noite desta sexta-feira (8).
Os dois tiveram a prisão temporária decretada por 30 dias.

Do G1 RJ

 imprimir

★★★★★ e dê sua nota

A Polícia Civil do Rio confirmou, na tarde deste sábado (9), que os dois policiais suspeitos de balear um juiz e duas crianças numa blitz, na Autoestrada Grajaú-Jacarepaguá, serão transferidos para o presídio Bangu 8, na Zona Oeste. Segundo a polícia, eles estão na Divisão de Anti-Sequestro (DAS) e deverão ser transferidos ainda neste sábado.

Os dois agentes se entregaram à Justiça do Rio na noite de sexta-feira (8), segundo informou o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (TJ-RJ). Eles tiveram a **prisão temporária**

decretada pelo juiz Fábio Uchôa.

Segundo o juiz, a prisão temporária é por 30 dias, podendo ser prorrogada por mais 30. Ao decretar a medida, Fábio Uchôa considerou que os suspeitos demonstraram a intenção de prejudicar as investigações.

Em depoimento à polícia, os agentes contaram que trocaram tiros com ocupantes de um carro escuro. A informação dos policiais foi negada pelo juiz que foi vítima do confronto e por uma outra testemunha.

O juiz Marcelo Alexandrino da Costa estava em seu carro junto com seu filho de 11 anos e a enteada, de 8, quando passou por uma blitz na Autoestrada Grajaú-Jacarepaguá. Na ocasião, os três foram baleados. Segundo a Justiça, aos parentes e médicos, o magistrado teria dito que pensou estar diante de uma falsa blitz realizada por criminosos.

Os dois agentes presos são da 41ª DP (Tanque), e já estavam afastados das ruas desde o episódio. De acordo o TJ, para o juiz Fábio Uchôa, do 4º Tribunal do Júri, "os policiais têm instinto homicida e envergonham a Polícia Civil do Rio de Janeiro".

O magistrado ressaltou ainda a brutalidade com que o crime foi praticado. "Observa-se que o crime foi praticado com extrema brutalidade, onde os indiciados, com verdadeiro instinto homicida e investidos da Autoridade do Estado, envergonhando a instituição da Polícia Civil do Rio de Janeiro, que é uma das melhores do país, efetuaram diversos tiros de fuzil contra as vítimas indefesas e seus familiares, que se encontravam fugindo de uma suposta falsa blitz realizada por marginais, sem apresentar a menor chance de defesa às vítimas, que estavam de costas, nos interiores de seus respectivos automóveis, fugindo de seus algozes, sem poderem imaginar que os autores daquela brutalidade fossem justamente os representantes do Poder Público, que deveriam estar ali para zelar, proteger e dar segurança a elas", argumentou.

12/10/2019 22h42 - Atualizado em 13/10/2019 09h19

'Nunca havia disparado o fuzil', diz policial de blitz em que juiz foi baleado

Policiais presos apontam falhas no treinamento da academia de polícia. Magistrado diz crianças feridas lhe deram forças para ir ferido até o hospital.

De G1, com informações do Fantástico

Imprimir



★★★★☆ [x](#) dê sua nota

Presos depois que uma perícia apontou suas armas como a origem dos **tiros que feriram o juiz Marcelo Alexandrino e sua enteada, de 8 anos, em uma blitz** na autoestrada Grajaú-Jacarepaguá, no Rio, policiais crêem o treinamento que receberam na Academia de Polícia Civil. "Nunca havia disparado com aquele fuzil", conta Souza, um dos **policiais presos pelo crime** na última sexta-feira (8). Aperícia ainda não identificou de onde partiu a bala que atingiu o filho do juiz, de 11 anos.

[Veja o site do Fantástico](#)

"Eu tenho dois meses de polícia. Foi a primeira situação minha de confronto real. Treinamento pra blitz, nós não tivemos nenhum. Dentro da academia, isso não foi dado. Nós tivemos treinamento de uma semana de abordagem e progressão, uma semana pra tiro, sendo que desse tiro foi um dia de fuzil com 50 disparos. Isso está dentro da nossa carga horária, que é publicada em Diário Oficial do nosso curso de formação", explica ele.

"Se a Academia de Polícia não prepara, a preparação deles é deficiente: senhor diretor da Academia de Polícia, por favor, reveja seu programa. Se o delegado não os instruiu, na academia vocês não tiveram aula de como montar uma blitz, eu vou dizer pra vocês antes de vocês irem pra rua: 'senhores delegados, passem a fazer isso. As responsabilidades são várias', rebate o juiz.

Procurada pelo **G1**, a assessora de imprensa da Polícia Civil do Rio de Janeiro não foi encontrada para comentar a atuação de sua Academia de Polícia.

Dei três tiros: bum, bum, bum', diz policial

Dos seis policiais que participavam da ação da Polícia Civil, só ele e outro colega foram indicados. Segundo o órgão, a ação foi montada para cobrir arrastões. Eles afirmam que houve uma troca de tiros no local e, por isso, teriam disparado.

"Tava ali porque eu recebi ordem de lá ali, que a gente tinha que interceptar os bandidos que estavam passando na região", afirma Souza, que conta em detalhes: "Eu gritei: para, policial! Aí a situação começou a se desencadear, tudo muito rápido. Eles começaram a dar ré. Eu gritei 'vem, vem, vem', pra minha equipe. E a gente começou a progredir, começou a subir. Quando começamos a subir, esse carro começou a fazer um balão pra vir na contramão, e já escutamos os dois primeiros disparos, vindo lá de cima. Dois disparos: 'pá, pá'. Depois, conta ele, atirou para o alto, em seguida, para baixo, na direção dos carros.

saibamais

Em nota, juiz baleado diz que 'agente político' atirou contra a sua família

Após prisão de 600 policiais, policiais culpados de balear juiz se entregam

Polícia do Rio encerra a delegacia após blitz que ter minou com juiz baleado

Juiz baleado em blitz no Rio sai do CTI e vai para quarto, diz hospital

Juiz e duas crianças são baleados perto de blitz na Zona Oeste do Rio

Já Andrade, companheiro de ação, também indicado e preso, nega. Segundo ele, após ouvir os tiros, se escondeu atrás de uma árvore. "Olhei assim rápido, eu vi um Civil escuro, atravessado na pista. Aí eu pensei: 'caramba, deve ser esse carro que tá atirando na gente'", conta. "Eu botei o fuzil pro lado e dei três tiros: 'bum, bum, bum', em direção ao barranco, e voltei. Porque eu queria contar mais tiros em nossa direção, estava esperando o bandido ali", afirma o policial.

Marcelo, o cara vai atirar', avisou mulher

de juiz

Já segundo o juiz e sua família, o que eles viram foram **três homens armados cercando um carro**. "Eram pessoas de preto exibindo seus fuzis e um carro vermelho parado de portas abertas e os caras em cima. Pronto, estão assaltando, vamos voltar", conta o Juiz, que ainda ficou na dúvida se tentava ou não fugir, mas acabou dando meia volta na tentativa de escapar pela contramão.

"As crianças estavam desesperadas, podiam sequestrar elas, e a Sunny (*Alexandrino, sua mulher*) nervosa, a mãe dela nervosa e outros carros parando também. A Sunny começou a falar pra mim: 'Marcelo, o cara tá correndo. Marcelo, o cara tá apontando Marcelo, o cara vai atirar'", lembra o magistrado, que, mesmo ferido, dirigiu até um hospital próximo.

"Eu sabia que estava baleado, sabia que não ia aguentar, mas eu programei minha mente. Quando eu ouvi que as crianças tinham sido baleadas falei: eu morro, mas chego lá, não sei como", diz Marcelo. "Saído carro peguei minha filha nos braços já entregritando: 'peço amor de Deus, minha família foi baleada, minha filha, tem mais gente, meu marido'", completa Sunny.

Frustrações dos dois lados

Emocionado, Andrade fala do sonho de entrar na polícia. "É algo inimaginável, porque você entra com um sonho. Nós tínhamos outras opções de concurso, podia fazer tantos outros... Escolhesse, eles colheu esse, passou pra analista do TJ (Tribunal de Justiça) e não assumiu. Falou: 'quero polícia', entendeu? Agente trabalhava todo dia dando o nosso melhor. Evocô, agora, vou ser preso. Mas não tem problema: a gente confia em Deus, a gente vai vencer essa luta, né? Não desrespeitando o que aconteceu com o magistrado, que realmente é uma coisa horrível", resume o policial.

Marcelo também fala de sua decepção. "Quando eu soube (*que os três pararam de policiais*), me deu uma tristeza tão grande... Gente, eu preferia que fossem bandidos, porque a função do bandido é fazer o mal, a função da polícia é proteger", indaga ele, que pede: "Nós temos um exemplo do que foi feito de errado, que deve gerar uma reflexão dos gestores e daqueles que são geridos, se todos pensarem: 'bom, já que essa família escapou com vida, que não seja eu o próximo policial a atirar num inocente'".



Plantão | Publicada em 10/10/2010 às 22h45m

[Olá, evandro |](#)

Juiz baleado terá alta hospitalar segunda-feira às 10h, no Méier

O Globo

★★★★★ DÊ SEU VOTO | ★★★★★ MÉDIA: 3,4

RIO - Está prevista para a manhã desta segunda-feira a alta hospitalar do paciente Marcelo Alexandrino da Costa Santos, juiz trabalhista que fora baleado no domingo passado, 2 de outubro, numa blitz em Jacarepaguá, na Zona Oeste do Rio. A vítima está internada no Hospital Pasteur, no Méier.

De acordo com a equipe médica do Pasteur, o magistrado precisará fazer acompanhamento ambulatorial de equipes de cirurgia torácica e clínica.

O filho dele, de 11 anos, e uma enteada, de oito, que também foram atingidos por tiros no mesmo incidente permanecem internados. Ambos se encontram em estado de saúde estável e não correm risco de morte.

Na última sexta-feira, a Justiça decretou a prisão temporária de dois policiais civis que participaram da blitz em que o juiz e as crianças foram baleados.

Anexo 68

Publicada em 11/10/2010 às 02h00m

[Olá, evandro](#)

SEMPREPARAÇÃO ADEQUADA

Policiais que atiraram em juiz em blitz se defendem

O Globo

DÊ SEU VOTO |

MÉDIA: 4,2 |
[Comentários](#)

RIO - Os dois policiais civis presos após terem atirado no carro do juiz Marcelo Alexandrino durante uma blitz na Autoestrada Grajaú-Jacarepaguá, no último dia 2, criticaram o treinamento que receberam na Academia de Polícia Civil. "Nunca havia disparado com aquele fuzil", disse um deles, Bruno Souza, ao "Fantástico", da TV Globo, que foi ao ar ontem. Além do magistrado, duas crianças - seu filho, de 11 anos, e sua enteada, de 8 - foram feridas pelos disparos.

- Tenho dois meses de polícia. Foi minha primeira situação de confronto real. Não recebemos treinamento para fazer blitzes. Dentro da academia, isso não foi dado (...). Um dia foi dedicado ao uso de fuzil, com 50 disparos (...) - disse Souza.

Dos seis agentes que participaram da ação da Polícia Civil, apenas ele e Bruno Andrade foram indiciados. Ambos alegaram que abriram fogo porque teriam sido atacados por bandidos.

- Vi um Civic escuro atravessado na pista. Pensei que devia ser esse carro que estava atirando na gente. Então, botei o fuzil para o lado e dei três tiros em direção a um barranco. Eu queria impedir mais tiros em nossa direção. Estava esperando um bonde ali - afirmou Andrade.

Ao saber das declarações, o juiz pediu uma preparação melhor aos policiais civis e contou que ficou decepcionado quando soube que os tiros partiram de agentes:

- Isso me deu uma tristeza muito grande. Eu preferia que os autores dos disparos fossem bandidos (...). A função da polícia é proteger. Nós temos um exemplo do que há de errado, e isso deve gerar uma reflexão.

Juiz terá alta nesta manhã

Está prevista para a manhã desta segunda-feira a alta hospitalar do juiz trabalhista Marcelo Alexandrino, que está internado no Hospital Pasteur, no Méier.

De acordo com a equipe médica do Pasteur, o magistrado precisará fazer acompanhamento ambulatorial de equipes de cirurgia torácica e clínica.

O filho e a enteada dele permanecem internados. Ambos se encontram em estado de saúde estável e não correm risco de morte.

11/10/2010 12h35 - Atualizado em 11/10/2010 17h11

Juiz baleado diz que pretende entrar com medida judicial contra o estado

Ele recebeu alta nesta segunda-feira (11), após sofrer trauma no tórax. A mulher dele contou que agora passa mal quando vê um policial.

Carolina Lauriano
Do G1 RJ

imprimir



★★★★★ e de sua nota

O juiz Marcelo Alexandrino, de 39 anos, **baleado em uma blitz no dia 2 de outubro**, na autoestrada Grajaú-Jacarepaguá, no Rio, afirmou, após receber alta médica, nesta segunda-feira (11), que pretende entrar com alguma medida judicial contra a polícia.

"Claro que a gente vislumbra entrar com alguma medida judicial", disse ele, ao lado da mulher, Sunny Alexandrino, de 28 anos, durante uma entrevista coletiva de quase meia hora, no Hospital Pasteur, no Méier, na Zona Norte.

Entretanto, Marcelo contou que essa não é a prioridade no momento, já que seu filho, de 11 anos, e a enteada, de 8, ainda estão internados. As crianças também foram baleadas na blitz. O menino teve perfuração nos dois pulmões e a menina teve perfuração de bala no estômago, no fígado e também no pulmão. Segundo os pais, o quadro de saúde delas não é grave.

Elas foram transferidas para um hospital da Zona Sul, mas o juiz preferiu não revelar o local e informou que seguiria para lá com a mulher após a entrevista. "O foco agora são as crianças. Quando elas ficarem bem eu penso nisso", disse ele.

De acordo com o hospital, Marcelo sofreu trauma no tórax por perfuração por arma de fogo. Em duas semanas, ele retornará ao hospital para fazer uma revisão.

Mulher diz que passa mal quando vê polícia

Ainda muito abalada, a mulher do juiz, Sunny, chorou em alguns momentos e afirmou que está com trauma de sair na rua e também da polícia. "Eu tenho pavor de sair de casa agora. Quando vejo um policial me dá até sensação de desmaio", afirmou.

O casal contou que as crianças também estão muito traumatizadas e que toda a família precisará de tratamento psicológico. Segundo eles, a menina acorda chorando durante a madrugada e o menino não queria ser transferido de hospital porque teria que sair na rua. "Ele me ligou chorando, eu tive que inventar uma história de que um amigo meu ia acompanhar eles de helicóptero até o outro hospital", contou Marcelo.

Críticas à conduta da polícia

O magistrado voltou a criticar a ação dos dois policiais presos acusados de terem feito os disparos. Ele rebateu a afirmação deles de que falta treinamento na polícia. "O problema não é só de treinamento, é uma questão de conduta. Não se bate pelas costas e também não se atira pelas costas. Isso não tem a ver com treinamento, isso se aprende dentro de casa", disse ele.

O juiz deixou um recado para os dois policiais: "Dêem a versão correta e verdadeira. A partir daí é outra história". Para ele, a forma como a polícia se utiliza do poder tem que mudar.

Segundo Marcelo e Sunny, os policiais não estavam identificados e, por isso, o casal achou que eram bandidos e tentaram fugir da blitz. O juiz disse que vários carros conseguiram retomar, mas quando ele passou a marcha ré, havia um ônibus atrás do seu carro. Marcelo descreveu como um milagre o fato de ele e as duas crianças terem sobrevivido aos tiros de fuzil.

Ele reafirmou que sentiu muita decepção ao saber que tinha sido baleado por policiais e não bandidos. "Tenho uma relação de afeto grande com a Polícia Civil, meus melhores amigos são da Polícia Civil", contou.

Perguntado se perdoaria os dois policiais que atiraram contra a sua família, ele afirmou que ainda não sabe. "Não tenho condições de pensar se é perdoável ou não. Está muito cedo. Não conheço a história de vida dessas pessoas que atiraram contra mim e a minha família", disse ele.



11/10/2010 18h40 - Atualizado em 11/10/2010 18h40



Juiz baleado em blitz no Rio cogita ação contra polícia

Agência Estado

 imprimir

O juiz Marcelo Alexandrino, baleado por policiais civis durante uma blitz no último dia 2, deixou hoje o hospital após nove dias internado. Ele afirmou que deverá entrar com medida judicial contra a polícia. "Claro que vamos estudar esta medida", afirmou ao deixar o hospital. Ele ressaltou, no entanto, que sua prioridade no momento é a recuperação do filho e da enteada, também baleados, que permanecem internados.

O menino, de 11 anos, teve perfuração nos dois pulmões e a menina, de 8 anos, foi atingida por uma bala que atravessou estômago, fígado e pulmão. Ambos não correm risco de morte. Eles foram transferidos para um hospital na zona Sul, mas os pais não identificaram a unidade, para evitar assédio da imprensa.

Segundo relato feito pelo juiz no momento dos tiros, os policiais não estavam identificados e por isso foram confundidos com bandidos em uma falsa blitz. Os policiais alegaram que não tiveram treinamento adequado para o uso de armas. Mas a versão foi contestada pelo comando da Polícia Civil, que declarou que eles receberam intenso treinamento.

Anexo 71



VÍDEOS
JORNALISMO
E SPORTE
ENTRE TENIMENTO
TEMPO
TRÂNSITO-SP
BLOGS
CHAT
COLUMNISTAS
PODCASTS
TWITTER
RSS

TE LE VISÃO
BAND
JORNAL DA NOITE
PRIMEIRO JORNAL
BANDNEWS TV
BANDSPORTS
TERRA VIVA
RÁDIO
RÁDIO BANDEIRANTES
BANDNEWS FM
NATIVA
BAND FM
SULAMÉRICA TRÂNSITO



De segunda a sábado às 19h20

Apresentadores Infográficos

Segunda-feira, 11 de outubro de 2010 - 19h10 Última atualização, 11/10/2011 - 19h10

Juiz que teve carro baleado no RJ vai processar Estado

Jornal da Band
pauta@band.com.br

O juiz Marcelo Alexandrino dos Santos, que teve o carro fuzilado por policiais em uma blitz no Rio de Janeiro, anunciou que deve entrar com alguma medida judicial contra os policiais que atiraram na direção do carro dele. O carro de Santos foi atingido no último dia 2, quando ele viu homens armados na Estrada Grajaú-Jacarépaguá e pensou se tratar de uma falsa blitz. Ao tentar fugir de ré, o juiz teve o carro metralhado por policiais civis.

O magistrado foi atingido no tórax, seu filho, de 11 anos e a enteada de oito, também foram baleados. Santos teve alta nesta segunda-feira, mas as duas crianças permanecem internadas.

De acordo com Santos, as duas crianças estão traumatizadas e ficaram com medo até de serem transferidas de hospital. Ele contou ainda que outras pessoas também confundiram os policiais com bandidos e que não havia nenhuma identificação da polícia.

Uma perícia confirmou que os tiros partiram de um fuzil usado pelos policiais civis. Bruno Rocha Andrade e Bruno Souza da Cruz trabalham na corporação há apenas dois meses. Eles estão presos desde sexta-feira.

PUBLIIDADE

Agora co

SHOPPING
Busca de Pro

BAND MI
Leve para
coletânea
Sucessos

Plantão | Publicada em 11/10/2010 às 11h56m

[Olá, evandro |](#)

Juiz baleado em blitz tem alta e diz que não perdoa policiais que atiraram contra seu carro

Ana Cláudia Costa

☆☆☆☆☆ DÊ SEU VOTO | ☆☆☆☆☆ MÉDIA: 5,0

RIO - O juiz trabalhista Marcelo Alexandrino da Costa Santos recebeu alta nesta segunda-feira e disse, em entrevista coletiva, que, após seu filho e sua enteada receberem alta do hospital, pensa em processar o estado pela ação desastrosa dos policiais que atiraram em seu carro na noite de sábado, dia 2 de outubro. O juiz afirmou não conseguir perdoar os policiais que estavam na blitz, a princípio por não conhecer a índole e a vida passada deles. Ele disse querer apenas que os policiais contem a verdade. Santos deixou o Hospital Pasteur, no Méier.

11.10.10 às 12h45 > Atualizado em 11.10.10 às 14h04

<Rio>

Juiz baleado em blitz com a família diz que não consegue perdoar policiais

Magistrado recebe alta, diz que quer reconstruir a vida com a família e admite que pode processar o estado

Rio - O juiz trabalhista Marcelo Alexandrino da Costa Santos recebeu alta do Hospital Pasteur, no Méier, Zona Norte, nesta segunda-feira. O magistrado, que ficou cerca de 10 dias internado, está avaliando se vai processar o estado pela ação desastrosa dos policiais que atiraram em seu carro, na noite do último dia 2 de outubro. No entanto, ele afirmou que só vai decidir o que fazer assim que seu filho e sua enteada receberem alta.



Após receber alta, juiz criticou atuação de policiais | Foto: Alessandro Costa / Agência O Dia

Em entrevista coletiva no hospital, Marcelo Alexandrino disse que não consegue perdoar os policiais que estavam na blitz por não conhecer a índole e os antecedentes deles. "O que mais quero são as crianças fora do hospital e poder reconstruir nossas vidas", disse o juiz. Ele também afirmou que deseja que os policiais falem a verdade.

O juiz acrescentou que a imperícia dos policiais não foi provocada por falta de treinamento. "Se não se bate pelas costas, não se atira pelas costas. Isso não depende de treinamento", disse o juiz.

Os agentes acusados de terem feito os disparos que acertaram o juiz, seu filho e sua enteada, disseram em entrevista ao "Fantástico", que estão na Polícia Civil há dois meses e que nunca tiveram treinamento para blitz. Os policiais ainda contaram que tiveram treinamento de uma semana de abordagem e progressão e uma semana para tiro, sendo apenas um dia para disparos de fuzil, com 50 tiros.

A diretora da Acadepol, Fabíola Willis, disse que os policiais receberam intenso treinamento de abordagem e que atirar é a última medida que um policial deve adotar.



- VIDEOS
- JORNALISMO
- ESPORTE
- ENTRETENIMENTO
- TEMPO
- TRÂNSITO-SP
- BLOGS
- CHAT
- COLUMNISTAS
- PODCASTS
- TWITTER
- RSS

- TELEVISÃO
- BAND
- JORNAL DA BAND
- JORNAL DA NOITE
- BANDNEWS TV
- BANDSPORTS
- TERRA VIVA
- RÁDIO
- RÁDIO BANDEIRANTES
- BANDNEWS FM
- NATIVA
- BAND FM



Apresentador Vídeos Fale Conosco

Terça-feira, 12 de outubro de 2010 - 11h10 Última atualização, 12/10/2011 - 11h10

Juiz que teve carro baleado no RJ vai processar Estado

Primeiro Jornal
pauta@eband.com.br

O juiz Marcelo Alexandrino dos Santos, que teve o carro fuzilado por policiais em uma blitz no Rio de Janeiro, anunciou que deve entrar com alguma medida judicial contra os policiais que atiraram na direção do carro dele. O carro de Santos foi atingido no último dia 2, quando ele viu homens armados na Estrada Grajaú-Jacarépaguá e pensou se tratar de uma falsa blitz. Ao tentar fugir de ré, o juiz teve o carro metralhado por policiais civis.

O magistrado foi atingido no tórax, seu filho, de 11 anos e a enteada de oito, também foram baleados. Santos teve alta nesta segunda-feira, mas as duas crianças permanecem internadas.

De acordo com Santos, as duas crianças estão traumatizadas e ficaram com medo até de serem transferidas de hospital. Ele contou ainda que outras pessoas também confundiram os policiais com bandidos e que não havia nenhuma identificação da polícia.

Uma perícia confirmou que os tiros partiram de um fuzil usado pelos policiais civis. Bruno Rocha Andrade e Bruno Souza da Cruz trabalham na corporação há apenas dois meses. Eles estão presos desde sexta-feira.

PUBLICIDADE

SHOPPING

Busca de Pro

BAND M
Leve para

Anexo 75

Polícia estuda mudanças em blitzes

Ação desastrosa pode fazer com que a instituição use roupas mais chamativas

POR VANHA CUNHA

Rio - O erro dos policiais civis que balearam durante uma blitz o juiz Marcelo Alexandrino da Costa Santos, seu filho e sua enteada vai provocar algumas mudanças nas estratégias da instituição para operações. A principal delas poderá ser vista na roupa utilizada pelos agentes durante as ações. De acordo com o diretor de polícia da capital, delegado Ronaldo Oliveira, estão sendo analisadas alterações para que a vestimenta fique mais visível tanto nas operações no asfalto, quanto nas favelas. O juiz recebeu alta ontem do Hospital Pasteur, no Méier, e disse que pensa em processar o estado.



O juiz Marcelo Alexandrino da Costa Santos teve alta do hospital e pensa em processar o Estado | Foto: Alessandro Costa / Agência O Dia

Segundo Ronaldo Oliveira, as autoridades estudam alterar a cor cinza das camisas usadas por policiais e até a forma como está escrito o nome da instituição. "A vestimenta pode não permitir boa visualização do policial à noite. Vamos analisar a possibilidade do uso de uma cor que chame mais a atenção ou de colocar o nome da Polícia Civil mais destacado", contou.

O delegado explicou que as operações já seguem um padrão, mas que a instituição pretende adotar mudanças para aperfeiçoar o trabalho: "Sempre que ocorre um problema, temos que analisar para tentar minimizar erros. Todas as blitzes têm uma estratégia de organização e até de montagem no local, com cones e posicionamento das viaturas. Tanto que, em 10 meses de operações, nunca ocorreu incidente. As blitzes têm que ser armadas com policiais mais experientes na coordenação e apenas eles com armamento pesado. Esse fato foi isolado, um erro do policial, e não da instituição".

Os policiais Bruno Souza e Bruno Andrade, que estão presos por atirar em direção ao carro do juiz, criticaram o treinamento que receberam quando ainda estavam na Academia de Polícia Civil, em entrevista ao programa 'Fantástico', da TV Globo. "Tenho dois meses de polícia. Foi minha primeira situação de confronto. Não recebemos treinamento para blitzes. Um dia foi dedicado ao uso de fuzil, com 50 disparos", disse Souza.

A diretora da Academia, Fabíola Machado, respondeu que os agentes recebem treinamento intenso, de 840 horas/aula, com técnicas de abordagem feitas com instrutores da Core, e que chegam a disparar cerca de 600 tiros. Ainda de acordo com a diretora, o treinamento privilegia o uso progressivo da força: o tiro é o último recurso a ser utilizado.

Família está traumatizada

Depois de meia hora de entrevista coletiva, o juiz Marcelo deixou o hospital ansioso para ver o filho e a enteada, internados em clínica particular. As crianças estão fora de perigo, mas o trauma emocional preocupa os pais. "Eles estão muito abalados, com medo de sair na rua. Meu filho só aceitou ser transferido porque contei uma história de que um amigo policial faria a segurança dele de helicóptero", contou Marcelo, enquanto sua mulher, Sunny Mariano, chorou ao relembrar os momentos de pânico. "Não consigo mais dirigir e tenho sensação de desmaio ao ver algum policial", disse ela.

O juiz criticou os agentes, que chegaram a dizer que atiraram contra carro suspeito: "Se estão arrependidos, que digam a verdade. Quando soube que fui baleado por policiais, foi uma decepção. Independente de treinamento, não se atira em ninguém pelas costas. Três pessoas escaparam de tiros de fuzil só pode ser milagre. Não tenho condições de pensar se o que fizeram é perdóvel. Mas ninguém deve sair por aí presumindo que o outro é culpado".

Agentes serão transferidos para a Bangu 8

O diretor jurídico do Sindicato dos Policiais Civis, Francisco Chao, esteve ontem com os dois agentes, que devem ser transferidos a partir de amanhã para o presídio Bangu 8. "Eles estão abalados, ninguém se envolve com isso e fica bem. Mas foram tranquilos ao afirmar que atiraram contra carro suspeito. Não há treinamento regular na Polícia Civil. No Rio há muitos policiais despreparados com armamento pesado".

14.10.10 às 20h13 > Atualizado em 14.10.10 às 20h32

<Rio>

Polícia fará reconstituição de blitz em que juiz ficou ferido

Rio - A reconstituição da blitz em que o juiz Marcelo Alexandrino da Costa Santos foi atingido com seu filho e sua enteada, na Autoestrada Grajaú-Jacarepaguá, deverá ser feita na próxima semana. O magistrado prestou depoimento, nesta quinta-feira.

Após 10 dias internado, o juiz trabalhista recebeu alta do Hospital Pasteur, no Méier, Zona Norte, nesta segunda-feira. Ele está avaliando se vai processar o estado pela ação desastrosa dos policiais que atiraram em seu carro, na noite do último dia 2 de outubro. No entanto, afirmou que só vai decidir o que fazer assim que seu filho e sua enteada receberem alta.



Após receber alta, juiz criticou atuação de policiais | Foto: Alessandro Costa / Agência O Dia

Em entrevista coletiva no hospital, Marcelo Alexandrino disse que não consegue perdoar os policiais que estavam na blitz por não conhecer a índole e os antecedentes deles. "O que mais quero são as crianças fora do hospital e poder reconstruir nossas vidas", disse o juiz. Ele também afirmou que deseja que os policiais falem a verdade.

O juiz acrescentou que a imperícia dos policiais não foi provocada por falta de treinamento. "Se não se bate pelas costas, não se atira pelas costas. Isso não depende de treinamento", disse o juiz.

Os agentes acusados de terem feito os disparos que acertaram o juiz, seu filho e sua enteada, disseram em entrevista ao "Fantástico", que estão na Polícia Civil há dois meses e que nunca tiveram treinamento para blitz. Os policiais ainda contaram que tiveram treinamento de uma semana de abordagem e progressão e uma semana para tiro, sendo apenas um dia para disparos de fuzil, com 50 tiros.

A diretora da Acadepol, Fabíola Willis, disse que os policiais receberam intenso treinamento de abordagem e que atirar é a última medida que um policial deve adotar.

14/10/2010 19:34. Atualizado em 14/10/2010 19:34

Polícia quer fazer reconstituição de caso de juiz baleado em blitz, no Rio

Marcelo Alexandrino prestou depoimento nesta quinta-feira (14). Sua mulher e sogra, testemunhas da ação, também foram ouvidas.

Do R.JTV

Imprimir



★★★★★ e dá sua nota

A Polícia Civil pretende fazer na próxima semana uma reconstituição da blitz em que o **juiz Marcelo Alexandrino foi baleado por policiais** no último dia 2, na Autoestrada Grajaú-Jacarepaguá. A ideia é que a perícia ajude nas investigações sobre o crime. Nesta quinta-feira (14), o magistrado prestou depoimento à polícia. Foram ouvidas ainda sua mulher e sogra, que também estavam no carro.

Como os policiais não estavam uniformizados, o juiz achou que se tratavam de criminosos e tentou fugir. Além dele, seu filho, de 11 anos, e a enteada, de 8, foram baleados. Dois policiais que participaram da

operação foram afastados, indiciados pela Corregedoria por tentativa de homicídio e tiveram a prisão temporária decretada pela Justiça. Eles já se entregaram à polícia.

Processo contra o estado

Na última segunda-feira (11), Alexandrino teve alta médica do hospital e disse, em entrevista coletiva, que **pretende processar o estado**. "Claro que a gente vislumbra entrar com alguma medida judicial", disse ele.

Entretanto, Marcelo contou que essa não é a prioridade no momento, já que seu filho e a enteada ainda estão internados. O menino teve perfuração nos dois pulmões e a menina teve perfuração de bala no estômago, no fígado e também no pulmão. Segundo os pais, o quadro de saúde delas não é grave.

Críticas à conduta da polícia

O magistrado criticou a ação dos dois policiais presos acusados de terem feito os disparos. Ele rebateu a afirmação deles de que falta treinamento na polícia. "O problema não é só de treinamento, é uma questão de conduta. Não se bate pelas costas e também não se atira pelas costas. Isso não tem a ver com treinamento, isso se aprende dentro de casa", disse ele.

Segundo Marcelo e sua mulher, Sunny, os policiais não estavam identificados e, por isso, o casal achou que eram bandidos e tentaram fugir da blitz. O juiz disse que vários carros conseguiram retornar, mas quando ele passou a marcha ré, havia um ônibus atrás do seu carro. Marcelo descreveu como um milagre o fato de ele e as duas crianças terem sobrevivido aos tiros de fuzil.

Policial diz que nunca havia disparado um fuzil

Presos depois que uma perícia apontou suas armas como a origem dos tiros que feriram o juiz e as duas crianças em uma blitz, **policiais criticaram o treinamento** que receberam na Academia de Polícia Civil. "Nunca havia disparado com aquele fuzil", conta Souza, um dos **policiais presos pelo crime**. A perícia ainda não identificou de onde partiu a bala que atingiu o filho do juiz.

"Eu tenho dois meses de polícia. Foi a primeira situação minha de confronto real. Treinamento pra blitz, nós não tivemos nenhum. Dentro da academia, isso não foi dado. Nós tivemos treinamento de uma semana de abordagem e progressão, uma semana pra tiro, sendo que desse tiro foi um dia de fuzil, com 50 disparos. Isso está dentro da nossa carga horária, que é publicada em Diário Oficial do nosso curso de formação", explica ele.

saiba mais

Em nota, juiz baleado diz que 'agente público' atirou contra sua família

Após prisão decretada, policiais suspeitos de balear juiz se entregam

Polícia do Rio exonera delegado após blitz que terminou com juiz baleado

Juiz baleado em blitz no Rio sai do CTI e vai para quarto, diz hospital

Juiz e duas crianças são baleados perto de blitz na Zona Oeste do Rio

Posição da Polícia Civil

Segundo a diretora da Acadepol, Fabíola Machado de Araújo, no treinamento dado aos policiais há um curso chamado Uso

Progressivo da Força, que consiste em preparar os agentes para agir em determinadas situações, como uma abordagem, uma blitz, e que o disparo é a última medida que o policial deve adotar.

A Polícia Civil informou também que o treinamento com armas é feito com fuzil, pistola e escopeta, e é oferecido pela Coordenadoria de Operações e Recursos Especiais (Core). Também são dadas aulas de defesa pessoal e há um estágio em delegacias de 120 horas.

Publicada em 14/10/2010 às 19h23m

[Olé, evandro!](#)[JUIZ BALEADO](#)**Sindicato dos Policiais Civis quer que treinamento dos agentes de segurança seja revisto***O Globo e RJ-TV*★★★★★ DÊ SEU VOTO : ★★★★★ MÉDIA: 4,2 : [Comentários](#)

RIO - O Sindicato dos Policiais Civis (Sinpol) solicitou uma audiência com o secretário de Segurança Pública, José Mariano Beltrame, a fim de pedir para que todo o treinamento na Academia de Polícia Sylvio Terra seja revisto, com objetivo de aperfeiçoar a prática operacional do aluno, futuro policial civil do Rio de Janeiro. Na avaliação da diretoria do Sinpol, a integridade física e moral dos novatos deve ser preservada pelo estado. Uma das providências sugeridas, segundo nota divulgada pelo sindicato, é que os novos policiais só sejam colocados para fazer serviços externos se acompanhados de um profissional experiente, devidamente autorizado pelo delegado.

O pedido, segundo o presidente do sindicato, comissário Fernando Bandeira, foi motivado em apoio aos dois oficiais de cartório da 41ª DP (Tanque) envolvidos no caso do [juiz trabalhista Marcelo Alexandrino](#), baleado na Estrada Grajaú-Jacarepaguá no dia 2 de outubro, durante uma blitz.

Nesta quinta-feira, o magistrado prestou depoimento em sua casa, na Tijuca, segundo a corregedoria da Polícia Civil. Uma reconstituição deve ser feita na semana que vem, para esclarecer o que de fato aconteceu na noite em que Alexandrino, seu filho e sua enteada foram baleados.

[\(Assista a trechos de entrevista coletiva do juiz\)](#)

Bandeira diz que o sindicato está dando todo apoio [aos agentes](#), inclusive oferecendo assistência jurídica. Ele inclusive tem visitado com frequência os dois, presos na Divisão Anti-sequestro (DAS). Segundo Bandeira, ambos contaram ter sido a primeira vez que fizeram operações de rua, com [apenas dois meses de formados](#). Os policiais Bruno Andrade e Bruno Souza também teriam confirmado ao presidente do Sinpol que não havia um supervisor ou autoridade policial na blitz que promoveram em Jacarepaguá.

"O Sindicato entende que neste caso as responsabilidades devem ser divididas com seus superiores, que determinaram a operação para coibir a passagem de bondes. E que o oficial de cartório policial, antigo escrevente e escrivão, deve ficar na delegacia para os procedimentos de polícia judiciária - colhendo depoimentos de vítimas, presos e testemunhas, conforme determina a Lei Estadual nº 4.368/2004", diz nota divulgada pelo Sinpol, que também alerta a população para nunca reagir ou fugir de blitzes, mesmo que desconfie da operação. "O correto é sempre atender à solicitação dos policiais, acendendo a luz interna do veículo para facilitar a visualização de seus ocupantes, baixando o farol", conclui a nota.



Enviado por **Matheus Vieira** - 14.10.2010 | 07h00m

JUSTIÇA PARA TODOS

Juiz baleado e mãe de rapaz morto na Cidade Alta se solidarizam



Assista ao encontro do juiz Marcelo Alexandrino e da diarista Jane Coelho

Enquanto a Polícia Civil aceita que o caso do juiz baleado por policiais civis tenha uma apuração mais ágil, o próprio magistrado Marcelo Alexandrino diz que a dor de Jane Coelho — mãe de Julio César, atendente de restaurante morto por PMs na Cidade Alta no dia 18 de setembro — não deve ser deformada por alguma minimização.

— A dor não tem raça, status social. Eu sou juiz, ela diarista, mas nós dois sofremos violência policial, e as pessoas precisam se unir para que isso acabe — diz Marcelo, complementando para Jane: "Espero que a minha palavra dê um pingão de alívio para você".

Os dois se encontraram ontem à tarde, na porta da clínica onde o filho e a enteada dele estão internados, na Lagoa. Jane se solidarizou.

— Graças a Deus, eles sobreviveram. E, felizmente, vão ter uma lembrança ruim para o resto da vida — disse a mãe de Julio César.

A mulher de Marcelo, Sunny Mariano, que não estava no carro durante os disparos, compartilhou a dor que Jane está sentindo.

— Peguei minha filha quase morta nos braços. A nossa indignação é a mesma — diz Sunny, emocionando-se ao ver a foto do banco do carro em sangue e lembrando os momentos de tensão pelos quais passou.

A flagrant de diferença de agilidade na apuração dos dois casos foi reafirmada, ontem, por Allan Turnowski. Para o chefe da Polícia Civil, o caso do juiz, de maior repercussão, pede tratamento diferenciado.

— Gera uma sensação de insegurança na população, que pede uma resposta rápida — justifica, explicando que o rigor e as transparências nos dois casos são os mesmos, embora a percepção na Cidade Alta tenha sido seis dias depois da tragédia acontecer.

Allan Turnowski: 'Não conheço o caso'

Os dois policiais civis que atiraram contra o carro de Marcelo Alexandrino estão presos desde a última sexta-feira. Já os PMs que mataram Julio César ainda trabalham internamente no 16 BPM (Olaria).

Para Turnowski, como a Polícia Civil percebeu o seu próprio erro, e de maneira muito clara, uma providência pode ser tomada imediatamente. Quanto ao erro da outra corporação — a Polícia Militar — o chefe da Polícia Civil diz:

— Não conheço o caso. Não sei se o erro está assim tão gritante.

O comandante do 16 BPM havia dito que a hipótese de Julio Cesar ser traficante é remota. A Polícia Militar, no entanto, diz que não vai tomar uma medida até que o inquérito policial militar seja concluído, ou até que o comandante dê esta declaração ao comandante geral.

OAB rejeita justificativas das polícias

As justificativas dadas pelas duas polícias deixam a desejar para a comissão de direitos humanos da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). Para a presidente, Margarida Presburguer, as duas perícias não foram feitas com o mesmo nível de transparência, conforme alegou Turnowski.

— A condenação do crime na Cidade Alta poderia ter sido feita. Foram seis dias de demora — afirma Margarida. Para ela, o tratamento nos dois casos foi bastante diferenciado por Marcelo ser um magistrado.

— São dois casos iguais de desrespeito à polícia. Não interessa quem foi numa blitz no asfalto e o outro num confronto na favela. Dois inocentes foram vítimas — analisa a especialista.

A comissão da OAB está acompanhando o inquérito do caso da Cidade Alta na 38 DP (Irajá). Segundo Margarida, este acompanhamento vai continuar até o Ministério Público.

Foi Joelma Coelho, tia de Julio César, quem procurou a OAB. Já de aviso prévio no trabalho, não vai descansar enquanto a justiça não for feita:

— Mandei uma carta para o Cabral pedindo o afastamento dos PMs e apoio psicológico à minha irmã.



Editor: Giampaolo Braga

Enviado por Athos Moura e Letícia Sicsu - 15.10.2010 | 07h00m

DOIS PESOS, DUAS MEDIDAS

Beltrame desautoriza Turnowski: 'crimes devem ter tratamento igual'

O secretário estadual de Segurança Pública, José Mariano Beltrame, afirmou, nesta quinta-feira, que todos os casos de violência devem ter tratamento igual por parte da polícia. Beltrame se referia às investigações sobre a morte do atendente de lanchonete Julio Cesar de Meneses Coelho, na Cidade Alta, e à blitz na qual o carro da família do juiz do trabalho Marcelo Alexandrino da Costa Santos foi alvejado. Quarta-feira, o Chefe de Polícia Civil, Allan Turnowski, declarou que o caso do magistrado, pela repercussão, deveria ter tratamento diferente.

— Todos os casos tem de ser tratados da mesma forma, até porque todo cidadão paga imposto. As circunstâncias de cada caso é que podem ser diferentes. Muitas vezes não podemos fazer a perícia imediatamente, porque o local não permite, e há dificuldades até para encontrar testemunhas. Atender e dar uma resposta à sociedade é obrigação — afirmou o secretário de Segurança.

Vinte e seis dias após a morte de Julio César — inicialmente apontado pela PM como o bandido — a principal testemunha do crime prestou depoimento. A manicure Priscila da Silva, de 22 anos, atingida com um tiro no pé, disse que o rapaz não era traficante e foi colocado no Caveirão ainda vivo.

Ao saber da declaração de Turnowski, a manicure ficou revoltada:

— Ele (Allan) não pode nos privar de nossos direitos. Independentemente de um ter dinheiro e o outro não, somos todos seres humanos, somos gente do bem. Queremos Justiça.

Juiz depõe em casa

Dois delegados da Corregedoria da Polícia Civil foram até a casa do juiz, na tarde de ontem, para tomar seu depoimento. Marcelo Alexandrino afirma que repetiu o que vem dizendo sobre o caso. A Polícia Civil explicou que Marcelo foi ouvido em casa porque magistrados podem escolher o local para prestar depoimento.

O Sindicato dos Policiais Civis (Sinpol) divulgou nota de apoio aos dois oficiais de cartório da 41ª DP (Tanque) envolvidos no caso do juiz trabalhista baleado na Autoestrada Grajau-Jacarepaguá. O presidente da entidade, Fernando Bandeira, defende que as responsabilidades sejam divididas com os superiores da dupla.



16.10.10 às 19h12

<Opinião >

Receba notícias de O DIA no seu celular

Marcelo Alexandrino Santos: Estado de bem e para o bem

Rio - A atividade pública pressupõe a ação de um ente, chamado Estado, criado para, em termos simples, garantir, facilitar e melhorar a vida das pessoas. Estas se sacrificam, individual ou coletivamente, para que aquele possa promover o bem coletivo.

Para garantir a vida e não desperdiçar os bens de que os indivíduos abrem mão, o Estado deve gerar melhores resultados com o menor dispêndio de recursos, sem a exigência de favores ou pagamentos não previstos em lei. Em termos de segurança pública, é correto afirmar que um policial somente deve atirar quando tiver certeza de que aquele tiro, que porá a vida alheia em risco, poderá proporcionar um benefício inequívoco à sociedade.

Segue daí a urgência do banimento da prática de atirar primeiro, para depois ver do que se trata. Já atirar pelas costas, sem que o alvo ofereça o menor perigo para os policiais e para a sociedade, deveria ser inimaginável. Tratando-se de veículos, existe ainda o risco de se alvejar motoristas e passageiros inocentes; inclusive, reféns que estejam em poder de criminosos. Assim procedendo, o protetor se transforma em carrasco, invertendo toda a lógica da lei e da vida.

Por certo, a maioria dos policiais e demais servidores públicos se esforça para prestar o melhor serviço possível, a despeito das carências estruturais do País.

E aqui cabe o exemplo dos servidores do Hospital Cardoso Fontes, onde nossas vidas foram salvas: quem acompanhou nossas crianças pôde testemunhar o amor que ali era incondicional e indiscriminadamente dedicado a todos os pacientes.

Amor... não poderia encerrar sem evocar esta força divina, que me conduziu, mesmo ferido, até o hospital, e mantém unidas milhares de pessoas — às quais somos profundamente gratos — em oração por nossa recuperação. Que essa corrente de amor possa, então, inspirar o coração dos homens na construção de um mundo mais justo, igualitário e solidário.

18/10/2010 17h15 - Atualizado em 18/10/2010 17h25

Após alta, filho de juiz baleado em blitz faz fisioterapia em casa

Enteada do magistrado segue internada e sem previsão de alta. Juiz diz que ainda é difícil recomeçar a vida após tiroteio em blitz.

Tássia Thum
Do G1 RJ

imprimir



★★★★★ « dê sua nota

Recomeçar uma vida normal está sendo difícil para a família do **juiz Marcelo Alexandrino, baleado por policiais numa blitz** no último dia 2, na Autoestrada Grajaú-Jacarepaguá. Além dele, o filho Diego, de 11 anos, e a enteada Nathália, de 8, também foram atingidos pelos disparos. O juiz conta que Diego recebeu alta do Centro Pediátrico da Lagoa, na Zona Sul, na quinta-feira (14), mas segue fazendo sessões de fisioterapia respiratória e só está liberado para sair de casa a partir do dia 26.

A enteada Nathália ainda está internada no Centro Pediátrico da Lagoa, onde passa por sessões de drenagem no pulmão. Segundo o magistrado, os médicos da unidade não informaram a previsão de alta para a menina. Diego teve perfuração nos dois pulmões, e Nathália teve perfuração no estômago, no fígado e também no pulmão.

Policiais estão presos

O juiz alega que como os policiais não estavam uniformizados, ele achou que se tratavam de criminosos e tentou fugir. Dois policiais que participaram da operação foram afastados, indiciados pela Corregedoria por tentativa de homicídio e tiveram a prisão temporária decretada pela Justiça. Eles já se **entregaram à polícia**.

"Ainda está tudo complicado, ainda não começamos a fazer terapia porque estamos esperando a Nathália sair do hospital. Mas às vezes tenho momentos que fico pensando se o que estou vivendo é real ou é uma ilusão. Só posso dizer que tudo ainda está muito esquisito e que precisamos de força para voltar ao normal", desabafou Marcelo Alexandrino.

18.10.10 às 18h07 > Atualizado em 18.10.10 às 18h08

<Rio>

Filho de juiz baleado por policiais civis recebeu alta médica e faz fisioterapia

Rio - O **filho** do juiz Marcelo ALEXandrino, Diego, de 11 anos, recebeu alta do Centro Pediátrico da Lagoa, na Zona Sul, na última quinta-feira, mas está sendo submetido a sessões de fisioterapia respiratória. A enteada do magistrado, Natália, de 8 anos, no entanto continua internada na unidade onde está sendo submetida a drenagem no pulmão. Diego sofreu ferimentos nos dois pulmões e Nathália foi atingida no estômago, no fígado e também no pulmão.

Anexo 84

Publicada em 18/10/2010 às 23h37m [Olá, evandro](#)

[EM CASA](#)

Filho de juiz baleado por policiais em blitz faz sessões de fisioterapia respiratória

O Globo

★★★★★ DÊ SEU VOTO : ★★★★★ MÉDIA: 5,0 : [Comentários](#)

RIO - O filho do juiz Marcelo Alexandrino, Diego, de 11 anos, sendo submetido a sessões de fisioterapia respiratória e só poderá sair de casa a partir do dia 26. O garoto deixou o Centro Pediátrico da Lagoa na última quinta-feira. [Diego, Alexandrino e sua enteada, Natália, de 8 anos, foram baleados por policiais civis, durante uma blitz na Auto-estrada Graiaú-Jacarepaguá](#), no dia 2 de outubro. A menina permanece internada no mesmo hospital pediátrico.

Alexandrino estava com a esposa, além das duas crianças, no dia do ocorrido. Ele contou que, [como os policiais não estavam uniformizados](#), achou que se tratava de uma falsa operação policial organizada por bandidos, e deu ré para fugir. Diego foi atingido nos dois pulmões, enquanto Nathália foi baleada no estômago, no fígado e no pulmão e o juiz, ferido no tórax.

A corregedoria da Polícia Civil, que está investigando o crime, fará uma reconstituição da blitz. Segundo a assessoria de imprensa, ainda não há previsão de quando isso vai ocorrer.

19.10.10 às 12h41 > Atualizado em 19.10.10 às 15h40

<Rio>

Turnowski diz que fiscalização a maus policiais será implacável

Chefe de Polícia Civil dá posse a novo corregedor e promete combate sem trégua contra agentes envolvidos com o crime

Rio - Fiscalização à conduta e atuação de policiais. Desta forma, o chefe de Polícia Civil, o delegado Allan Turnowski, pretende evitar outros incidentes envolvendo civis como no caso do juiz trabalhista Marcelo Alexandrino, baleado ao lado do filho e da enteada em Jacarepaguá, na Zona Oeste, no início do mês. Na manhã desta terça-feira, Turnowski esteve presente na posse de novos assessores da cúpula da instituição.

Turnowski afirmou também que ficará a cargo do novo corregedor interno, Gilson Emiliano Soares, o trabalho de fiscalizar o desempenho dos policiais durante o desempenho de suas funções. O chefe de Polícia Civil disse ainda que pretende dar prioridade ao trabalho técnico e de perícia em detrimento à política de enfrentamento.



Turnowski esteve presente na posse dos novos assessores da cúpula da instituição | Foto: Paulo Araújo / Agência O Dia

Para que a nova missão do corregedor tenha sucesso, Turnowski promete ser implacável na fiscalização e já avisou que não vai mais tolerar desvios de conduta de policiais. O delegado promete punir exemplamente os agentes envolvidos com o crime organizado, como a máfia das máquinas caça-níqueis, milícia ou mesmo tráfico de entorpecentes. O combate contra o vazamento de informações sobre operações também promete ser duríssimo.

De acordo com as novas regras, a corregedoria terá de cumprir metas de produtividade e desempenho. A fiscalização aos agentes nas ruas será diária. Para Turnowski a sociedade não tolera mais desvios de conduta e o mínimo que o servidor pode demonstrar é lealdade e cumplicidade. "Uma corregedoria forte levará a instituição a novos rumos", disse o chefe.

03/11/2010 10h45 - Atualizado em 03/11/2010 11h00

Juiz baleado em blitz vai participar da reconstituição do crime no Rio

Policiais e outra vítima do crime vão estar no local na noite desta quarta (3). Além dele, o filho e a enteada também foram atingidos pelos disparos.

Do G1 RJ

 imprimir

Juiz diz que fugiu da blitz por confundir policiais sem farda com criminosos. (Foto: Reprodução/TV Globo)

O juiz Marcelo Alexandrino, de 39 anos, **baleado em uma blitz no dia 2 de outubro**, vai participar da reconstituição do crime, às 22h desta quarta-feira (3), na autoestrada Grajaú-Jacarepaguá, que liga as zonas Oeste e Norte do Rio.

Além do juiz, cinco policiais que participaram da ação e uma testemunha, que também teve o carro atingido, vão estar presentes no local.

No dia 14 de outubro, o magistrado prestou depoimento à polícia. Foram ouvidas ainda

sua mulher e sogra, que também estavam no carro.

Além dele, o filho Diego, de 11 anos, e a enteada Nathália, de 8, também foram atingidos pelos disparos. Diego teve perfuração nos dois pulmões, e Nathália teve perfuração no estômago, no fígado e também no pulmão. Os dois já tiveram alta

04.11.10 às 03h24 > Atualizado em 04.11.10 às 10h59

<Rio>

Curta

3

retrabalha

compartilhar

Termina reconstituição de blitz em que juiz foi baleado em Jacarepaguá

Laudo deve ficar pronto em 30 dias, segundo ICCE

POR MARCELLO VICTOR

Rio - Terminou na madrugada desta quinta-feira, a reprodução simulada feita por peritos do Instituto de Criminalística Carlos Éboli (ICCE) da blitz realizada por policiais civis no dia 2 de outubro, na Estrada dos Três Rios, próximo a Autoestrada Grajaú-Jacarepaguá, na Zona Oeste. Na ocasião, o juiz trabalhista Marcelo Alexandrino da Costa Santos, de 39 anos, sua enteada e seu filho, de 8 e 11 anos, respectivamente, foram baleados. De acordo com o diretor do ICCE, Sérgio da Costa Henriques, o laudo ficará pronto em 30 dias.



o juiz trabalhista Marcelo Alexandrino da Costa Santos (casaco marrom) durante a reconstituição | Foto: Alexandre Brum / Agência O Dia

O trabalho teve início por volta de 22h. O próprio juiz participou da reconstituição, além do vendedor de automóveis Jader Abdala, de 45 anos, que teve o painel e os vidros de seu veículo atingidos pelos disparos efetuados pelos policiais civis. Ele não se feriu. Os dois agentes que estão presos e são apontados como autores dos disparos se reservaram o direito de não participar da reconstituição. Outros quatro policiais civis que também participaram da blitz deram suas versões sobre o incidente.

Segundo Sérgio da Costa Henriques, os peritos do ICCE fizeram medições para confrontar as versões das vítimas com relação a distância entre os atiradores e as viaturas policiais e os veículos atingidos. Eles querem saber se as vítimas tinham como constatar que se tratava de uma blitz e saber o local exato de onde os agentes atiraram. Também foi analisada a luminosidade da Estrada dos Três Rios.

As vítimas e os policiais foram ouvidos separadamente. Cada versão será analisada e a perícia oferecerá um parecer técnico delas em 30 dias, segundo o diretor do ICCE. A reconstituição terminou por volta de 1h30. As investigações do caso estão a cargo da Corregedoria Interna da Polícia Civil (Coinpol).

No início da noite do dia 2 de outubro, Marcelo Alexandrino seguia em seu Kia Cerato com a mulher, Sammy Lucas, de 28 anos, o filho e a enteada, quando se defrontou com uma blitz. Pensando que a ação fosse falsa ele tentou dar ré. O veículo foi alvejado. Os policiais civis alegaram que foram atacadas a tiros por ocupantes de outro veículo. A perícia já constatou que os tiros que atingiram o carro do magistrado partiram de um fuzil usado por um dos agentes.

Ferido no tórax, o juiz trabalhista ainda conseguiu dirigir até o Hospital Cardoso Fontes, que fica a poucos metros do local. Ele e as duas crianças ficaram internados, mas todos já tiveram alta. A mulher dele não foi ferida.

Publicada em 04/11/2010 às 08h02m

[Olá, evandro](#)

INVESTIGAÇÃO

Peritos fazem reconstituição da blitz em que juiz foi baleado

Flavia Lima - O Globo

★★★★★ DÊ SEU VOTO | ★★★★★ MÉDIA: 2,3 | [Comentários](#)

Clique para ampliar

RIO - Terminou nesta madrugada a [reconstituição da blitz em que o juiz Marcelo Alexandrino, de 39 anos, seu filho, Diego, de 11 anos, e sua enteada Nathália, de 8, foram baleados](#), na Estrada dos Três Rios, próximo à Autoestrada Grajaú-Jacarepaguá, pista sentido Zona Oeste. O crime ocorreu no dia 2 de outubro.

Segundo o diretor do Instituto de Criminalística Carlos Éboli (ICCE), Sérgio da Costa Henriques, o laudo deve ficar pronto em dez dias.

A simulação começou às 22h30m e terminou por volta de 1h30m. Além do juiz trabalhista, o vendedor de automóveis Jader Abdala, 45 anos, que teve o painel e os vidros de seu veículo atingidos pelos disparos efetuados pelos agentes, também participou da reconstituição. Os peritos do ICCE fizeram medições na pista, para confrontar as versões das vítimas com relação a distância entre os policiais civis e os veículos atingidos.

- Priorizamos ver a posição dos veículos e se realmente as vítimas podiam ver que havia uma blitz. Cada versão vai ser analisada e iremos oferecer versões técnicas de cada uma para a justiça. O exame dará toda a dinâmica do evento, explicando passo a passo, e qual a efetiva participação de cada um, e o que cada testemunha poderia ter avistado - explicou o diretor do ICCE.

Os dois policiais civis que estão presos, e são apontados como autores dos disparos, não participaram da simulação. Outros quatro policiais civis que também estavam na blitz, no entanto, estiveram no local e deram suas versões sobre o caso. As vítimas e os policiais civis foram ouvidos separadamente. Segundo Sérgio Henriques, as investigações do caso estão a cargo da Corregedoria Polícia Civil.

Plantão | Publicada em 04/11/2010 às 05h50m [Olá, evandro](#)

Laudo da reconstituição da blitz em que juiz foi baleado fica pronto em dez dias

Flavia Lima

★★★★★ DÊ SEU VOTO | ★★★★★ MÉDIA: 1,0

RIO - A reconstituição da blitz em que o juiz Marcelo Alexandrino da Costa Santos, 39 anos, seu filho, Diego, de 11, e sua enteada Nathália, de 8, foram baleados, na Estrada dos Três Rios, próximo à Autoestrada Grajaú-Jacarepaguá, em 2 de outubro, terminou na madrugada desta quinta-feira. Segundo o diretor do Instituto de Criminalística Carlos Éboli (ICCE), Sérgio da Costa Henriques, o laudo deve ficar pronto em dez dias.

A simulação começou às 22h30 e terminou por volta de 1h30. Além do juiz trabalhista, o vendedor de automóveis Jader Abdala, 45 anos, que teve o painel e os vidros de seu veículo atingidos pelos disparos efetuados pelos agentes, também participou da reconstituição. Os peritos do ICCE fizeram medições na pista, para confrontar as versões das vítimas com relação a distância entre os policiais civis e os veículos atingidos.

- Priorizamos ver a posição dos veículos e se realmente as vítimas podiam ver que havia uma blitz. Cada versão vai ser analisada e iremos oferecer versões técnicas de cada uma para a justiça. O exame dará toda a dinâmica do evento, explicando passo a passo, e qual a efetiva participação de cada um, e o que cada testemunha poderia ter avistado - explicou o diretor do ICCE.

Os dois policiais civis que estão presos, e são apontados como autores dos disparos, não participaram da simulação. Outros quatro policiais civis que também estavam na blitz, no entanto, estiveram no local e deram suas versões sobre o caso. As vítimas e os policiais civis foram ouvidos separadamente. Segundo Sérgio Henriques, as investigações do caso estão a cargo da Corregedoria Polícia Civil.

Anexo 90